

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man has dark hair and a beard, and the woman has blonde hair. They are both looking at each other with soft expressions. The woman's hand is gently touching the man's face.

*"Nessa batalha entre o instinto
de sobrevivência e o desejo,
quem será o
vencedor?"*

MACKENZIE

Uma chance para o amor

SÉRIE HOMENS DA LEI - LIVRO 1

UM ROMANCE ENVOLVENTE POR
LA MARTINE



PERIGOSAS NACIONAIS

MACKENZIE
Uma chance para o amor

SÉRIE HOMENS DA LEI - LIVRO 1

UM ROMANCE ENVOLVENTE POR
L A M A R T I N E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

© 2019 La Martine

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Preparação: Bárbara Lorrany

Revisão: La Martine

Capa: Design Gráfico T. Tenório

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

SUMÁRIO

TW: AVISO DE GATILHO (ABUSO SEXUAL/ESTUPRO)

Sinopse

Prólogo

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

PERIGOSAS NACIONAIS

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[LIVRO 2 – EM BREVE!](#)

[NOTA FINAL](#)

[REDES SOCIAIS DA AUTORA:](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para todas as Daras desse mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

TW: AVISO DE GATILHO (ABUSO SEXUAL/ESTUPRO)

Esta história não contém apologias ou romantização de abusos sexuais/estupros; crimes aqui são/serão relatados/descritos da forma que devem ser vistos por todos: como unicamente crimes, puníveis por lei.

“Gatilho” expressa, basicamente, algo que, ao ser mencionado ou referido, desperta em alguém um sentimento ruim. Nesse caso, o(s) assunto(s) abordado(s) neste livro: abuso sexual/estupro/estupro de vulnerável.

Este aviso tem o intuito de alertar a quem alcançar esta história que haverá referências e/ou menções explícitas ao(s) determinado(s) assunto(s) que podem engatilhar sentimentos/sensações/lembranças ruins. Dessa
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

forma, o leitor sabe de antemão o que vai encontrar e pode optar por prosseguir com a leitura ou não.

É importante ressaltar que, na prática, qualquer assunto pode ser um gatilho para alguém. Caso em algum momento sinta-se incomodada(o) com a leitura, por favor, me comunique ou abstenha-se da leitura imediatamente.

Obviamente, seria impossível colocar um TW* para todo o conteúdo de qualquer história, até os mais cotidianos. Não é possível adivinhar o que vai servir de gatilho para alguém. Às vezes, é difícil até para nós mesmas identificarmos nossos gatilhos. Mas alguns assuntos mais comumente trazem sensações negativas às pessoas, e essa é a razão deste aviso.

Isso não significa que você deve se privar de ler/escrever sobre o assunto, não configura uma censura, é apenas uma forma de proteger os leitores que terão acesso à esse conteúdo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque você trouxe as chamas e me fez passar pelo
inferno

Eu tive que aprender a lutar por mim mesma
E nós dois sabemos toda a verdade que eu poderia dizer

Mas vou apenas dizer que isto é o meu adeus a você

(...) Sem mais monstros, posso respirar novamente

E você disse que eu estava acabada

Bem, você estava errado e agora o melhor ainda está
por vir

Porque eu posso fazer isso sozinha

E não preciso de você, encontrei uma força que nunca
havia conhecido.

Praying – Kesha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Dara O'Shea é uma jovem de 18 anos e, nessa idade, é pressuposto que uma jovem não precise carregar o peso do mundo nas costas.

Sean Mackenzie é um solteirão convicto e aos 39 anos leva uma vida tranquila e satisfatória exercendo o que ama.

Ela tem uma filha de poucos meses, trabalha em um bar no coração de Dublin que se não é dos melhores, ajuda a pagar as despesas e luta todos os dias para esquecer os demônios e dores do passado que a perseguem.

Ele é um homem vivido, tem como irmãos os dois melhores amigos e é o mais respeitado, para não dizer o mais temido, juiz federal de Dublin, capital irlandesa.

Em seu primeiro dia de trabalho, Dara conhece um homem que não sairia da sua cabeça tão cedo e será preciso toda a sua força de vontade para manter-se longe dele, como seus instintos

pedem.

Sean não é homem de desistir fácil e nunca fugiu de um desafio. O que ele quer, ele tem e não será diferente com a garçonete loirinha que povoa seus sonhos desde que a viu pela primeira vez.

Nessa batalha entre o instinto de sobrevivência e o desejo, quem será o vencedor?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Dara, aos seis anos de idade, era uma criança como todas as outras: saudável e muito feliz. Ciaran O'Shea, sua mãe, desgastada pelo passar do tempo e problemas da vida via na filha a beleza que tivera um dia e não poderia estar mais orgulhosa.

Dara era a sua única filha, fruto de um breve e irresponsável relacionamento que tivera com um quase desconhecido no passado. Era feliz criando a filha sozinha, Dara era a menina dos seus olhos e Ciaran batalhava todos os dias trabalhando em um escritório de advocacia caindo aos pedaços e meia boca para dar o que havia de melhor para ela.

Dara era uma boa menina, nunca dera trabalho e sempre se comportou muito bem. Bondosa, carinhosa, estudiosa mesmo tão nova, além de linda por dentro e por fora.

Dara tinha 7 anos quando sua mãe, após anos sem se envolver com ninguém, disse estar apaixonada e, um mês depois, se casou. Aquele fora o dia mais feliz da sua vida. Finalmente teria

PERIGOSAS ACHERON

um pai! Finalmente teria a quem entregar os presentes artesanais que fazia na escola todos os anos em comemoração ao dia dos pais, finalmente poderia conversar com as coleguinhas que contavam animadas que "meu pai é muito legal".

Para Ciaran apaixonar-se de novo fora um milagre que ela não esperava ou imaginava, a última vez fora há quase dez anos, quando ainda não tinha Dara e ela estava feliz por amar e ser amada outra vez e, principalmente, poder dar um pai para sua filha.

Gael era um homem já de certa idade, sério, charmoso e muito rico, o que para Ciaran não era o principal, ela era feliz sendo desejada, mas o dinheiro seria um bônus muito bem recebido.

Os primeiros anos foram os mais felizes para a pequena família. Gael assumiu Dara como sua, assim como todas as despesas da sua agora família e dos poucos familiares da esposa. Como provedor da casa, ele passou a ter o controle da casa e afins, o que causou estranheza para Ciaran no começo. Porém, logo se acostumou e vivia feliz na casa enorme e maravilhosa que o marido lhe dera, via a

filha crescer a cada dia mais bela e ao lado de um homem que bancava todos os seus caprichos de mulher recém-descoberta rica sem reclamar.

Dara crescia e tornava-se precocemente uma garota com curvas onde meninas de 9 anos ainda não tinham, seios já em formação e um rostinho de boneca, junto com os olhinhos azuis sempre iluminados e os cachinhos loiros que arrancavam suspiros por onde ia.

Ciaran ensinava a filha como se vestir, dava dicas, lembrando-se de quando fora ela que tivera toda aquela beleza angelical e não poderia estar mais feliz com a sua cópia mirim.

Até que os olhares paternais de Gael para a menina tornaram-se mais demorados e as brincadeiras no "colinho do papai" começaram a ser constantes. Dara não sabia o que seu pai estava fazendo quando a abraçava forte demais, quando apalpava seu corpinho semi desenvolvido, mas nunca reclamou para a mãe. Tinha medo de magoar o papai se reclamasse ou que a mãe brigasse com ele.

Ela não gostava quando o pai, nessas

brincadeiras, tentava beijar a sua boca ou pôr a mão nas suas partes de menina. Ela sorria com estranheza e pedia baixinho que ele parasse, dizia que não estava gostando daquilo, mas sempre baixinho, com medo de magoá-lo e sem entender por que ele gostava de brincar assim.

Amava o pai, desde o primeiro dia que o vira e ele a chamara de "minha pequena", ela o amou. Gostava de conversar com ele quando ele retornava do trabalho, gostava de passear de mãos dadas no parquinho perto da sua casa, de tomar sorvete escondido da mãe, gostava que ele a deixasse na escola, que a ensinasse a andar de bicicleta sem rodinhas, de jogar bola. Dara agora sabia o que era ter um pai, só não conseguia entender que tipo de brincadeira era aquela em que o pai tocava em partes do seu corpo que nem ela mesma tocava.

As brincadeiras sempre aconteciam quando ele chegava do trabalho, enquanto a mãe preparava o jantar. Antes, quando o pai gostava de brincadeiras que ela entendia, ela o esperava ansiosa, pulando em frente a porta, sempre com um brinquedo na mão. Agora, ela se escondia no

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto, fingia dormir, porque não gostava mais do que o pai fazia e tinha vergonha de dizer para ele ou para a mãe.

Até que um dia a mãe entrou no seu quarto, onde ele a levava assim que tomava banho quando chegava e a viu ajoelhada entre as pernas do pai, lágrimas nos olhos e a cabeça baixa, tentando fazer o que o pai mandava.

Ciaran não gritou, não o afastou da filha, não fez nada. Há algum tempo ela havia percebido os olhares do marido para a menina, a filha que sempre o esperava ansiosa passou a se esconder dentro do quarto e ela percebeu tudo. Naquele dia só precisava ver com os próprios olhos.

Mas não fez nada. Viu a menina chorando, o marido vermelho de excitação e só deu meia volta e fechou a porta do quarto. Dara não entendeu a reação da mãe, também não entendia o que o pai fazia e não sabia o que fazer. O pai gostava de brincadeiras que ela não, a mãe aceitava o que ele fazia e a ela, uma criança, restou apenas aceitar.

Uma única vez, poucos meses depois daquele dia, ela perguntou para a mãe o que era aquilo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que o pai a obrigava a fazer e por que ela tinha que fazê-lo. Ciaran, triste por não poder protegê-la, por não ter brio para isso, assustada por ver a filha ser abusada todos os dias e enciumada porque o marido não mais a procurava, mandou que a menina calasse a boca e não contasse isso para ninguém. Em um acesso de raiva, de si própria e também da filha, disse-lhe que aquilo era culpa dela e que ela deveria aguentar calada e fazer tudo que o pai mandasse.

Dara chorou a noite inteira, sem entender como aquilo poderia estar acontecendo, sem ter com quem conversar porque a mãe a proibira de sair de casa e triste com o pai que a machucava.

Por dois anos Ciaran permaneceu calada, definhando a cada dia e observando o mesmo acontecer com a filha. Dara não mais sorria e chorava todos os dias até dormir. Aos 11 anos ela descobriu na escola que o que o pai fazia com ela errado. Que o que ele fazia não era coisa de pai, que pai nenhum enfia a mão na calcinha da filha e ela sabia qual era o nome daquilo. A mãe também sabia e mesmo assim não fez nada.

PERIGOSAS ACHERON

Certa noite, o pai chegou do trabalho estressado, com raiva e ao descobrir que a mulher ainda não havia feito o jantar, bateu-lhe até desmaiar. Dara estava em seu quarto quando ouviu os gritos da mãe pedindo por socorro e hesitou apenas por um segundo antes de tentar ajudá-la.

Ela não tinha raiva da mãe, pelo contrário, ela a amava e por isso mesmo não entendia como a mãe nunca fez o mesmo por ela. Tentou levantá-la do chão da sala, chorou ao ver seu rosto tão machucado e a chamou baixinho, querendo acordá-la porque ela não conseguiria levantá-la sem ajuda.

Sentiu um toque no ombro e só naquele momento lembrou-se do pai. Pensou que talvez ele estivesse arrependido e que a ajudaria a cuidar da mãe e virou-se para ele. Gael sorriu para ela e Dara sentiu o medo paralisar o seu corpo.

Era aquele o sorriso que ela via no rosto do pai sempre que ele terminava de brincar com ela. Mas também era um sorriso novo. Alí havia crueldade, havia maldade e ela soube que aquele sorriso era o prenúncio de algo muito pior do que o que ele fizera à sua mãe.

Ele a pegou pela mão, falando gentilmente como sempre fazia, e a levou até o quarto. Daquela vez ele não fechou a porta, não precisavam daquilo, a mãe não estava vendo. Disse, enquanto tirava a roupinha de dormir dela que daquela vez eles fariam uma coisa diferente, mas que ela não precisava ter medo, o papai só queria tentar um carinho novo.

Dara mal se movia, mal respirava, paralisada pelo medo. Quando o pai tirou toda a sua roupa e a própria e tentou deitá-la na cama, ela pareceu despertar.

— N-não — sussurrou baixinho, pela primeira vez em anos de abuso.

Gael parou o movimento que fazia para erguê-la e olhou bem no rosto da menina, ainda sorrindo, parecendo não ter entendido o que ela disse.

— O que você disse, minha pequena? — perguntou ainda mantendo o tom carinhoso, acariciando os cabelos da menina.

Dara respirou fundo uma vez, outra, chorando baixinho, as pernas trêmulas e molhadas

de urina. Juntou forças, levantou o rosto e embora ainda tremesse e gaguejasse, disse em voz alta:

— N-não — repetiu e quando ele deu um passo para trás, surpreso, ela disse novamente, dessa vez sem gaguejar: — Não.

Foi após aquele "não" choroso e amedrontado que ele a bateu pela primeira vez. Foi também após aquele não que ela passou de criança a mulher, de filha a brinquedo sexual, mesmo aos 11 anos.

Naquela noite Dara chorou ao ter seu corpo violado por um homem agressivo e brutal, que a batia e sorria e gemia a cada grito que escapava por sua garganta.

Aquela também foi a primeira vez de dias, semanas, meses e anos de abuso em que Ciaran, remendando as próprias feridas e abusos, tapou os ouvidos para não ouvir os gritos e o choro desesperado da filha, que a chamava implorando por socorro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

Dara tentava equilibrar a enorme bandeja que carregava e apressava os passos, sem querer permanecer por muito tempo entre as mesas. Era noite de sábado e o movimento no O'Reilly's Pub estava apenas começando. Havia poucas mesas e cadeiras livres, mas aquilo não impedia as pessoas de entrarem aos montes no lugar em busca de um copo de bebida ou até mesmo uma garrafa.

Ela não conseguia entender. Com tantos lugares melhores, com a ampla variedade de pubs, restaurantes e cafeterias na Parnell Street, ela não conseguia entender como toda aquela gente ainda assim preferia aquele lugar. O O'Reilly's não era o pior bar do mundo, mas também passava longe de ser o melhor.

Tropeçou no pé de alguém, quase derrubou a bandeja, virou três copos e conseguiu recuperar o equilíbrio à custo. Pediu desculpas baixinho, sem sequer virar-se para saber se a pessoa a encarava e seguiu em frente, os olhos atentos à bandeja e ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caminho que fazia. Com o fluxo constante de pessoas entrando e saindo, era quase impossível caminhar por ali sem esbarrar em alguém.

Serviu os copos que ainda restavam na bandeja para um grupo particularmente barulhento de homens engravatados e retornou para o balcão. Ignorou os comentários e piadinhas, desviou a tempo de evitar que um deles tocasse em seu corpo e seguiu em frente, pensando no pagamento que receberia no final do mês e no quanto precisava dele.

Ao chegar ao balcão, viu Steve, o proprietário do bar e pela cara dele ela soube que o desperdício de bebida que pingava discretamente da bandeja seria descontado do seu bolso. Lamentou em silêncio, tentando lembrar-se quantos copos derramara e o valor das bebidas.

Steve ainda a encarava e ela desviou os olhos, focando em abastecer novos copos. Atendeu rapidamente mais alguns pedidos que eram berrados às suas costas e viu pelo canto dos olhos quando ele a avaliou dos pés a cabeça fazendo uma careta.

PERIGOSAS ACHERON

A vestimenta das garçonetes do pub consistia em uma blusinha acinturada preta dois tamanhos menores que o seu e uma micro saia de mesma cor. Dara teve um sobressalto quando a recebeu e negou-se veementemente a vestir aquilo. Steve rebateu que ou ela vestia o que ele mandou ou poderia sair pela porta da rua. Dara precisava muito do dinheiro, não podia deixar aquela oportunidade passar. Sabe-se lá quando ela teria a sorte de encontrar outra vaga de emprego com tamanha urgência.

Então fez o que ele mandou, mas do seu jeito: aproveitou que as roupas que vestira para a entrevista também eram pretas e vestiu os retalhos de tecido que recebera dele por cima.

Quando adentrou o bar, após vestir-se, ela esperou o momento em que Steve pularia no seu pescoço. Mas, com sorte, ele não poderia mandá-la embora naquela mesma noite. O bar contava com poucas garçonetes e, em um final de semana, qualquer ajuda era necessária. Entretanto, ele não fazia questão de esconder seu descontentamento a cada vez que a via.

Serviu outras duas mesas, repetindo o processo de retornar ao balcão, abastecer copos, ignorar os olhares do seu chefe, voltar às mesas e ignorar a grande massa de homens à sua volta. Fora uma péssima ideia procurar por trabalho justamente em um bar, o antro onde homens de diversos tipos se reúnem com frequência. Mas o que ela poderia fazer? Não tinha experiência em nada, nunca trabalhou na vida, como poderia esperar conseguir um emprego decente? Ou melhor remunerado?

Ela tentava a todo custo focar no dinheiro que receberia, no quanto ele ajudaria, no quanto ele era necessário e tentava esquecer o quão intoxicada sentia-se com tantos homens ao seu redor.

Nem todos são como ele. Sabia disso, conhecera homens melhores, lera sobre homens respeitáveis, ouvia histórias, mas ainda assim era difícil.

Era difícil confiar de novo. “Quem vê cara não vê coração”, esse é o ditado mais verdadeiro e sincero do mundo. Ninguém pode dizer apenas olhando de um rosto à outro quem são os bonzinhos e quem são os maus. Existe maldade no mundo, ela

PERIGOSAS NACIONAIS

mais do que ninguém sabe, mas tem consciência de que não é mais uma vítima. E nunca mais será a vítima de alguém.

É uma sobrevivente e sobreviventes necessitam de mais força e coragem que qualquer outro. Eles sobrevivem não importa o que aconteça. Eles perseveram, seguem em frente, ignoram dores e cicatrizes e vivem um dia por vez.

Dara foi estuprada dos nove aos dezessete anos. Ela não pediu para nascer, era uma criança, não sabia o que estava acontecendo, contava com o amor e cuidado da mãe e mesmo assim ela não a protegeu. E assistiu, um dia após o outro, semanas, meses, anos de abuso e não fez nada. Nunca ergueu a voz, nunca olhou nos olhos da filha enquanto ela chorava implorando por socorro, enquanto lutava com todas as forças tentando impedi-lo ou enquanto sangrava sozinha depois, limpando as próprias feridas, focando na dor que sentia na pele e ignorando a que sentia na alma.

Por diversas vezes ela tentou fugir de casa. Gael não limitava suas saídas, a deixava sair, ir para a escola, visitar amigos, ir ao parque. Ela era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele dentro de casa, mas fora ela poderia ser outra pessoa se desejasse. Poderia ter uma vida, conhecer pessoas, fazer o que os jovens da idade dela faziam.

Mas como? Como poderia fingir estar bem para estranhos quando não estava? Como poderia sair para conhecer pessoas, fazer amigos e se divertir, quando sentia que a cada dia perdia um pedaço de si? Dara não teve infância. Era uma criança quando foi forçada a se tornar mulher, quando foi forçada a cumprir o papel de mulher. Era uma criança aos nove anos que se questionava todos os dias o por que de aquilo acontecer com ela.

Ela sempre foi uma boa menina, nunca dera trabalho para a mãe, era gentil, amorosa, tirava notas boas, era uma boa filha. Então por que a mãe nunca a ajudou? Por que a mãe permitiu que aquele monstro a usasse como um brinquedo? Por que?

Na sua primeira tentativa de fuga, apanhou tanto que não pode sair de casa para ir a escola durante um mês. Na segunda, teve o braço quebrado. Na terceira, todos os dedos das mãos. Na quarta, perdeu três dentes, na seguinte não comeu

PERIGOSAS ACHERON

por uma semana e a cada nova tentativa, um castigo ainda pior. Gael sempre a encontrava, não importava quão longe ela conseguisse ir. Todavia, ela nunca desistiu.

Foram dezenas de tentativas frustradas, castigos e anos de abuso e mesmo assim ela sempre manteve a esperança de que um dia, não importa quão distante este dia estivesse, um dia ela conseguiria.

E conseguiu.

Um dos braços ainda doía, a fratura não cicatrizara direito, os dedos também doíam, agora tinha dentes de porcelana, mas todos os dias acordava sorrindo. Sorria porque estava viva. Sorria porque viveu um inferno, visitou o purgatório vezes sem conta, mas estava viva. E livre. Livre dele, dos abusos, das agressões e de tudo que o ligava a ela.

E sorria, principalmente, porque agora tinha alguém a quem amar e ser amada. Sorria porque agora sabia o que ser mãe significava e compreendia que a sua própria mãe nunca fora de fato uma mãe. Por esse motivo, se não conseguisse

manter aquele emprego, ela procuraria outro, talvez em um lugar pior, com a certeza de que nunca desistiria.

Era uma sobrevivente e sobreviventes nunca param de lutar.

Ouviu o sininho da porta comunicando a chegada de mais alguns clientes e ergueu os olhos para examinar o possível grupo que chegava, tentando determinar se seriam mais uma dor de cabeça para sua noite.

Os homens que frequentavam aquele bar não eram dos melhores, buscavam bebidas com preços quase mínimos, comidas que às vezes nem disso podiam ser chamadas e, é claro, as garçonetes seminuas. Eram em sua maioria homens comuns, da classe mais baixa, moradores de rua e uma vez ou outra engravatados encenqueiros como os que atendera anteriormente.

O homem que acabava de chegar não se enquadrava em nenhuma das características que listara ao passar da noite. Era alto, forte, moreno e vestia um terno que com certeza valia três meses do seu salário. Olhava ao redor, procurando algo ou

alguém e Dara não conseguia desviar os olhos dele.

O recém-chegado tinha uma presença forte e ela se perguntou por que não conseguia focar em outra coisa. Analisou-o dos pés a cabeça, como que catalogando o que via e sentiu-se enrubescer.

Ele tinha uma beleza impressionante. As maçãs do rosto eram pronunciadas, o nariz reto, mediano, a boca e o maxilar eram emoldurados por uma barba cheia, bem feita. O estranho vestia um terno azul marinho, obviamente feito sobre medida porque este delineava todos os músculos do seu corpo forte. De repente, ele virou a cabeça, como se sentisse que era observado, e olhou diretamente para ela.

Dara tropeçou nos próprios pés e precisou amparar-se rapidamente no encosto de uma cadeira próxima. Por sorte, estava perto do balcão, então seguiu em frente, de cabeça baixa, quase correndo. Tentou entender seus sentimentos, tentou pensar, ser racional, mas com a confusão de vozes ao seu redor, tudo o que conseguiu fazer foi se concentrar em não pisar nos próprios pés.

Chegou ao balcão e agradeceu mentalmente

por Steve não estar ali ou ele descontaria mais um pouco do seu pagamento ao ver que daquela vez ela conseguira a façanha de derrubar cinco copos. Não ergueu os olhos outra vez. Não queria correr o risco de se ver presa por aquele estranho.

Seguiu fazendo seu trabalho, sempre de cabeça baixa, sem encarar nenhum dos homens que a fitavam e ignorando suas gracinhas. Conseguiu trabalhar dessa maneira por alguns minutos e podia sentir o suor escorrer por suas costas. O ar-condicionado do bar não era dos melhores e com uma camada extra de roupa, Dara estava quase cozinhando viva.

Não era claustrofóbica, mas quando um grupo de mais de dez homens animados entrou no bar já lotado, ela sentiu que poderia facilmente desenvolver a fobia. O serviço de atendimento das garçonetes funcionava por setores, porém com a aglomeração de pessoas em pé, mesas sendo unidas por grupos que se conheciam e bêbados dançando no pouco espaço que restava, era quase impossível lembrar qual era o seu setor.

Os recém-chegados estavam claramente

PERIGOSAS NACIONAIS

embriagados e Dara trocou um rápido olhar desesperado com Fiona, uma das garçonetes. Eles se reuniram próximo ao balcão, gritando pedidos e rindo uns com os outros. Ela olhou em volta e confirmou que não havia uma cadeira sequer vazia. Notou o estranho de terno conversando com outros dois homens, ambos também vestindo ternos caros e muito bem apessoados. Não se surpreendeu quando mais uma vez ele desviou os olhos diretamente para ela, mas daquela vez conseguiu interromper o olhar rapidamente. Sentiu a nuca formigar e soube sem ver que ele ainda a fitava.

Steve gritava ordens, feliz como apenas donos de bares podem ficar naquela situação e Dara se apressou em atender o maior número de pedidos por vez. Viu que Fiona se dirigia, tímida, até onde o grupo recém-chegado estava e mentalmente lhe desejou sorte.

Todas as garotas que trabalhavam ali não pareciam felizes, ouviam sempre as mesmas piadinhas e cantadas ofensivas e precisavam esquivar-se dos clientes mais ousados, encorajados pelos seus trajes mínimos.

PERIGOSAS ACHERON

Ansiosa para encher mais copos, na pressa, Dara só notou o homem atrás de si quando era tarde demais. Teria caído com bandeja e tudo, porém o homem a segurou a tempo, prendendo-a a seu corpo. Tentou se soltar no mesmo instante, mas ele a prendeu com força, unindo as mãos na sua barriga.

Ela soltou a bandeja sem perceber. Ouviu o som dos copos estilhaçando no chão, a voz de Steve gritando ao fundo, furioso, o homem que a agarrava falava algo, todavia não conseguiu se mover. Sentiu quando ele começou a passar a mão por seu corpo, sentia o hálito fedido de álcool, ouviu as risadas dos homens mais próximos. Sentia, mas não conseguia impedi-lo.

Gatilhos. Ela, que prometeu a si mesma que homem nenhum jamais teria o poder de tocar seu corpo sem permissão, que imaginou nunca mais ter que passar por aquilo novamente, agora se via outra vez presa.

À mercê de um homem qualquer. De um ser humano vil que roubou sua inocência e sua alma. Presa nos braços de alguém que um dia ela amara,

PERIGOSAS NACIONAIS

de alguém que um dia jurara protegê-la, que a fizera feliz. E que depois a despedaçou, roubou seus sonhos e a levou ao inferno.

Passado e presente eram um só e ela já passou por aquilo uma vez. Um estranho uma vez a abordara na rua, tocando-a sem permissão, no ombro, um toque gentil, mas Dara não conseguia mais reconhecer toques gentis. Sempre ficava a espera do depois. O que viria após o primeiro toque, a gentileza que precedia a dor.

Não conseguia respirar, apenas sentia e ouvia. Os pulmões reclamavam por ar. O homem tocou seus seios por cima da roupa, apertando com força enquanto prosseguia murmurando algo no seu ouvido.

Sentiu quando ele a soltou abruptamente, quase a levando junto. Ouviu um grito de dor e cambaleou para a frente quando se viu livre, sem forças nas pernas. Seu corpo despencou de encontro ao chão e Dara sentiu a visão escurecer. Sentiu o corpo ser amparado gentilmente, viu um terno azul marinho e em seguida não viu mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

Acordou pouco depois enquanto era carregada nos braços por alguém e se desesperou.

Não gritou. Sabia que isso não adiantava de nada. Nos últimos ano no inferno, ela pouco fazia além de chorar. Não lutava mais, não gritava quando o padrasto a agarrava ou quando começavam as agressões. Ele gostava quando ela implorava, sentia prazer ao ver seu sofrimento, escutar seus gritos.

Então, se ele roubaria o pouco que lhe restava da alma, ela não lhe daria a satisfação que buscava. Foi a maneira que encontrou, na situação que se encontrava, de também agredi-lo.

Levantou a cabeça que repousava em um terno de aparência cara demais para ser babado e tentou olhar em volta. Estavam no estacionamento, notou. Tentou ver além, mas a visão daquela barba cheia e o terno azul marinho fizeram-na ofegar em

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio. Forçou o corpo, tentando descer do colo daquele homem, mas não conseguiu.

Ele sequer precisou fazer muita força para deixá-la quieta onde estava e continuou andando, sabe Deus para onde, sem sequer olhá-la.

— O que... — tentou, mas precisou limpar a garganta ao sentir o quanto ela estava seca. — O que você está fazendo? — sua voz mal era audível, ainda sentia-se sem forças. O medo ainda pressionava suas entranhas.

O homem olhou-a de rabo de olho e continuou andando enquanto dizia:

— Estou carregando você.

A voz dele era rouca, grossa, quase gutural e ela se arrepiou. Não saberia dizer se aquilo era algo bom ou não.

— Por que? — o que ela queria perguntar era para onde, mas sua mente ainda estava confusa e aquele homem não ajudava em nada.

— Por que você desmaiou, lá no bar — ele não a olhava, apenas seguia andando, carregando-a como se fosse um bebê e sem esforço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou bem agora. Pode me colocar no chão — Dara tentava reprimir o medo, não conhecia aquele homem. Embora ele talvez a tenha ajudado, antes, lá no bar e agora enquanto a carregava, ela não queria permanecer mais tempo ali.

— Você desmaiou — ele repetiu, olhando-a pela primeira vez enquanto paravam ao lado de um carro de luxo preto e enorme que ela não saberia dizer a marca. — Vou levá-la ao hospital.

— Estou bem agora, pode me colocar no chão. Por favor — acrescentou por último quando ele não fez um movimento sequer para colocá-la no chão.

Não parou para perguntar-se por que não sentia com aquele estranho o que sentira com o homem do bar. Estava nos braços dele e tudo o que pensava era em perguntar seu nome.

— Não preciso de um hospital, obrigada — ela não conseguia desviar os olhos do rosto dele, tão perto do seu. A beleza daquele homem tinha que ser estudada. Não é justo um ser humano tão bonito assim perambulando por aí sem aviso.

PERIGOSAS ACHERON

Dara tentava não ser mal-educada, afinal aquele homem provavelmente a ajudara e aparentemente estava preocupado com a sua saúde, já que a queria levar ao hospital. Ele examinou seu rosto e ela se perguntou qual aparência teria. Com certeza não era das melhores.

— Você ainda está pálida — franziu a testa preocupado ainda fitando seu rosto.

— Minha pele é muito clara. Ou provavelmente é a iluminação do estacionamento. Você pode me colocar no chão agora? — tentou novamente.

Daquela vez ele obedeceu e ela suspirou aliviada ao ser colocada no chão. Ajeitou rapidamente as roupas amassadas e deu um jeito nos cabelos, prendendo-os em um rabo de cavalo. Ensaiou dar um passo para trás e ao constatar que as pernas estavam estáveis, se preparava para uma despedida rápida quando ele a surpreendeu abrindo a porta do carro, do lado do passageiro.

— Entre — disse sério.

Dara arregalou os olhos e deu um passo para trás. Olhou em volta rapidamente e concluiu que

PERIGOSAS ACHERON

estavam sozinhos. Ninguém escutaria se gritasse por socorro.

Ele pareceu ler o pânico em seu rosto e relaxou a expressão, aparentemente confuso e tentando entendê-la. Não era tão difícil assim de compreendê-la, eram desconhecidos e ele, um homem, queria que ela entrasse no carro. Até uma mulher sem o histórico dela o temeria.

— Não vou machucá-la — disse, com calma, a analisando. — Quero apenas ajudá-la.

— Eu não preciso de um hospital — ela disse, pronta para correr no mínimo sinal de movimento dele. Provavelmente não conseguiria ir muito longe, mas tentaria.

— Tudo bem — cedeu e ela respirou aliviada. Ele continuou: — Posso levá-la em casa.

Ela negou veementemente com a cabeça e deu outro passo para trás.

— Não, obrigada. Posso ir sozinha.

— Como? — ele perguntou e estava claro que tentava manter a calma, temendo assustá-la.

— Como o que? — indagou confusa.

— Como você vai para casa, sozinha, a essa hora?

Ela fechou a boca antes de responder sinceramente. Tinha certeza de que se contasse a verdade, que iria para casa andando, ele insistiria para levá-la novamente. Pensou um pouco e respondeu rapidamente:

— Vou pegar carona com uma das garçonetes. Fiona, minha amiga — para alguém que nunca mentiu para ninguém, além de médicos e psicólogos, até que mentia bem.

Ele avaliou sua expressão, fitou seus olhos por alguns segundos, procurando algo neles, mas por fim pareceu aceitar sua resposta como verdadeira.

— Tudo bem — disse apenas e antes que ela pudesse seguir de volta para o bar, comentou: — Você não me disse seu nome.

Dara piscou, surpresa, mas respondeu no automático:

— Meu nome é Dara — não disse o sobrenome e se ele notou, não deixou transparecer nada. — Qual é o seu?

Ele a fitava como se nunca tivesse visto algo parecido. Parecia querer desvenda-la, ver o que ela não deixava transparecer. Ela se encolheu, intimidada.

— Sean — respondeu somente e ela soube que ele havia notado sua objeção ao também não dizer o próprio sobrenome.

— Obrigada, Sean, por ter me ajudado e sinto muito se atrapalhei a sua noite — ela tentou sorrir e ele encarou seus lábios por tempo demais depois disso. Afastou-se mais um passo, observando-o e sentindo que ainda era analisada.

— Você não atrapalhou — ele fechou a porta do passageiro que ainda mantinha aberta e fez menção de seguir até a outra extremidade do carro. Ela se afastou rapidamente e esperou que ele entrasse no veículo, mas ele apenas parou onde ela estava e fez um sinal para a entrada do bar. — Vá até sua amiga, vou olhar enquanto você entra.

— Não precisa, pode ir se quiser.

— Faço questão.

— Mas...

— Vá, Dara — disse e ela podia jurar que havia um indício de sorriso nos lábios dele, apesar do tom sério.

Ela balançou a cabeça, fez um rápido aceno com a mão e praticamente correu para dentro do bar, batendo a porta atrás de si.

Não foi surpresa ser recebida com olhares curiosos. Ela desmaiou ao ser tocada por um dos clientes e, além disso, fora carregada por aquele homem. Surpresa para Dara foi ser recebida por um Steve sorrindo e cheio de dedos.

Ele se aproximou, afoito e falou como se fossem amigos e não patrão rabugento e funcionária insubordinada:

— Dara, minha querida, você está bem? — perguntou aparentemente preocupado.

— Sim — respondeu confusa, sem entender por que ele estava sendo tão atencioso se desde o momento em que se conheceram ele não fora outra coisa que não um pé no saco.

O bar estava consideravelmente vazio e ela se surpreendeu novamente, perguntando por quanto tempo havia apagado. Havia apenas três clientes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

restantes e Dara pode perceber Fiona aproximando-se deles provavelmente para avisar que fechariam e que eles precisavam sair.

— Você me deu um susto e tanto, menina — Steve riu amigavelmente e ela forçou um sorriso, esperando o que viria a seguir: sua demissão. — Vamos, venha. Sente-se um pouco, você ainda está pálida. Tem certeza que sente-se bem? Precisa de algo? Água? Fiona, por favor, traga um copo de água para a nossa Dara — gritou, forçando-a sentar em uma cadeira próxima e sem esperar que respondesse.

— Estou bem — disse quando ele puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado. Resolveu esclarecer as coisas logo, não suportava joguinhos e presumiu que aquilo claramente era um, já que Steve não ia com a sua cara e nem ela com a dele. — Steve, eu gostaria de agradecer pela oportunidade e, se você concordar, posso passar aqui amanhã para pegar o meu pagamento.

Ele franziu a testa, confuso e riu um pouquinho, mostrando todos os dentes, o que estava começando a assustá-la.

PERIGOSAS ACHERON

— Passar aqui amanhã? Como assim? Você não vai poder trabalhar amanhã? — perguntou.

Dara arregalou os olhos. Aquela noite parecia sem fim e cheia de surpresas. O que mais ela lhe reservara?

Poderia jurar de pés juntos que, após o desastre que fora seu desempenho como garçoneiro, nunca mais colocaria os pés naquele lugar novamente. Pensou que seria realmente uma dádiva se conseguisse receber o pagamento pela noite, mas não imaginara que seria contratada.

— Você está falando sério? Eu posso voltar amanhã?

Steve riu alto, jogando a cabeça para trás.

— Mas é claro, minha querida! Eu preciso de novas garçoneiros e você é perfeita para o cargo — pegou as mãos dela e se aproximou um pouco, falando em um tom intimista e amigável que ela não entendeu: — Espero que você aceite trabalhar para mim, minha querida. Estou precisando de funcionárias competentes como você.

Competentes em quebrar copos e em desperdício de mercadoria, ele queria dizer. Dara

PERIGOSAS ACHERON

não saberia dizer o que estava acontecendo, como ou por quê. Nada fazia sentido, mas como a cavalo dado não se olham os dentes, ela sorriu largamente para Steve e respondeu:

— Nos vemos amanhã, então.

Ele emitiu um gritinho de contentamento e levantou-se. Lançou um rápido olhar para a janela, por onde se via o estacionamento e seu sorriso se alargou mais alguns centímetros.

— Perfeito, minha querida! Magnífico! — exclamou. — Nos vemos amanhã, então. Você está liberada, pode deixar que eu e as meninas nos viramos com a limpeza. Tenha uma boa noite!

Dara se levantou um pouco tonta e seguiu até o pequeno armário onde os funcionários guardavam suas coisas. Pegou sua bolsa, verificou rapidamente o visor do celular baratinho que havia comprado para emergências. Não havia nenhuma ligação, então ela respirou aliviada. Não gostava de passar longos períodos de tempo longe de casa, mas precisava encontrar uma maneira de conseguir dinheiro logo.

E, aparentemente, conseguira. Só não

PERIGOSAS ACHERON

conseguia imaginar como isso era possível.

Despediu-se das outras meninas com um aceno rápido, recebeu mais alguns sorrisos e exclamações de Steve e deixou o bar. Passou pelo estacionamento e constatou aliviada que o carro de Sean não estava mais ali.

Seguiu caminhando rapidamente. O dia estava quase amanhecendo, não havia movimento nas ruas e ela sentiu um pequeno arrepio. Não costumava andar tão tarde e sozinha pelas ruas, mas o pequeno apartamento que alugava por sorte era próximo ao bar, o que ajudava muito.

Revirou a bolsa em busca de um agasalho quando ouviu o som de um carro se aproximando. Olhou para trás, sem diminuir os passos enquanto vestia o suéter. Sentiu um tremor na espinha e continuou andando, rezando para chegar logo em casa.

O carro claramente a seguia e o motorista não fazia questão de ser discreto. Mantinha uma pequena distância e a luz dos faróis impossibilitava que ela visse o motorista. Apressou o passo e o carro fez o mesmo, aumentando a velocidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aproximou-se da esquina e quando preparava-se para correr, um outro carro, vindo da rua paralela ao sentido que ela seguia, parou bem na sua frente. Ela não teve tempo para analisar que conhecia aquele carro.

O motorista abriu a janela e ela se surpreendeu apenas um pouco ao constatar quem era.

— Entre no carro — Sean disse e fitou rapidamente o outro carro que ainda se aproximava lentamente.

Dara precisou pensar apenas por um segundo. Havia duas únicas opções: continuar andando até em casa, correndo o risco de a qualquer momento ser atacada pelo motorista do carro misterioso que a perseguia ou entrar no carro daquele homem misterioso, ainda quase um estranho, mas que já ajudara uma vez.

Deu a volta no carro e ele abriu a porta para ela por dentro. Entrou rapidamente e afivelou o cinto. Dara fitou-o em um misto de curiosidade, confusão e temor, enquanto ele arrancava com o carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como sabia que eu iria para casa andando? — perguntou após dar as coordenadas de onde morava.

— Você mente muito mal — ele disse apenas, sorrindo um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

Dara tremia. Agarrava-se ao cinto, apertando-o ao ponto das juntas dos seus dedos ficarem brancas. Por sorte, sua casa não ficava muito distante do bar ou ela tinha certeza que entraria em pânico.

Mal respirava, os olhos fixos no para-brisa, sem de fato vê-lo. Naquele horário haviam poucos carros transitando pelas ruas, o que tornava o caminho ainda mais curto e também contribuía para que sua mente entrasse em pânico, criando situações.

Dara não conhecia aquele homem. Ele a ajudou, duas vezes aliás, mas isso era tudo. Sean não disse uma única palavra após chamá-la de mentirosa e ela não sabia se isso era bom ou ruim, tê-lo ao seu lado, calado, por tanto tempo. O silêncio que os oprimia só era quebrado pelo barulho suave do ar-condicionado e pelo ruído da respiração dela.

Sean parecia ser uma boa pessoa. Tentou levá-la para o hospital quando desmaiou, parecia preocupado com seu bem-estar, ofereceu carona para casa e, ao que tudo indicava, a salvara de um possível sequestro. Parecia um bom homem, mas ela não poderia afirmar isso com certeza tendo-o conhecido a menos que vinte e quatro horas.

Pessoas nem sempre são apenas boas ou ruins. Homens nem sempre são maus, nem sempre são monstros. Dara não sabia dizer se Gael sempre fora um monstro, se já abusara de alguma outra criança, se já era um agressor de mulheres e crianças antes de surgir na vida da sua mãe. Ele fora bom nos primeiros anos. Gael foi um bom pai, no início. A mimava, chamava-a de princesinha, gostava de levá-la para o trabalho e não se importava de brincar de boneca com ela por horas seguidas, sem nunca reclamar. Ela o amou, talvez mais até que a sua própria mãe.

Agora ela sabe que há maldade no mundo. Sabe que os monstros aterrorizantes dos livros que lia quando pequena são reais. Eles existem e infelizmente na maioria das vezes os conhecemos

PERIGOSAS NACIONAIS

de perto. Às vezes os chamamos por pai, tio, primo ou padrasto. São monstros da vida real que se camuflam e inserem-se no dia a dia de suas vítimas.

Eles roubam a sua alma e a sua vida, até que o que resta não passe de uma casca vazia, sem brilho, sem cor, apenas uma casca. Dara sabe como é sentir-se vazia por dentro, oca. Não tem sonhos ou esperanças de um futuro melhor para si mesma; o tempo de sonhar, de imaginar e ter esperanças ficou no passado, lá atrás, no dia em que fora violada pela primeira vez.

Se acordava pela manhã e encarava um dia por vez, se saía de casa e lutava todos os dias, procurando emprego ou bico que rendesse qualquer mixaria, não fazia por si mesma. Não tinha forças para lutar, havia dias em que acordava e rezava em pensamento por um dia em que não mais acordaria, um dia em que todo sofrimento iria embora e ela poderia finalmente ter paz. Mas ela seguia em frente, ignorava suas próprias dores e traumas, levantava cedo e saía à luta.

Encarava um bar lotado de homens, em sua maioria homens ignorantes e sujos por dentro, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não se importava. Tremia por dentro, temia qualquer aproximação ou toque, sentia o coração disparar apenas ao ouvir uma piadinha de conotação sexual, mas sempre erguia o queixo. Por dentro ruía, desmoronava e tentava à todo custo não permitir que suas feridas e dores internas a desmotivassem.

Agora sabia que também haviam pessoas boas no mundo. Conhecera algumas delas, poucas, mas significantes pessoas que fizeram a diferença na sua vida. Pessoas de bem que a ajudaram, sem nem ao menos conhecê-la e por isso ela seria grata pelo resto da sua vida. Há poucos meses atrás ela não passava de uma mendiga.

Lara nunca sofreria como ela sofreu, disso tinha certeza, nem que fosse preciso dar a sua vida por isso. Essa era a sua única esperança, uma vida diferente, uma vida melhor, sem tristezas como tivera, para a sua filha.

Suspirou com alívio ao finalmente chegarem ao seu destino e apontou na direção do prédio de dez andares caindo aos pedaços em que morava. Não tinha vergonha de morar naquele moquifo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha vergonha de muitas coisas na sua vida, principalmente do seu passado, mas não daquilo.

Aquele era o seu lugar no mundo. Pagava pelo pequeno apartamento com muito esforço, é claro que passava por alguns perrengues morando ali, mas ao final do dia, não importava o quão cansada ou infeliz estivesse, era grata por ter um lugar para onde voltar. Ter um teto sobre sua cabeça, onde criar sua filha com segurança e amor, isso não tinha preço.

Sean estacionou o carro no meio fio, em frente ao prédio e Dara desafivelou o cinto rapidamente. Esticou a mão para abrir a porta e parou o movimento no ar, notando o quanto seria indelicado apenas dar as costas a alguém que só a ajudara até ali.

Respirou fundo uma vez e virou-se para ele. Sean a observava, intrigado.

— O-obrigada — gaguejou e limpou a garganta rapidamente. Respirou fundo mais uma vez e repetiu, sentindo os nervos relaxando aos poucos ao notar que ele não faria nada para machucá-la. — Obrigada pela carona.

PERIGOSAS ACHERON

Não esperou por uma resposta e desceu do carro rapidamente. Quase fechava a porta quando sentiu falta de sua bolsa. Procurou-a sobre o banco, nervosa, querendo abrigar-se no seu refúgio logo. Sean inclinou-se um pouco, sem tirar o cinto e resgatou a bolsa dela do piso do veículo.

— Quando precisar — respondeu ao agradecimento, esticando a bolsa para ela. Dara a pegou com a mão trêmula.

— Você é muito gentil — Sean estreitou os olhos com o elogio e os desviou para analisar o prédio dela. Voltou a fitá-la e sua expressão parecia ainda mais intrigada. Ela puxou as mangas do suéter, tentando esconder-se do olhar dele.

— Vá — ele disse. — Olho você daqui.

Ela pensou em dizer que aquilo não era necessário, que ele não precisava observá-la entrar no prédio, mas desistiu. Não o conhecia a fundo, mas já notara o quanto ele poderia ser teimoso.

Agradeceu baixinho mais uma vez e fechou a porta do carro. Seguiu a passos rápidos até a portaria desabitada e imunda, pensando no quanto aquela noite fora estranha, para dizer o mínimo.

Abriu a porta e olhou para trás, por sobre o ombro.

Sean ainda a observava, sério. Acenou uma vez antes de ligar o carro. Dara respondeu ao aceno com um sorriso mínimo e entrou no prédio, fechando a porta atrás de si, sem olhar para trás. Esperou ouvir quando ele fosse embora, enquanto subia as escadas, mas não ouviu nada.

Subiu um degrau por vez, daquela vez sem amaldiçoar o elevador que não funcionava e aguçou os ouvidos. Ao chegar ao quinto andar, retirou a chave da bolsa e abriu a porta. Ignorou o cheiro de mofo que provinha das paredes, o barulho do encanamento que invadia o apartamento e seguiu até a janela que dava vista para a rua.

Sean ainda estava lá. Fitava as janelas como se a procurasse. No momento que ela colocou a cabeça na janela, ele a olhou. Dara não havia ligado as luzes e ficou impressionada com a percepção daquele homem.

Ele parecia querer uma confirmação de que chegara ao seu apartamento. Dara não conseguiu reprimir o sorriso ao sentir-se protegida daquela forma. Quando acenou para ele, daquela vez o

sorriso que tinha nos lábios era sincero, não forçado.

Sean a fitou por mais alguns segundos e, pouco tempo depois, deu partida no carro e foi embora.

Dara ainda sorria quando voltou a fechar a janela. Ainda sorria quando abriu a porta do único quarto do apartamento e encontrou Lara e Murielle dormindo na sua cama de solteiro.

O quarto não possuía muitos móveis além da cama e um pequeno criado mudo, onde ela guardava as roupinhas e coisinhas da bebê.

Dara chamou a mais velha baixinho, sem querer acordar a menina. Murielle acordou aos poucos, olhando em volta como se estivesse se perguntando onde estava.

— Oi — Dara sussurrou. — Acabei de chegar.

— Que horas são? — Murielle tinha a voz rouca de sono e bocejou, cobrindo a boca com uma das mãos. Ajeitou o bebê na cama e afastou-se vagarosamente, levantando-se em seguida.

— Quase cinco horas — respondeu após conferir no pequeno relógio que tinha no pulso.

— Nossa, isso tudo? Não percebi quando dormi — disse calçando as sandálias e apontando para a porta do quarto.

Dara cobriu Lara com uma mantinha, beijando sua cabecinha e a cercou com almofadas. Andou silenciosamente até a porta e a fechou com cuidado, seguindo a amiga até a sala.

Murille sentou-se na única cadeira que havia na sala e observou Dara com os olhos cozidos e vermelhos pelo sono interrompido.

— Então, como foi? — perguntou reprimindo um bocejo.

— Consegui o emprego — anunciou sorrindo e Murielle arregalou os olhos, cobrindo a boca com as mãos, tentando reprimir uma exclamação.

— Mas isso é ótimo! Não acredito que você conseguiu, Dara! Isso é maravilhoso! — exclamou baixinho, levantando-se para abraçar a amiga.

— Eu sei — Dara concordou, rindo. Há tempos que não recebia uma notícia boa assim e

estava muito feliz.

— Vamos, sente-se aqui. Você deve estar cansada — Murielle forçou-a a sentar-se na cadeira que ocupava anteriormente e parou na sua frente, fitando-a com entusiasmo. — Agora, conte tudo, quero saber todos os detalhes.

Dara ainda sorria e obedeceu. Narrou os acontecimentos da noite, um por um. Porém, deixou de fora a parte em que passou mal e recebeu ajuda de um estranho. Estranho esse que lhe dera carona para casa e que parecia se importar com ela.

Deixou de fora o fato de que havia conhecido alguém. Alguém que ela ainda não saberia dizer se gostava ou não, mas que insistia em povoar seus pensamentos.

Dara não queria que Murielle fantasiasse demais, não queria que ela imaginasse coisas onde não haviam, pintando todo o ocorrido com um pincel multicolor e brilhoso. Ela tendia a romantizar as coisas e Dara sabia que não era bem assim. Precisava, tinha a necessidade de encarar e viver a vida de frente, de maneira que ela não fugisse da realidade. Não queria imaginar coisas onde não

havam, já fazia aquilo sozinha, não precisava da ajuda de Murielle para isso.

Preparou um café enquanto descrevia Steve, seu chefe, e todas as meninas do bar. Pintou todo um cenário, descreveu o bar, os clientes maltrapilhos e os engravatados, descreveu até as bebidas que eram vendidas ali e como o cheiro forte delas a deixava enjoada. Falou o quanto pode, tentando relembrar detalhes insignificantes, fugindo do que realmente acontecera e daquele homem que, por mais que ela tentasse, não saía da sua cabeça.

Murielle deu-se por satisfeita quando Dara começou a narrar até a fragilidade dos copos de procedência duvidosa.

— Obrigada por ter ficado de babá e desculpe se atrapalhei sua noite — abriu a porta enquanto Murielle procurava por sua bolsa.

— Sabe que não me importo de ficar de babá e agora parece que é o que serei todas as noites — riu, mas quando viu que Dara parecia prestes a desculpar-se novamente, levantou uma das mãos, interrompendo-a. — Nem comece, já disse que não me importo. Não tenho nada para fazer e você sabe

o quanto eu amo aquela pequena.

— Eu sei — Dara suspirou. — É que às vezes acho que estou abusando demais da sua amizade e...

— Você precisa entender uma coisa, Dara — Murielle a interrompeu, aproximando-se e pegando suas mãos. — Você não está mais sozinha. Você precisa pagar pelo apartamento, para isso tem que trabalhar e Lara não pode ficar sozinha. Eu não trabalho, não tenho ocupações além da minha casa e marido e tenho todas as noites livres enquanto ele trabalha. Mas, mais que isso, mais do que não ter outras ocupações, eu quero ajudar você e amo a sua filha como se fosse minha. E também amo você — sorriu e revirou os olhos. — Não tanto quanto amo a sua filha, mas amo.

Dara riu, os olhos marejados. Beijou as mãos da amiga e a puxou para um abraço, fechando os olhos.

— Obrigada — sussurrou e Murielle a abraçou apertado. Dara não precisava listar os motivos pelos quais era grata, Murielle conhecia todos eles.

Despediram-se pouco tempo depois e fechou a porta, trancando-a em seguida. Conferiu as janelas e seguiu até o banheiro. Enquanto sentia a água morna escorrer por suas costas, levando consigo todo seu cansaço, ela pensou em como era sortuda por ter Murille em sua vida.

Não demorou-se muito no banho. Já vestida, apagou a luz da cozinha, que também iluminava a sala de estar e seguiu até o quarto. Não acendeu a luz para não acordar a bebê.

Deitou-se ao seu lado com cuidado, sem fazer movimentos bruscos e, quando estava confortável, puxou a menina para o próprio peito. Lara, ao ser movimentada, abriu parcialmente os olhinhos azuis e fitou a mãe.

Dara ajeitou-a sobre o peito, alisando seus cabelinhos loiros e ralos. Sorriu para ela que devolveu um meio sorriso sonolento e banguela e recostou a cabecinha em seu peito. Dara esperou para ter certeza de que dormia e sorriu quando a ouviu ressonar baixinho.

Sentiu o corpo finalmente relaxar. Aquele dia fora cheio de surpresas. Primeiro, conseguira um

emprego. Finalmente poderia respirar um pouco aliviada com a certeza de que no final do mês todas as contas seriam pagas.

E, então, havia ele. Sean.

Ainda não sabia definir como se sentia em relação a ele, sentia-se vulnerável e protegida ao mesmo tempo e isso apenas a deixava confusa.

Visualizou seu rosto em pensamento, seus traços fortes, a beleza quase impossível do seu rosto e o quanto ele ficava bonito naquele terno. Bocejou uma vez e fechou os olhos. Perguntou-se inconscientemente se o veria de novo algum dia e antes que pudesse pensar se realmente desejava que aquilo acontecesse ou não, dormiu.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

Dara morou nas ruas durante a gravidez e precisou aprender como sobreviver sozinha. Passou fome e foi humilhada em portas de restaurantes, comia restos de comida que encontrava no lixo, mas nunca se rendeu, nunca abaixou a cabeça.

Finalmente conseguira fugir do inferno, qualquer coisa, qualquer situação ou realidade seria melhor que aquilo.

Descobriu que estava grávida e fugir daquele monstro nunca pareceu tão necessário como naquele momento. Não tinha mais esperanças para si. A última tentativa de fuga havia sido a poucos dias e o castigo fora tão pior que por um momento ela quase pensou em desistir.

Gael tentara quebrar uma de suas pernas. Disse, rindo enquanto a chutava e pensava em como faria aquilo, que, se ela tentasse fugir novamente, seria ainda mais difícil sem o auxílio de

uma das pernas.

Não conseguiu, entretanto, pensar em uma maneira de realizar o que queria. Seria preciso mais que sua força física para fazê-lo, não tinha mais o vigor de outrora, estava velho e ele se contentou em machucá-la como pudesse.

No dia seguinte, quase manca, com marcas roxas espalhadas pelo corpo, mas nunca no rosto, ela descobriu a gravidez. Não tinha conhecimentos, não recebeu instruções quando pequena e a educação sexual que lhe fora dada fora por via do padrasto, que a fazia de brinquedo, que se satisfazia com seu corpo, que a tomava e batia e xingava e repetia, todos os dias, conforme lhe desse vontade.

Ciaran que a alertou sobre a possibilidade de uma gravidez e Dara a princípio não acreditou.

Sua mãe, em todos aqueles anos de abuso, poucas vezes lhe dirigira a palavra. Se por ódio ou por vergonha, Dara não saberia dizer, e nunca tentou uma reaproximação. Ciaran era sua mãe, ela ainda a amava, mas nunca a ajudara. Eram parceiras de cativeiro, compartilhavam o sangue e o algoz e era só.

Um filho não deixa de amar a mãe na primeira vez que é castigado. Ou na segunda. Ou na décima, nem quase dez anos depois. Dara a amava, embora não quisesse, embora tivesse tentado vezes sem conta, após implorar por socorro, por ajuda, por compaixão, ainda a amava.

Aquela foi a primeira vez que sua mãe a ajudara na fuga. Disse que poderia distrair os seguranças que vigiavam a casa e os distraiu pelo tempo que Dara precisou para praticamente se arrastar, rangendo os dentes pela dor que sentia pelo corpo, até conseguir fugir do seu cativeiro.

Vagou sem rumo pelas ruas, as lágrimas escorrendo pelo rosto, o frio cortante que castigava a cidade, o corpo desprotegido, quase descoberto. Tentou traçar uma rota diferente das que seguiu das outras vezes, mas não conseguia pensar.

Subiu e desceu ruas por bairros desconhecidos, recebendo olhares desconfiados. Sabia que seria uma questão de tempo até que notassem sua ausência, precisava estar longe quando isso acontecesse.

Uma senhorinha já de idade em um Mustang

antigo azul-bebê quase caindo aos pedaços parou no acostamento da avenida em que ela seguia, sem saber se seguia para o norte ou para sul. Aquela fora a primeira ajuda verdadeira, o primeiro ato de compaixão que Dara recebeu em toda sua vida.

A mulher percebeu o quanto ela estava machucada, percebeu sua determinação em seguir em frente ignorando a dor do próprio corpo e lhe estendeu a mão, sem perguntas, sem questionamentos, sem segundas ou terceiras intenções.

Ela se chamava Marta e, enquanto Dara manteve-se calada no banco do passageiro, tremendo de frio e de medo, ela falou. Contou sobre toda sua vida, sobre seu marido falecido, sobre seu único filho, os dois filhos de coração e suas esperanças de conhecer os netos antes de morrer. Talvez, quem sabe, ela dizia rindo, talvez conhecer os bisnetos.

Dara não relaxou, mesmo quando saíam da cidade, o mais longe que já chegara do seu cativeiro. A mulher conversou, sozinha, contando histórias e rindo pelas quatro horas em que levaram

para chegar em Dublin.

Dara não soubera como agradecer. Nunca antes recebera ajuda, nunca antes alguém a olhara com compaixão, nem o pai, nem a mãe, ou os seguranças que a cercavam, ou os médicos que a atendiam vez ou outra, quando as agressões de Gael ultrapassavam os limites.

Fora uma desconhecida que lhe mostrara que o mundo poderia ser diferente daquilo que vivera até ali.

Uma desconhecida que abrisse seus olhos, que lhe mostrara que existem, sim, pessoas boas no mundo. E que há esperanças. Não para ela, mas para a vida que carregava em seu ventre.

Engraçado, pensou, como alguém que se sente sem vida pode gerar uma.

A mulher a deixou no centro da cidade, um olhar de quem compreendia o que ela sentia, mas Dara duvidava muito disso. Disse, sem palavras, apenas com o olhar, que aquele não era o fim. Que ela tivesse fé, que lutasse, dias melhores viriam.

— Venha me visitar quando quiser — disse, entregando-lhe um cartãozinho, após insistir para

PERIGOSAS ACHERON

que passasse alguns dias na sua casa, enquanto se recuperava de sua feridas, enquanto não tivesse para onde ir. Mas Dara rejeitou a ajuda. — Você não me disse seu nome, menina, mas você sabe o meu. Me procure se precisar de ajuda. Estou aqui por você. Não desista. Nunca.

Era uma mulher, a ajudara, parecia uma boa pessoa, tinha olhos amorosos, mas ela não arriscaria mais. Não confiaria mais. Se sobrevivesse, se não fosse encontrada, aquela seria sua vida dali em diante.

Sobreviver. Sozinha. Não mais confiar.

Dara ainda mancava, um mês após ter a perna direita chutada e os vergões roxos da barra de ferro ainda estavam marcadas sobre sua pele.

Não fez exames ou consultas pré-natais porque tinha medo de ser encontrada. Sabia que Gael jamais desistiria de encontrá-la e se daquela vez ele o fizesse, não teria mais escapatória. Ele não permitiria que conseguisse ir tão longe uma segunda vez. Ela preferia morrer a permitir que aquilo acontecesse.

No segundo mês nas ruas, Dara encontrou um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pequeno posto de saúde em suas andanças e, após pensar muito, resolveu entrar. Perguntou, sem meios termos ou enrolação, o que seria preciso para que pudesse dar início ao pré-natal. Uma mocinha morena, de cabelos encaracolados, expressão caridosa e cansada respondeu, também sem meios termos.

— Além dos seus documentos, nada.

Ela não tinha pertences além de uma pequena bolsa, uma muda de roupa e as roupas do corpo. Não pensara em pegar nenhum documento, imaginou que aquilo não seria preciso. Esqueceu-se de que estava grávida e que aquele bebê algum dia nasceria.

Triste, ela abaixou os ombros e saiu do local, agradecendo baixinho pela informação. A mulher a chamou uma vez, mas ela seguiu em frente. Não tinha seus documentos consigo e tampouco poderia informar seu nome. Sabia que o bebê precisaria de remédios e de acompanhamento profissional, mas ela não poderia arriscar.

Ficariam bem, mãe e bebê, não importa o que acontecesse no dia seguinte ou no depois dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher a chamou novamente e com algumas passadas a alcançou. Ela era bonita, parecia ter por volta dos trinta anos e parecia uma boa pessoa. Seu nome era Murielle e ela compreendeu a situação daquela menina desconfiada e maltrapilha, sem nunca ter perguntado sobre seu passado.

Murielle foi e é um anjo na vida de Dara. Ela sabia que a menina provavelmente estava fugindo, se de traficantes ou da própria família ela não saberia dizer, mas era óbvio que precisava de ajuda. Naquele dia, Dara não realizou os exames que precisava, mas voltou para as ruas, sua casa, com a bolsa cheia de remédios e vitaminas.

Todos os meses ela voltava e Murielle a entregava novos remédios. Dara não confiava nela. Ela era mulher, era bondosa, mas também existem mulheres más no mundo, sua própria mãe era prova viva daquilo. Dara confiou nela, com o tempo, porque ela não parecia ser boa, ela era. Roubava remédios e a entregava todos os meses, sem questionamentos além de como ia a sua saúde e a do bebê.

PERIGOSAS ACHERON

Pouco antes de dar a luz, Murielle conseguiu convencer Dara a fazer um ultrassom. Só as duas, uma salinha do postinho desabitada e duas clandestinas durante a noite. Murielle tinha as chaves do lugar, ela que fechava e abria tudo todos os dias, então fora fácil entrar ali sem levantar suspeitas.

Descobriram o sexo do bebê e choraram juntas. Uma menina. Murielle sorria porque sempre desejou ter filhos, um menina então, seria um sonho. Um dia ela seria mãe e a sua filha seria a sua réplica, sua xerox e com o bebê ela poria em prática todo o discurso feminista que aprendeu apenas depois de adulta, mas que deve ser ensinado as meninas quando ainda pequenas..

Dara chorava, triste. Uma menina, meu Deus! Como ela criaria uma menina nas ruas, refém dos perigos dos que não têm onde morar, refém do destino e com a terrível possibilidade de sofrer como ela sofreu?

Foi naquele dia, aos quase nove meses de gravidez, que começou a caçada por empregos ou bicos. Bateu de porta em porta, oferecendo faxinas,

serviços de babá, qualquer coisa que precisassem, mas quem contrataria uma mulher, quase nem isso, ainda uma menina, suja dos pés a cabeça e prestes a dar a luz?

Não conseguiu nada, embora procurasse todos os dias. A única opção que sobrava era vender seu corpo, o que estava fora dos seus limites. Como venderia algo que não tem? Como seria capaz de se sujeitar novamente? Ser usada, incapaz de lutar, violada por estranhos por alguns trocados?

Amava a sua filha, mas não cogitou, nem por um segundo, nem em pensamento vender-se a quem quer ou por quanto fosse.

Murielle, o anjo da guarda que o destino lhe enviara, mesmo que tardiamente, a ajudou. Ela não tinha muito, mas o que tinha tentou dividir com aquela menina. Dara não aceitou dinheiro, não aceitou nada sem que antes fizesse por merecer.

Trabalhou como diarista na casa de Murielle apenas depois de muita insistência, mesmo que soubesse que a amiga não precisasse de uma diarista e que talvez não tivesse como ajudá-la

daquela maneira por muito mais tempo.

Dormia em um colchãozinho fino na cozinha, sempre alerta, porque o marido de Murielle era gentil, compreensivo e parecia ser uma boa pessoa, mas ainda assim era um homem. E, no reino dos animais e dos que são diariamente rebaixados, não há animal mais perigoso que esse.

Dara conseguira juntar dinheiro suficiente para alugar um pequeno quartinho ao lado do apartamento da amiga. Poucos dias depois, aos quase nove meses de gravidez, Lara veio ao mundo.

Em um apartamento que por pouco não poderia ser considerado um lar, Dara, Murielle, seus poucos conhecimentos de medicina e a crença em um deus que Dara não mais acreditava, mas Murielle sim, nasceu uma coisinha minúscula, pequena de tudo e loirinha como a mãe.

Dara chorou ao ver seu rostinho, lindo mesmo todo enrugadinho e sujo do sangue que ainda vertia por suas pernas, desenfreado. Murielle se assustou com a quantidade de sangue. Mesmo ela, com seu pequeno conhecimento e o pouco que

lera sobre obstetrícia nos últimos meses, sabia que aquilo não era normal.

Dara também sabia, mas não se importou. Tinha nos seus braços o seu mundo, a razão pela qual vivia, pela qual ainda respirava, ainda lutava por uma vida melhor, dias melhores, sem dores, sem traumas.

Sorriu ouvindo o chorinho alto e anasalado da sua pequena, sorriu mesmo sentindo dores, mesmo quando expeliu a placenta e um novo jorro de sangue escorreu por suas pernas.

— Precisamos ir para um hospital — Murielle repetia, uma vez, duas, dez, mas Dara não lhe deu ouvidos.

Não entraria em um hospital. Não colocaria tudo a perder naquele momento. Não colocaria a vida da sua filha em perigo. Lara estava bem, respirava sem dificuldade, parecia não ter problemas de saúde e para ela isso era tudo que importava.

A negligência com sua própria saúde não lhe importou muito naquele momento, nem pelos dias que se seguiram em que quase, por muito pouco,

PERIGOSAS ACHERON

morreu. A negligência com sua própria saúde talvez tenha lhe tirado as chances de ter outro filho, Murielle lhe advertiu, mas ela não se importou com isso naquele momento e nem agora, vendo sua filha saudável aos sete meses, feliz e amada.

Não precisava de mais nada na vida além da certeza de que ela estaria bem. E lutaria, dia após dia, para dar-lhe apenas o melhor.

CAPÍTULO 5

Não ficou surpresa quando, na noite seguinte, ouviu o sininho da porta avisar a chegada de novos clientes e encontrou Sean parado na porta, varrendo o lugar com os olhos. Ele a fitou pouco depois e ela tentou sorrir para ele, como cumprimento.

Não seria hipócrita ao ponto de não confessar para si mesma que tinha esperanças de vê-lo outra vez. Naquela noite, a cada vez que ouvia o sino da porta, ela se voltava ansiosa, tentando ser discreta, perguntando-se se daquela vez seria ele.

Dara sabia que ele apareceria, cedo ou tarde. Teve esperanças que fosse ainda naquela noite, mas não acreditou que ele iria ali até que o viu. Vestindo outro terno de aparência cara, os cabelos negros e fartos bagunçados, a barba cheia que emoldurava o maxilar forte e os olhos intensos, escuros, fixos nela.

Havia algo naquele homem que a deixava confusa. Temerosa. E ansiosa para vê-lo. Não entendia o que sentia, não sabia se aquilo era bom

PERIGOSAS ACHERON

ou ruim e não queria saber. Era um homem, boa pessoa, bonito e charmoso como poucos, atraente, prestativo e gentil, mas era só.

Por que ele estava ali? Será que ele sempre frequentava aquele bar? Poderia ser o caso. Os homens em volta se afastavam quando o viam, pareciam conhecê-lo e cochichavam baixinho quando ele passava, tão discretos quanto podiam considerando o nível de embriaguez. Havia algo sobre aquele homem que demonstrava poder. Uma segurança na forma como caminhava, os olhos que pareciam mapear tudo, o corpo sempre alerta.

Era lindo, impressionante, muito bonito, exercia um poder sobre as pessoas em volta e não era para ela. Sean era um homem maduro, aparentava uns trinta anos, era vivido e experiente. Homens assim, ela acredita, não são atraídos por juvenzinhas desarrumadas de dezoito anos. Nem juvenzinhas da idade e com a bagagem dela se interessariam por um homem como aquele.

Ele respondeu ao seu cumprimento com um aceno com a cabeça e seguiu até uma das mesas desocupadas no setor dela. Dara respirou fundo,

perguntando-se se ele fizera aquilo de propósito, forçando-a a se aproximar dele. Talvez ele tenha escolhido a mesa aleatoriamente, talvez não fizesse a mínima ideia de que aquele era o setor dela ou talvez nem imaginasse a coisa toda do atendimento por setores.

Talvez, ela repetiu, mesmo quando ele afastou a cadeira e sentou, voltando a encará-la no segundo seguinte. Aquele homem não parecia fazer coisas pela metade. Não parecia seguir ordens além das suas próprias ou fazia joguinhos bestas. Estava ali, no setor dela, olhando para ela e só para ela e ela que não sabia o que fazer.

Sentiu um toque nas costas e pulou assustada, afastando-se um passo automaticamente enquanto se virava. Conseguiu respirar aliviada quando viu que era Steve, mas manteve a distância.

— Dara, querida! — ele começou com o tom amigável e simpático que vinha usando com ela desde que apareceu para trabalhar naquela noite.

Ela ainda não entendia toda aquela mudança, mas não se importava muito. Contando que conseguisse manter o emprego e recebesse no final

do mês, Steve poderia cantar de amores que ela não daria a mínima.

— Temos um novo cliente no seu setor e não queremos deixá-lo esperando, não é? Vamos, vamos — bateu palminhas animadas e em seguida deu um jeito no avental dela que sempre parecia torto. Verificou seu rabo de cavalo e pareceu aprovar seu visual enquanto Dara franzia o cenho, deixando que ele a arrumasse. — Vá atendê-lo, querida! Vá, vá, vá! — quase pulava no local e Dara recebeu um empurrão animado nas costas.

Cambaleou para frente, tropeçando nos próprios pés e recuperou o equilíbrio à custo. Ainda franzia o cenho quando seguiu em frente, em direção a mesa em que Sean estava e encontrou os olhos dele sobre si novamente.

Ele fitava seu rosto, compenetrado e ela esperou pelo momento que desceria os olhos por seu corpo. Usava novamente o uniforme minúsculo sobre as próprias roupas, mas daquela vez Steve pareceu não se importar. Até comentou como se sua insubordinação fosse algo engraçado: “ah, essa nossa Dara!”

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela esperou, temendo ver a malícia que sempre encontrava na expressão dos homens por ali, mas Sean manteve os olhos no seu rosto, analisando-o com atenção, como se o catalogasse.

Ela respirou fundo, achando aquela inspeção desconcertante e parou quando em frente a mesa dele.

— Olá — a voz dele era tão rouca e profunda como ela se lembrava e o perfume dele, que ela sentiu de perto na noite passada, parecia ainda mais forte.

— Oi — respondeu baixinho e olhou para trás rapidamente. Encontrou Steve encostado no balcão, as mãos sustentando o queixo e fitando-a com uma expressão sonhadora. Franzindo o cenho novamente, Dara se voltou para Sean. — Posso anotar o seu pedido?

— Uísque. Puro.

— Algo a mais? — ela gostava de ficar perto dele, mas precisava trabalhar e clientes chegavam aos montes.

— Não, por ora.

PERIGOSAS ACHERON

— Só um minuto — ela disse e saiu dali rapidinho, mantendo as pernas firmes e sentindo a nuca queimar. Desviou de dois garotos jovens demais que deveriam estar em casa e não em um bar de procedência duvidosa e alcançou o balcão.

Procurou entre os copos dispostos no suporte por trás dele o que menos se parecesse como se tivesse anos de uso. E ela não duvidava que fosse esse o caso. Serviu a dose dele, franzindo o nariz para o cheiro da bebida.

— Como vai o seu amigo, Dara querida? — ela quase pulou ao ouvir a voz de Steve outra vez atrás de si.

— Que amigo? — indagou, guardando a garrafa junto com as outras na prateleira à sua esquerda e enxugou discretamente com a barra do avental as gotinhas de uísque que derramou no susto.

— Hora, não se faça de boba, menina. O homem de terno que a pegou nos braços ontem e que, veja só, está de volta hoje! — ele estava exultante e Dara não compreendeu toda aquela animação.

— Ele não é meu amigo. Ele só me ajudou ontem à noite quando passei mal — resistiu ao impulso de ser grossa, sem entender o motivo daquilo. Steve estava curioso sobre aquele homem, tanto quanto ela estava e aquilo respondia a sua pergunta silenciosa: aquela era a segunda vez que Sean entrara naquele bar, sendo a primeira na noite anterior com os amigos, e agora sozinho.

— Ele parece muito interessado por você. Não tira os olhos de você, menina! Nem por um segundo! — riu sozinho, uma risada alta e pra fora, desagradável.

— Não é nada disso. Sean é apenas um conhecido, alguém que me ajudou — disse sem conseguir afastar a dúvida da voz. Era aquela frase que ela repetia para si mesma mentalmente desde a noite anterior. Não acreditava nela e Steve aparentemente também não.

— Se você diz — ele riu, claramente sem acreditar nela. Dara colocou o copo com o pedido dele sobre a bandeja e já se encaminhava de volta para ele quando Steve a parou com um sobressalto. — O que você disse?

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que?

— O que você disse? O nome dele. Qual é o nome dele? — indagou ansioso, voltando-se para ela de olhos arregalados. Dara não entendia o que estava acontecendo e respondeu, receosa.

— Sean. O nome dele é Sean.

Steve parecia surpreso e, ainda em suspenso, murmurou:

— Sean. Qual o sobrenome dele? Ele disse?

— Não — Dara respondeu, voltando-se para ele, curiosa. Steve parecia surpreso e admirado. — Algum problema?

— Problema nenhum — respondeu parecendo perdido em pensamentos. Depois de um instante voltou a sorrir mostrando todos os dentes, os olhos brilhando e Dara se perguntou se aquele homem estava louco. — Sabia que o conhecia de algum lugar! Ah, Dara querida! — e riu novamente, estridente.

— Você o conhece? — talvez Sean frequentasse o bar, afinal de contas.

— Ah, sim! Sim, querida, o conheço. Todos

PERIGOSAS ACHERON

conhecemos — ele quase dava pulinhos no lugar e Dara deu de ombros, incapaz de compreendê-lo. — Vamos, vamos, não o deixe esperando! Vá atendê-lo, querida, e certifique-se de que ele tenha tudo o que deseja — Dara titubeou por um segundo e logo recebia outro empurrão encorajador. — Vá, menina, vá!

Ela seguiu em frente, perguntando-se qual era o problema do seu patrão. Ficara óbvio que ele conhecia Sean, mas a sua reação a deixava confusa. E curiosa.

Colocou o pedido sobre a mesa, franzindo o cenho.

— Algum problema? — Sean perguntou, observando-a. Lançou um olhar demorado sobre o ombro dela, certamente onde Steve ainda batia palmas, ela podia ouvir.

— Não. Só... — parou, indecisa e depois deu de ombros. — Não é nada. Deseja mais alguma coisa? — perguntou, lembrando-se da ordem do patrão.

— Você poderia me trazer o cardápio?

Dara balançou a cabeça, segurando a bandeja

PERIGOSAS ACHERON

contra o peito, sem jeito.

— Não é preciso. Só servimos um único prato. *Chicken Roll* — ela não conseguiu reprimir uma careta.

— Qual é o problema? — ele parecia achar engraçado sua reação. Dara lançou um olhar para trás, considerando se contaria a verdade ou não.

Chicken Roll ou *Breakfast Roll* é o prato típico que os irlandeses mais comem. O clássico chicken roll nada mais é do que um pão baguette, com manteiga ou maionese, recheado com frango empanado e alface. Já o *breakfast roll* consiste em um pão baguette recheado com os ingredientes do *Irish Breakfast*: bacon, pão de forma, ovo, linguiças, cogumelos, tomate, batatas e feijão, acompanhado com uma xícara de café, ou chá.

O *Irish* é o prato preferido dos irlandeses, fácil de encontrar em qualquer esquina e tem a fama de curar ressacas, o que é conveniente quando servido como único prato da casa em um pub.

O problema não era o prato em si, mas sim a forma que ele era preparado. Na verdade, ela não confiava nem na procedência dos ingredientes. A

PERIGOSAS ACHERON

cozinha do O'Reilly's não era das melhores também e a mulher rechonchuda e de cara fechada responsável pela comida não parecia ser muito higiênica. Dara não se arriscaria a comer nada daquele lugar, mas não poderia decidir por ele.

Olhando para trás mais uma vez, conferindo se Steve ainda os observava e notando que sim, ela voltou-se para Sean, que a observava curioso e sussurrou:

— A cozinheira não é das melhores — ele ergueu as sobrancelhas e ela murmurou apressadamente: — É de se supor que num bar como esse a comida também não seria de grande coisa, mas acredite quando digo: eu não me arriscaria nem sequer a comer o pão, sem os condimentos.

Sean sorriu minimamente e inclinou-se para frente, mantendo o tom baixo como ela.

— Agradeço pelo aviso, então — murmurou e de repente Dara notou que havia se inclinado para ele também. Consertou a postura e acenou com a cabeça.

— Não há de que — balançou a cabeça outra

PERIGOSAS ACHERON

vez e Sean riu, um som baixo, rouco e sufocado que ele tentou reprimir.

— Outra dose de uísque, por favor — pediu após virar de uma só vez a dose que ela trouxera.

Sean permaneceu ali a noite toda. Entre pedidos e mesas, Dara sentia os olhos dele a acompanhando onde ia, sempre alerta, sempre protetor de tal forma que ela começou a observá-lo também, sem entender bem o por quê.

Ele não bebeu muito. Dara não lembrava quantas vezes o serviu, mas ele parecia bem. Nem um pouco menos alerta, nem um pouco vacilante. A observava e ela se sentia, mesmo contra sua vontade, protegida. Não temia os homens ao seu redor com a mesma intensidade de sempre e embora ainda os temesse, sabia que estava segura.

E ele voltava, noite após noite, sempre de terno como se tivesse acabado de sair do trabalho. Não se conversavam com a boca, as palavras eram mínimas, relacionamento funcionária versus cliente, mas os olhos não se deixavam.

Noite após noite, após aquela primeira em que se conheceram. Ele a vigiava sem querer ser

PERIGOSAS ACHERON

discreto, a desejava com olhos que não mentiam, mas que também mostravam respeito. Era algo que ela não entendia, o compreender alguém que mal se conhece. Mas compreendia. Colava o olhar no dele, sem desviar, lendo o que podia e sendo aos poucos lida por ele também.

O queria e não era pouco. Era recíproco, sabia. Reciprocidade é a palavra do momento, é um sentimento bom, gostoso e até aquele momento desconhecido por ela. E, embora fosse bom, a fazia temer, tremer na base.

Aquilo era perigoso. Não teve relacionamentos, nunca namorou ou sequer beijou uma boca que desejasse, mas entendia os sinais. Sean era esperto. Era um homem vivido, experiente e tudo sobre ele dizia que não estava ali para brincadeiras.

Ela podia estar interpretando sinais que não entendia de fato de maneira errônea. Ele podia estar ali porque não tinha mais para onde ir. Ela duvidava disso. Ele era quieto, sério, reservado e observador ao ponto de deixá-la corada apenas com um olhar. Tinha amigos, ou ao menos parceiros de

negócios ou o que quer que os homens que estavam com ele na primeira noite fossem.

É errado confiar em alguém que não se conhece. Confiar em estranhos é algo que ela nunca fará, mesmo quando estes não sejam mais estranhos. É da sua natureza a arte do baixar de cabeça sem de fato baixar. Confia em poucas pessoas na vida, mas sempre alerta. Um olho aberto e outro fechado, um olho no presente e outro nas dores do futuro.

Não é mais uma menina, embora a aparência e idade digam o contrário. Ela também é vivida, ela também tem experiências. Não as que usualmente as jovens tem, mas uma experiência de vida, de qualquer forma.

Dores que te moldam. Hematomas que até cicatrizam, mas que ainda deixam marcas. Dara tem a alma marcada, tem feridas sob a pele e sobre ela também. Tem esperanças para o futuro que não a incluem, um anjo protetor e um amor para chamar de seu. Não precisa de mais nada.

É capaz de confiar, não totalmente, é verdade, mas é. E se o que aquele homem deseja é

PERIGOSAS NACIONAIS

a sua confiança, talvez ela esteja disposta a dar. Se por se sentir sozinha, sem lugar no mundo ou por querer que seja ele, ela não sabe. Mas essa é a verdade e ela cansou de mentir para si mesma. Mente para Deus e o mundo, mas para si mesma nunca mais.

Se ele a deseja, que lute por isso. O observa mais uma vez, olhos nos olhos que se conversam sem palavras, mesmo sem poder. Sean parece ler na sua expressão o que ela pensa, mesmo que não a conheça, mesmo que ela ainda seja uma estranha.

E, ainda a observando, olhos que lançam promessas que ela não consegue ou não quer decifrar ainda, com os olhos nos dela, ele sorri.

E tinha mais naquele sorriso do que dentes perfeitos, retinhos e brancos. Aquilo era uma promessa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Ele a observava de longe. Atento, sempre atento. Os olhos que a seguiam não perdiam um só movimento e aquela altura ele já havia decorado todas as suas expressões. Sabia quando ela estava triste, quando estava zangada, cansada e, como naquele momento, quando estava preocupada.

Dara era uma incógnita. Jovem demais para trabalhar num lugar como aquele e se todos os pubs espalhados pela Parnell Street, aquele parecia o pior.

Era possível encontrar de tudo na Parnell: restaurantes, livrarias, loja de departamento, farmácias, cafés, cinema, hotéis, lojas de roupas, calçados, prédios comerciais, monumentos históricos e vários pubs. Dentre todos eles, alguns realmente ótimos, era ali que aquela menina trabalhava.

Ele a observava caminhar entre as mesas, sempre apressada, sempre alerta. Um passo a frente do outro, a bandeja sobre os braços, os ombros

PERIGOSAS ACHERON

erguidos, a cabeça erguida, os olhos atentos e o pensamento longe. Podia conhecê-la a pouco mais de um mês, mas ele sabia que havia algo errado apenas observando o corpo dela. E havia algo de errado, algo muito errado com relação ao passado dela.

Os sinais estavam ali, claros como ele sabia que seriam. Estava tudo ali, bastava que vissem.

Ela não tentava esconder. Não escondia quem era dela mesma, embora para ele fosse claro que ela se escondia de alguém. Não escondia que estava ali por nenhuma outra razão se não o desespero. Isso exige coragem. Fugir exige força, não a física. Quer dizer, ela também, mas não somente.

Tudo se concentra no psicológico. A raiz da força que faz a vítima passar a ser resistência e a resistência forma a fugitiva que um dia se encontra de novo alguém. Alguém normal, com um passado como todo mundo, com feridas na pele e sob ela que poucos têm.

Um alguém que precisa ser forte todos os dias e que assiste o cair do dia como se ele fosse a sua própria queda. E que se ergue, noite após noite,

PERIGOSAS NACIONAIS

dia após dia, buscando ser melhor, buscando propósitos, buscando razões, respostas e forças.

Ela estava ali, inteira. Dores, passado, força e coragem.

Sean reconhece os sinais porque, embora não tenha sentido na pele, presenciou bem de perto. Está tudo ali, na maneira como ela tenta controlar o tremor das mãos, no como os olhos parecem mapear o lugar a procura de perigo, sempre temerosos, sempre alertas. No como ela caminha entre as mesas rapidamente, fazendo o que é paga para fazer, querendo fugir de olhares desagradáveis e invasivos.

No como ela recua ao menor sinal de aproximação, no mínimo movimento que signifique um toque indesejado. No como seus ombros se contraem e a boca franze ao ouvir piadinhas e cantadas de homens que sequer a respeitam.

Sean a enxerga. Vê alertas, sinais, temores e mantém a distância. Ele sabe esperar e sabe que a espera vale a pena. Não é nenhum adolescente, sabe que não precisa ter pressa. Pressa para quê, afinal? Ela está ali como todas as noites desde que

PERIGOSAS ACHERON

a viu pela primeira vez, linda como um anjo e tão encantadora e inocente quanto.

Não importa o que ela tenha passado, não importam as dores que talvez ainda sinta, não importa o que tenha vivido, ali naqueles olhos azuis, redondos e lindos naquele rostinho perfeito, ali ele vê o quanto ela ainda é o que nasceu para ser, antes de ser obrigada a seguir outro caminho.

Dara ainda é uma menina. Ainda carrega uma pureza consigo que não condiz com as moças de dezoito anos de hoje em dia. Ele vê ingenuidade naqueles olhos, vê o quanto ela sofreu e ainda sofre, vê que ela tenta esquecer o passado, vê força ali e vai caindo aos poucos.

Ele não é idiota. Teve poucos relacionamentos na vida, parte por não ter tempo para dedicar-se a uma parceira e parte porque nunca sentiu que era certo. Sempre faltava algo ou sentia-se incompleto. E estava bem com isso. É um homem vivido, sabe que quando se trata do coração não há nada a ser feito além de esperar e talvez um dia ele encontrasse alguém ou talvez não, não estava preocupado com isso nem procurava essa tal

pessoa que o faria sentir inteiro.

E ali estava.

Sean não esperava por isso, tampouco estava disposto a entregar-se sem reservas a alguém que mal conhecia. Havia algo nela que o atraía, que o instigava a se aproximar, que o fazia apertar os punhos quando o desejo de tocá-la era insuportável. Havia algo nela que despertava seu lado protetor e isso é perigoso.

O despertar de um homem, ao menos no caso dele, é algo perigoso. Sean vê aquela menina que mal alcança seu peito, vê aqueles olhos lindos profundamente manchados pelo peso que ela carrega nas costas, vê as cicatrizes que ela não consegue esconder com as roupas e o uniforme e algo nele ruge. Não quer ser precipitado, não quer estragar algo que sequer começou, que não sabe sequer se vai dar certo, mas como se tudo sobre ela grita o quanto precisa de ajuda? O quanto está desesperada, seja com relação ao passado ou que quer que tenha acontecido naquela noite que a deixa nervosa.

Sente o impulso de se aproximar, oferecer

ajuda, levá-la dali ou abraçá-la e se controla mais uma vez. Não quer se entregar de cara, resiste enquanto pode, mas aquele é um caso perdido.

Ali está ele outra vez. Outra noite, outro terno, a mesma mesa e os olhos que seguem uma única mulher.

Não é mais um adolescente, é verdade, mas cai tão rápido e tão bonito quanto. Basta que ela diga qual o próximo passo e está feito. Nessa dança, ele não conduz, os movimentos são todos dela. E de repente, lá está a entrega que ele tentou resistir. Simples assim.

Não acredita em amor a primeira vista porque a primeira vista não se nota nada sobre a pessoa desejada. Ou talvez seja essa a razão. A primeira vista pessoas são limitadas ao exterior, ou seja, bonitas por fora. E o interior? E o que faz daquela pessoa algo único? Defeitos, qualidades, manias, sonhos, dores, esperanças... Tudo que molda e faz de cada um ser único não é perceptível ao primeiro olhar e talvez seja por isso. Pessoas se apaixonam pelo exterior e um interior ignorado ou ilusório.

Há um mês Sean a observa. Aprende aos

poucos, um passo por dia, o que ela deixa transparecer e o que esconde. Tão jovem, tão linda, indefesa, ingênua e o tem praticamente (não sejamos precipitados) na palma da mão. Mas o que poderia fazer se aquela mulher não sai da sua cabeça desde a primeira vez que a viu?

Naquela noite ela parecia tão preocupada ou talvez mais que a primeira vez que a viu. Ela estava mais inquieta que o de costume, andava mais rápido entre as mesas, tentando atender vários pedidos ao mesmo tempo e olhava para frente sem parecer ver nada, perdida em pensamentos.

Sean queria perguntar o que estava acontecendo, queria poder ajudá-la de alguma maneira. Mas precisava respeitar o espaço dela. Precisava deixar que ela decidisse o quanto ou quando ele poderia se fazer presente e antes disso ele não faria nada. Por respeito. Por querer demais para arriscar colocar tudo a perder se agir antes, sem esperar, sem respeitar o tempo dela.

Sean queria desvendar aquele mistério. Queria conhecer o que estava guardado por trás da armadura fraca que ela se escondia, porém não o

faria sem ser convidado.

Esperou que com o passar da noite ela talvez se acalmasse, mas não foi o que aconteceu. Ele viu quando ela quebrou o que parecia ser uma terceira garrafa de uísque e procurou o patrão dela com os olhos, sujeitinho esquisito era aquele, e o encontrou conversando com alguns clientes em uma mesa ao seu lado.

Steve Reymond era o nome dele e além de Sean conhecer bem a fama dos Reymond em Dublin, ele não ia com a cara daquele em particular. O O'Reilly's é um dos mais antigos estabelecimentos da Parnell Street e foi construído desde antes a rua passar a chamar-se assim.

O bar passou de pai para filho e de filho para neto e seria passado de geração em geração anos a frente, não fosse a idiotice e soberba de um dos netos que colocou o negócio já conhecido e respeitado na capital em ruínas. Não se sabe quem assumiu o negócio após a venda da propriedade, a negociação foi um desastre de tal forma que cinco pessoas afirmam ser proprietários do lugar. E nenhum deles é um Reymond.

Como Steve chegou até ali era um mistério, mas um que Sean não demoraria a descobrir. Parte do motivo que o levou até ali na primeira noite era aquele: descobrir quem era o verdadeiro dono do lugar e, com essa surpresa, também descobrir como Reymond se encaixava naquilo tudo.

Steve era um homem estranho. Preso na limiar da meia idade, nem velho nem jovem demais, sempre com um sorriso no rosto e roupas que trazem referências aos antigos clãs das Terras Altas, Sean sabe que tudo aquilo é uma fachada. Os Reymond são conhecidos pelo moderno sistema de agiotagem e prestação de serviços há tanto tempo que ninguém sabe dizer ao certo qual Reymond começou com o negócio.

Engraçado encontrar um deles à frente de um bar tão problemático. Na primeira vez que entrou ali, Sean estava com Hian e Brandon e os dois pareceram tão surpreendidos quanto o próprio Steve quando os viu. O curioso é que Reymond não o reconheceu a princípio, focou apenas nos seus amigos e aquilo permitiu que Sean o observasse e

ao local com atenção.

Estava se perguntando qual seria a nova jogada dos Reymond quando viu Dara pela primeira vez. Mal prestou atenção no que seus amigos diziam, os olhos estacionaram nela e ali ficaram pelo resto da noite. Havia algo diferente nela e ele se perguntava o que poderia ser quando ela foi agarrada.

Agiu antes de pensar e quando viu já havia arrancado o sujeito de cima dela. Sua intenção era quebrá-lo inteiro, membro por membro para que aprendesse que não se deve tocar uma mulher sem permissão e muito menos aquela ali. Porém, antes que pudesse externar seus pensamentos, viu quando ela foi desabando, sem forças nas pernas e os olhos fechando devagar.

Pegou-a nos braços, notando o quanto era leve, suave. A pele dela estava fria e a primeira coisa que ele percebeu quando a teve tão perto foi o quanto ela parecia pequena nos seus braços.

— Ela está bem? — Brandon perguntou, segurando o bêbado que a havia atacado enquanto os outros bêbados e Steve os observava de olhos

arregalados.

— Não sei — afastou os fios dourados do cabelo dela e tocou seu rosto gentilmente.

— Leve-a lá para fora. Talvez o ar fresco ajude — Hian sugeriu. Sean levantou-a nos braços, acolhendo-a no peito. — Não se preocupe, nós conversamos com o nosso amigo aqui — arregaçando as mangas da camisa, ele se aproximou do bêbado que choramingava desculpas. Hian riu e lançou um olhar enfadado para Brandon.

O foco naquela noite era avaliar o lugar, descobrir quem o gerenciava e, esclarecido isso, descobrir se aquele não seria um local de encontro ou de entrega dos Reymond e montar um caso sem brechas. Como promotor do caso, Brandon os arrastou até ali, contudo, a noite estava cheia de surpresas.

A principal delas, embrulhada em um avental maior que seu próprio corpo e que parecia estar sempre torto, no momento encostava-se no balcão e tentava respirar fundo. Sean deu uma olhada no relógio em seu pulso, cansado de esperar e percebeu que estava na hora de ir para casa.

Percebendo o mesmo, Dara retirou o avental enquanto seguia rapidamente até uma porta ao lado da cozinha. Logo ela voltava carregando uma bolsa e procurando algo dentro dela.

Tão perdida estava, murmurando baixinho palavras que ele entendeu como uma reza, ela só o notou quando parou na sua frente, no estacionamento, ao lado do seu carro.

Ele sempre a seguia, após os turnos, até sua casa. Não ofereceu carona por saber que ela se recusaria, mas estava sempre ali quando ela saía, encostado no carro, olhando para ela. Dara o cumprimentava com um sorriso fraco e seguia para casa, andando rapidamente e ele atrás, sem se preocupar em ser discreto.

Sean fitou seu rosto por um instante, ele também preocupado e abriu a porta do passageiro. Apontou para o banco e disse:

— Entre.

Ela parecia não estar totalmente ali, perdida em pensamentos e com uma expressão tão aflita que ele não esperou que ela agisse. Pegou sua mão, gentilmente e fez com que ela entrasse no carro.

Afivelou o cinto enquanto ela fitava o para-brisa e fechou a porta.

Enquanto ligava o carro e o ar-condicionado, Sean a fitou com atenção.

— Para onde? — perguntou baixinho, os olhos procurando os dela, temendo tê-la assustado na sua pressa de sentir-se útil e ajudá-la. Com a pressa que ela também estava, a expressão aflita e os olhos marejados, Sean sabia qual seria a resposta antes mesmo que ela abrisse a boca.

— Para o hospital St. Patrick — ela murmurou fechando os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

O silêncio no veículo quase os oprimia.

Dara não olhou para ele nenhuma vez sequer e Sean não quis se intrometer mais do que já tinha feito. Tudo bem que ela precisasse de ajuda, ou que talvez achasse que não, mas ele não havia deixado margens para que ela dissesse não e aquilo o preocupava.

Parte do querer manter-se perto, mesmo tão longe, parte da distância auto-imposta, era por respeito e parte por temer que ela se afastasse mais. O ruim era o agir sem poder, o falar sem saber o que, o medo de afastá-la sem querer. Precisava ser devagar, manso como só quando com ela e por ela. Por ele também, porque Sean visa um futuro que talvez não exista, mas que deseja muito.

Sabe que ela está machucada, não está bem para muita coisa e talvez demore muito para estar, e ele entende. Porque também se sente assim. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

confia de cara, nunca o fez e nunca vai fazer. Precisa ser assim no seu trabalho porque quem vê cara não vê coração, e na vida pessoal também.

Vê muitos absurdos, casos horríveis, pessoas que nem ao menos podem ser chamadas assim, julga o que acredita ser justo e isso deixa marcas. É difícil sair para trabalhar todos os dias sabendo como o mundo lá fora da janela do seu apartamento pode ser escuro. Sem brilho, sem decoro e muitas vezes sem justiça.

A justiça ainda é falha no seu país e em boa, se não toda, parte do mundo. Viu coisas e conheceu histórias que vão assombrá-lo para o resto da vida. Luta todos os dias, faz a sua parte por um mundo melhor e justo e isso deve bastar por hora.

Sai de casa tentando se preparar para o horror da vez, sai do trabalho tentando esquecer dos piores casos, e no final do dia, sem banho, sem comer, só ele, cru como nunca, só dá o dia por encerrado quando vê aquela menina. É como se encerrasse um circuito sem fim de horrores e precisasse de algo bom para poder voltar a respirar. Essa era a sua rotina das últimas semanas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dara fitava a tela de um celular pequeno e vez ou outra ele a via enxugar uma ou outra lágrima que escorriam por seu rosto. Queria dizer algo, confortá-la, queria saber o que estava acontecendo, se ou como poderia ajudar, mas ela parecia tão cansada, como se estivesse a um passo de ruir que ele preferiu manter o silêncio e dirigiu o mais rápido que pôde até o hospital.

Se conhecem, mas não conhecem-se. Conversaram em silêncio, olhos que diziam mais do que queriam, por um mês inteiro. Poucas palavras foram ditas, um pedido anotado, uma bebida servida, um sorriso de cumprimento e só.

Se reconhecem nas pequenices. Ele vai ali todas as noites não interessado no uísque de quinta categoria ou no único prato da casa que ela nunca permitiu que ele comesse. Pode ser jovem demais, pode talvez ser inexperiente ou ingênua demais, mas Dara não é burra. Sabe que a presença dele ali é para ela porque ele não disfarça e nunca tentou disfarçar.

Sabe que os olhos dele a seguem por onde quer que vá e já deve ter desconfiado que se nunca

PERIGOSAS ACHERON

mais foi importunada por um cliente mais animadinho, era por causa dele também. Ele não mente, não esconde interesse, esconde desejo por ser cedo demais, prefere não falar do que dizer o que não deve e espera ser lido como faz com ela. Pequenices.

Ela estava mais pálida que o normal, agarrava-se ao banco como na primeira vez que sentara ali, e, a princípio, ele pensou que ela estivesse passando mal. Isso explicaria a viagem até o hospital, mas observando a maneira como ela também se agarrava ao celular, como se estivesse a espera de notícias ruins, logo descartou essa ideia.

Quem quer que fosse que estivesse no hospital era alguém muito importante para ela. Tanto que a cada quadra mais próxima ele a via cada vez menor, pequena, cabisbaixa e preparada para o pior.

Sentindo a angústia dela como se fosse sua, Sean estacionou o carro no estacionamento quase vazio e iluminado do hospital. Perguntou-se enquanto desligava o carro qual seria o próximo passo. Recua se ela não estiver pronta, mas não tem

sangue de barata. É paciente e muito, mas não o será por muito mais tempo e muito menos ao observá-la tremer daquele jeito.

Dara ergueu a mão até a maçaneta da porta e respirou fundo uma vez. Depois outra e mais uma vez. Suas mãos estavam tão trêmulas que ela não conseguiu abrir a porta.

— Espere — Sean desafivelou o cinto, abriu a porta e desceu do carro.

Abriu a porta dela e Dara o olhou nos olhos pela primeira vez. Ele desejou que ela não tivesse feito aquilo, porque havia tanto desespero, tanta dor, tanto medo naquele olhar azul que ele precisou conter o impulso de abraçá-la. Como pode uma menina tão jovem como aquela, tão linda, tão ingênua, inocente, parecer carregar o peso do mundo nas costas?

Com o olhar ainda no dela, ajudou-a a retirar o cinto e a descer do carro, com cuidado. Soltou sua mão e a observou tentar dar um passo adiante e retroceder em seguida, com as pernas instáveis.

Dara se apoiou na lateral do carro e respirou fundo outra vez. Sean permaneceu de frente para

PERIGOSAS ACHERON

ela, pronto para segurá-la se fosse preciso, mas presumia que talvez ela não aceitasse seu toque. Mais lágrimas desceram pelo seu rosto delicado e ele fechou a porta do carro, após pegar a bolsa dela sobre o banco.

— Respire fundo — instruiu baixinho. Ela balançou a cabeça, negando, tentando avançar, mas fechou os olhos e fez o que ele pediu. — Assim. Agora diga o que está acontecendo.

— Não posso — murmurou, enxugando o rosto com a manga da camisa.

— Tudo bem — recuou. — Então diga como posso ajudá-la.

— Não preciso de ajuda. Eu... — tentou sair dali, mas ele estava no seu caminho.

— Dara — ele começou, mas hesitou. Como se fazer presente, como ser e sentir-se útil quando ela relutava tanto? Respirou fundo ele também e lembrou que não tinha o direito de se meter na sua vida e exigir respostas. — Vamos.

— Posso entrar sozinha.

— Eu sei, mas não vai. Vamos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sean...

— Não estou exigindo respostas. Só quero ajudá-la.

— Eu sei, mas...

— Deixo você lá dentro e depois vou embora. Tudo bem? — tentou novamente.

Ela pensou por um segundo e, suspirando, concordou baixinho. Sean esperou calado enquanto ela parecia testar a instabilidade das pernas e depois seguia até a entrada do hospital, passando pelas portas automáticas.

O St. Patrick era um hospital grande, referência em traumatologia no país e outras especialidades. Sean seguiu atrás dela até a recepção quase vazia, carregando a bolsa que ela aparentemente havia esquecido.

Era um hospital grande, o principal de Dublin e um dos mais modernos e melhores equipados do país. Referência não só em Traumatologia como também na assistência gratuita.

O cheiro o incomodava um pouco, fazia suas narinas coçarem e não traziam boas lembranças.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Odiava hospitais e, se não fosse em casos realmente necessários, ele ficaria anos sem entrar em um. E muito bem, obrigada.

Assistiu quando ela hesitou em frente a moça por trás do grande balcão e digitou algo no celular. Parecia nervosa, olhando ao redor enquanto apertava o celular contra o peito. O aparelho tocou segundos depois.

— Onde você está? — a ouviu murmurar baixinho, tentando ser discreta enquanto a mulher sentada por trás do balcão os fitava curiosa. A atenção da mulher parecia deixá-la ainda mais nervosa e Sean perguntou-se por quê. — O que eu posso fazer agora?

A observava compenetrado, pescando qualquer informação que talvez o deixasse a par da situação, sem tentar ser discreto. Se ela não falava, ele se apegaria a qualquer pedaço de informação que pudesse.

Dara o olhou rapidamente enquanto ouvia atentamente. Ele a viu fechar os olhos, balançando a cabeça para um lado e para o outro, em uma negação muda.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, mas o que mais posso fazer? — ela sussurrou, mas ele ainda foi capaz de ouvir. — Posso lidar com as consequências depois.

Foi a maneira resignada com a qual ela falou, a forma como seus ombros finos caíram, a forma como ela parecia ainda menor que o fizeram agir.

Tomando-a gentilmente pela cintura e ignorando o sobressalto dela e os olhos curiosos da moça do balcão, Sean a arrastou até uma das cadeiras espalhadas da recepção, desocupadas devido ao horário avançado. Fez com que ela sentasse, ainda apertando o celular contra a orelha. Dara tinha os olhos arregalados e, para sua sorte, não havia temor neles, apenas surpresa.

— Do que você precisa? — perguntou e a seriedade da sua voz e expressão demonstravam que não aceitaria que ela se negasse daquela vez.

— Sean, não...

— Seja lá o que esteja acontecendo, Dara, está claro que você precisa de ajuda. Eu posso e vou ajudá-la, mas primeiro preciso que você me diga como.

Ela tinha os olhos arregalados e parecia não

PERIGOSAS ACHERON

esperar por um ultimato como aquele. Há limites para tudo e nenhum deles dizia respeito a observar aquela mulher sofrer em silêncio sem fazer nada. Isso estava além das suas forças.

Viu quando ela respirou fundo outra vez, tentando controlar os tremores do corpo e lembrou que ainda tinha o celular pressionado contra a orelha. Desligou a ligação após murmurar para a pessoa na linha que daria um jeito na situação e ligaria de novo em um minuto.

Ela não desviou os olhos dele e Sean esperou. Estava escrito nos olhos dela que ela não queria contar a verdade, talvez tentando se proteger ou proteger alguém, dele ou de outra pessoa. Talvez estivesse pensando no quanto poderia dizer sem revelar toda a verdade ou talvez estivesse considerando mentir. Ele não se importava, contando que ela dissesse algo.

Dara deixou os ombros caírem e aquilo deixava claro o quanto ela estava cansada, física e emocionalmente. Ele só não esperava ouvir o que ela diria a seguir:

— Preciso de ajuda para tirar uma criança do

PERIGOSAS NACIONAIS

hospital.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

Quando acordou naquele dia, como todas as manhãs nos últimos dias, não o amaldiçoou antes mesmo de ele começar. Ainda era difícil lidar consigo mesma e com seu subconsciente, juntando forças para levantar da cama, estufar o peito e erguer a cabeça, indiferente às dores que sentia pelo corpo.

Os ossos das mãos doíam como todos os dias, o braço também, talvez aquilo nunca fosse embora, mas ela já estava acostumada. Aquela dor era a lembrança constante de que estava viva, era a lembrança de que vencera, que era forte, embora precisasse provar a si mesma o quanto assim que abria os olhos.

Conseguiu, com o tempo, parar de amaldiçoar a si mesma também, pelas manhãs. Não havia notado o quanto era desgastante o pensar em desistir. O cogitar não mais existir. Perguntou-se por quê, certo dia, cansada de viver em razão de dores do passado.

Afinal, ela estava viva. Existe vitória melhor que essa? Brigou consigo mesma quando enfim percebeu que aquilo não era vida. Acordava, as dores davam o ar da graça, a cabeça era inundada de coisas que queria esquecer, uma rotina que por mais horrível que fosse, fora a única que conhecera durante anos e se perguntava qual o propósito de tudo aquilo. Por que lutava? Por que ainda insistia em viver? Por que? Ou melhor, por quem?

A pessoa em questão, minúscula, gordinha e de fraldas dormia sobre seu peito todas as noites e dedicava-lhe, todos os dias, o melhor sorriso banguela do mundo.

Ali, sorrindo de volta, o sorriso mais sincero e aberto de anos, ela notou mais uma vez que, sim, valia a pena lutar, valia a pena acordar para um novo dia sem saber como ele terminaria, valia a pena tremer noite após noite rodeada por homens de caráter duvidoso, e que o que não valia a pena, o que não era justo nem consigo nem com o pequeno embrulhinho sobre seu peito era o dedicar-se pela metade.

Hipócrita, isso que ela era. Fraca. Covarde.

Lutou tanto para fugir, para ter um futuro longe das dores e diferente para sua pequena, mas ruía por dentro, desejava inconscientemente, ou não, ter coragem de dar fim a própria vida, de desistir.

Sim, carregaria todas aquelas marcas, as físicas e psicológicas, pelo resto da vida, mas quando seria o momento de ser reerguer? Não o levantar de cabeça fingido de todos os dias, mas um erguer verdadeiro, um sorriso sincero, uma força forjada em razão de si mesma e não do passado.

Aquilo era vida? Refugiar-se em si mesma, na sua bolha escura, sombria e fingir estar bem? E fingir que era forte, uma sobrevivente? Não, não era, nem justo, nem real.

Era um processo lento e doloroso, mas preciso. Não procurou ajuda, não comentou nada com ninguém, não precisou de livro de auto-ajuda. Buscou na memória o momento quando desistiu de si mesma e como faria para se reinventar.

Revivia lembranças todos os dias como parte do processo de cura que escolheu para si mesma. Chorava sozinha quando sentia na pele feridas antigas sangrarem como novas. E seguiu em frente,

puxando lá da memória os piores dias do cativoiro, comparando-os com as manhãs que não precisava acordar já alerta ou com um corpo indesejado sobre o seu.

Assim que se reerguia. Foi assim que passou a não mais maldizer o dia, que passou a sorrir para filha, o amor da sua vida, não com a esperança de que para ela a vida seria diferente e sim para elas. Se Lara teria um futuro melhor, se por aquele serzinho minúsculo ela lutaria todos os dias, por que não por si mesma?

Naquela manhã acordou com uma mãozinha pequena e gordinha tocando-lhe o nariz e uma vozinha que a chamava, balbuciando a única palavra que sabia.

— Mama.

Dara sorria. Não conseguia nem queria se conter. Parte do seu reerguer era viver a vida como ela era, mas aproveitar sempre até os mínimos detalhes. Há algumas semanas Lara passara do balbuciar confuso, cheio de sílabas desconexas e às vezes zangadas por não ser compreendida, para o tão esperado “mama”. Desde então aquela era a

única palavra que saía por sua boca e todos eram mamas.

Levantou-se com ela nos braços e, como só trabalhava à noite, dedicou-se a filha como todos os dias. Banharam-se rindo no banheiro pequeno, comeram frutinhas amassadas juntas, porque Lara não é boba e desde que comeu chocolate pela primeira vez, mimo de uma mãe babona, não quer comer outra coisa e só come se a mãe comer também.

Então Dara amassou as frutas e comeram juntas. Depois rolaram no tapete peludo e fofinho que havia comprado há alguns dias, a primeira coisa que comprara para sua casa com o primeiro salário que recebeu.

Lara amava aquele tapete, rolava de um lado para o outro e engatinhava, rindo sozinha com a coceirinha gostosa que a pelúcia causava na sua pele. As duas ficavam por ali a manhã inteira, rindo e brincando juntas, até a hora do almoço.

A papinha de legumes, como as frutas pela manhã, eram para duas e Dara ria sempre que a pequena abria o bocão para receber a próxima

colherada e depois a fitava, a espera que ela comesse também.

Após o cochilo da tarde, sobre o tapete, Dara levantou-se para começar a se arrumar para o trabalho. Deu um beijinho na testa da filha e foi quando percebeu que ela estava com febre. Havia notado que a menina não estava tão participativa naquele dia como os outros e que parecia um pouco abatida, cansadinha, mas pressupora que aquilo era sono.

Não era. Buscou um termômetro e após constatar que não estava imaginando coisas ou se precipitando, chamou Murielle.

— É uma febre baixa — a morena dissera pouco depois, após levarem a menina para a cama, que mesmo assim não acordou. — Não precisamos nos preocupar. Não agora, ao menos.

— Mas o que ela tem? — Dara rodeava a cama, inquieta. É claro que a filha já ficara doente antes, mas aquilo nunca ficava mais fácil.

— Talvez seja algum dente nascendo. Ou talvez um resfriado, não temos como saber agora. Mas ela está bem.

— Ela está com febre, é claro que não está bem.

— Dara — uma das melhores qualidades de Murielle era a sua eterna paciência. — Lara já teve febre antes, você lembra? Quando os primeiros dentinhos nasceram. Vai ficar tudo bem.

— Mas...

— Vou cuidar bem dela. Você não tem que se arrumar para ir para o trabalho? Vai ficar tudo bem.

Mas não ficara. Antes de sair de casa, Lara acordou chorando, os olhinhos vermelhos, o nariz congestionado e a respiração fraca. Aquilo, a dificuldade com a qual ela respirava, nunca havia acontecido antes. Chorou junto, com a menina agarrada ao peito, sem querer deixá-la.

Murielle sugeriu que fizessem uma nebulização, afirmando que assim Lara voltaria a respirar melhor. Dara saiu, um banho mal-tomado, as roupas vestidas às pressas e comprou com o que restava do dinheiro que recebera um nebulizador, soro fisiológico, remédio para febre e todos os remédios infantis para resfriado que a moça da PERIGOSAS ACHERON

farmácia sugeriu e que não precisavam de receita.

Quando saiu de casa para trabalhar, Lara estava pior. Pálida, molinha, parecendo cansada e a respiração não havia voltado ao normal. Havia um chiado que saía por sua garganta sempre que inspirava e o chorinho congestionado, a pele suada, os olhinhos vermelhos a impediam de sair de deixá-la. Steve poderia lidar com a sua falta por uma noite apenas, não seria grande coisa, mas Murielle não permitiu que ficasse em casa.

Apenas porque Murielle era Murielle, a pessoa que mais confiava no mundo, que amava sua filha tanto quando ela mesma e que prometera avisar se Lara piorasse, Dara conseguiu sair de casa.

Trabalhou a noite inteira com a cabeça longe, o pensamento em casa e na sua pequena. Quebrou garrafas sem querer, o coração apertado no peito, um pressentimento ruim crescendo aos poucos.

Minutos antes de dar o seu horário, recebeu uma mensagem de Murielle e as lágrimas que impedira de surgir durante toda a noite, encheram

PERIGOSAS NACIONAIS

seus olhos.

Sei o quanto você não queria que isso acontecesse, mas eu não sabia o que fazer.

Estamos no hospital St. Patrick. Dara não está bem. Por favor, venha assim que puder.

Saiu, cega, pela porta do bar, procurando na bolsa por notas esquecidas que dessem para pagar um táxi até o hospital. Tentava se impedir de pensar no pior, mas o pior já havia acontecido. Murielle sabia o quanto seria perigoso para as duas, mãe e filha, ir para o hospital. Dara se recusara até mesmo a ser acompanhada no pós parto, suportou as dores pelo corpo e principalmente na barriga por dias, sem reclamar uma vez sequer. Porque sabia que não podia arriscar, sabia que não poderia dar chance ao azar, sabia que não poderia deixar pistas do seu paradeiro ou ele a encontraria.

Com os olhos cheios, só o viu quando quase deu de cara contra seu peito. Lá estava Sean, de terno e lindo como todas as noites, mas daquela vez ela não conseguiu sorrir como cumprimento. Era isso que faziam, sorriam, trocavam poucas palavras e apenas as necessárias.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela noite ela não conseguia sequer pensar em outra coisa que não o bem estar da filha, não conseguia impedir-se de imaginar os piores cenários, as possíveis consequências que viriam.

Aceitou a carona com a cabeça dando voltas, o coração apertado e as lágrimas escorrendo pelo rosto. Não queira que ele estivesse por perto quando caísse, mas ele não foi embora. Ficou ao seu lado, não exigiu respostas como qualquer outra pessoa faria e então ela cedeu.

— Preciso de ajuda para tirar uma criança do hospital — aquela era a voz do desespero. Aquela era uma mãe externando seu maior medo. Não o que todas mães tem, mas o medo de uma mãe que espera que a vida não seja tão injusta com a cria quanto foi com ela mesma.

Ela pegaria sua filha, sairiam daquele lugar antes que perguntas fossem feitas, antes que coisas fossem exigidas, coisas que ela não tinha por segurança.

Dara tremia. De cima a baixo, seu corpo parecia feito de massinha de modelar, trêmulo. Pensara que a vida, àquela altura, não teria mais

como colocá-la para baixo, à prova, mas quem pode prever o futuro? Quem pode prever as surpresas e dores que virão?

Ao contrário do que temia, Sean nem piscou, embora parecesse surpreso.

— Por que? — perguntou apenas, curioso.

— É complicado — não queria revelar demais, mas sabia que devia ao menos uma explicação. — Tudo que você precisa saber é que o que estou fazendo é para o bem dela.

— Tudo bem — não, não estava tudo bem. Tudo naquela situação era um completo absurdo, mas apesar disso, ele parecia acreditar na palavra dela.

— Você vai me ajudar?

— Onde ela está? — perguntou enquanto retirava o celular do bolso da calça social.

— Na ala pediátrica, aguardando atendimento.

— Por que ainda não recebeu atendimento?

— Porque ela não tem... — hesitou. Documentos, era o que diria. Lara não possuía

registro de nascimento, porque nasceu em casa e todos os cuidados médicos que recebera até ali eram ministrados pela mãe temerosa e a tia dedicada e compreensiva. — É complicado. Ela precisa de atendimento, mas posso dar um jeito, em outro lugar — precisava acreditar nisso.

— Qual a idade dela?

— Oito meses — sussurrou após hesitar por um instante e Sean afastou os olhos do celular.

— Um bebê, então — a fitou por um tempo, calado e depois de pensar por um instante, afastou-se enquanto colocava o celular na orelha. — Espere aqui.

Após uma rápida ligação e uma também rápida conversa com a moça curiosa do balcão, ele voltou. Dara roía o que restava das unhas e o fitava apreensiva.

— A ala pediátrica fica no terceiro andar. Aquela moça vai acompanhá-la até lá — ele disse, apontando para a mulher. Dara apenas piscava, surpresa. Sean a ajudou a levantar e continuou: — Quando chegar lá, ela vai levá-la até a sala do doutor Gustavo.

— Mas, eu...

— Você não precisa contar nada que não queira. Pegue a criança, siga a enfermeira e deixe que ela seja examinada. Quando terminar, estarei esperando por você aqui.

— E se...

— Dara — ele segurou suas mãos, esperando até que ela focasse o olhar no seu rosto. —, você pode pegar a criança e sair daqui quando quiser. Mas não prefere que ela seja atendida antes? — ela concordou com a cabeça, os olhos marejados. — Prometo que assim que ela for atendida levo você para onde quiser.

— Promete? — ela queria correr dali, mas o bem estar da filha a impedia de seguir seus instintos. Segurou as mãos dele com força, como se buscasse a coragem que não tinha para fazer o que ele pedia.

— Prometo — ele hesitou um pouco antes de acariciar seu rosto. Ela permitiu-se ser tocada. As lágrimas que se formavam novamente nos seus olhos transbordaram e ele as enxugou delicadamente. — Agora vá. Estarei aqui quando

voltar.

Ela respirou fundo e ainda o fitou por um instante antes de relutantemente soltar suas mãos.

Ergueu os ombros e tentando ser firme, acenou com a cabeça antes de se dirigir até a mulher que a aguardava alguns metros de distância. Sean a observou caminhar incerta até o elevador e permaneceu de pé até vê-la entrar no mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

O percurso até o terceiro andar pareceu durar uma eternidade. Dara tentava respirar fundo, tentava esquecer as consequências que com certeza viriam, tentava deixar de lado o desespero, mais não conseguia.

Elas não deveriam estar ali. Deveria pegar sua filha e correr dali o mais rápido possível, para longe e pensar em um jeito de lidar com a situação.

Poderia tentar contatar alguém, talvez algum amigo de Murielle, ou qualquer outra coisa. Poderia dar um jeito, mas como? Sem dinheiro, sem conhecidos na cidade, documentos e uma bebê de oito meses sem registro?

Dara havia sido cuidadosa até ali, embora negligente. Negligenciara a própria saúde em prol de sua liberdade, em prol da sua segurança e da menina. Conversou com Steve na sua segunda semana de trabalho e conseguiu que ele concordasse em pagá-la em dinheiro vivo, longe das burocracias de bancos. Assinava mensalmente

PERIGOSAS ACHERON

um recibo que ele havia feito só para ela como Dara Stewart e a primeira vez que o patrão a chamou por “Stewart” demorou vários minutos para responder.

Estava dando um jeito na vida aos poucos, vencendo as dificuldades. Tinha um teto onde morar, um trabalho para pagar as despesas, uma melhor amiga com quem poderia sempre contar e um anjinho a quem dar e receber amor todos os dias.

Finalmente, por alguns dias, pôde respirar aliviada. Por alguns dias, pensou que poderia começar a pensar em si mesma. Pensou que talvez por aquele homem bonito e gentil que a observava por horas, que a seguia até em casa, protegendo-a sem se impôr, que a ajudara assim que se conheceram e continuava ajudando, talvez, só talvez, valesse a pena se arriscar pela primeira vez.

Talvez, se ela não estivesse interpretando errado os sinais que recebia, talvez ele estivesse disposto a conhecê-la melhor. Não a parte obscura e ferida de si mesma que tentava superar, mas sim uma parte nova que ela descobria a cada dia; uma

PERIGOSAS NACIONAIS

Dara livre que sorri e busca viver da melhor maneira que pode, uma Dara que se descobre melhor a cada dia e que aos poucos se aceita.

Talvez fosse possível, talvez ele gostasse dessa versão dela. Talvez ela gostasse de estar perto dele, de conversar com ele. Tocá-lo, permitir-se ser tocada, sentir-se viva pela primeira vez com outro alguém.

Então a vida, que nunca lhe fora uma benfeitora, mais uma vez a trouxe de volta para a realidade, longe de sonhos, desejos e possibilidades ilusórias de um futuro melhor.

Nunca seria normal. Nunca seria de fato livre porque sua liberdade lhe fora roubada muitos anos atrás. Por mais que tentasse, porque por mais que desejasse isso, em algum lugar por aí o monstro que a fez de brinquedo sexual desde os nove anos ainda a procurava. Ele tem meios para isso, tem dinheiro, conhecidos, poder e sabe-se lá mais o quê.

E agora sua filha sofria as consequências do seu passado, impossibilitada de buscar o tratamento que precisava porque não poderiam ser expostas. Porque não podiam arriscar. Isso não era vida.

PERIGOSAS ACHERON

Enxugando o rosto, Dara respirou fundo e ergueu a cabeça, ignorando o olhar curioso da mulher ao seu lado. Tenta pensar com clareza, embora na atual situação, isso não ajude.

Sabe que se assinar algum papel, que se seus documentos forem exigidos ou, pior, os documentos da menina, ela estará em sérios problemas. Sean havia dito que ela não precisaria falar se não quisesse, mas como faria isso em um hospital? Como responderia ou comprovaria o que respondesse sem sequer um documento em mãos e nada além da sua palavra? Acreditara nele, sabia que ele só queria e estava a ajudando, mas no menor sinal de problemas, daria um jeito de fugir dali com a menina. Que a caçassem depois, ela já estaria longe.

Descendo do elevador ao chegar ao terceiro andar, ela conseguiu pensar com clareza pela primeira vez. Vai seguir até a filha, levá-la até a sala do tal doutor Gustavo, vai garantir, primeiro, que ela seja examinada e que seja tratada e depois, só depois de ter a certeza que a sua pequena ficará bem, vai parar e pensar no que fazer.

As consequências viriam, era uma certeza e lidaria com elas conforme chegassem. Talvez tenha que fazer as malas e abandonar o único lugar no qual se sentiu segura, o único lugar onde conseguiu aportar. Talvez tenha que deixar aquela cidade para trás, iniciar novamente a busca incessante por emprego ou talvez até se arrisque a deixar o país. Só precisaria planejar tudo com cuidado, mas não naquele momento.

Viu Murielle antes que fosse vista e não conseguiu respirar até que encontrasse um pacotinho minúsculo, amontoado nos braços da morena. Dara pegou a menina nos braços, as mãos trêmulas reconhecendo o corpinho redondo e fofinho, a pele que ainda estava quente e a respiração fraca. Beijou sua testinha, acariciou os cabelinhos loirinhos e ralos e fechou os olhos, rezando em silêncio.

Sentiu ali as forças diminuindo. Tão fraca era, tão pequena, minúscula que não era sequer capaz de prover o melhor para sua filha. A vida poderia ser diferente se seu passado não fosse tão horrível e sabia que não tinha culpa, mas ainda

assim se culpava.

Ouviu um pigarro às suas costas e virou-se relutantemente, abraçando a menina com cuidado, mas firme, relutante em soltá-la.

Havia um homem de jaleco observando-as em silêncio em frente a porta para o consultório. Alto e moreno, uma barba bem feita e cuidada, ele não parecia ter mais que trinta anos. O homem cumprimentou a mulher que acompanhara Dara até ali e a dispensou com o mesmo gesto.

— Você é Dara, suponho — ao passo que ela só confirmou, temerosa, com a cabeça, ele perguntou, fitando Lara que acordava aos pouquinhos: — E qual é o nome dessa princesa?

— Lara — não queria ter que mentir, então disse apenas o primeiro nome da menina que, na verdade, era o único que ela tinha.

— Quais são os sintomas que Lara apresenta? — perguntou, fazendo um sinal para que seguisse até a sala. Dara caminhou, incerta, até onde ele indicava. Lançou um olhar preocupado para Murielle, mas a morena apenas lhe lançou um olhar encorajador.

— Febre, nariz congestionado, dificuldade para respirar, cansaço e há um chiado que escapa por sua garganta sempre que ela expira — Dara listou os sintomas.

— Doutor Gustavo — a moça atrás do balcão próximo a porta da sala do doutor chamou, levantando-se da cadeira.

— Sim? — o médico perguntou, observando a expressão angustiada e preocupada de Murielle. Fez sinal para que ela entrasse na sala também, notando o quanto a criança era importante para ela também.

— Preciso preencher os formulários de admissão e...

— Eu resolvo isso. Obrigada, Karina — ele respondeu e Murielle hesitou ao ouvir aquilo, mas logo seguiu em frente e se prostou ao lado da amiga, em pé no meio da sala.

Dara tremia, mas conseguiu manter as pernas firmes quando ele fechou a porta, escondendo-as do olhar indignado da moça do balcão.

— Posso? — ele perguntou, esticando os braços para pegar a menina. Dara hesitou apenas

PERIGOSAS ACHERON

por um segundo, mas logo deixou que ele a pegasse. Abraçou-se com força enquanto o observava deitá-la com cuidado sobre a maca disposta na outra extremidade da sala.

Lara reclamou só um pouquinho, um chorinho cansado, mas se acalmou quando Dara parou ao lado do médico, ao alcance dos seus olhos.

— Pode abrir o macacãozinho dela, Dara? Preciso auscultar o peito dela — Dara fez como ele pediu e deixou a menina apenas de fraldas. Franziu o cenho quando encontrou a pele dela inteira cheia de manchinhas vermelhas.

— O que é isso? — perguntou, assustada.

— Surgiu pouco depois que você saiu, quando a febre aumentou — Murielle respondeu da cabeceira da cama, olhando a menina com preocupação. — Parece uma reação alérgica.

— É uma reação alérgica — o médico confirmou, lançando um olhar surpreso para a morena. Logo voltou a se concentrar em Lara. — Só precisamos descobrir o que causou isso.

— Isso é... Isso é grave? — perguntou Dara,
PERIGOSAS ACHERON

o coração batendo na garganta.

— Ela vomitou?

— Não — as duas mulheres responderam juntas.

— Pode segurá-la sentada? — Dara obedeceu rapidamente, sentando a menina e brincando com suas mãozinhas quando ela começou a choramingar.

Após examiná-la, o doutor recolocou as roupas dela com cuidado e deixou que Dara a pegasse nos braços para acalmá-la quando começou a chorar.

— Vou prescrever alguns remédios para a reação alérgica e a febre — disse ele, sentando-se na cadeira por trás da mesa lotada de papéis. Procurando entre eles, escolheu um e começou a escrever rapidamente. — Mas antes de diagnosticar com certeza o que ela tem, preciso de um exame de sangue.

Perdida, Dara apenas piscou. Observando sua expressão, ele continuou:

— Não se preocupe, o hospital tem seu

próprio centro de análises e em pouco tempo vamos descobrir o que ela tem.

Dara confirmou com a cabeça e permaneceu calada enquanto o observava fazer uma rápida ligação e em questão de minutos uma mulher aparamentada com uma bandeja contendo diversos utensílios apareceu.

Sentou-se com a menina nos braços, acomodando-a como se fosse amamentá-la e segurou o bracinho inquieto com cuidado para que a mulher pudesse retirar o sangue.

Lara chorou alto e as duas mulheres choraram juntas. Era um chorinho tão sofrido, tão cansado que até a mulher da seringa tinha os olhos molhados quando saiu da sala. O doutor sorriu.

— Tem algo que você possa me contar sobre a criança? — ele perguntou gentilmente enquanto permaneciam na sala esperando o resultado do exame.

Dara hesitou por um segundo, lançando um olhar para Murielle. Depois fitou a menina, dormindo nos seus braços após tanto chorar. Ele havia sido tão gentil, tão compreensivo que ela se

PERIGOSAS ACHERON

permitiu responder.

— O que senhor quer saber?

— Primeiro, pode me chamar de Gustavo — ele corrigiu, sorrindo — Fora essa vez, ela já esteve doente antes?

— Não, só febres baixas devido ao crescimento dos dentinhos e reação à vacinas.

— Estão todas em dia? — perguntou enquanto começava a preencher um formulário com as informações que ela dava. Dara começou a sentir-se inquieta, temerosa, mas se esforçou para responder apenas o mínimo possível.

— Sim — respondeu ela. Murielle não trabalhava mais no postinho de saúde, mas tinha alguns colegas que a ajudavam a conseguir as vacinas que Lara precisava.

Ele hesitou apenas um segundo antes de perguntar com cuidado:

— Algo mais que possa me contar? Nome completo, nome dos pais, onde nasceu, registro de nascimento?

— Não — sua voz saiu firme, embora

estivesse pronta para sair correndo daquela sala no segundo seguinte. Sentiu Murielle se movendo às suas costas e soube que a amiga também estava preparada.

— Tudo bem — ele aceitou sua resposta e largou a caneta.

Pegou o papel que rabiscava com os dados da menina e depositou-o no fundo de uma gaveta. Encarou seus olhos por um segundo, olhou para a menina e não precisaria ser um gênio para concluir que eram parentes, menos ainda para chegar a conclusão acertada de que a menina era sua filha, levando em conta o quanto eram idênticas.

O resultado do exame chegou meia hora depois e por todo esse tempo eles permaneceram em silêncio enquanto o médico ministrava algumas medicações para a febre e a alergia de Lara.

— O que ela tem? — Dara perguntou, temerosa, encarando a expressão preocupada dele enquanto abria o resultado.

— Segundo as taxas no sangue dela, a respiração fraca e o ruído nos pulmões, Lara tem asma e um começo de anemia — ele disse devagar

e Dara precisou se segurar na cadeira, fechando os olhos.

E lá estava, mais uma rasteira da vida. Àquela altura já deveria saber que o que está ruim sempre pode ficar pior. Só que, dessa vez, a vítima das armadilhas do destino não era ela.

CAPÍTULO 10

— E a reação alérgica? — sua voz não passava de um murmúrio angustiado, mas precisava ter todas as informações para fazer o melhor para sua filha.

— Devido a asma, provavelmente a causa seja o contato com pelo de animais, poeira ou até mesmo bichinhos de pelúcia — listou o médico.

— Lara não tem contato com animais, o apartamento é aspirado todos os dias e ela não possui bichinhos de pelúcia — Murielle comentou, confusa. — Como...

— O tapete — Dara murmurou, cortando a amiga. — Um tapete de pelúcia, desses fofinhos cheio de pelinhos falsos poderia ser a causa?

— Eu diria que provavelmente sim, levando em conta que todas as outras opções estão fora de cogitação.

Fechou os olhos, respirando fundo, sentindo-se culpada, mas não tinham tempo para aquilo

agora. Precisava se concentrar nos problemas de saúde de Lara e se assegurar sobre o que fazer, passo a passo, porque talvez aquela fosse a última vez que ela entraria em um hospital.

Rezava para ser capaz de lidar com a situação, de ser capaz de cuidar da filha como sua saúde exigia. Rezava para ser capaz de não ruir enquanto isso porque uma das causas da doença do seu anjinho era indiretamente sua culpa.

— Vou receitar alguns remédios para a asma, a anemia e qualquer febre eventual — o doutor prosseguiu e Dara tentou envitar não começar a pensar ali em como faria para comprar todos aqueles medicamentos. Se implorasse por um adiantamento, Steve talvez a ajudasse. — Tenho algumas amostras — ele parecia ter captado o desespero na sua expressão, embora ela tentasse esconder. — Espere aqui.

Ele levantou-se e saiu da sala. Dara ainda foi capaz de vê-lo digitando algo no celular antes que fechasse a porta atrás de si.

— Vai ficar tudo bem — Murielle disse, apertando seu ombro. — Vamos dar um jeito.

Dara acenou com a cabeça, distraída fitando o rostinho rosado da sua menina. Sim, daria um jeito na situação. Tudo ficaria bem, nem que para isso tivesse que trabalhar dobrado.

O doutor demorou vários minutos para voltar para a sala, tempo esse que as duas mulheres usaram para tentar se acalmar e pensar em possíveis soluções. Ele trazia nas mãos um sacola de plástico de tamanho médio e entregou-a a Murielle antes de sentar-se novamente.

— Tem o suficiente para alguns dias, mas você vai precisar comprar uma bombinha para ela, para emergências. Quando ela estiver chorando, por exemplo, e a respiração estiver rarefeita, você usa a bombinha por algumas vezes em um espaço de tempo e, se não funcionar, você precisa trazê-la para o hospital com urgência. Tudo bem? — Dara acenou com a cabeça, anotando tudo mentalmente. Ele buscou novamente papel e caneta sobre a mesa e começou a rabiscar rapidamente. — Vou anotar tudo para você, para que não esqueça. Horário dos remédios, uma dieta rica em ferro para combater o início de anemia...

Prosseguiu listando todas as recomendações e no final a entregou a folha, levantando-se da cadeira. Abriu a porta e a ajudou a levantar, sem encostar demais, sendo apenas prestativo.

Dara ainda estava receosa, esperando o possível baque que viria quando ele dissesse que infelizmente ela teria que prestar esclarecimentos sobre a menina ou a comunicaria sobre o valor da consulta. Mas ele não fez nada disso, apenas manteve a porta aberta para que saíssem.

Dara hesitou em sair, ainda esperando algo que não viria e ele riu um pouquinho da sua expressão confusa.

— Você está liberada para sair agora. Mas...
— hesitou, pegando algo no bolso do jaleco e estendendo para ela a seguir. — Só se me prometer que trará Lara para uma consulta de acompanhamento mês que vem.

Dara pegou o cartão que ele lhe entregou e franziu o cenho.

— Mas...

— Não se preocupe, serão apenas consultas de rotina, para acompanhar o andamento do

PERIGOSAS ACHERON

tratamento — ele disse e riu quando Murielle se pôs ao lado de Dara. — Mesmo esquema: eu não exijo perguntas, você não precisa falar nada que não queira e nós nos focamos na menina, tudo bem?

— Mas... Por que? — Dara até sentia-se tentada a aceitar. Estava preocupada com a saúde de Lara e temia não ser capaz lidar com a situação sozinha. Mas o que ele oferecia era demais.

Como assim uma criança entraria naquele hospital mensalmente e perguntas não seriam feitas? Ela estava pronta para rejeitar a oferta, por mais tentada que estivesse, mas então ele respondeu:

— Sean é um amigo — ele começou a explicar e sorriu ao continuar: — Você se importa muito com a saúde da menina, ele se importa com você e eu estou sempre disposto a ajudar um amigo. Simples assim.

— O-obrigada. Por tudo — guardou as emoções para si e o agradeceu mais uma vez, de coração. — Muito obrigada mesmo, você é muito gentil.

Ele riu um pouquinho e fez um carinho rápido no rostinho de Lara.

— Eu tento. Vamos, levo vocês até lá embaixo.

Dara ainda tentou dizer que elas poderiam descer sozinhas, mas logo ele seguia até o elevador e mantinha as portas abertas para que elas entrassem.

Ao entrar novamente naquele elevador, dessa vez fazendo o caminho contrário, Dara não tremia. Mas o coração batia acelerado devido aos acontecimentos da noite, ao saber que tudo ficaria bem com a sua pequena e, principalmente, ninguém a tiraria dela. Ninguém tomaria sua filha, como supôs ao entrar naquele hospital. Ficaria tudo bem.

Desceram do elevador e lá estava ele. Em pé, olhando ao redor, sempre atento ao que acontecia. Embora tivesse esperado por algumas horas sentado naquela cadeira provavelmente desconfortável, seu terno não estava amassado e sua expressão era suave. Não estava irritado por esperar, não estava cansado.

Sean é um homem paciente. Prova maior

PERIGOSAS ACHERON

disso é a sua presença constante no O'Reilly's sem nunca se aproximar, sem nunca dar um passo a frente, deixando essa decisão para ela. Se ela avança, ele segue. Se ela recua, ele se afasta. Ele não se impõe, não tenta controlar a situação e deixa isso claro quando ela se aproxima com Lara dormindo mais uma vez nos braços, coberta por uma mantinha e pergunta, gentilmente:

— Tudo bem? — ela não tenta reprimir o sorriso, o mais verdadeiro e aliviado de dias. Os olhos dele caem para seus lábios por um instante, mas logo ele volta a fixar o olhar no dela. — Presumo que esteja tudo bem, então — comenta levemente divertido.

Dara acena com a cabeça, tentando reprimir as lágrimas.

— E tudo graças a você. Obrigada — a voz é quase um sussurro, mas ele consegue ouvir e acena com a cabeça, como se dispensasse seu agradecimento.

— Quando precisar — responde. — Obrigado — ele diz ao médico parado atrás das mulheres. Gustavo acena com a cabeça, sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando precisar — responde o imitando. Para Dara, ele diz: — Até a próxima consulta.

— Muito obrigada. Mesmo — queria dizer mais, queria agradecer mais, mas sua garganta estava embargada e temia chorar na frente daqueles homens gentis.

— Foi um prazer — ainda sorrindo, ele retira do bolso frontal do jaleco o que Dara presume ser uma receita e entrega para Sean antes que ela tenha tempo de fazer ou falar qualquer coisa.

Logo ele acena mais uma vez e deixa a sala de espera, caminhando relaxado até o elevador. Os olhos de Murielle, que é casada, mas não é cega, o acompanham até que as portas da caixa de metal o tirem da sua visão. Acordando para a vida e agradecendo por seu descuido ter passado despercebido pelo casal, ela estende a mão para Sean.

— Meu nome é Murielle. Sean, certo?

— Prazer, Murielle — ele aperta sua mão, mas logo sua atenção retorna para Dara. Fita com atenção o topo da cabeça de Lara que aparece envolta da mantinha. — Qual o nome dela?

PERIGOSAS ACHERON

— Lara — Dara responde e, engolindo em seco, como prova de gratidão por toda ajuda daquele homem, ela confessa: — Minha filha.

Ele fita seus olhos por um instante e Dara pensa que ali, finalmente, ele talvez se decida por se afastar. Não tem ideia do por quê aquele homem parece estar interessado nela, sempre disposto a ajudá-la, sempre perto, sempre presente, mas talvez aquilo seja demais para ele.

Talvez uma criança à tiracolo seja um problema para ele, mas ele não deixa transparecer nada em sua expressão e Dara espera calada enquanto ele fita a menina com atenção.

— Ela tem oito meses, você disse? — pergunta e Dara tem certeza de que ele deveria estar calculando sua idade, subtraindo a idade de Lara, os meses da gravidez e concluindo acertadamente que ela era menor de idade quando engravidou.

Talvez ele pense que ela fora uma adolescente levada, descuidada, ou algo do tipo muito longe da verdade sobre o que aconteceu.

Acena com a cabeça e não diz mais nada. Ele

PERIGOSAS ACHERON

a fita mais um pouco, enquanto Dara pode sentir Murielle se remexendo inquieta à suas costas.

— Está pronta para ir? — sempre, sempre um tom gentil. Sempre calmo, sempre uma voz suave. Não tem ideia de qual seja o trabalho dele, mas levando em conta o quanto é gentil, com certeza algum trabalho corporativo, algo calmo, pacífico como ele.

— Sim — responde ela e o cansaço é perceptível na sua voz. O dia amanhecia lá fora. O sol, tímido, aos poucos surgia entre as nuvens, esquentando o que fora uma noite gelada.

— Vamos — ele parece indeciso ou hesitante a princípio, mas apoia uma das mãos nas costas dela, com delicadeza, conduzindo-a pelo caminho.

Murielle, curiosa e surpresa com a interação dos dois, segue atrás do casal e não consegue impedir-se de arregalar os olhos quando chegam até o carro de Sean. Olha primeiro para ele, o cuidado em abrir a porta do passageiro para Dara, e a porta de trás para si mesma. Dara, nada surpresa e parecendo milagrosamente à vontade com a situação, a entrega a menina e espera que ela entre

primeiro.

Aquele homem é, de longe, o mais gentil que conhecera em anos. E bonito, também. Depois de avaliar bem os atributos do doutor, lá estava ela de olhos arregalados e invejosos para cima daquele outro deus do Olimpo.

Era casada e embora o seu casamento não fosse um mar de rosas, nunca sequer cogitara trair o marido. Fizera um voto perante Deus, sua família e amigos e levava isso a sério. Porém, o que é bonito é para ser visto. Está ali, é bonito, é gostoso, ela está olhando. Isso não é traição, é quase uma limpeza visual.

Nunca vira um homem tão bem vestido como aquele. O terno de três peças tinha uma aparência cara, com certeza de alguma marca famosa e, levando em conta aquele carro enorme e luxuoso, Sean tinha uma vida mais do que perfeita. Embora houvesse um quê de elegância em seus movimentos, todos pareciam estudados, sempre calculados, como apenas homens daquele porte e altura precisam ter para não quebrar as coisas ao seu redor.

Alto, pele bem cuidada, músculos perceptíveis mesmo sob o tecido das roupas. Cabelo e olhos escuros, rosto marcante, maçãs do rosto pronunciadas, barba cheia... Murielle queria saber de onde surgiram aquela espécie e, em especial, a daquele doutor, onde habitam e o que fazem da vida.

Ao lado da loirinha tímida e traumatizada de uma maneira que ele não seria capaz de supor, Sean se tornava ainda mais protetor. Gentil, cuidadoso, atento ao seu redor e sempre ao redor dela. Era lindo de se ver e Murielle predizia um futuro inteiro sem precisar de muito incentivo.

Ficava claro para ela, assim mesmo, com apenas poucos minutos de observação, que aquele homem só tem olhos para sua amiga. Ele tentava disfarçar o desejo de se aproximar mais, mas é cuidadoso demais para aquilo e está certo. Murielle conhece o passado de Dara, sofre junto com ela, não na mesma intensidade, é claro, porque apenas quem passou pelo mesmo entenderia esse nível de sofrimento, e Sean parece entender isso.

Ela não sabe exatamente a quantas andam o

relacionamento dos dois, quando se conheceram, onde ou se aquela troca de olhares constante possa ser considerada de fato um relacionamento, mas já é um começo. E um bom, porque Murielle pode até não conhecê-lo, porém os sinais estão todos ali. Na forma como os dois se olham, como ele cuida dela, como ela parece tranquila ao lado dele e mil e outros pequenos sinais.

Com Lara nos braços, Murielle entra no carro e continua observando o casal pela janela do veículo quando Dara fecha a porta. Quando todos estão acomodados e Sean liga o carro, ela não consegue reprimir a curiosidade.

— Então, Sean — chama a atenção dele, deliciada com a maciez do banco sob seu traseiro. Quando ele a observa pelo espelho retrovisor, Murielle continua: — Onde vocês se conheceram?

Dara se remexeu inquieta sobre o próprio banco e Sean desviou os olhos para ela, atento.

— Conheci Dara no O'Reilly's — ele responde, dirigindo com cuidado e dividindo sua atenção entre a estrada e a mulher ao seu lado. Quando Dara parece relaxar novamente sobre o

banco, o mesmo acontece com ele.

É engraçado todo aquele entrosamento. Tem certeza que eles não se conhecem a muito tempo, talvez pouco mais de um mês, ela supõe. Dara não é de sair muito de casa a não ser que isso seja extremamente necessário. Então, supõe que aquilo tenha acontecido no trabalho dela.

Murielle não é idiota. A amiga andara estranha nas últimas semanas, distraída, sempre com um olhar sonhador e logo em seguida um outro do tipo que diz “acorda para a vida, idiota”. Agora ela compreende.

Embora Dara tenha sofrido mais do que ela seria capaz de imaginar, era uma moça jovem, bonita, gentil. Bonita por dentro e por fora, independente do que ela mesma pense sobre si mesmo. E aquele homem, surgido sabe-se lá de onde, a compreendia sem parecer se esforçar para isso.

Tem consciência que para aquilo dar certo será necessário um bom tempo, muita força de vontade da parte dele e da parte da amiga também, porque não será fácil lutar contra seus instintos se

ela quisesse realmente ficar com aquele homem.

Mas eles não precisavam se preocupar com aquilo. Agora que sabe sobre os dois, agora que sonha com um possível relacionamento, com a amiga bem e feliz pela primeira vez na vida, Murielle pode dar uma forçadinha nas coisas.

Coisa pouca, só um empurrãozinho, uma mão do destino, uma intercessão aqui e ali. Um cupido bem afortunado e sonhador com um trabalho duro pela frente, mas que valerá a pena no final.

— Então, há quanto tempo vocês estão namorando?

E o seu trabalho começava naquele momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

— Então, há quanto tempo vocês estão namorando?

Dara arregalou os olhos, engasgou e tossiu. Havia acabado de colocar o cinto e a mão congelou no ar, paralisada.

Murielle realmente não tinha precedentes, zero papas na língua, zero vergonha na cara, mas ela não esperava, nem em mil anos, por uma pergunta daquelas.

Tentou evitar olhar para Sean, mas precisava checar a reação dele, aflita. E lá estava, a calma em pessoa, a expressão indecifrável, as mãos presas ao volante e os olhos atentos ao caminho. Ele não se assustou como ela, não pulou no banco, não se sobressaltou. Continuava calmo, normal, como se estivesse tudo bem.

E estava? Quer dizer, eles pouco se conheciam, eram quase amigos, por assim dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que amigos não se olham da maneira que eles se olham, com desejo nos olhos, mas daí a supor que estejam em um relacionamento é demais até para Murielle.

— O q-que? — por ter engasgado com nada além do vento, sua garganta parecia estar embargada e a voz saía quase como um sussurro.

Sean a fitou por apenas um segundo e voltou a olhar para frente, mas aquele pequeno olhar fora suficiente para que ela notasse o leve divertimento nos seus olhos. Ele achava aquilo engraçado? Levemente divertido? Como podia?

Ela estava quase surtando e listava mentalmente todas as maneiras possíveis de retribuir o favor da amiga. Queria olhar para ela, avisá-la com os olhos que aquele não era o momento, que estava cedo demais, que eles nem chegaram a conversar ainda, mas tão petrificada estava sobre o banco que não conseguiu mover nenhum músculo.

— Perguntei há quanto tempo vocês estão namorando — a amiga da onça repetiu, tranquilidade pingando em sua voz.

PERIGOSAS ACHERON

Queria muito, muito mesmo dar uma resposta a altura, mas não estavam sozinhas. Sean continuou calado, quieto e ela não sabia o que aquilo significava. Se ele estava chocado demais para responder, como ela. Ou embaraçado, embora ele sempre parecesse muito seguro de si, até onde pôde ver. Ou talvez ele só não quisesse constrangê-la com a verdade.

Eram muitas as possibilidades, mas Murielle, aparentemente, ainda não havia acabado.

— Tudo bem. Não precisam responder — disse ela, rindo. — Só estou curiosa, sabe? Até hoje, não me leve a mal, Sean, mas até hoje eu nem sabia da sua existência. Então você precisa entender que estou, no mínimo, surpresa.

— É mesmo? — ele abriu a boca pela primeira vez e Dara o olhou mais uma vez. Definitivamente, ele estava achando a situação engraçada, ela notou, embora ele não sorrisse. Dara queria ser tranquila assim, não surtar com o mais insignificante dos comentários, não criar diversas teorias como fazia.

— Ah, sim. Dara é muito reservada — havia uma pequena crítica na sua voz, mas Dara não conseguiu se sentir culpada pela omissão no momento. Estava muito ocupada tentando se fundir ao banco para prestar atenção em qualquer outra coisa. — Então...

Sean lançou um demorado olhar para Murielle pelo retrovisor e seja lá o que ela fosse dizer, as palavras morreram em sua garganta, o que Dara agradeceu mentalmente. Sinceramente, dentre tudo o que haviam passado naquela noite, aquele era o pior momento para uma conversa daquelas.

Ainda mais levando em conta que eles não estavam namorando. A não ser que troca de olhares pudesse ser levado em conta como um relacionamento, o que não era o caso. Então suspirou aliviada quando a amiga finalmente se calou.

Poucos minutos depois, devido ao tráfico leve pelas ruas aquela hora, Sean estacionava em frente ao prédio em que moravam.

Mas Murielle não havia terminado ainda. Ah, não, Dara estava muito enganada.

Antes que tivessem tempo de reagir ou sequer retirar os cintos, a morena abriu a porta do carro e desceu com cuidado para não acordar Lara.

— Espero vocês lá em cima — disse, sorrindo inocentemente. — Vou fazer um café para você, Sean. Não demorem — continuou antes de bater a porta.

E caminhou calmamente até a entrada do prédio, desaparecendo em seguida.

Dara havia parado com a mão sobre o cinto quando a amiga começou a falar e precisou respirar fundo antes de completar o movimento. Sentou-se ereta sobre o banco e respirou fundo novamente, tomando coragem para falar.

— Você não precisa subir se não quiser.

— Não preciso subir se você não quiser.

Falaram ao mesmo tempo e Dara riu nervosa, passando uma mão pelo rosto. Queria que ele subisse e tomassem um café, o que seria o mais próximo de uma verdadeira interação que já tiveram desde que se conheceram, sem contar os toques e tudo mais que acontecera naquela noite, mas talvez ele não se sentisse à vontade no seu

PERIGOSAS ACHERON

apartamento.

Sean é um homem de condições, levando em conta os ternos caros, o carro e tudo mais, e o seu apartamento, por mais que diga o contrário, nem sequer pode ser chamado assim. É mais um quarto e sala que qualquer outra coisa, o que não é vergonha nenhuma. Não para ela. Mas também passava longe de ser dos melhores com suas paredes mofadas e encanamento barulhento.

Quem não se sentiria à vontade seria ela. Tinha planos de modificar um pouco o lugar agora que tinha condições. Tentar dar um jeito nas infiltrações, pintar as paredes, comprar alguns móveis e trocar o tapete que havia comprado para a filha por um melhor e antialérgico.

Havia planejado tudo, o que precisaria comprar, decorações que poderia fazer sozinha após algumas pesquisas e tutoriais na internet e estava ansiosa para pôr as mãos na massa.

Mas isso demoraria um tempo. O salário que recebia era melhor do que esperava, mas também não era lá essas coisas. Teria que começar aos pouquinhos, sem excessos, mas um dia tudo estaria

do jeitinho que sonhava.

Agora não passava de um monte de mofo e barulhos irritantes. Porém, levando em conta o quanto aquele homem fora gentil e prestativo com ela durante toda a noite, ela perguntou:

— Você quer subir?

Ele a fitou por um instante, parecendo pensar um pouco. Ela tentou deixar a expressão limpa, longe da ansiedade que sentia para saber qual seria a resposta dele.

— Outra hora — ele respondeu, rejeitando sua oferta com gentileza.

Dara suspirou aliviada antes que pudesse se controlar e arregalou os olhos com sua gafe, mas Sean apenas riu. Ela abriu a boca para se desculpar, mas ele foi mais rápido.

— Tudo bem. Fica para uma próxima, certo? — ela acenou em resposta, sentindo o sangue esquentar suas bochechas. — Sua amiga também mora no prédio?

— Sim. Murielle é minha vizinha de porta — respondeu, relaxando um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Há quanto tempo mora aqui? — ele parecia genuinamente curioso e ela não conseguiu se conter antes de responder.

— Quase um ano.

— E você gosta de morar aqui?

— Gosto, embora este não seja o melhor prédio do bairro — ela comentou, franzindo o cenho.

— Entendo — ele fitou a portaria desabitada e em péssimas condições por algum tempo e, ainda sem olhar para ela, perguntou: — O prédio não tem um porteiro?

— Ah, não. Quer dizer, havia um quando eu cheguei aqui, mas ele desapareceu pouco tempo depois. Não sei se foi demitido ou pediu demissão, ele simplesmente sumiu.

— O que o síndico disse a respeito? — ele se encostou contra a porta, olhando para ela.

— Não temos um síndico — aquela fora a primeira vez que ela notara que de fato o prédio não possuía um síndico, percebeu, surpresa. — Não havia percebido isso antes.

PERIGOSAS ACHERON

Sean fitou a portaria mais uma vez, franzindo o cenho. Ela resistiu ao impulso de listar os melhores aspectos do prédio, para apagar a possível péssima impressão que Sean agora tinha, com ajuda dela e seus relatos sinceros sobre sua moradia, mas, para falar a verdade, não existiam melhores aspectos.

O elevador estava quebrado, boa parte do prédio era tomado por infiltrações e, em razão disso, paredes mofadas, o teto do hall de entrada estava a um tris de desabar e a pintura, datada, possivelmente, de três décadas atrás, estava muito além de caindo aos pedaços, como o prédio inteiro em si.

— É um lugar legal — comentou, chamando a atenção dele de volta. — Gosto de morar aqui.

— Entendo — disse ele, mas sua expressão dizia que não. Mudando de assunto, ele perguntou: — Quer tomar café da manhã?

Dara se surpreendeu e a pergunta escapuliu por seus lábios antes que pudesse se deter:

— Agora?

Fechou a boca logo em seguida, porque,
PERIGOSAS ACHERON

afinal, era de manhã, um convite como aquele não deveria surpreendê-la tanto. Mas eram eles ali, não qualquer outro casal. Não eram, propriamente falando, nem mesmo um casal.

Ele e todo aquele mistério que o permeia, expressões sérias, palavras gentis e uma mão amiga sempre que precisava. E havia ela. Jovem demais, machucada demais, com bagagem demais e pouco a oferecer para um homem como aquele.

Pensou apenas por um segundo. Não foi ela que, poucos dias antes, estava cogitando dar uma chance para o quer que aquilo fosse? Não foi ela que permitiu-se, pela primeira vez na vida, criar fantasias com um homem?

Seria apenas um café da manhã, nada demais. Não era um bicho de sete cabeças e aquele não era um estranho. Era Sean. Aquele mesmo Sean que havia acabado de ajudá-la. Mais uma vez.

— Sim — respondeu após um tempo e Sean a observou por um instante.

— Se não quiser, tudo bem também. Posso ir embora — disse ele gentilmente.

Dara balançou a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, eu quero tomar café da manhã —
precisou respirar fundo antes de acrescentar
baixinho: — Com você.

Ele continuou a fitando, mas daquela vez a
intensidade do seu olhar, sempre tão sério, sempre
tão alerta, estava maior. Ele acenou ligeiramente
com a cabeça e ligou o carro.

Dara respirou fundo e afivelou o cinto. Logo
deixavam o prédio para trás.

— O que você quer comer? — ele parecia
entender que ela estava nervosa e por isso
preencheu o silêncio.

— Qualquer coisa. O que você quiser para
mim está bom também — ela respondeu.

— Alguma sugestão de para onde ir?

— Você decide — ela não viu no momento,
mas aquilo era um avanço. E enorme.

Deixar o controle assim nas mãos de alguém
exige confiança. Eram pequenas coisas, pequenos
avanços, mas era um bom começo. Aquilo predizia
um futuro que agora sonhava com frequência,
tornava as coisas aos poucos reais. Possíveis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem — ele respondeu e seguiu atento ao tráfego que aos poucos acordava.

Não se preocupou, nem ao menos por um minuto, que talvez ele sugerisse levá-la para sua casa. Que talvez ele soltasse uma gracinha como “esqueci a carteira, vamos passar lá em casa rapidinho para buscar?” como os caras nos filmes geralmente fazem.

Sean não era assim. E se fosse, na noite em que se conheceram ele seria o cara que a agarrou, não contrário. Ele era um cavalheiro, sempre gentil e muito paciente.

Ele não tinha pressa, não é desses que se esforçam para conseguir as coisas e no primeiro sinal de resistência desistem. Sean é perseverante. Não desiste até que consegue o que quer. E, se ela estiver certa, e aquele convite para o café da manhã era prova viva disso, ela era o objetivo dele.

Ela, nova demais, inexperiente, com bagagem demais. Ela.

— Só preciso passar em um lugar antes — ele disse, quebrando o silêncio enquanto entravam na O’Connel Street.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dara arregalou os olhos, assustada. Ele era como aqueles idiotas dos filmes então? Mas como era possível? Teria confiado cedo demais?

Pouco depois Sean estacionava em frente a uma farmácia. Ele não a fitou, o que ela agradeceu mentalmente e só quando ele desceu do carro ela conseguiu recuperar o fôlego. Que idiota! Riu baixinho de puro alívio e passou a mão no rosto, sentindo a pele corar de vergonha.

Observou-o caminhar calmamente até a entrada do estabelecimento. Observou seus passos tranquilos, o corpo forte preenchendo aquele terno fino, as mãos fortes, o rosto barbado e lindo.

Murielle com certeza diria que ela ganhou na loteria se estivesse ali. E talvez tenha ganhado mesmo.

Após apanhar da vida por todos aqueles anos, merecia um desconto.

E se este viesse na forma daquele homem maravilhoso, gentil e compreensível, além de lindo, então ela aceitaria aquele prêmio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

Ele voltou após alguns minutos e trazia nas mãos uma sacola de tamanho médio. Abriu a porta e entrou no carro, colocando a sacola no banco traseiro e olhando para ela apenas por um instante.

— Pensei em talvez procurarmos algum restaurante ou lanchonete por aqui — ele comentou, enquanto manobrava o carro.

O trânsito por aquelas ruas naquelas primeiras horas da manhã já desafiava qualquer um, mas Sean conseguiu sem problemas se enfiar entre os outros carros.

— Tudo bem — ela concordou e ele acenou com a cabeça. Seus olhos avaliaram o perfil dele por um instante, descendo por todo o resto.

Realmente, aquele era um prêmio e tanto.

Corando e tentando evitar que ele notasse sua pele vermelha, Dara se voltou para a janela, fingindo procurar por qualquer coisa que atraísse sua atenção.

A verdade era que estava morrendo de fome. Não lembrava quando fora a última que comera, mas com certeza fazia um bom tempo. Comería qualquer coisa que ele quisesse, mas depois de um tempo ficou claro que Sean esperava que ela escolhesse o lugar.

Ainda virada para a janela, Dara escolheu a primeira barraquinha de lanches de aparência limpa que viu e apontou para ele.

Escolheu um local próximo para estacionar e ambos desceram do carro, não sem antes ele abrir a porta para ela. Dara preocupou-se tardiamente que talvez ele não se sentisse à vontade comendo em um lugar tão simples, mas Sean não disse nada.

Sentaram-se em uma das pequenas mesinhas dispostas de frente para a barraquinha e Dara folheou distraidamente o pequeno, mas surpreendentemente variado, cardápio que encontrou por ali.

Sean era um homem controverso. Suas roupas, aparência e carro caro contavam uma história, mas suas atitudes contavam outra. Ele claramente tinha muito dinheiro, mas não se

PERIGOSAS NACIONAIS

importava de frequentar um bar decadente como o O'Reilly's. Ou, mesmo que limpo, aquele lugar por exemplo.

Ele parecia à vontade, embora sempre alerta. Os olhos varriam as pessoas que passavam por ali, os carros e até mesmo a moça simpática que servia as outras mesas. Não parecia uma pessoa que é pega de surpresa.

Aquela hora da manhã, mesmo tão cedo, a pequena lanchonete já estava lotada. A O'Connell Street é a principal artéria de Dublin. Ela atravessa o centro da capital, O'Connell Bridge, Westmoreland Street, College Green e Dame Street, terminando na City Hall e o Castelo de Dublin.

O centro da rua é dominada pela presença imponente do General Post Office projetando-se sobre o pavimento a oeste, e o Spire Of Dublin, uma agulha-como autossustentável, uma escultura de aço inoxidável laminado de 120 metros de altura. Ambas as estruturas possuem um grande espaço cívico, atravessando pelas duas vias da avenida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A rua é usada como a rota principal da Parada do Dia de São Patrício e é uma importante artéria de rota de ônibus pelo centro da cidade, como também o famoso e charmoso bonde Luas. Ele só viaja em uma direção, o loop de retorno, para ligar o sistema em St. Stephen's Green, corre pela Marlborough Street, paralela e a leste da avenida.

O movimento de pessoas indo e vindo e a confusão esperada pelos turistas é comum a qualquer hora do dia, por isso Dara, quando morava nas ruas, procurava evitar andar por aquela em especial e todas as ramificações que ela possuía. As pessoas andavam sobre o calçamento esbarrando umas nas outras, seguindo caminhos contrários ou apenas parados admirando algum monumento.

Lugares como aquele não são viáveis para os sem-teto. Não há espaços para descanso, proprietários ou gerentes de loja odeiam encontrar mendigos em suas portas porque dizem “manchar o requinte do estabelecimento” e Dara realmente odeia multidões. Não sabe se por ser tímida ou por todo seu histórico, mas caminhar em meio a tantas

PERIGOSAS ACHERON

peessoas para ela era um martírio.

— O que vocês vão querer? — perguntou a mocinha que atendia as mesas, parada ao lado da pequena mesinha, interrompendo seus pensamentos.

Dara sorriu ligeiramente para ela e concentrou-se novamente no cardápio. Para uma lanchonete tão modesta, eles possuíam uma enorme variedade de pratos. Escolheu rapidamente um café da manhã tradicional, não queria deixar a coitada da moça de pé ali o dia inteiro.

— Um Irish, por favor — pediu e sorriu antes de levantar a cabeça, dando de cara com a expressão sonhadora dela. Seguindo a direção do olhar que mal piscava, Dara encontrou a razão do seu encantamento.

Lindo mesmo aquela hora do dia. Mesmo sem banho, sem descanso e sem dormir desde a noite anterior. Concentrado no cardápio Sean perdeu o momento em que um olhar encantado se transformou em dois.

Dara não a culpava. Conhecia aquele homem a pouco mais de um mês e ainda se surpreendia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o quanto ele era maravilhoso. E, fato raro hoje em dia e em todos os dias: ele era tão lindo por dentro quanto por fora.

Sean ergueu os olhos do cardápio e Dara sorriu. Ele fitou seu sorriso por um instante e seus lábios se curvaram ligeiramente, quase fazendo charme e parecendo acostumado a receber olhares femininos enquanto está distraído.

— O mesmo, por favor. Obrigado — falou com a moça que ainda o admirava em silêncio, mas seu olhar para ela não durou nem dois segundos, logo seus olhos mais uma vez encontraram os de Dara e ali permaneceram.

— Só um momento — disse a menina e saiu dali rapidinho, mas os dois estavam tão perdidos naquela troca de olhares que sequer pareceram ouvir o que ela disse.

Dara não desviou o olhar. Ficou tentada, é claro, e sentiu o sangue esquentar seu rosto, mas não desviou o olhar. Admirou-o em silêncio, todas as nuances daquele rosto perfeito, a barba aparada e delineada, a boca coroando o pacote e o sorrisinho de lado que apareceu depois de algum tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Não conversaram. Sentados de frete para o outro e os olhos que mapeavam traços. Dara sorriu mais uma vez e ele concentrou os olhos em sua boca. O sorriso aos poucos morreu em seus lábios e ela sentiu o calor que esquentava seu rosto descer por todo seu corpo.

O poder daquele homem, seu impacto, sua presença eram capazes de derretê-la sem precisar de muito, apenas um olhar mais demorado, um sorriso naquela boca perfeita, um brilho naqueles olhos escuros.

Após fitar sua boca novamente por alguns segundos, Sean desviou o olhar, parecendo relutante e focou nas pessoas que caminhavam pela rua. Dara soltou lentamente o ar que estivera prendendo sem perceber.

Colocando um fim um pouco mais definitivo no momento, a garçonete logo voltava trazendo nos braços uma bandeja com os pedidos.

— Tenham um bom apetite — disse ao depositar os pratos sobre a mesa.

— Obrigado — Sean agradeceu e a moça assentiu, afastando-se depois de colocar sobre a

mesa duas xícaras de café, guardanapos de papel e pequenas garrafinhas de vidro de complementos com molho.

Dara tinha os olhos fixos sobre o grande e farto prato de comida e esqueceu de também agradecer a mulher. Como comeria aquilo tudo? Ela amava aquela comida, mas deveria ter pedido algo mais leve ou qualquer outra coisa.

O grande prato continha fatias de pão, bacon, salsichas fritas, ovos, morcela preta e branca, feijão com molho de tomate, batata e cogumelos. Gostava de rechear o pão com um pouco de cada por vez, para sentir o sabor de cada coisa separadamente.

Por isso, comia com as mãos. Hesitou apenas por um instante, lançando um rápido olhar para Sean. Ele parecia esperar que ela começasse a comer, então Dara deu ombros levemente e agarrou a primeira fatia de pão, recheando-a em seguida.

— Está aprovado? — Sean perguntou depois que ela deu a primeira mordida e fechou os olhos. Ela fez sinal com a cabeça que sim, a boca cheia. — Então esse Irish eu posso comer?

Ela riu e quase engasgou com a comida. No

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu trabalho, o único prato que serviam era uma variação daquele só que pouco apetitosa e de aparência duvidosa. Ela nunca o deixou sequer fazer o pedido, com medo que tivesse uma intoxicação alimentar depois.

Após engolir e limpar a boca com um guardanapo, Dara fingiu uma expressão séria e ordenou de brincadeira:

— Este você pode comer.

Sean riu baixinho e logo seguiu o exemplo dela, comendo com as mãos.

— Eu gosto de comer assim, mas você não precisa fazer o mesmo — ela disse.

— Desse jeito parece melhor — ele comentou, recheando um pequeno pedaço de pão com ovos e salsichas.

— E é — Dara sorriu e logo abocanhou outro pedaço enquanto Sean dava a primeira mordida no seu próprio pão.

Comeram em silêncio por algum tempo, degustando a refeição. Dara ignorou o café e focou em aplacar a fome que sentia. Teve receio por um

PERIGOSAS ACHERON

segundo de parecer uma morta de fome na frente daquele homem, mas deixou a questão de lado rapidamente e focou apenas na comida.

Quando o princípio de um aneurisma cerebral passou e ela conseguiu focar em outra coisa que não as delícias sobre o prato, ela ergueu os olhos para ele. Riu antes que pudesse se conter.

Sean fazia uma bagunça igual ou maior que a dela e tinha um pouco de molho sobre o nariz. Antes que percebesse o que fazia, Dara pegou um guardanapo e ergueu a mão.

— Espere — disse, quando Sean ergueu os olhos para ela. Limpou delicadamente seu nariz e após retirar tudo, deu-se por satisfeita. — Pronto. Você tinha um pouco de molho aqui.

— Você também — ele disse sorrindo e também pegou um guardanapo. Limpou o nariz dela enquanto ela ria e também o canto de sua boca. — Pronto.

— Obrigada — ela agradeceu ainda sorrindo.

— Então — ele puxou assunto, após beber um gole de café. — Há quanto tempo você trabalha no O'Reilly's?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pouco mais que um mês — ela respondeu, mergulhando um pequeno pedaço de pão no molho.

— E você gosta de trabalhar lá?

— Gosto — respondeu, enfiando o pãozinho na boca. Após mastigar e engolir, confessou: — No início foi um pouco difícil, mas é um trabalho legal.

— Difícil por que? — ele parecia genuinamente curioso e interessado, então ela aos poucos foi se soltando, comentando quantos copos quebrava por noite, quantas garrafas já havia quebrado também.

Rindo, ela terminou o relato contando sobre o seu primeiro dia e toda a história com o uniforme.

— Steve primeiro arregalou os olhos, depois ficou vermelho e pareceu entrar em choque — ela ria enquanto falava. — Mas no final deu tudo certo. Ele não pôde me obrigar a trocar de roupa novamente porque o bar já estava movimentado e assim eu comecei meu trabalho.

Sean sorriu, parecendo contagiado com o sorriso sincero dela.

— Você gosta de trabalhar para Steve?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostar não é exatamente o caso — confessou. — Ele é um pouco estranho e espalhafatoso demais.

— Espalhafatoso? — Sean limpou a boca com o guardanapo e ela sorriu quando ele conferiu discretamente se havia molho sobre seu nariz novamente.

— É, espalhafatoso. Ele meio que é simpático demais às vezes — respondeu.

— De uma maneira apenas estranha ou incômoda? — após terminar de comer, ele relaxou sobre a cadeira, deixando o guardanapo sobre o prato vazio.

— Estranha — respondeu e voltou a se concentrar na comida que ainda restava sobre o seu próprio prato. — Como, por exemplo, a fixação dele por você.

— Como assim?

— Ele parece ficar... — procurou por uma palavra específica, sem se dar conta do quanto estava relaxada e como tagarela. —, ansioso. É, ele parece ficar ansioso enquanto você não chega.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum — murmurou em resposta e em seguida atirou, assim mesmo, a queima roupa: — Só ele fica ansioso enquanto eu não chego?

Dara engasgou com a comida e ergueu os olhos do prato. Sean tinha a expressão séria, como se quisesse saber realmente a resposta dela, mas logo riu, relaxando. Ela preferiu encarar aquilo como uma brincadeira, assim poderia escapar de ter que dar uma resposta.

Bebeu um gole pequeno de café apenas por falta de algo melhor para ajudar a desobstruir sua garganta. Não gostava de café, preferia chás ao líquido preto, mas geralmente esta era a bebida servida junto com aquele prato e também era de graça. Não pediria outra coisa quando ele já estava ali.

— Além disso — Sean continuou enquanto ela depositava a xícara de volta sobre a mesa. —, ele é um bom patrão para você?

Grata por ele deixar a questão anterior de lado, Dara respondeu:

— Ele não é dos piores — limitou-se a dizer. A verdade é que não possuía margens para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comparações, mas mesmo assim não considerava Steve como sendo um ótimo chefe. — Você o conhece?

— Vagamente — Sean respondeu apenas e pela sua expressão Dara não soube dizer se aquilo era verdade ou não.

— Ele parece conhecer você — disse e vencida pela curiosidade, perguntou: — Com o que você trabalha?

— No ramo jurídico — respondeu e bebeu outro gole de café. Era engraçado como a mão dele, grande demais, parecia relaxar ao pegar a xícara, pequena demais em comparação.

— E você gosta da profissão que tem? — Dara terminou de comer, finalmente e percebeu que agora era a sua vez de perguntar o que quisesse saber sobre aquele homem misterioso.

— Gosto — ele respondeu sinceramente. Riu um pouquinho fitando o rosto dela e Dara sentiu seus lábios imitando os dele.

— O que é engraçado? Você... — começou, mas ele a interrompeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Espere — disse e ergueu a mão até o rosto dela, daquela vez sem guardanapo. Limpou delicadamente uma área no canto da sua boca com um dos dedos e recolheu a mão após acariciar a área por um instante.

Dara abriu a boca para agradecer, mas Sean não havia terminado ainda. Levando o dedo sujo de molho até os próprios lábios, ele o colocou na boca, os olhos fixos nela.

— Limpei para você — disse, após retirar o dedo da boca.

Dara estava boquiaberta. Os olhos não se arregalaram, mas permaneceram fixos naquela boca.

— O-obrigada — gaguejou em agradecimento.

Ele devolveu seu olhar, sem desviar, sério, intenso. Dara sentiu a nuca arrepiar, as bochechas coradas, mas também não desviou os olhos.

E quando depois de um tempo seus corpos pareceram inclinar-se lentamente um para o outro, ela não tentou se impedir. Desviou os olhos para a boca dele e mordeu a sua, de repente temerosa.

Nunca havia feito aquilo por vontade própria. Sabia a mecânica da coisa por ter visto na televisão e também Murielle e seu marido, mas não sabia muito. Teve medo de fazer alguma coisa errada, teve medo de ofendê-lo de alguma forma ou passar vergonha.

Não impediu seu corpo de se inclinar até o dele, porém. Sean devia saber o que fazer, talvez pudesse ensiná-la de alguma forma.

Fechou os olhos, pensando que daquela forma seria mais fácil e sentiu o sopro da respiração dele no seu rosto. Preparou-se mentalmente, rezando para que ao menos uma coisa ela fizesse de maneira certa.

Sean encostou a testa na sua e Dara sentiu uma mão gentil tocar seu rosto. Ela abriu os olhos, fitando-o de pertinho, os olhos literalmente quase colados um no outro.

Ele acariciou seu rosto, os olhos investigando os dela e permaneceram assim por um tempo. Dara soube ali que ele havia notado talvez no seus olhos ou na sua expressão o quanto estava nervosa e não avançaria mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais que quisesse beijá-lo, por mais que desejasse pela primeira vez receber mais que um simples beijo de um homem que desejava, ela agradeceu em pensamento. Não estava preparada ainda, não para aquilo. E o mais surpreendente de tudo era que ele entendia.

Não avançou mais e permaneceram assim. A testa dele colada na dela, os olhos colados nos dela e a mão no rosto dela, num carinho reconfortante.

Ali Dara decidiu-se mais uma vez. Se aquele homem teria que lutar para tê-la, como pensara alguns dias atrás, ela também entraria naquela batalha.

Porque, se ele achava que por ela valeria a pena todo aquele cuidado e esforço, por ele certamente valia o mesmo. E ela não descansaria até conseguir o que queria.

Aquele homem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Pouco depois, pediram a conta. Dara temeu por um segundo o que talvez viria a seguir, mas tentou relaxar.

Sim, quase se beijaram. Sim, ela queria aquilo. Muito. Tanto que sentia as mãos trêmulas. E as mesmas mãos que antes tremiam de ansiedade, agora tremiam por outro motivo.

Naquele momento, quando se inclinaram um para outro, quando ele encostou a testa na sua, quanto sentiu sua respiração contra o rosto, o carinho no toque, ali ela o quis ainda mais. Mais do que quando ele colocou aquele maldito dedo na boca e a olhou daquele jeito.

Ele decidiu não avançar, ele escolheu não beijá-la. Ela teria beijado e tinha certeza de que gostaria porque, pela primeira vez em anos, sentiu um toque carinhoso e não ficou a espera dar dor que viria depois.

Não saberia o que fazer caso isso tivesse

acontecido, mas confiava nele para descobrir. Sean é experiente e paciente, uma vez que descobrisse que ela não sabia o que fazer ou como fazer ali, ele a ensinaria. Tinha certeza.

Embora fosse vergonhoso, embora sentisse o rosto pegando fogo apenas em imaginar-se fazendo algo errado, naquele momento, ela o quis. Deixaria que as consequências viessem depois, porque, para o bem ou para o mal, elas sempre viriam.

— Obrigada — ele agradeceu a moça que trouxe a conta, a mesma que os serviu mais cedo, e ela foi embora.

Dara vasculhou a bolsa em busca de alguns trocados, os olhos fugindo dos dele. E isso lá era hora de ter vergonha? Então quase o beijou, mas e daí?

O problema era o depois. Encontrou algumas notas perdidas no fundo da bolsa e, depois de conferir na conta rapidamente, as colocou sobre a mesa. Daria para cobrir metade do pedido.

O problema é o que vem agora. Quase se beijaram, agora está claro que não é impressão sua, ele realmente está interessado nela e tudo mais. E

ela nele.

Mas e agora?

O que acontece depois? Ele espera mais beijos? Ele espera mais liberdades, coisa que ela não pode dar no momento e talvez, vai saber, talvez nunca possa?

Sean não discutiu. Juntou seu dinheiro com o dela e deixou sobre a nota, embaixo do suporte para guardanapo. Olhou para ela apenas por um segundo e levantou. Ela fez o mesmo. Caminhou a passos inseguros, deixando a calçada e encontrou a moça da barraca que lhe sorriu um sorriso cúmplice.

Podia notar algumas pessoas virando a cabeça e olhando em sua direção, mas não conseguiu se importar com o que ou para quem olhavam. Seguiu, tremendo, até o carro. Ergueu a mão e tocou a maçaneta, mas uma mão grande cobriu a sua.

Não conseguiu se impedir de estremecer e fechar os olhos. Aguardou o que viria, a reprimenda, ou um aperto na mão, ou um rosnado irritado. Não sabia em que errou, pelo que seria repreendida, pelo que apanharia. Estavam em

PERIGOSAS ACHERON

público, não deveriam chamar atenção. Os olhos se encheram mesmo fechados e ela prendeu os lábios.

— Dara.

A dor viria, ela tinha certeza. Ela sempre vem. Não importa quanto tempo passe, quanto tempo demore, quanto tempo espere. Ela sempre vem.

Nunca supôs estar segura. O primeiro algoz, o primeiro homem que roubou sua alma e destruiu sua vida estava por aí. Ele também viria um dia. Não importa o quanto fugisse, não importa o quanto corresse, o quão longe fosse. Ele estava por aí a sua procura e uma hora ou outra ele apareceria. E o que faria então?

Teria forças para lutar novamente? Teria forças, seria forte ou ao menos tentaria ser? Sobreviventes sobrevivem, não importa o que. É verdade. Morrem por dentro, são vazios, ocos por dentro, sem esperanças, sonhos, ambições. Mas até quando ela aguentaria apanhar calada?

— Olhe para mim.

Se perguntou se aquilo sempre aconteceria. Se sempre seria julgada, rebaixada, humilhada.

PERIGOSAS ACHERON

Ferida. Esse era o seu destino, então? Servir de saco de pancadas para a vida e para homens vis? Até quando aguentaria? Até quando viveria?

Queria ser feliz, queria acreditar em um final feliz, como recompensa pelos anos sofridos do passado. Queria, mas e se? E se não fosse possível? E se este fosse, como odiava pensar, apenas um sonho? Na vida real não existem contos de fadas. Não existem bolas de cristais que predizem o futuro e guiam caminhos.

Segue em frente, uma batalha por vez, uma luta por vez, e remenda as feridas depois, quando sozinha, com liberdade para chorar e botar para fora as dores que ainda sente. A manhã estava fria, seu casaco não a protegia muito e podia sentir as dores que davam as caras todas as manhãs dando-a bom dia.

— Dara, por favor. Olhe para mim.

Os braços doíam, os ossos remendados, os dedos colados de volta, bonitinhos no lugar que devem estar, mas as juntas, todas elas, ainda doem. A perna dói. O útero dói vez ou outra, uma lembrança dolorosa da sua maior prova de amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tem marcas pelo corpo que nem sempre consegue esconder, uma hora cansa vestir sempre roupas compridas, e elas são os reflexos do que carrega na alma.

Tudo bem que a vida nunca lhe fora uma benfeitora. Tudo bem que estava acostumada, as coisas quase nunca dão certo para ela mesmo, mas tinha que quebrar justamente ali? Poderia ter esperado chegar em casa, poderia ter esperado conseguir alguma privacidade.

Se não queria entrar naquele carro, que seguisse a pé mesmo. Que dissesse a ele que queria caminhar um pouco ou dissesse que precisava ir até outro lugar, resolver alguma coisa ou comprar alguma coisa. É vergonhoso, e isso ela não sabe se acontece com todos que um dia sofreram como ela, mas é vergonhoso quebrar assim na frente dos outros.

Quer chorar, mas quer fazer isso sozinha. Quer recomeçar todo seu processo de cura daqueles últimos dias, relembrar o passado, trazer a tona dias que pensara ter esquecido e se reerguer sozinha. Perguntou-se como uma manhã tão calma, uma

PERIGOSAS ACHERON

manhã tão agradável após horas de um temor quase cego, poderia se transformar naquilo.

Sean não a chamou novamente, mas tampouco retirou a mão da dela. Era um toque quente e ela usou o tempo que precisou para controlar a si mesma. Buscou conforto, após um tempo em que apenas tremia em silêncio, naquele toque. Aquele problema não era dele, ele não tinha nada a ver com aquilo, mas ela conseguiu, de olhos fechados e se esforçando para isso, buscar conforto naquele toque.

A ameaça com o tempo passou. O temor foi embora e o que restou foi a vergonha. Vergonha por quebrar daquela maneira na frente dele. Por assustá-lo. Por predizer algo que talvez nem acontecesse. Mas que, mesmo contra o que ela acreditava, poderia ser possível.

Ele tocou sua cintura. Um toque hesitante, relutante. Ela não tremeu daquela vez, mas não conseguiu cantar vitória. Virou-se devagar, os olhos ainda fechados, seguindo os comandos dele. Não se importou com o que ele via. Não se importou com as lágrimas que uma hora escorreram

sem que percebesse. Não se importou que ele a visse daquela maneira porque aquilo não era nada. Aquilo fora só uma pequena ruptura. Um descuido. Um deslize.

Nada se comparado ao que poderia ser. Nada se comparado ao que talvez ainda acontecesse. Nada, nem de longe. Nem sequer gritou, nem sequer correu ou desmaiou como naquela noite no bar. Aquilo não era nada e embora a vergonha estivesse ali, ela deixou de se importar.

Era bom que ele visse. Era bom que ele enxergasse além do que seu exterior mostrava. Dara não é idiota. Sean também não. Ela vê nos olhos dele sempre que ele hesita, em respeito, antes de tocá-la. Ele espera permissão, ele espera que ela esteja bem. Ele sabe que tem alguma coisa errada. Sabe que talvez ela não tenha participado de boa vontade do ato que resultou na vida da sua filha.

Abriu os olhos. Ele não precisa dizer as palavras. Está ali no olhar dela e também está ali no olhar dele.

O dela diz coisas que sua boca ainda não é capaz. Os olhos dela refletem o sofrimento de sua

alma e os dele mostram compreensão. Sean entende, mesmo que não diga nada. Mas ela sabe que precisa. Não ali, não agora. Mas algum dia.

— Está tudo bem — a voz dele estava calma, uma mão continuava na sua e a outra ainda tocava levemente sua cintura.

Ele respirava fundo, devagar e ela fez o mesmo. Os olhos nos dele, sentindo o toque dele, ela respirou fundo. Respirou fundo até que os olhos só o vissem, longe do passado ou percorrendo sobre futuros longínquos.

O presente estava ali. Estava viva, ainda. Respirava, ainda. Tinha uma filha para criar, para educar e amar e proteger da feiúra desse mundo cruel. Tinha uma melhor amiga que a entendia e servia de suporte, sua base, sua torcida particular. Tinha um trabalho provisório, agora tinha como pagar as contas, tinha como prover o melhor que conseguisse ser e ter para sua pequena. As coisas estavam diferentes, agora.

A vida aos poucos entrava nos trilhos. Trilhos novos, feitos para ela, sem ferrugens, sem marcas causadas pelo tempo, criados exatamente para ela.

Bastava que seguisse em frente. Bastava que parasse de se considerar inferior. Uma ninguém. Ou apenas alguém com um passado. Refém do passado, limitada a ele, sem conteúdo além de dores.

Dores te moldam. Passados te moldam. Mas nenhum deles faz futuro. Nenhum deles sequer tem futuro ou benefícios a longo prazo. Estava viva e tentaria ao máximo focar apenas no presente. Que deixasse as coisas para trás. Que buscasse ajuda profissional, porque aquilo, não importa o quanto ela diga o contrário, aquilo não era vida.

E então, havia ele. Ali para ela, mais uma vez. Uma mão amiga e não repreensora, mais uma vez. Um toque carinhoso, um cuidado na forma que a olhava, um respeito, carinho, paciência.

É, Dara. Este é um homem de verdade. Por ele talvez valha a pena. Por ele talvez você não precise nem se arriscar tanto. Com ele talvez seja possível.

— Estou bem — sua voz quase não saiu, mas tão próximos estavam que apenas aquele sussurro se fez suficiente.

— Você quer conversar? — ela pôde ver na expressão dele que ele sabia que a resposta seria negativa. E foi. — Tudo bem — respondeu. Ela sentiu os dedos dele acariciando os seus com carinho, bem onde as juntas ainda doíam. — Quer ficar aqui mais um pouco?

Ela assentiu, mas foi só. Os olhos não deixaram os dele, o toque dele não deixou seu corpo.

Ergueu a mão devagar, presa naquele olhar e nos seus significados. Só precisa que seja real. Só precisa acreditar que é real. Confiar que o perigo não vem.

Talvez um dia ele venha. Homens são assim e ela ainda não viu aquele quando com raiva. Talvez um dia ele se mostre uma pessoa diferente, mas ali ela escolheu acreditar no que via. Deixa o futuro para depois, encara o presente e foca no que tem bem na sua frente, diante seus olhos, no alcance das suas mãos.

Tocou o rosto dele com a mão que não mais tremia, a mão que não estava na dele. Dedilhando aquele rosto que não saiu da sua cabeça nas últimas

PERIGOSAS NACIONAIS

semanas, ela tomou o tempo que precisava e ele permitiu. Permitiu-se ser tocado, permitiu-se permanecer ali, parado, enquanto ela o reconhecia pelo toque.

Tocou a barba áspera que nunca sentiu em sua pele. Os pelos acariciaram seus dedos em resposta, suaves como nunca imaginou que seriam.

Subiu o toque por sua face e os olhos faziam o mesmo caminho que seus dedos. Mapeando, decorando mais uma vez, agora sob uma nova perspectiva. Com carinho, com cuidado, e aquilo era um aviso.

Esperava o mesmo em troca, seu toque dizia. Esperava o mesmo carinho, o mesmo cuidado, o mesmo respeito. E ele entendia. Estava ali nos olhos que também decifravam o seu rosto.

— Posso beijar você?

Daquela vez não existiam dúvidas ou temores. Havia apenas a certeza e também o desejo.

Compreensão. Respeito. Cuidado, carinho. Era disso que precisava e era isso que esperava:

— Sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O momento certo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

Os olhos não se deixavam e aquela conexão, além do toque, era o que precisava. Ela disse sim, mas ele não tomou a iniciativa.

E ali estava mais uma prova, dentre todas as outras, de respeito. O primeiro movimento era e seria sempre dela. Deveria ser dela e tinha que ser, como deveria ter sido anos atrás.

O corpo era seu. As vontades eram suas. As decisões também deveriam ser todas suas. As permissões, o desejar e esperar por um toque e não recebê-lo a força. E não ser punida por lutar contra. E não ser castigada por gritar e se debater. Por resistir. Por não aceitar.

O primeiro movimento foi seu e assim seria dali para a frente. A mão que o acariciava no rosto o puxou levemente, com delicadeza, com carinho como pedia o momento. Inclinou a cabeça ao passo que ele fazia o mesmo e os olhos continuavam conectados.

Ele se inclinou, ela era baixinha para ele, mal alcançava seu peito. As testas se tocaram primeiro e os olhos ali, de perto, confessando segredos e fazendo promessas.

Não sabia o que fazer, mas fez. Os lábios tocaram os dele com relutância em um primeiro momento. Mais um selinho do que propriamente um beijo. Fechou os olhos por sentir que era o certo a fazer e porque o momento pedia.

A conexão que desejava veio pelo tato e que mágico que era. Sentir um corpo desejado contra o seu, um toque desejado, um carinho esperado e um respeito embutido em tudo sobre aquele momento.

Pressionou os lábios contra os dele, devagar, sem pressa. E pressa para que, afinal?

Ela não iria fugir, ele também não. Não havia qualquer outro lugar que quisesse estar que não aquele. Com ele. Beijando-o.

Moveu os lábios e ele seguiu. Abriu a boca e ele a tomou. Beijou-o com tudo que tinha e ele fez o mesmo. Aquele não era um beijo de posse ou de desejo desenfreado, esfomeado, sedento.

Havia o desejo, ou não estariam ali, mas
PERIGOSAS ACHERON

havia também o respeito. O respeito que o momento pedia, que ela precisava e que apenas ele poderia dar. O beijo não evoluiu mais que aquilo, mas para ela aquilo era vitória.

Sentiu o rosto ser acariciado, a mão ainda estava no rosto dele e a outra sobre o peito dele, as mãos entrelaçadas e as batidas de ambos os corações unidas e em um só. Ela sentia o corpo em paz, a alma tranquila, os temores a metros dali.

Ele se afastava quando ela se inclinou e selou seus lábios pela última vez. Gosto de vitória aquele beijo tinha. Gosto de vitória sobre a vida e sobre si mesma.

A revolução virá, agora ela sabe.

Homem não salva. Homem não tem o poder de te reerguer e te reinventar. De causar revoluções. Pau não salva ninguém. Foi um que a condenou aquela vida miserável. Foram os desejos de um homem descontrolado, um criminoso, um monstro, um pau sem controle que a tornaram o que ela é hoje.

Pau nenhum salva. Homem nenhum salva. Nem todos condenam também, mas, se for para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

plantar revolução, se for para se reinventar, que o seja, que o faça por si mesma, em primeiro lugar.

Que caia e se levante com a força das próprias pernas. Que se erga sozinha. Que não faça ninguém, nem mesmo aquele homem tão gentil e bondoso, de bengala. De apoio. De muleta.

É preciso reaprender a andar primeiro antes de se arriscar a dar os primeiros passos. É preciso engatinhar, reconhecer territórios, ter segurança para se arriscar e depois, só depois, dar o primeiro passo. Não quer aquele homem de muleta. Quer ele na sua vida, quer porque merece tê-lo, quer porque o quer e, se se esforçar o bastante para isso, terá.

Vai caminhar novamente um dia. Vai correr como gente grande um dia. Vai. Mas não agora. Agora precisa se conhecer, agora precisa de tempo para conhecer todas as ramificações desta nova Dara. De uma Dara livre. De uma Dara longe do cativoiro. De uma Dara que deseja e é desejada. De uma Dara que quer seguir em frente, mas ainda não sabe como.

E que vai precisar aprender como, porque ficar perto daquele homem, tê-lo contra si, sentir-se

PERIGOSAS ACHERON

protegida e cuidada quando com ele, são incentivos suficientes.

— Obrigada — não sabia por que agradecia, mas sentiu que precisava e a palavra apenas escapou por seus lábios.

Abriu os olhos depois e o que encontrou a fez sorrir. Os olhos dele brilhavam, os lábios, ainda úmidos do beijo, imitaram os dela e que visão que era aquele homem sorrindo.

Sean não é de sorrir muito. Sempre sério, alerta, vigilante, e os sorrisos eram sempre mínimos, às vezes apenas sugestões. Nunca um tão lindo como aquele, completo como aquele. Lábios, dentes e olhos sincronizados. Não era fingimento e o dela também não.

— Sempre que precisar — ele disse, encolhendo um dos ombros, como se apenas tivesse feito a vontade dela e Dara riu.

Um riso verdadeiro, sem repreensões, sem pensar demais. Eram apenas eles ali, verdadeiros como em poucos dias e sintonizados como seria dali para a frente.

Ele riu com ela e as mudanças que aquela

PERIGOSAS ACHERON

simples demonstração de alegria fez com seu rosto eram surpreendentes. Tocou-o uma última vez, sem conseguir se conter, querendo guardar no toque, além da lembrança, aquele sorriso.

Ele fez o mesmo, tomando seu rosto com as duas mãos e beijando sua testa com carinho.

— Pronta para ir agora? — perguntou, antes de se afastar.

— Pronta — e o sorriso escapou por sua voz.

— Então vamos — soltando-a com relutância, Sean abriu a porta do carro para ela.

Afivelando o cinto enquanto ele dava a volta para também entrar no carro, Dara sorriu sozinha. Homem não salva ninguém, não planta revolução, mas pode ser um bom incentivo.

— E o que aconteceu depois?

— Nada.

— Como assim “nada”?

— Nada, ué.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem um beijo de despedida?

— Não.

— Um beijinho sequer?

— Não.

— Uma bitoquinha?

— Não.

— Um selinho?

— Não.

— Um cheirinho na bochecha?

— Não.

— Pelo amor de Deus!

Dara riu, abraçando o corpinho minúsculo e sonolento contra o peito. Fizera muito isso desde que chegou em casa. O sorriso parecia nunca deixar os seus lábios e ela lembrava aos poucos o como era bom apenas sorrir.

Externar a alegria que sentia, apenas os resultados de uma manhã que ela não queria que acabasse. Permitir-se sorrir, estar em paz consigo mesma.

— Você não está mentindo para mim, está?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não.

— Porque eu juro que se você estiver, nunca mais olho na sua cara.

— Não estou mentindo.

— Eu quero arranhar essa sua cara todinha.

— O sentimento é recíproco.

Murielle grunhiu, profundamente irritada. E ofendida. Dara apenas riu mais uma vez.

Desde que chegara, Murielle não parou por um segundo. Seguindo-a desde a porta de entrada como um cachorrinho querendo atenção, buscando informações, curiosa.

Dara relatou, perdida em pensamentos, como fora sua manhã desde que deixara a amiga em casa, porém Murielle não estava satisfeita. Embora tenha dado pulinhos de alegria pela sala, contente, ela esperava mais.

Dara também, mas Murielle não precisava saber disso.

O caminho de volta fora um pouco mais demorado do que esperava, mas não se importou. Admirou a vista da cidade pela janela do carro e

PERIGOSAS ACHERON

também a vista dentro dele.

Não se falaram e não precisavam disso. Afinal, não fora assim que tudo começara? Troca de olhares, o silêncio que falava mais do que deveria, que revelava segredos e desejos. As coisas eram assim entre eles e Dara pressentia que sempre seriam.

Se entendiam pelos olhares. E assim se comunicavam e seguiam em frente, confortáveis um com o outro e à vontade com a situação.

Quando Sean estacionou o carro na frente do seu prédio, ela esperou e desejou por um beijo. Daquela vez não existiam temores e ela se preparou para a conexão que viria.

Mas não veio. Ele desceu do carro e abriu a porta para ela. A ajudou a descer e, com exceção do toque demorado na sua mão, ele não avançou.

Ela sorriu, a despeito da decepção e não demorou a captar a mensagem que ele passava. Tinham tempo. Precisavam ir com calma, não tinham porque ter pressa. Ela estava ali e ele também, não iriam a lugar nenhum. Podiam e, por respeito dele, iriam devagar.

Ele soltou a mão dela e buscou pela janela aberta da porta traseira a sacola de tamanho médio que ela o vira trazer da farmácia.

Só naquele momento Dara lembrou que Gustavo, o médico pediatra e amigo dele, havia dado a receita e a listinha com todas as recomendações para a melhora da saúde da filha para ele.

Não recebeu a sacola quando ele lhe estendeu e deu um passo para trás, meneando a cabeça. Não queria atos de piedade mais do que o começo daquela noite, lá no hospital, fora.

Poderia assumir a partir dali sozinha. Daria um jeito, não queria e não precisava daquela ajuda naquele momento, mesmo que ele não entendesse.

Ela não tinha muito a oferecer, mas também não tiraria proveito dele. Era assim que via. Sean tinha o mundo e ela, em contrapartida, quase nada. Ele poderia e talvez quisesse – aquele gesto em particular era prova disso – ajudá-la de alguma forma, oferecer sustento, oferecer ajuda também naquele departamento.

— Não, obrigada.

Ele franziu o cenho, mas permaneceu onde estava, a mão estendida para ela, uma oferta de ajuda. Mais uma. Porém uma que ela não poderia aceitar. Nem ficar tentada.

— Dara...

— Eu vou dar um jeito. Posso dar um jeito — reformulou e sorriu, porque não poderia deixar de sorrir, mesmo negando-o algo. — Não precisa se preocupar.

— Pegue a sacola — ele disse, mais como um pedido do que uma ordem e ela negou com a cabeça outra vez. — Por que?

— Porque eu posso me virar sozinha. Porque eu vou me virar sozinha — reformulou mais uma vez.

— Dara...

— Vai ficar tudo bem — engraçado que ela negou seu pedido e ajuda e, ainda sorrindo, tentava tranquilizá-lo. Como se ele precisasse disso, não ela.

Sean percebeu o que ela fazia e franziu ainda mais o cenho, abaixando a mão com a sacola. Fitou

PERIGOSAS NACIONAIS

seu sorriso por um instante, sua posição relaxada, a feição tranquilizadora e logo ele sorria também.

— Se você quer assim — disse, a expressão imitando a dela e Dara riu outra vez porque imaginou o que ele estaria pensando.

— Nem tente — avisou, sorrindo, sabendo que ele não desistiria ali.

— Não estou fazendo nada — era engraçado ver um homem daquele tamanho e sempre sério fazer brincadeiras como aquela, fingindo uma expressão inocente e fazendo com que ela risse, apesar de falar sério.

— Você não me engana. Estou avisando: nem tente.

Ele sorriu.

— Me impeça.

Então pouco tempo depois, após observá-lo dar as costas sem maiores despedidas e dar partida no carro, Dara atravessou a portaria sem ver e logo estava em casa.

Buscou primeiro a filha, beijando- e abraçando-a, matando a saudade de poucas horas e

PERIGOSAS ACHERON

só depois focou em Murielle e seus milhares de perguntas.

— Você jura que não está mentindo para mim? — a morena insistia, ainda certa de que havia mais coisa naquela história que a amiga não estava contando.

— Eu juro. Nós...

— Porque, você sabe, você já omitiu coisas de mim antes — acusou, deitada no tapete que agora seria seu, presente de uma Dara que não suportava mais nem mesmo vê-lo. — Quem me garante que não está fazendo isso de novo?

— Eu garanto — Dara disse, adotando uma expressão séria.

Murielle a observou por um instante, mas logo voltou a se jogar contra o tapete.

— Não acredito em você.

— Estou falando a verdade.

— Tá.

Dara riu e levantou com Lara no colo, balançando-a de levinho. Ela dormia chupando um dos dedinhos, algo que começara a fazer desde que

PERIGOSAS NACIONAIS

os primeiros dentinhos nasceram. Caminhou com ela nos braços até o quarto e a depositou sobre a cama, com cuidado.

Cercou-a com travesseiros e ascendeu o pequeno abajur no criado mudo. Apagou a luz, saiu do quarto e estava se encaminhando de volta para a sala, quando três batidas delicadas soaram na porta.

Franziu o cenho para Murielle, que devolveu seu olhar com a mesma pergunta. Quem poderia ser, já que estavam as duas ali e, com excessão delas mesmas, ninguém mais batia naquela porta?

Curiosa, Dara caminhou até a porta, com Murielle no seu calcanhar e a abriu.

Havia uma mulher parada com a mão erguida, pronta para bater novamente e ela sorriu com simpatia para as duas. Era ruiva, tinha os olhos verdes, era muito bonita e vestia roupas pretas, quase masculinas.

— Pois não? — Dara perguntou gentilmente.

— Você é Dara, presumo — disse a ruiva desconhecida, ainda sorrindo.

Dara teve a impressão de já ter escutado

PERIGOSAS ACHERON

aquela frase naquele dia, mas não tinha certeza e nem se atentou ao fato.

— Sou eu — respondeu, abrindo a porta quando a mulher acenou simpática para Murielle, ainda às suas costas. — E quem é você?

— Ah, que vergonha. Não cheguei a me apresentar — ela passou a sacola que segurava para a outra mão e a ergueu para apertar a de Dara. — Meu nome é Kiaran. Sou sua nova vizinha — apontou para o corredor atrás de si, mas Dara não seguiu seu gesto.

Os olhos estavam grudados na sacola que aquela mulher carregava e a ruiva, ao captar seu olhar desconfiado, sorriu de novo.

— Eu estava na portaria quando um homem gentil apareceu e pediu que eu a entregasse isso — estendeu a sacola e Murielle a pegou antes que Dara tivesse a chance. — Ele disse que não poderia subir e me pediu para fazer esse favor. Espero não estar incomodando.

— Você não incomoda, nem ele incomodaria, aliás — Murielle respondeu, vasculhando a sacola e retirando de dentro um pequeno bilhete. O estendeu

PERIGOSAS ACHERON

para Dara que o pegou ansiosa. — Então, Kiaran. Quando você se mudou?

— Ontem à noite — a ruiva respondeu sorrindo.

— E você está gostando do apartamento?

— Sim. Eu...

Dara se afastou, voltando para dentro do apartamento, apertando o pequeno bilhete nas mãos. Ignorou a conversa que se seguia às suas costas e desdobrou o papel.

Sorriu sem se conter. Embora ele tivesse encontrado um jeito de ir contra a vontade dela, não ficou irritada. A letra dele era rebuscada, quase desenhada e ao encontrar aquelas duas palavras, não conseguiu conter a risada.

Me impeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

A vida é engraçada. Destino é algo que poucos acreditam, algo incerto, muitas vezes confuso e realmente inesperado.

Não há maneira de se predizer o futuro. Você pode no máximo planejar caminhos, listar planos, organizar tudo e torcer para que aconteça da forma que você espera. Mas é só.

Sean não ter se envolvido seriamente com ninguém até aquela etapa da vida não foi planejado. Teve relacionamentos, é claro que sim, mas nenhum duradouro. Ou minimamente significativo. Envolveu-se quando quis, nunca demais, e agora aquilo.

Sentado na cadeira confortável do seu escritório ele ignorava todos os papéis e pastas dispostos sobre sua mesa. Mente e corpo fervilhavam. O corpo, necessitado, reclamava. A mente, contudo, fervilha de possibilidades, longe de

porquês e poréns.

Ouviu o toque discreto do telefone, que não tocou primeiro no ramal da sua secretária, sabia o que significava, e ignorou. Havia chegado cedo e planejava adiantar alguns processos e dar uma olhada em alguns casos. Até agora, tudo o que fez foi olhar para o teto ou para a vista da cidade, os olhos fixos e a cabeça longe.

O sorriso ia e vinha, sempre a mesma imagem na mente, sempre um outro sorriso, um mil vezes mais bonito e encantador por trás dos olhos. Um rostinho de menina, os olhinhos azuis que o têm beijando a lona, um corpinho minúsculo e lindo, os cabelos claros e compridos, e aquele sorriso.

Ele sempre sorri quando ela sorri porque não consegue se conter. Na sua profissão e porque aquele é o seu jeito, sempre precisou manter-se abaixo da superfície, sério, calado, reservado, sempre poucas palavras, apenas o bastante.

Com ela não. Com ela os sorrisos vinham sem que permitisse, todo um mundo entrando nos eixos, pouco a pouco, na bolha que sempre os

envolvia até que sobrassem apenas eles dois. E nada mais importava.

O telefone tocou outra vez, seu celular apitou duas vezes seguidas, mas ele sequer ouviu. Havia a deixado em casa a poucas horas, sem se despedir da forma que queria, mesmo sabendo que daquela vez aquele também era o desejo dela. Temia ser demais, ser impulsivo demais, avançar quando não deveria, mesmo que ela quisesse assim.

Precisa ser devagar. Não precisam ter pressa, não vão a lugar nenhum e, pior, se fizer com pressa, se não calcular todos os passos, mesmo o mais insignificante deles, tudo pode ir por água abaixo. Ele é paciente, sempre foi, mesmo que com ela ele precise e queria ser ainda mais.

Há alguns dias ele havia vistoriado o prédio dela, enquanto ela estava no trabalho, um dos únicos dias em que ele se atrasou para seu compromisso noturno de todos os dias. Ele entendia o por que de ela morar ali. Não sabia se ela sequer teve escolha e desconfiava que não, tendo em vista a precariedade do lugar.

Não o agradava ser tão invasivo, na maior

parte do tempo conseguia controlar seus instintos, mas aquilo estava longe do seu controle. Conseguiu, a muito custo, não investigar o passado dela, embora ainda o quisesse fazer.

Sabia o que encontraria. Sabia que descobriria tudo, tudo aquilo que ela não faz questão de dizer, mas que o próprio corpo dela revelava. As ações dela, os temores, o trauma expresso por aqueles olhos sempre que um desconhecido se aproxima. A reação a ele naquela primeira noite, quando ele a carregou nos braços e antes, quando foi submetida por um cliente bêbado.

Está tudo ali, basta que se perceba. Basta que respeite os limites dela e espere, não importa quanto tempo seja, até que ela queira contar. Até que ela escolha dividir aquilo com ele, até que se sintam bem para isso. Até lá, ele espera. E tenta controlar seus instintos.

Mas a questão do prédio, ao seu ver, não era nada demais. Era o mínimo que poderia fazer e realmente nem sequer precisou se esforçar para aquilo. Avaliou a estrutura, ouviu a opinião de alguém que entende da área, decidiu o que fazer e

fez. E isso tudo em questão de horas. Talvez menos que isso.

Descobrir o passado dela seria tão rápido quanto. Descobrir o nome e qual rosto têm o indivíduo – porque quem quer que seja passa longe de um ser humano – e fazer o que deve ser feito.

Engraçado que um homem que vive e trabalha conforme e sob rígidas leis nem sequer tenha as considerado quando imaginou por um minuto ficar cara a cara com o culpado por todos os traumas dela. O culpado por todo o sofrimento que ele vê todas as noites nos olhos dela.

O responsável pelas marcas que ele já viu na pele dela, mas que preferiu não dizer nada. Guardou para si, não comentou e nem sequer olhou outra vez. Não queria que ela percebesse que havia notado. Não queria nem sequer que ela lembrasse que elas estavam ali.

E precisou reprimir o seu pior lado, aquele que não se importa com as leis, aquele que dá a mínima para o certo ou errado contando que tenha a vingança que deseja. Não vingança por ele, ele não sofreu, não é sua pele a marcada. Vingança por ela.

Vingança por tudo que ela ainda não contou, mas que ele imagina e a cada nova imagem o cenário se torna pior.

Ele sabe o que fazer. Sabe se controlar e o fará por quanto tempo ela precisar. Mas pequenas coisas, ele reflete, observando a porta ser aberta sem cerimônias, se for para o bem dela e contando que não invada sua privacidade, ele continuará fazendo. E ela não precisa saber disso.

— Por que você não atende o caralho do telefone? Ou o celular? — Brandon perguntou, após fechar a porta, entrando sem ser convidado. E não precisava ser, fazia aquilo tantas vezes e com tanta frequência que Sean já estava acostumado.

— Não ouvi — respondeu simplesmente.

— O telefone? Ou o celular? — sentou-se de frente para a grande mesa, relaxando os pés confortavelmente.

— Os dois.

— Eu até acreditaria nisso, se os dois não estivessem bem debaixo do seu nariz — apontou para os aparelhos sobre a mesa, entre os papéis e Sean manteve a expressão neutra.

— Ainda assim não ouvi.

— Que curioso.

— Realmente.

— Estranho.

— Concordo.

— Só não mais estranho que o seu sumiço nos últimos dias — comentou como quem não quer nada e por conhecê-lo bem e há anos, Sean sabia o que viria a seguir.

— Estive ocupado — respostas curtas eram a sua especialidade.

— Isso eu presumo, já que no último mês quase não nos encontramos.

— Vejo você quase todos os dias, Brandon.

— No fórum, isso não conta — fez um gesto com a mão, dispensando aquela afirmação. — E você sabe, quase não conversamos também.

— Conversamos o tempo todo quando estamos lá.

— Você com a sua toga, eu com a minha, além da minha pose de homem centrado, todas as testemunhas, o júri e tudo mais? — quando Sean

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriu em resposta, Brandon franziu o cenho. — Estou falando sério. Quero saber o que está acontecendo.

— Não está acontecendo nada — respondeu, porque os últimos dias realmente não diziam respeito ao seu amigo. — Isso tudo é saudade?

— Vá se foder — o ruivo respondeu irritado, enquanto Sean ria. — Não vai me contar então?

Sean suspirou. Brandon sabia ser insistente. Pensou por um segundo e resolveu abrir o jogo, mas apenas porque queria, não porque o amigo estava curioso.

— Conheci alguém — disse apenas e esperou.

Brandon recebeu aquela confissão com os olhos pensativos e não demorou para juntar as peças.

— A garota do bar.

— Sim — relaxou contra a cadeira, ignorando mais uma vez todo o trabalho que havia sobre a mesa.

— Já desconfiava. Desde aquele dia você

PERIGOSAS ACHERON

anda estranho. Ausente. Pensativo.

Não respondeu nada. Não precisava ser um sabe tudo para ter notado aquilo. Ele não fizera questão de agir diferente e é claro que uma hora ou outra as pessoas notariam.

— E então? — Brandon perguntou após um instante de silêncio.

— E então o que?

— Só vai dizer isso? “Conheci alguém”, isso basicamente todos nós fazemos todos os dias. Não quer dizer nada.

— Não tem o que dizer.

Brandon franziu o cenho mais uma vez, confuso. Sean entendia sua confusão; em todos aqueles anos de amizade, e eram muitos, eles nunca esconderam nada uns dos outros.

Escolheu guardar para si o que estava acontecendo não porque não queria compartilhar aquilo com o amigo, mas sim porque precisava buscar se entender antes de tudo. Ter certeza, ainda mais, do que sente. Já era real. Sabe o que aquilo significa, mas também sabe que é uma batalha que

talvez não tenha um final feliz. Ou talvez nem exista um final. Não depende dele a decisão, mas ele se vai se esforçar para isso.

Brandon abria a boca para fazer uma nova pergunta, a expressão curiosa, mas foram interrompidos quando a porta foi aberta, sem aviso, mais uma vez.

— Gostaria de saber qual o motivo da reunião matinal — Sean comentou observando o recém-chegado.

Sua secretária, coitada, até já havia desistido de tentar impedir aqueles dois. Tanto que ela sequer levantava os olhos do que quer fizesse para recebê-los. Eles eram bastante capazes de abrir a porta sozinhos, tanto que nem sequer batiam antes.

— Eu que pergunto, já que encontrei os dois aqui fofocando como velhas mexeriqueiras — Hian sentou-se ao lado de Brandon, na sua cadeira habitual e aguardou para ser informado sobre o tópico da conversa. — E então?

— Brandon está interessado na minha vida pessoal — Sean disse e o ruivo confirmou com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabia que você tinha isso — Hian comentou e logo perguntou: — Mas estou curioso. O que fez nas últimas semanas?

— Coisas.

— Coisas que envolvem a loirinha do bar, presumo — é óbvio que ele também sabia. E Sean não era exatamente uma caixinha de segredos quando se tratava daquela dois. O lado ruim de conhecer uma pessoa tão bem e por tanto tempo é que muitas vezes palavras são desnecessárias.

— Sim — respondeu apenas, porque não adiantava negar.

— Eles estão namorando — Brandon afirmou e Sean olhou para ele. O que tinham não poderia ser considerado um namoro, mas como tinha planos de fazer com que isso mude em breve, não contestou.

— Ah — Hian disse apenas, avaliou o amigo de alto abaixo e lançou um olhar para Brandon. Antes que ele tivesse tempo de abrir a boca de novo, Sean entendeu tudo.

— Vocês planejaram isso.

PERIGOSAS ACHERON

Nenhum dos dois disse ou fez nada além de sorrir e ele revirou os olhos. Já deveria esperar. Pouco se viram no último mês, além de encontros aleatórios no tribunal, mas mantinham um sistema incomum, porém prático e necessário de comunicação.

— Você está diferente — Brandon comentou após observá-lo em silêncio. — Não fisicamente, e também não é nada demais, mas tem algo de diferente em você.

— Concordo com você — Hian disse, após fazer o mesmo. — Ela não é só um lance de uma noite, então.

— Não — nem de longe. — Ela nunca foi.

Mudando de assunto, mas não completamente, Brandon comentou:

— Soube que Lynch está a seu serviço.

E havia mais naquele comentário do que o que ele disse de fato.

— Você sabe que sim — era óbvio que ele, melhor dizendo, eles sabiam disso também.

— Imagino que você tenha motivos para isso

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hian comentou como quem não quer nada.

— A que, realmente, você se refere? — não queria ser grosseiro, mas estava cansado de tantas voltas. Preferia que fossem diretos e perguntassem o que queriam de uma vez ao invés daquilo.

— Não fiz nada que você não tenha feito, se é isso que está perguntando — respondeu. — Mas posso, se você quiser, fazer uma pequena inv...

— Não quero — cortou. — Vai contra tudo o que quero fazer agora, mas não farei isso.

— Posso fazer por você — Brandon sugeriu.

— Não preciso e não quero que façam — olhou de um para o outro e só sossegou quando teve a certeza de que eles não fariam aquilo. — Vou esperar.

Os dois o observaram por algum tempo, calados e pensativos.

— Então a situação é mais séria do que pensávamos — Hian murmurou para Brandon.

Sean não ficou surpreso por descobrir que fora tema de alguma conversa recente. Ele mesmo, poucos meses atrás, fizera o mesmo com os dois.

PERIGOSAS ACHERON

Era assim que se comunicavam e há tantos anos que sempre sabiam ou descobriam tudo sobre os outros.

Não era surpresa que seus amigos estivessem ali. Ele até já esperava aquela visita, mas naquele dia em especial Sean estava distraído demais, a cabeça longe, o corpo ainda desperto desde que a deixou em casa, ou caso contrário teria descoberto a real razão daquilo desde o primeiro segundo.

— Então — o ruivo retomou a conversa. — O que você quer fazer?

Sean não precisou pensar antes de responder:

— Agora, depois de esclarecido a pauta desta pequena reunião, preciso trabalhar — e completou com o sorriso que agora os amigos conheciam o motivo. — Tenho um compromisso à noite.

— No bar?

Não precisou responder, o sorriso era resposta suficiente.

— O que você vai fazer com relação a Reymond? — Hian perguntou, curioso.

Refletiu por um segundo. Aquela não era a

primeira vez que pensava sobre o assunto, pensava nisso sempre que o observava dando ordens para a sua Dara. Steve Reymond não era confiável, muito pelo contrário e

Algo precisava ser feito, disso tinha certeza.

Então ele soube. Brandon sorriu primeiro e Hian também.

— Melhor dizendo — ele reformulou a pergunta, enquanto observava a expressão de Sean.
— O que nós vamos fazer?

Sean sorriu.

— Acho que está na hora de ter uma conversinha com Steve Reymond.

CAPÍTULO 16

Vê-la e não poder tocá-la era o mais difícil de tudo. Ele chegava, todas as noites, sentava na mesma mesa de sempre, no setor dela e aguardava até que ela fosse até ele. Ela sempre sorria quando ele chegava, sempre sorria quando o atendia, mas ele nunca a tinha visto sorrir como naquela noite.

Naquela noite ele também sorria mais que nas outras. Horas haviam se passado desde que ele a beijou, pela primeira vez, mas as sensações, o que aquela simples troca de carinho fez com a sua cabeça e nervos ainda estava tudo ali. As mãos que ansiavam pela pele dela, os olhos que não desviavam da boca dela e a sua própria querendo mais contato. Só queria mais um, só um beijinho, só para matar a saudade de poucas horas longe dela.

Dara atendeu duas outras mesas antes de atendê-lo, mantendo-se distante dos clientes mais bêbados e sem se demorar entre as mesas. Caminhou das mesas até o balcão duas vezes,

PERIGOSAS ACHERON

sempre sob a mira dos olhos dele. Naquela noite ela usava apenas as roupas dela, sem os retalhos de tecido que Reymond chamava de uniforme e ela era obrigada a usar sobre as roupas.

Os cabelos estavam presos em um rabo de cavalo, as roupas eram pretas e simples, não havia nenhum adorno, nenhuma joia, pulseiras, brincos, nada, mas, para ele, Dara parecia reluzir.

Talvez fosse o sorriso nos lábios dela ou o brilho daqueles olhos azuis, lindos e únicos, que faziam com que ela parecesse etérea, mágica aos seus olhos. Era inteira linda, dos fios dos cabelos claros até os dedinhos dos pés.

— Oi — disse ela quando se aproximou, sorrindo um pouquinho.

Sean queria puxá-la para perto e beijá-la de oi e outras coisas, mas percebeu o quanto ela parecia quase reticente em falar com ele. Tinha as bochechas vermelhas e mexia as mãos, nervosa, mas, ainda assim, o olhava nos olhos, sem abaixar a cabeça como provavelmente queria fazer.

Sean sorriu de volta. Já era vitória suficiente ela se aproximar dele e não correr para longe. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compreendia e reconhecia o esforço dela.

— Olá — disse apenas.

Dara mexeu no cabelo, afastando do rosto uma mecha inexistente, colocando atrás da orelha e fez a mesma pergunta de todas as noites, as vezes, o único diálogo que eles tinham.

— Posso anotar o seu pedido?

Era um “o que você vai querer?” em outras palavras e Sean, se fosse outro ali e não ele, poderia responder “você”, direto e reto, tiro sem aviso, amigo ainda por cima e bem no alvo. Porém não era o momento ainda, ele esperaria pelo momento certo.

— O de sempre, por favor — esperou que ela saísse rapidamente e fosse buscar o seu pedido, após assentir solícita, mas ela permaneceu ali, parada a sua frente e claramente querendo falar mais alguma coisa. — O que houve? — perguntou gentilmente.

Dara passou uma das mãos pelo rosto e olhou para trás uma vez antes de se aproximar e se inclinar um pouquinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Hoje temos Irish, se você quiser — falou baixinho, quase com vergonha.

Sean riu baixinho.

— Você vai me deixar comer o prato da casa hoje? — perguntou e logo atirou, porque é assim que se faz: não quando se quer, só quando se pode. — Quer que eu tenha uma intoxicação alimentar? Por que? Pensei que você tivesse gostado do meu beijo.

Dara enrubesceu ainda mais, a vermelhidão se espalhando do rosto para o pescoço e Sean só não riu porque ela era linda demais para o seu próprio bem. Inteira vermelha e inteira linda.

— Gostei. Q-quero dizer, não é isso — ela se atrapalhou toda e gesticulou ansiosa. — Hoje você pode comer.

— E você tem certeza de que não está envenenado? — brincou, mas estava curioso.

Nem uma vez sequer, em todo aquele tempo que ele frequentava o bar, Dara nunca o deixou comer o prato da casa. Até havia confessado, sincera, que nem ela mesma se arriscaria porque a cozinha e a cozinheira não eram das melhores. Sean

PERIGOSAS ACHERON

havia notado, inclusive, que até o seu copo era diferente dos demais, sempre muito limpo, e mais uma prova do cuidado dela.

— Não. Sim, tenho certeza — ela se atrapalhou ainda mais e confessou baixinho: — Eu que fiz.

E lá estava ela. Atirando sem ver, precisa e certa sem intenção de ser e mil vezes melhor naquilo do que ele. Não fosse bastante aquele sorriso, aqueles olhos lindos e todo um jeitinho de menina, inocente e tímida que o deixavam louco, agora aquilo. Sean só soube sorrir, como um idiota. Talvez até tenha suspirado, vai saber, não se importava.

Dara ainda esperava por uma resposta, inquieta e ele limpou a garganta antes de ser capaz de responder.

— Então eu vou querer, por favor.

Ela assentiu uma vez, abraçando com força a bandeja que segurava e logo saiu rapidamente. Sorriu observando a forma como ela quase correu para longe. Dara sumiu em direção ao que ele presumia ser a cozinha e ele passou os olhos em

volta, avaliando mais uma vez o ambiente.

A noite estava apenas começando, não havia muito movimento ainda. Algumas mesas no setor dela estavam vazias e ele esperou que continuasse assim. Os clientes mais sensatos, os que o reconheciam, mantinham-se afastados, espalhados pelos outros setores, cochichando uns com os outros e lançando olhares na sua direção. Olhares esses que era desviados assim que captavam sua atenção.

Não se importava realmente em ser o foco das atenções, já estava acostumado. Ouviu uma conversa animada ao seu lado e voltou os olhos naquela direção. Steve conversava com dois clientes, aparentemente seus amigos e Sean notou mais uma vez os homens espalhados discretamente pelo bar.

Na primeira noite em que esteve ali, com Hian e Brandon, quando conheceu Dara, o bar parecia apenas um lugar comum para beberrões e gente de baixa índole. Isso ainda era verdade, boa parte dos clientes era de transeuntes sem rumo da Parnell, mas aqueles homens, o porte deles, sempre

rígidos, sempre alertas, ele reconheceu de longe. E a primeira vez que os notou ali foi no dia seguinte da sua visita. Desde então, eles estão sempre por ali, espalhados, atentos, vestidos de preto e nunca consomem nada.

Mais afastados, muito mais discretos e tão alertas como os outros, estavam os seus homens e Sean sorriu irônico quando Steve se aproximou, sorrindo como se fossem velhos amigos.

— Mackenzie! Mais uma vez por aqui! — ele exclamou, animado, um pouco alto demais. — Acho que seria melhor mandar uma das minhas meninas colocar o seu nome nessa mesa, já que é a sua preferida — deu um tapinha na superfície de madeira e riu.

— Muita gentileza da sua parte, Reymond — murmurou em resposta. Steve estava vestido com seus trajes usuais, compostos por um kilt, uma calça de tecido grosso por baixo devido ao frio e um tartan azul escuro, combinando com o kilt, por cima de uma camisa de frio.

Era estranho ver tantas referências culturais em alguém que nem sequer era irlandês, mas, de

todos os Reymond que conhecia, Steve era o menos excêntrico.

— Presumo que já tenha sido atendido, bom amigo — Steve lançou um rápido olhar em volta e notando que Dara não estava por ali, sorriu mais uma vez.

Sean não disse nada, apenas permaneceu olhando para ele, algo que notou que o deixou ligeiramente desconfortável. Quase sorriu. Típico dos que se consideram importantes demais.

— O prato da casa hoje, maravilhoso por sinal, foi preparado por uma das minhas garotas — comentou Steve, quebrando o silêncio.

— É mesmo? — Sean fingiu um tom interessado.

— Ah, sim. Foi uma surpresa, mas você sabe, é impossível dizer não para aquela garota. Dara, uma das minhas mais especiais garotas — sorriu e Sean sorriu de volta, sem se deixar atingir. Odiava a forma como ele pronunciava a palavra “garotas”, como se as possuísse.

— Gentileza sua — comentou e recostou na cadeira, cruzando os braços.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O mínimo que eu poderia fazer — gesticulou, dispensando o elogio. — Tudo pelo bem dos meus clientes e amigos.

— Estou curioso — Sean comentou depois de um tempo. — Como um Reymond veio parar em um lugar como esse?

Steve sorriu, mas era um sorriso duro.

— Perdão? — disse, como se não tivesse compreendido a pergunta e Sean sorriu, irônico.

— Perguntei como um Reymond veio parar em um lugar como esse. Não me leve a mal, mas, levando em conta o ramo da sua família, é compreensível que eu esteja curioso.

— O que é isso? Uma investigação, Excelência? — Steve parecia tranquilo, sorrindo, mas Sean notou suas mãos inquietas.

— Pelo contrário, bom amigo — ironizou. — Você sabe que o meu trabalho é só o decreto final, não conduzo investigações.

— Esse é o trabalho dos seus amigos, eu sei. Por isso eles estavam aqui com você naquela noite? Murray e O’Leary?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei dizer. Murray estava particularmente curioso sobre esse lugar em especial, mas não comentou nada sobre — mentiu. — Por que? Tem algo a esconder, Reymond?

— Só estou curioso. Veja bem, não é sempre que recebo no meu estabelecimento advogados, promotores e juízes, como você deve saber — fingiu uma expressão tranquila, quase genuinamente curiosa, mas Sean era bom em ler pessoas. — Os três juntos e na mesma noite então, é algo a se considerar.

— De fato.

Steve foi cumprimentado por um cliente recém-chegado e retribuiu o cumprimento, dando as costas para ele por um instante. Sean lançou um discreto olhar em volta e, sem contar com o grupo de olhares bêbados e curiosos voltados na direção da sua mesa, ele captou o olhar atento de outros dois grupos. Seus homens eram discretos, pareciam despreocupados, embora vigilantes. Os homens de Reymond, entretanto, quase não piscavam, as mãos escondidas por baixo das mesas e tensos, prontos para agir assim que o patrão parecesse em perigo.

PERIGOSAS ACHERON

Sean sorriu. Reymond era previsível. Não se surpreendeu quando notou os homens dele por ali pela primeira vez e só colocou os seus próprios no mesmo recinto por proteção à Dara. Não queria ela indefesa no meio de todos aqueles homens armados e também não a queria perto de um Reymond sem proteção.

Steve se voltou para ele novamente e, após lançar um tenso olhar em volta, na direção em que estavam seus seguranças, pareceu relaxar um pouco.

— Vou deixar que você aproveite sua noite agora, bom amigo — disse e prosseguiu com falso pesar. — Preciso supervisionar o trabalho das minhas garotas.

— É claro — Sean respondeu e viu de canto de olho Dara carregando uma bandeja, após sair da cozinha, e parando rapidamente no balcão para provavelmente servir a dose dele.

Sorriu de lado observando-a se atrapalhar um pouco no processo de segurar a bandeja e buscar uma garrafa na prateleira ao seu lado ao mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo, até que desistiu e largou os dois sobre o balcão.

— Uma coisinha fofa a minha Dara, não é?
— Steve comentou após seguir seu olhar até o balcão. — Um verdadeiro achado, nunca tive uma funcionária tão eficiente como ela.

Sean se voltou para ele novamente, ainda sorrindo levemente, mas não havia nenhum traço de diversão na sua voz quando respondeu:

— Sim, realmente. A minha Dara é muito eficiente — comentou, a voz perigosa e séria como Steve só ouvira duas ou três vezes contra alguns dos seus parentes mais descuidados.

— E-espero que goste da nossa versão do Irish — comentou após pigarrear, observando a bandeja que Dara havia colocado sobre o balcão.

— Tenho certeza que sim. E presumo que você não se importaria se Dara me acompanhasse na refeição, não é?

— Claro que não! — respondeu prontamente, adotando novamente o ar animado e fingido que lhe eram característicos. — Tenha um bom apetite, Meritíssimo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sean não respondeu e logo Steve se afastava, caminhando com pressa entre as mesas. Viu quando um dos homens de preto que havia observado mais cedo se levantou rapidamente e seguiu sem tentar ser discreto atrás do chefe. Claramente amador, refletiu, observando que a arma que ele carregava na cintura estava para fora da camisa e a vista de todos.

Por sorte, porque caso contrário ele seria obrigado a interferir naquilo antes do que planejava, Dara fez um pequeno desvio no caminho até sua mesa e não percebeu o homem armado a poucos passos de si.

Sorriu para ela quando ela se aproximou e tentou relaxar. Aquela situação, Reymond, aqueles homens armados perto da sua Dara, embora os seus estivessem ali para protegê-la, tudo aquilo precisava ser resolvido e logo. E ele já sabia o que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

Dara relutou muito em sentar com ele, falou sobre como aquilo não parecia certo, que nenhuma das suas amigas tinha esse privilégio e que não entendia o que ele tinha na cabeça por pedir uma coisa como aquela e tampouco o que Steve queria com aquilo, atendendo ao pedido dele.

Mas sentou, vermelha e parecendo envergonhada. Sean puxou a cadeira para ela, sorrindo e sem levar em conta os seus protestos. Sentou-se não de frente para ela, mas arrastou sua cadeira até seu lado e agradeceu em pensamento por haver poucos clientes no setor em que estava.

— Não acho que isso esteja certo — ela disse pela terceira vez seguida, olhando em volta, ainda vermelha.

— Besteira. Seu patrão concordou, não é nada demais — ele disse, puxando o prato que ela havia trazido da cozinha. Avaliou por um segundo

a aparência da comida e sentiu a boca salivar. — E, aliás, você que preparou tudo, nada mais justo que coma junto comigo.

— Mas as outras meninas... — ela persistia, parecendo pronta para se levantar da cadeira, mas Sean foi mais rápido. Pegou um pedacinho de pão e colocou na boca dela.

— Bom? — perguntou quando ela mastigou, pega de surpresa após ser interrompida. Dara confirmou com a cabeça e Sean sorriu, pegando outro pedacinho de pão. — Então não está mesmo envenenado — brincou e riu quando ela quase engasgou.

— É claro que não — limpou a boca com o guardanapo e riu quando ele colocou na própria boca um pedaço enorme de pão. Sean fechou os olhos, apreciando o leve gostinho de alho e logo recheava outro pedaço de pão e colocava na boca. — Está bom?

Ele confirmou com a cabeça e eles passaram algum tempo apenas degustando a comida. Sean colocou mais alguns pedaços de pão e outros condimentos na boca dela e Dara relutou um pouco

antes de fazer o mesmo com ele. Logo os dois comiam e davam comida um na boca do outro sem frescuras, rindo ao se sujarem de molho e observando a bagunça que faziam com os guardanapos ao lado do prato.

Apenas quando comeram tudo foi que Sean percebeu o quanto estava com fome. Dara não parecia diferente, quase lambia os dedos após terminarem de comer e ele riu das manchas de molho espalhadas pelas bochechas dela. Pegou um guardanapo e a ajudou a se limpar, ela fez o mesmo com ele e, após largar o guardando sobre a mesa, deixou a mão sobre seu rosto, acariciando devagar.

Sean deixou que ela o tocasse e permaneceu parado ao lado dela, os corpos voltados um para o outro. Resistiu ao desejo de beijá-la e apenas se permitiu ficar ali. Foi ela que, pouco tempo depois, após respirar fundo, se aproximou devagar e encostou seus lábios de leve. Apenas um selinho, um encostar de lábios, um beijinho, como ele havia desejado assim que a viu naquela noite.

Ela retrocedeu devagar, os olhos fechados e as duas mãos ainda no rosto dele. Sean se permitiu

PERIGOSAS NACIONAIS

acariciar o rosto dela, as bochechas rosadas e os lábios que o tentavam. Dara abriu os olhos e sorriu de leve para ele. Não era um sorriso forçado, não era um sorriso tenso. Era apenas um sorriso de lado, quase mínimo, mas sincero.

— Preciso voltar ao trabalho — murmurou ela, abaixando as mãos para o colo e lançando um breve olhar em volta.

— Tudo bem — ele respondeu e se levantou quando ela afastou a cadeira e se colocou de pé. Pegou a bandeja sobre a mesa, recolheu o prato e os guardanapos e o copo dele, ainda intocado.

— Vou trazer outro para você — ela parecia querer dizer mais coisas e ele esperou, calado. Parecendo desistir, Dara sorriu mais uma vez e logo saía, caminhando tímida entre as mesas e ignorando os olhares em sua direção.

Quando ela sumiu pela porta da cozinha, Sean arrastou sua cadeira de volta para a posição anterior, mas fez isso com força, arrastando-a no chão e fazendo barulho. Recebeu os olhares que pareciam pregados na porta da cozinha e quase sorriu quando todos foram desviados.

PERIGOSAS ACHERON

Sentou-se relaxado, sem se preocupar com os olhos de Reymond também sobre si. Viu quando Dara voltou para o balcão, trazendo a bandeja e o copo dele vazios. Pegou sobre a prateleira ao lado uma garrafa de uísque e serviu a dose que ele havia pedido. Sean notou, pela primeira vez, o quanto ela se mexia inquieta, afastando o rosto e terminando tudo rapidamente.

Aquilo parecera para ele como eficiência em um primeiro momento, mas agora finalmente notava que ela se sentia incomodada com o cheiro forte da bebida, por isso afastava levemente o rosto e deixava o copo e a mão que segurava a garrafa bem distantes do corpo. Franziu o cenho por não ter percebido isso antes.

Logo ela colocava a garrafa de volta sobre a prateleira e enxugava as gotinhas de bebida que sempre derramava sobre a bandeja. Saiu de trás do balcão e caminhou até a mesa dele, sempre sorrindo, sempre solícita. Sorriu de volta para ela, mas estava incomodado por só ter notado aquilo agora.

— Não vou poder conversar muito com você

— ela disse enquanto colocava o copo sobre a mesa, a sua frente. — Como o meu setor está mais calmo hoje, vou ajudar as outras meninas — ela quase se desculpava, embora ainda sorrisse para ele.

— Tudo bem — ele respondeu, sorrindo para ela.

— Qualquer coisa, é só chamar. Vou estar logo ali — apontou para as mesas dispostas no lado esquerdo do bar.

Ele confirmou com a cabeça e a viu caminhar até uma das funcionárias que atendiam o lado esquerdo. Sean agradeceu em pensamento por os homens de Reymond não estarem daquele lado ou ele precisaria inventar alguma desculpa muito boa para fazê-la ir para casa mais cedo. Ou talvez pudesse se controlar o bastantes para vê-la caminhar entre as mesas e entre aqueles homens armados. Mas ele ficava com a primeira opção, não possuía controle o bastante para a segunda.

Relaxou com o passar do tempo, quando percebeu o quanto os homens por ali, mesmo os mais bêbados, pareciam quase com medo quando

ela se aproximava. Riu apenas um pouquinho, só um pouquinho mesmo, porque era engraçado ver homens feitos quase tremendo de medo de uma mocinha de pouco mais de um metro e sessenta.

Voltou a olhar para os homens de Reymond e franziu o cenho ao notar o quanto eles pareciam inquietos. Viu que um deles falava baixinho no celular e viu Steve fazendo o mesmo por trás do balcão. Lançou um olhar demorado para ele, tentando entender o que ele murmurava ao celular e seu olhar pareceu chamar a atenção do outro.

Steve estava vermelho, de raiva e outra coisa e seus olhos se estreitaram para Sean, tão vermelhos quanto seu rosto. Sean demorou um pouco para entender e quase sorriu quando recebeu uma mensagem de Brandon, um instante depois.

Feito. Você me deve uma.

Queria sorrir, mas só não fez isso porque não queria provocar o outro e iniciar algo ali que poderia fugir do controle. Não quando Dara estava ali, não quando as outras funcionárias estavam ali e provavelmente ficariam presas entre qualquer coisa que Reymond tentasse fazer contra ele.

Por isso relaxou contra a cadeira e deixou a expressão limpa, observando Dara ir e voltar até o balcão, servindo bebidas e fazendo caretas, e rindo entre uma pausa e outra com as amigas. Viu apenas de relance a expressão furiosa de Reymond e digitou rapidamente uma mensagem para Brandon.

Obrigado.

Voltou a guardar o celular no bolso interno do terno e esperou em silêncio. Havia dado o primeiro passo para derrubar Reymond. Agora era só aguardar.

— Mas por que eu posso ir embora tão cedo?
— Dara perguntou quando Sean a comunicou que Reymond a havia liberado mais cedo e que ele a levaria para casa.

— Não sei. Steve disse que, como o movimento hoje está fraco, ele vai fechar mais cedo
— aquilo era mentira, mas Sean não podia esperar

mais, precisava tirar ela dali. E logo.

Ajudou-a a vestir o casaco e segurou sua bolsa enquanto abria a porta do bar.

— Eu poderia ajudar as outras meninas com a limpeza e...

— Você parece cansada. Vamos, vou levá-la para casa — a interrompeu e a conduziu com gentileza para fora.

Dara franziu o cenho, confusa, mas seguiu ao lado dele, caminhando pelo estacionamento. Sean tirou o paletó quando a viu tremer levemente de frio e se perguntou por que ela sempre parecia usar casacos tão finos. Colocou a peça ainda quente do seu corpo sobre os ombros dela e sorriu quando ela agradeceu baixinho, tímida.

Chegaram ao seu carro e ele olhou brevemente em volta. O estacionamento estava quase vazio, haviam poucos carros por ali e ele relaxou quando não viu nenhum dos homens de Reymond por perto. Abriu a porta do passageiro para ela e, após aguardar que ela colocasse o cinto, fechou a porta e deu a volta.

Logo eles saíam dali e Dara pareceu relaxar

PERIGOSAS ACHERON

contra o banco, as mãos cruzadas sobre o colo e olhando curiosa para ele.

— Você e Steve parecem ser bons amigos — comentou depois de um tempo.

Sean sorriu porque aquilo não poderia estar mais longe da verdade.

— Não somos amigos, apenas conhecidos — esclareceu, dirigindo com cuidado mesmo que as ruas estivessem vazias aquela hora.

Viu pelo espelho retrovisor um instante depois um carro seguindo o seu e tentando ser discreto, sem sucesso. Continuou dirigindo devagar, sem fazer alarde e pouco depois chegou ao prédio dela. O carro que o seguia parou um pouco antes, quase no meio da rua, os faróis acesos chamando atenção e Sean balançou a cabeça de leve, incrédulo.

Desceu do carro e abriu a porta para ela. Dara piscou surpresa e tirou o cinto, sob os olhos atentos dele. Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer e ela aceitou, mesmo sem precisar de ajuda. A conduziu com calma até a portaria, querendo garantir que ela entrasse em segurança antes de ir

embora.

— Vejo você amanhã? — ela perguntou tímida quando pararam na entrada do prédio, aparentemente sem estranhar seu excesso de cuidado.

Sean sorriu para ela e tocou sua bochecha em um carinho. Dara recostou o rosto na sua mão, aceitando seu toque e ele viu aquilo como o convite que esperou a noite toda.

Se aproximou devagar, dando a ela a escolha de se afastar ou dizer não se quisesse, mas ela permaneceu ali e entreabriu os lábios. Sean a beijou devagar, sem pressa, sem se preocupar que fossem observados, pensando naquele momento apenas nela e em guardar aquele beijo consigo quando fosse embora.

Ele manteve as mãos no rosto dela, acariciando sua pele enquanto sua língua aos poucos pedia passagem na boca dela. Dara suspirou baixinho e se aproximou um pouco mais, colando seu corpo um pouquinho no dele, sendo beijada e beijando de volta. Foi Sean que se afastou um instante depois, encerrando o beijo com um selinho,

PERIGOSAS NACIONAIS

antes que perdesse o controle e avançasse demais.

— Vejo você amanhã — murmurou e a beijou um pouquinho mais. Se afastou quando ela sorriu de leve e beijou sua testa em despedida.

Observou enquanto ela abria a porta e entrava no prédio e depois seguia até as escadas. Dara acenou, ainda sorrindo e Sean sorriu de volta. Quando a perdeu de vista, caminhou até o carro e entrou. Pegou o celular reserva no porta-luvas e ligou para Hian.

— Correu tudo como planejado — falou assim que a ligação foi atendida, dando partida no carro.

— Qual a sua situação? — Hian perguntou e Sean pôde ouvir que ele já estava no carro.

— Um carro a vista e talvez um segundo um pouco mais distante — informou conferindo pelo espelho retrovisor que novamente era seguido e um segundo par de faróis vinha logo atrás.

— Qual a sua avaliação?

— Quatro homens por carro, definitivamente amadores.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você quer fazer? — foi Brandon quem perguntou daquela vez e Sean ouviu Hian reclamando ao fundo, pedindo que o outro devolvesse seu celular.

— Onde Reymond está? — perguntou, conectando rapidamente a chamada no comunicador do carro e largando o celular no banco do passageiro.

— Ainda no bar, segundo Caleb — Brandon informou depois de um instante. Caleb é o homem a frente dos seguranças de Sean e havia ficado para trás, para ficar de olho até que as outras funcionárias do bar fossem embora. — Vai voltar para lá?

— Vou. Fez o que eu pedi?

— É claro que sim. Que pergunta idiota — reclamou e Hian riu ao fundo, dizendo que aquela pergunta era cabível porque o ruivo nem sempre era tão eficiente. — Vá se foder — Brandon respondeu para ele.

— Vejo vocês depois — Sean disse pegando o retorno mais próximo e fazendo o caminho de volta até o bar. Passou pelos carros que o seguiam e

PERIGOSAS ACHERON

os homens pareceram pegos de surpresa. — Definitivamente amadores — repetiu.

— Não faça nada que eu não faria — aconselhou Brandon, ao passo que Hian gritava ao fundo:

— Quebre todos os ossos do desgraçado!

Sean sorriu e desligou, estacionando o carro pouco tempo depois no estacionamento do bar. Ignorou a Glock embaixo do banco, o colete e o coldre no porta-luvas e apenas desceu do carro.

Olhou em volta e não havia sequer sinal dos homens de Reymond. Os que o seguiam ainda estavam longe, pegos de surpresa e Sean calculou que tinha alguns minutos de folga até que chegassem ali.

Abriu a porta do bar e Reymond parecia esperá-lo, sentado em um dos bancos dispostos ao longo do grande balcão, servindo-se de uma dose de uísque e apreciando o silêncio do bar vazio.

— Sabia que você voltaria, Mackenzie — ele disse e Sean ouviu, antes mesmo de vê-los.

Um por um os homens que vira mais cedo

saíram da cozinha, onde estavam escondidos. Daquela vez não faziam questão de ser discretos e Sean sorriu sem se conter porque nem mesmo quando tentaram ser discretos eles conseguiram.

— É um prazer não tê-lo decepcionado, Reymond — respondeu enquanto era cercado pelos seguranças de Steve.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

— Soube que você me causaria problemas na primeira vez em que entrou aqui — Steve disse, ainda de costas para ele, servindo-se de uma nova bebida. — Um juiz, um advogado e um promotor, ao mesmo tempo, no meu bar? Pensei, merda, a casa caiu e caiu bonito. Mas imagine a minha surpresa quando, mesmo um mês depois daquela noite, nada aconteceu.

— O que você esperava? — Sean ignorou a cadeira que havia sido disposta para ele, bem no meio da rodinha dos capangas de Reymond. Olhou uma vez só para o que arrastou a cadeira até ali e só aquilo foi suficiente.

Steve levantou da cadeira, puxando o kilt pelas pernas. O bar estava vazio, todas as funcionárias haviam sido liberadas, provavelmente logo após sua saída com Dara. Manteve os olhos em Reymond, ignorando os homens armados ao seu redor. Eles pareciam tensos com a sua calma, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rodeavam e as mãos nervosas pairavam no ar próximas às armas, a espera.

— Não vou me fazer de desentendido, Mackenzie. Você e eu conhecemos bem o ramo da minha família, é de se esperar que uma hora ou outra eu também seria investigado.

— Mas você, presumo, deixou de lado os negócios da sua família e resolveu abrir um próprio.

— Não precisa bancar o tolo comigo — abanou a mão. — Você deve ter feito o seu trabalho de casa.

— É claro. Preciso confessar que o seu método parece mais eficaz e mais rentável que o antigo. Mas você, mesmo sendo cuidadoso, continua sendo um Reymond. E os Reymond são famosos por suas falhas — sorriu.

Não foi surpresa para Sean descobrir todos os negócios de Steve, nem difícil. Mesmo sendo um negócio novo, um pouco diferente do antigo, as pistas continuavam ali, quase uma trilha que o direcionou ao que já sabia. O fruto podre não cai muito longe da árvore.

PERIGOSAS ACHERON

Os Reymond são famosos no meio da agiotagem, muitos estão presos, mas eles parecem brotar aos montes. Corte um galho da árvore e três nascem no lugar. Steve, entretanto, foi mais longe.

— Você precisa entender que, no meu ramo, as coisas tendem a fugir um pouco do controle. É preciso impor e manter o respeito, fazer valer o meu nome e nem sempre meus clientes cumprem com sua palavra, obrigando-me a cumprir a minha.

— Imagino que seus pais estejam orgulhosos.

— Ah, é claro. O lance das drogas foi genial, nem todos obtêm tanto sucesso como eu. Ainda assim, mesmo sendo cuidadoso, mesmo tendo planejado tudo e tentado encobrir meus rastros, uma coisa ou outra sempre foge do meu controle.

— Porém, usar o bar para lavar dinheiro não foi muito esperto da sua parte. Faz parecer quase como se você quisesse ser pego.

Steve sorria, mas o sorriso subitamente sumiu dos seus lábios.

— O único problema nos meus negócios é que sempre existe alguém que quer acabar com tudo — disse ele, quase rangendo os dentes. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Vejo que você fez bem o seu trabalho de casa.

— Me esforço para isso — Sean colocou as mãos no bolso da calça social, sem se deixar intimidar com a cara feia do outro.

— Assim como eu fiz o meu — Steve se aproximou e parou a sua frente.

— É mesmo?

— É claro — o imitou. — Eu sei o que vieram fazer aqui naquela noite. Sabia que um dia um de vocês bateria à minha porta, mas não esperava pela tríade, entretanto. Vocês são conhecidos por serem desmancha-prazeres, minha família bem sabe disso.

— Diferente de você, eu faço bem o meu trabalho.

— É claro — concordou e voltou a sorrir. — Não esperava que fosse demorar tanto para esse dia chegar, também não esperava que continuasse frequentando o meu bar após aquela noite. E por isso sou grato à sua Dara.

Sean não respondeu a provocação. Manteve-se em silêncio e Steve sorriu ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Uma gracinha, não é? Tão ingênua, tão inocente, não deve fazer ideia da confusão em que se meteu. Melhor, em que você a meteu — aproximou-se um pouco mais. — Ela também é misteriosa, mas disso você já sabe. O que você não sabe é o por que. Ou quem.

Sean respirou fundo, mas ignorou mais uma vez a provocação. Tudo o que mais queria era acabar logo aquilo, ignorar o que havia planejado e dar um fim naquele desgraçado ali mesmo. Resistiu com esforço e tensionou o corpo.

Havia pensado duas vezes e, mesmo curioso e preocupado, não cedeu aos seus instintos. Não havia investigado o passado de Dara por respeito à ela, por saber que ela não gostaria daquilo e porque esperava que fosse ela a contar tudo. Steve não possuía os mesmos dilemas. Nada o impedia de fazer o que quisesse, o que provavelmente já fez.

Reymond riu, observando algo na sua expressão.

— Sabia que você não faria isso. Sabia que não a investigaria. Mesmo interessado nela, mesmo sabendo que existe algo de errado com o passado

dela, você preferiu ser o mocinho respeitador, o homenzinho que segue as leis. E por isso eu estou um passo a sua frente.

Fez um rápido sinal para os homens ao seu redor, que empunharam as armas rapidamente. Antes de se afastar, Reymond se aproximou um pouco mais e sorriu ao dizer:

— Por isso, quando eu terminar com você, serei o próximo a fazer com aquela cadelinha o que quiser.

Existem algumas linhas tênues que separam o homem daquilo que ele pode se tornar. A mais fina delas, a mais frágil e sempre ignorada é a que separa o homem do ser animal. O Homo Sapiens do Neanderthal. O homem moderno do homem das cavernas. O ser humano como homem do animal sanguinário.

O primeiro soco ele não planejou. O segundo foi mais forte que o primeiro e o terceiro, nem se comparava ao segundo. Reymond caiu no chão e o quarto e o quinto faziam sombra para os anteriores. No primeiro o sangue havia brotado, mas no quinto ele quase esguichou. Sentiu alguns respingos no

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto, no pescoço e na camisa imaculadamente branca até ali, mas não se importou.

Os movimentos eram não calculados, mas precisos. A força que regia o homem das cavernas, o protetor do seu povo e provedor é a mesma força que ruge daquele homem. Força que brota nos seus punhos e explode na face do outro. Força que exige sangue, que anseia por isso e, mesmo quando consegue o que quer, não se sente satisfeito.

Steve tentou rebater, tentou se proteger, ainda tentou lançar um soco, só um e quase teve sucesso, Sean ainda sentiu um impacto mínimo no maxilar, mas aquilo quase fez cócegas. Sorriu porque é isso que o animal queria. Na sua mente não existiam mais planos, nem A nem B, não existia nem sequer racionalidade. A besta é a besta porque o que a rege é a força, mas também a sede de sangue.

Dizem que o verdadeiro rei do mundo animal é o leão, impiedoso e perigoso, mas o homem o supera em vários sentidos. O homem é o verdadeiro mostro que habita o mundo, que o domina e deteriora, que agride e fere semelhantes e inferiores. E é um que ele vê nos olhos da sua Dara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre que ela precisa respirar fundo duas, três vezes antes de permitir-se ser tocada.

É um que ele vê nos olhos dela sempre que treme em silêncio e teme as pessoas ao seu redor. Foi um que a marcou, que feriu sua pele e sua alma, que a tratou como lixo e inferior. Que fez dela o que quis, que a usou de objeto, de brinquedo e a quebrou. Que, mesmo que ela tenha de alguma forma conseguido fugir, ainda a persegue. Que continua presente mesmo ausente.

Homem esse que provavelmente é pai da filha dela, que ela tanto ama e protege. Homem esse que um dia vai aparecer e querer reivindicar sua posse e prole, que talvez já esteja até a espreita. Mas homem esse que não o conhece. Homem esse que não faz ideia do que o espera, do que ele seria capaz de fazer para proteger a sua menina. As suas meninas.

Homem esse que vai pagar por tudo aquilo que fez, por todas as vezes que a fez sofrer e chorar, por todas as vezes que ainda vai fazê-la chorar. Mas que vai receber o que merece, o único fim guardado para aqueles como ele, para monstros

PERIGOSAS ACHERON

como ele.

O fim virá pelos justos e ele não sabe o que o espera. Ainda.

Seus punhos ainda subiam e desciam e só parou porque aquele ali até merece morrer, mas não por suas mãos. Levantou depois e quase sorriu quando o primeiro segurança avançou. Quase os havia esquecido e recebeu com prazer o primeiro soco. Finalmente, um adversário a altura.

Ou quase. Três socos e partiu para o segundo. Quatro. Seis. Três novamente. Uma vergonha, seus homens com certeza durariam mais.

Não havia segundo round, uma vez que beijavam o chão, não havia segundas chances. Restava apenas um e Sean sequer suava. O sangue que o manchava agora tinham várias origens. Seu? Nem sequer uma gota. Deitou o último no chão e quase suspirou decepcionado.

Brandon e Hian chegaram quando havia acabado de prender a besta de volta na gaiola. Vai ficar ali e só vai sair de novo quando for preciso. Vai ficar ali e só vai sair quando o momento de uma besta encontrar com a outra. Monstro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sanguinário contra monstro estuprador. Besta vingadora contra besta covarde.

Serviu a própria bebida no copo que bebia todas as noites. Ele ficava guardadinho num cantinho muito limpo embaixo do balcão e só havia o seu ali. Era o mesmo de todas as noites e poderia até já ter o seu nome.

— Você poderia pelo menos ter nos convidado para a festa — Brandon reclamou, pisando sem cuidado nos homens desmaiados no chão até sentar no banco ao lado do amigo.

— Vocês poderiam ter participado se quisessem — Sean respondeu, descansando o copo sobre o balcão após levá-lo a boca.

Havia percebido quando Hian e Brandon chegaram, junto com seus homens e os deles próprios, pouco tempo depois que entrou no bar. Mantiveram-se lá fora, como uma escolta, como um plano B, caso precisasse de um.

— É, você parecia estar lidando bem com a situação, mas poderia ter nos convidado mesmo assim — Hian resmungou da porta, lançando um olhar em volta. — Egoísta.

PERIGOSAS ACHERON

— Tanto trabalho para elaborar um plano e você acaba com tudo assim — reclamou Brandon e chutou um dos homens caídos que parecia despertar. Sean olhou para ele de canto de olho e ele rapidamente ergueu as mãos. — Não estou criticando, só comentando.

— Eu faria o mesmo — Hian admitiu. — E isso não será um problema também. O caso já foi encaminhado, já foi assinado e Reymond será preso nas próximas horas. Seus seguranças também, talvez até possam dividir a mesma cela.

— Quem assinou? — Sean perguntou, colocando de volta seu copo no lugar que encontrou e levantando-se em seguida. Sentia falta do terno, fazia frio ali dentro, mas nada se comparava ao que faria lá fora.

— O’Conner — Hian resmungou. — Você estava um pouco ocupado, mas ele me devia alguns favores.

— Conversa afiada. Quase implorou para ser ele a assinar, ansioso para levar os créditos por prender um Reymond — Brandon riu, levantando-se também.

— Bom.

Seguiram até a saída e Sean ainda teve a presença de espírito de apagar as luzes, mas deixar o ar-condicionado ligado para que Steve e seus capangas não morressem congelados. A polícia não demoraria a chegar e embora ele quisesse estar ali para ter certeza que Reymond não fugiria, tinha mais o que fazer.

O dia quase amanhecia, frio como sempre. Precisava de um banho quente e teria algumas poucas horas de sono até a primeira audiência do dia. Era sexta-feira e, embora também trabalhasse aos sábados, fazia isso de casa. A noite teria um encontro marcado com a sua menina e precisava organizar algumas coisas até lá.

Em casa, após um banho demorado para remover todo o sangue da sua pele, sorriu enquanto preparava um café rápido e assistia ao jornal matinal local, que comunicava em primeira mão a prisão de Steve Reymond, parte integrante da famosa família criminosa, traficante internacional de drogas e suspeito das mortes de dezenas de pessoas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Preso, finalmente. E ele nunca mais ousaria ameaçar sua Dara outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Dara saiu para trabalhar naquela noite incerta. Viu na televisão em todos os canais locais e até alguns de fora que Steve estava preso. Tráfico de drogas entre outras coisas. Assassinato inclusive. Estremeceu.

Esteve por todo aquele tempo trabalhando para um criminoso e não poderia nem ao menos imaginar aquilo. Ele nunca deu indicativos daquilo, do que realmente era e, embora fosse estranho e muito efusivo, não parecia ser tão perigoso como realmente era. Além de ser um homem e tão volátil e perigoso como todos eles são, ela nunca imaginaria aquilo.

Acordou muito cedo com Murielle quase socando a sua porta, ansiosa e assustada com o que viu no jornal da manhã.

— Você já viu? Ficou sabendo? Amiga, estou tão assustada! Por que você não está surtando?

Você não viu ainda? É claro que não! — Murielle não demorou a arrastar Dara para sua casa, após lembrar de pegar Lara, onde a televisão ainda estava ligada.

Lara acordou chorando, assustada com o barulho, e só depois de acalmá-la e acordar de fato foi que Dara conseguiu compreender o que a amiga falava e que viu depois. A prisão de Steve era o único assunto no país.

Apenas ali ela teve conhecimento de quem eram e o que fazia da família Reymond uma das mais famosas e perigosas da Irlanda. Ainda estava de olhos arregalados, sem acreditar no que a âncora do jornal falava, quando imagens da prisão foram transmitidas e viu o estado em que seu ex-patrão estava. Seus olhos eram duas bolas inchadas de um tom de roxo escuro, quase preto e ele quase não conseguia andar. Os homens encontrados com ele, provavelmente seus parceiros de crime, pareciam tão feridos quanto.

A polícia informou que haviam sido encontrados daquela maneira, aquilo não tinha nada a ver com eles. Talvez uma briga entre inimigos,

outros traficantes ou qualquer coisa do tipo, diziam.

Não podia acreditar. Durante todo o dia ela repassou mentalmente tudo que havia descoberto só ali, o perigo que correu, o perigo ao qual se expôs sem fazer ideia. Então, outra preocupação: o que faria agora? Steve era um criminoso, assassino, traficante e sabe-se lá mais o que. O bar seria fechado provavelmente. Isso queria dizer que ela e todas as outras meninas não tinham mais um emprego, certo?

Segundo Murielle, não. Segundo ela, Dara deveria ao menos ir até o bar, saber o que aconteceria com o seu emprego e receber pelos dias trabalhados. Porém tudo o que Dara menos queria agora era receber um dinheiro provavelmente sujo, embora tenha se esforçado para recebê-lo.

Por isso saiu de casa naquela noite e seguiu, caminhando como sempre até o seu destino de todas as noites. O que faria quando chegasse lá? O que diria? Pior, o que encontraria? Talvez a polícia ainda estivesse no local. Ou algo pior. Quase desistia daquela ideia maluca quando dobrou a esquina e viu o bar iluminado. Haviam carros no

estacionamento, o que significava a presença de clientes no bar.

Respirou fundo três vezes antes de se aproximar o bastante para espiar pelas janelas. Estranhou o que viu. Haviam homens lá dentro. Não o tipo que sempre frequentava o bar, mas um tipo diferente. Vestiam preto de alto a baixo e mantinham a postura muito dura. Quase correu de volta para casa, sem se importar com dinheiro nenhum, conseguiria outro emprego, daria um jeito, mas então Fiona, saindo da cozinha, a viu. E acenou. O que chamou a atenção daqueles homens para ela e tornou impossível sua fuga.

Não sabia quem eram aqueles homens. Não sabia o que eram, o que queriam e o que faziam ali, mas Fiona parecia tão a vontade, até sorria perto deles, que Dara se aproximou da porta. Não queria entrar ali, descobrir o que aquilo significava, mas Fiona estava lá. Parecia não estar temerosa como ela estava, mas isso poderia mudar a qualquer momento e não poderia deixar sua amiga sozinha ali.

Não eram tão próximas como Fiona desejava,

porque parte dela sempre a avisa para não confiar nos outros assim tão fácil, mas ainda assim eram próximas. Respirou fundo outra vez e abriu a porta. O barulho do sininho pareceu repercutir por todo o bar e, se possível, ela ficou ainda mais nervosa do que estava.

— Dara! Venha, entre! Que loucura o que aconteceu com Steve, não é? Não fazíamos ideia!

— Fiona a saldou e a tomou em um abraço rápido.

— Sim, uma loucura — Dara abraçou a amiga de volta e manteve-se próxima a porta, olhando com desconfiança para os homens que a observavam em silêncio. Correria dali e levaria Fiona consigo no mínimo sinal de perigo.

Franziu o cenho quando um deles cochichou algo para os outros e eles se afastaram até o fundo do bar, mantendo a maior distância possível e evitando encará-la de volta.

— Sim! Agiota, traficante internacional de drogas e assassino! Um perigo! E por todo esse tempo...

— Fiona — a mulher parecia quase sem fôlego, animada e Dara não entendeu. — O que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está acontecendo? Quem são esses homens?

— Ah, é mesmo! — riu e quase saltitava no lugar tamanha sua animação. Dara não estava entendendo mais nada. — Você precisa conhecê-la!

— Conhecer quem? E o que você veio fazer aqui?

— Pensei em dar uma passadinha para saber como estariam as coisas depois da prisão do Steve e tudo mais. E também para saber se seria possível receber o meu pagamento, você sabe.

— E vai?

— Vai o que?

— Receber o seu pagamento, Fiona — Dara queria sorrir com a animação da amiga, mas continuava nervosa. Aqueles homens não olhavam mais para ela, mas ela estava consciente da presença deles.

— Ah! Então, sobre isso, é melhor que ela explique para você. Foi confuso para mim também no início, mas ela me explicou tudo direitinho.

— Ela quem? — começou a desejar não ter saído de casa naquela noite. Deveria ter ignorado os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conselhos e a insistência de Murielle, deveria ter ficado em casa e tentar relaxar o corpo e a mente para iniciar uma nova procura por emprego no dia seguinte. Nada fazia sentido.

— Oi — uma voz soou às suas costas e ela se voltou, surpresa.

Uma mulher saía da cozinha como Fiona, e parou a alguns passos de distância. Dara a encarou e apertou sua mão quando a estendeu. Ela era alta, loira e muito bonita. Também parecia muito... Corporativa, pensou. Pose e roupas que gritam dinheiro, um andar calculado, seguro e perfeita dos pés a cabeça.

— Oi — Dara respondeu incerta. Soltou a mão da mulher e se afastou um passo. Não sabia o que tudo aquilo significava, aqueles homens e aquela mulher, e não sabia se gostaria de descobrir.

A mulher sorriu, simpática.

— Prazer, meu nome é Hellen.

— Dara — respondeu.

— Prazer, Dara — seu sorriso parecia simpático e ela não parecia ser uma má pessoa.

PERIGOSAS ACHERON

Steve também não, veja só. — Você deve estar confusa e se perguntando o que estou fazendo aqui, assim como Fiona quando chegou.

Dara apenas acenou com a cabeça. Fiona ao seu lado quase tritava no chão, animada.

— Bom, basicamente e se você concordar, eu gostaria que você trabalhasse para mim — disse ela.

— Desculpe, não entendi o que você quer dizer — Dara gostaria de dar um segundo passo para trás, mas aquela mulher não parecia ser perigosa e Fiona parecia tão alegre que ela permaneceu onde estava.

— Ela comprou o bar, Dara! Ela é a nova proprietária e me contou que quer manter todas nós como funcionárias! Isso não é maravilhoso? — Fiona respondeu antes que a mulher tivesse chance.

Dara piscou surpresa. Não esperava por aquilo, mas resistiu ao desejo de comemorar precipitadamente. Aquilo tudo era muito suspeito. Steve era um criminoso e ela nunca saberia daquilo se ele não tivesse sido a única notícia em todos os jornais. Gostaria de manter o emprego, é verdade,

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava disso, mas não se colocaria em risco novamente.

— Tão rápido assim? — olhou para Fiona, mas a pergunta se dirigia aquela mulher desconhecida. E sorridente.

Fiona já abria a boca para responder mais uma vez, porém Hellen conseguiu ser mais rápida.

— Ao ser preso, todos os bens de Steve foram congelados e estão sendo investigados — disse e fez um sinal para que sentassem na mesa mais próxima. Após se acomodar ao lado de Fiona, na cadeira mais próxima a saída, para caso precisasse correr, Dara esperou que a mulher continuasse. — Esse bar, porém, não o pertencia. A história desse estabelecimento é longa e, na verdade, não vem ao caso agora. Consegui contatar o antigo proprietário legal e tentei comprar o local, porém ele me informou que o bar havia sido ocupado e que o falso proprietário se recusava a sair. Com a prisão repentina de Steve, entretanto, finalmente consegui comprá-lo. Legalmente, caso esteja se perguntando — sorriu. — E, basicamente, é isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Basicamente — Dara repetiu. Aquela história parecia quase irreal para ser verdade, mas aquela mulher, Hellen, não parecia estar mentindo. Embora, por ter o rosto expressivo demais, fosse claro que escondia alguma coisa. Nada no nível Steve de coisas ocultas, mas aquilo deixava Dara desconfiada.

— Deixei de lado as questões legais para a compra do imóvel e todas as despesas que terei a partir de agora, mas, sim, basicamente, é isso — esclareceu.

— E você quer manter todas nós?

— Isso não é maravilhoso? — Fiona repetiu e quase chorava, de alívio, alegria e outra coisa. Dara apertou sua mão com carinho, sorrindo um pouquinho para a amiga, mas logo voltou a encarar aquela mulher.

Ainda estava desconfiada, mas não queria desanimar Fiona com seus questionamentos. Hellen, parecendo ler sua expressão tanto quanto era lida, logo continuou.

— Sim, gostaria de manter o antigo pessoal. Sei que vocês provavelmente precisam muito do

PERIGOSAS ACHERON

trabalho e, se forem de acordo, gostaria de contratá-las.

— Todas nós? — Dara relutava em acreditar naquilo, em uma coisa boa em meio a tantos problemas, mas era difícil com o que aquela mulher dizia. Trabalhar para ela, uma mulher, provavelmente seria melhor do que para um homem e com certeza mil vezes melhor do que para alguém como Steve.

— Sim, todas vocês — sorriu.

— Menos a mulher da cozinha — Fiona se intrometeu, arregalando os olhos. — Dara, contei para ela sobre aquela mulher asquerosa e sua cozinha asquerosa e ela concordou em fazer algumas mudanças com relação a isso.

— Ah, sim. Isso seria ótimo — Dara concordou, lembrando-se que nunca sequer se arriscara a comer nada ali e que, quando assumiu a cozinha por um dia, precisou chegar duas horas mais cedo para limpar tudo que usaria.

Hellen riu baixinho, concordando com a cabeça.

— Eu vi o estado da cozinha quando cheguei

PERIGOSAS ACHERON

e Fiona nem precisaria intervir, isso é algo que precisa ser concertado e logo — ainda sorrindo, olhou para Dara e perguntou. — Então, você aceita?

Muito estava em jogo. Mas, mesmo embora ainda não confiasse naquela mulher, decidiu se arriscar. Dar uma chance. Não pode predizer caráter dessa forma, sem ao menos conhecer alguém. É um passo grande, ela sabe, mas vai manter um olho sempre aberto. Porém, ainda faltava uma questão.

— Quem são aqueles homens? — perguntou, olhando para eles com o canto dos olhos. Eles permaneciam na outra extremidade do bar, calados e fingiram não olhar para elas quando Hellen os fitou e sorriu.

— Aqueles são os novos seguranças do bar. Eles estarão sempre aqui a partir de agora para evitar confusões com os clientes e para proteger vocês.

Aquilo era muito legal da parte dela. Legal demais, até. Os clientes sempre se excediam nas provocações e cantadas chulas e seria muito bom

ter quem as protegesse dos mais ousados. Acenou com a cabeça uma vez, aceitando aquilo como justo. Não gostaria muito de ser observada todos os dias, mas entre aqueles homens e os clientes do bar, era fácil decidir.

— Tudo bem — disse e se permitiu sorrir um pouquinho. Fiona, ao seu lado, ao ver o seu sorriso, explodiu em um riso feliz, abraçando-a como pôde. — Eu aceito.

— Estou tão feliz! Nós não perdemos nossos empregos! Isso não é maravilhoso?

Deixando-se contagiar pela alegria da amiga, Dara riu e também comemorou.

— Sim, Fiona. Isso é maravilhoso.

Só esperava que a amiga estivesse certa. E que não tivesse mais surpresas. Mas aquilo talvez fosse pedir muito do destino.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

Duas horas depois, Dara deixou o bar. Enquanto caminhava pelas ruas ainda movimentadas por não ser tão tarde, ela refletia sobre os acontecimentos do dia. Steve preso. Ela ainda tinha um emprego, por mais estranho que fosse.

Hellen parecia uma boa pessoa. Falava sempre o que tinha na mente, sem meios termos ou enrolação e logo conquistou a confiança e admiração de todos. As outras meninas, tão confusas e curiosas quanto Dara, também apareceram por lá e elas também ficaram contentes com a novidade. Muitas delas, talvez todas, estavam ali por falta de oportunidade e desespero mesmo e saber que ainda possuíam um emprego foi um alívio.

Chegou em casa poucos minutos depois e decidiu usar o elevador. Surpreendentemente, ele havia sido consertado poucos dias atrás, sabe-se lá por quem. Tão surpreendente quanto era o homem

PERIGOSAS ACHERON

que agora trabalhava na portaria. Não sabia o que diabos estava acontecendo com aquele lugar e com a sua vida também, aliás, mas ambos pareciam cheios de surpresas nos últimos tempos.

Não gostava muito de usar o elevador, já estava acostumada a subir e descer as escadas várias vezes por dia, mas Lara amava aquilo, diferente dela, então precisou se acostumar. Era uma caixa de metal apenas, simples, possuía um pequeno espelho na parede do fundo e só, mas a menina ria de soluçar sempre que ele entrava em movimento. Como seu propósito de vida é vê-la e fazê-la feliz, então também passou a gostar um pouquinho.

Desceu no seu andar e seguiu até o apartamento. Bateu três vezes seguidas para que Murielle soubesse quem era, uma pequena paranóia que desenvolveu antes de sair de casa, ainda assustada por tudo que descobriu naquela manhã. Planejava colocar novas trancas na porta também, porque cuidado nunca é demais.

— Você voltou cedo — Murielle abriu a porta e tinha Lara nos braços, ainda acordada

mesmo tão tarde. Ela sorriu para a mãe roendo um pedacinho minúsculo de chocolate e aquele provável era o motivo da sua insônia. — Por que você voltou tão cedo?

— É uma longa história — respondeu, largando a bolsa ao lado da porta e tirando o casaco. Lara estendeu os bracinhos e ela a pegou, rindo, beijando seu rostinho. — Você deveria estar dormindo, amor.

Ela em resposta tentou colocar o pedaço de chocolate na boca da mãe. Dara beijou sua mãozinha e fingiu comer.

— Hum. Que gostoso esse chocolate — fez cócegas na barriguinha fofinha e enquanto a menina ria, lançou um olhar de lado para a amiga. — Por que ela está comendo chocolate a essa hora?

— Porque ela gosta e porque eu sou a tia dela, é o meu dever agradá-la com o que ela quiser quando você não estiver em casa.

Dara riu e preferiu não dar tanta importância para aquilo. Era só um chocolate e ela provavelmente teria feito o mesmo se a menina pedisse. Tentava não a mimar tanto, mas aquilo

quase sempre era impossível. Bastava um sorriso, um “oate” balbuciado e ela teria quanto chocolate quisesse.

Sentou no pequeno sofázinho que ganhou da amiga e suspirou, feliz apenas por estar em casa. Ajeitou Lara sentada sobre suas pernas e olhou para Murielle.

— Você não vai acreditar na loucura que foi essa noite.

E contou tudo que aconteceu nas poucas horas em que ficou no bar. Hellen havia dito que planejava algumas mudanças para o bar e pediu a ajuda de todas as meninas, desde sugestões do que fazer até a organização de tudo. O que resultou em mais do que algumas poucas mudanças, mas todas pareceram concordar e ficaram felizes com o que seria feito.

Ela estava feliz, também. Aceitou embarcar naquilo de cabeça e até ofereceu ajuda, caso fosse preciso, no trabalho de decoração. Agora estava responsável pela organização geral do bar e, embora aquilo a assustasse um pouco, também a animava. Já listava mentalmente algumas ideias,

coisas que poderia fazer com custos mínimos e estava ansiosa para fazer um bom trabalho.

Cada uma das garotas ficara responsável por um trabalho e outro e Hellen prometeu que seriam recompensadas também por aquilo. Um dos vários outros aspectos que a diferenciava de Steve. E provavelmente de vários outros donos de bares também. Fiona, a mais alegre e efusiva de todas elas, ainda foi além e quando ela indagou, sem vergonha nenhuma, se haveria algo que pudesse ser feito em relação aos dias trabalhados para o antigo dono, Dara engasgou.

— Nós trabalhamos por isso e merecemos receber alguma coisa, mesmo que você não seja diretamente a responsável por isso — ela havia dito, corajosamente e esperou em silêncio por uma resposta. Todas elas esperaram por uma, na verdade, e Dara até prendeu a respiração, porque aquilo seria bom demais para ser verdade.

Hellen apenas sorriu.

— E ela deu o dinheiro para vocês, simples assim? — Murielle arregalou os olhos, sem acreditar.

Dara se inclinou um pouco no sofá e retirou do bolso traseiro do jeans um envelope com um bolinho de notas, seu pagamento pelos dias trabalhados para Steve e um pouco mais para que pudesse começar a planejar a decoração do bar. Estendeu para Murielle e voltou a se recostar no sofá, ajeitando Lara nos braços que parecia muito interessada com o que restava do chocolate babado em suas mãos.

— Tudo isso? — Murielle arregalou os olhos, espiando dentro do envelope sem tirar o dinheiro para fora.

— Uma parte é para começar com as coisas da decoração. O que acha de irmos às compras amanhã, depois que levarmos Lara para a consulta com o pediatra? — perguntou e o sorriso feliz que iluminou seus lábios era sincero, como poucos que Murielle já vira. — Estou pensando em comprar algumas coisas para a casa também e roupas para Lara.

Ao ouvir seu nome, a menina levantou a cabeça e colocou o resto do chocolate na boca. Sorriu com o rostinho inteiro sujo e balbuciou sua

nova palavra favorita.

— Oate.

— E alguns chocolates também — reformulou, sorrindo para ela.

— Ou talvez um estoque deles — Murielle riu.

Após se despedir de Murielle e tomar um banho e também livrar Lara da pequena sujeira que fez, Dara deitou na cama e suspirou. Estava satisfeita com aquele dia, mesmo que ele tenha começado de uma maneira horrível. Sua vida agora parecia um poço de surpresas.

Colocou Lara para dormir, deitada sobre seu peito como todas as noites e se permitiu sonhar. Sonhar com um futuro melhor, com bons amigos, um amor para toda vida e sem sofrimento. Até chegar ali, até chegar ao ponto de conseguir idealizar um futuro, ser feliz com pequenas conquistas e todos os pequenos aspectos da vida, fora um longo caminho.

Ainda era difícil acreditar que era real. Que aquela agora era a sua vida. Ainda dói, a dor ainda está ali e talvez ela nunca vá embora. Talvez tudo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que sofreu, os dias passados, todo o sofrimento e os dias felizes de agora, as conquistas, os sorrisos e alegrias em algum ponto de conversem. Não estaria ali hoje se não tivesse passado por tudo que passou. Se não tivesse lutado para fugir, se não tivesse sido forte.

Ainda precisa se curar, deixar a carne ferida se curar naturalmente, deixar corpo e mente entrarem em sintonia. Então, quando finalmente entrar em um consenso com todas as partes de si mesma, finalmente vai conseguir ser feliz. Inteiramente e sem desconfianças de que algo não está certo ou que algo pode dar errado a qualquer momento. Algo pode dar errado, fugir do que fora planejado na vida de todos, não só na sua.

Era um sentimento bom aquele que aos poucos crescia no seu ser. Que aos poucos ganhava formas e proporções na sua mente e refletia no seu sorriso. Era bom sentir-se aos poucos normal, mesmo que embora talvez nunca seja inteiramente. Poucas pessoas, poucas mulheres que passaram pelo que passou, que sofreram o que sofreu conseguem isso e ela levará tudo aquilo, todas as

PERIGOSAS ACHERON

dores e marcas do passado para o resto da vida.

E um dia, aquilo será apenas uma lembrança. Um dia aquilo será apenas uma dor, como qualquer outra, e não vai a definir mais. Vai ser alguém além das dores porque é para isso que se esforça todos os dias. Relembra os dias em que desejava morrer, em que desejava desistir e se envergonha. Agora, ali, ela continua a mesma por fora, ainda tem marcas sobre a pele e na alma, mas seu interior aos poucos aprende a como ser melhor. Aprende a aceitar a chance de aprender como viver. Descobrir o que é vida e o que ela significa.

Ela vence, dia após dia. Porque não fugiu daquele inferno, não deixou padrao abusador para trás para viver como sombra. Fugiu por sua menina, para que ela tivesse uma infância diferente da que teve, para que ela tivesse a oportunidade de ser feliz. Ali, olhando o embrulhinho gordinho e que sorri dormindo, ela se sente quase inteira. Sabe que valeu a pena e que, mesmo que ainda tenha um bom caminho pela frente, ela vai conseguir.

Porque é uma sobrevivente e eles sobrevivem, não importa o que aconteça.

Um toque de celular a tirou de seus pensamentos. Franziu o cenho procurando a origem do som, mas não encontrou. Colocou Lara sobre a cama, delicadamente e a ninando um pouquinho para que acordasse. Quando teve certeza de que ele dormia profundamente, beijou seu rostinho e se levantou.

Foi direto para a bolsa que levava para o trabalho e onde sempre deixava o pequeno celular que usava para se comunicar com Murielle. Percebeu, ao parar ao lado da grade da cama, que a bolsa não estava ali. A havia deixado na sala, onde a jogou quando chegou, ao lado da porta e se esqueceu de levá-la para o quarto. Já se virava para ir até a sala quando o toque soou novamente, repercutindo pelo quarto.

Franziu o cenho e seguiu o som até parar em frente ao criado mudo. Arregalou os olhos quando percebeu que o som vinha do terno bem dobrado que repousava em cima do móvel. O terno de Sean.

Esquecera-se de devolvê-lo, tão envolvida ficara com o pequeno momento que tiveram na portaria do prédio e, apenas quando entrou em casa

e recebeu uma olhada maliciosa de Murielle foi que percebeu. Mas era tarde demais e Sean já havia ido embora.

Incerta, procurou nos bolsos da peça de tecido macio e fino até encontrar um celular. O toque ficou mais alto e ela saiu rapidamente do quarto, para não acordar Lara. Parou no meio da sala de estar e pensou no que fazer. Sean provavelmente esquecera o celular ali e quem quer que estivesse ligando esperava falar com ele. Checou o visor, curiosa, mas o número que ligava não estava registrado. Mordeu o lábio, tentando decidir o que fazer, mas a chamada subitamente foi encerrada.

Suspirou aliviada. Não queria invadir a privacidade dele, não gostaria que fizessem isso com ela. Celular é algo muito pessoal. Ele provavelmente daria um jeito de recuperar o aparelho e talvez não gostaria de saber que ela atendera ligações em seu nome.

Aliviada, já caminhava de volta para o quarto quando o celular apitou e a tela acendeu, avisando o recebimento de uma mensagem. Precisou cerrar

os olhos para enxergar devido a luminosidade do aparelho, a casa inteira estava sobre as sombras. Então arregalou os olhos e quase largou o celular no chão quando finalmente conseguiu ler a mensagem.

“Atenda a ligação, Dara.”

— Como... O que... — balbuciou confusa e assustada. Sentou no sofá, tentando descobrir o que significava aquilo e concluiu que provavelmente era Sean percebendo só agora que esquecerá o aparelho e também ao seu terno e agora tentava se comunicar com ela.

O celular tocou pouco tempo depois e ela respirou fundo antes de deslizar o dedo na tela, aceitando a chamada.

— Alô — disse timidamente, apertando o aparelho com força contra a orelha.

— Olá — cumprimentou Sean e Dara pôde jurar ouvir o som do sorriso dele.

— Oi — respondeu, ainda nervosa, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrindo também. — Você esqueceu o celular dentro do terno.

— Eu sei. Espero não ter acordado você.

— Não, eu estava acordada — respondeu, sentindo a espécie de calma que agora sempre sentia quando conversava com ele.

— Como você está hoje? — ele perguntou parecendo realmente interessado em saber.

— Estou bem — respondeu e aquela era uma resposta sincera. Realmente, finalmente se sentia bem. Ou ao menos melhor do que outros dias, mas aquilo já era um avanço enorme. — E você?

— Estou bem. Como foi o seu dia?

Dara sorriu. Quase pareciam estranhos conversando, o que não deixava de ser verdade. Ainda não conheciam um ao outro tão bem. Sean parecia escolher suas perguntas com cuidado, o que era amável da parte dele e também a fazia sorrir.

— Incomum — o eufemismo do ano. — Imagino que você saiba o que aconteceu com Steve.

— Sei. Isso uma hora ou outra aconteceria. O

PERIGOSAS ACHERON

que você fez hoje?

— Hum. Passei o dia em casa e à noite fui até o bar para ver o que estava acontecendo.

— E o que aconteceu?

Dara contou tudo, todas as surpresas da noite, Hellen e sua simpatia, suas propostas, a alegria das funcionárias, os seguranças, seu papel importante como quase decoradora e a nova gestão em geral do bar. Deixou de lado apenas os pequenos detalhes que Murielle sempre insistia em saber e ela já estava acostumada porque provavelmente ele não iria querer saber como Hellen estava vestida.

— E você está feliz com isso?

Dara não precisou pensar antes de responder.

— Sim — o sorriso quase escapava por sua voz. Era bom poder sorrir outra vez e, melhor, ter motivos para isso.

— Fico feliz por você — ela ouviu o sorriso dele também e sorriu ainda mais. — E também fico feliz por poder continuar frequentando o meu bar favorito de toda a Irlanda.

Dara riu, sem se conter. Ela também estava

feliz por aquilo. Havia pensado no que significaria para eles dois se deixasse de trabalhar ali, porém, felizmente, aquilo não aconteceu. Sean também riu do seu lado da linha e Dara fechou os olhos, ainda sorrindo.

Já havia desistido de tentar entender o que sentia por aquele homem, as coisas que ele despertava nela. Tudo se resumia agora ao permitir. Permitir-se sorrir, permitir-se estar perto dele, permitir-se ser tocada por ele e principalmente, ser beijada por ele. Era novo aquilo que sentia, era estranho, mas um estranho bom. Um estranho diferente que a fazia sorrir sempre que se lembrava dele e corar dos pés a cabeça quando ele a olhava como se ela fosse a coisa mais linda do mundo.

É bom sentir-se daquela maneira. Sentir-se querida, bonita aos olhos dele. E tudo que ela mais deseja são mais sensações como aquela.

— E como foi o seu dia? — ela devolveu a pergunta depois de um tempo em silêncio.

— Cheio, porém satisfatório — ele respondeu e Dara poderia dizer apenas ouvindo sua voz que ele parecia cansado.

— Você parece cansado.

— Apenas um pouco. O que você vai fazer amanhã à noite?

— Hum. Nada — respondeu incerta. — Hellen, a nova proprietária do bar, me deu folga pelo resto da semana para organizar tudo em relação a decoração do bar.

— Então você está livre amanhã à noite? — ele parecia esperar por uma resposta positiva ou negativa.

— Sim, estou. Por que? — ele a deixou curiosa.

— Você aceita jantar comigo? — ele não precisou respirar fundo antes de perguntar, apenas perguntou. Ela, entretanto, embora agora tivesse uma boa ideia do que queria e desejasse se encontrar com ele também, precisou de um tempo até responder.

Não precisou pensar muito, entretanto. A resposta certa era uma só e ela seria louca de recusar a oportunidade de encontrá-lo mais uma vez. Queria conhecê-lo melhor, queria saber mais sobre ele e aquela seria a oportunidade perfeita.

PERIGOSAS ACHERON

Sentia-se bem ao lado dele, conversando com ele. Sentia saudades dele. Havia se acostumado a vê-lo todas as noites e, mesmo que não fizesse tempo assim desde que o vira pela última vez, sentia sua falta.

Se sentia falta dos beijos dele também? Sorriu enquanto corava.

— Sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

Foi um pouco difícil conseguir dormir depois daquela ligação e após aceitar o pedido dele, mas em algum momento da madrugada o sono a venceu. Não teve sonhos, foi um sono tranquilo e relaxante, como poucos. Acordou cedinho com uma mãozinha cobrindo seu rosto, os dedinhos brincando com o seu nariz. Abriu apenas um dos olhos levemente, fingindo ainda dormir.

Lara estava concentrada, brincando com o seu nariz, tocando o próprio depois e parecendo comparar os dois. Dara reprimiu um sorriso e continuou fingindo dormir, mantendo a respiração profunda. Por não ter um berço e devido a cama ser muito estreita para duas, Lara sempre dormia sobre seu peito e amava aquilo, sempre a relaxava e conseguia dormir tranquila.

Após alguns minutos, aparentemente cansando da brincadeira, Lara lançou um olhar em volta, ainda deitada no peito da mãe, protegida por um braço para que não caísse. Tentou descer da

PERIGOSAS ACHERON

cama depois, fazendo força para tirar o braço de cima do seu corpo. Não conseguiu e resmungou contrariada alguma coisa que Dara não entendeu. Resolveu ajudá-la e quando a menina forçou seu braço novamente, deixou que o membro cedesse conforme ela descia aos pouquinhos do seu peito e da cama, mantendo a mão protetora sobre a bundinha de fraldas para que não caísse.

Ao atingir o chão, Lara balbuciou algumas palavras no dialeto dos bebês e engatinhou pelo chão. Parou no meio do quarto, lançou um olhar para trás para conferir se a mãe ainda dormia e Dara rapidamente fechou os olhos e desfez o sorriso. Ouviu quando ela resmungou outra vez, parecendo fazer força e esperou alguns segundos até abrir levemente um dos olhos.

Lava estava de pé, apoiando-se contra a cômoda enquanto as perninhas balançavam, instáveis. Tentou seguir até a porta, com a clara intensão de sair do quarto, mas precisou se apoiar melhor quando quase caiu no chão. Dara esqueceu do seu disfarce, sentou na cama de súbito e Lara se surpreendeu, virando o corpinho para trás e caindo

sentada no chão. Olhou para a mãe que a fitava de olhos arregalados e abriu bem os olhos e a boca, a imitando. Então riu, moleca, como se estivesse satisfeita do grande feito.

Dara riu também em resposta, emocionada com a primeira conquista da sua pequena. Chamou-a com os braços abertos, sentando-se na cama, afastando o edredom para longe.

— Venha cá, amor — chamou, a voz levemente embargada. Lara obedeceu, engatinhando, mas logo parou novamente. Tentou levantar sozinha, sem apoio daquela vez, mas não conseguiu. Tentou de novo, caiu no chão, resmungou inconformada, mas não desistiu. Dara sorriu com sua persistência e reprimiu o choro emocionado. Não queria assusta-la com suas lágrimas. — Deixe a mamãe ajudar você.

Caminhou até ela e se agachou. Estendeu as mãos para ela e Lara as segurou com força, tentando se levantar.

— Isso, assim — instruiu, mas não a apressou ou tentou levantá-la, deixou que ela fizesse aquilo sozinha, assim que conseguisse

coordenar as próprias pernas e no seu próprio ritmo. Lara fez força, apertou as mãos da mãe e conseguiu tirar a bunda do chão por dois segundos antes de desabar de novo. Riu, achando aquilo engraçado e tentou se levantar de novo. — Isso, você consegue.

Caiu mais três vezes e levantou outras três, gostando da nova brincadeira, mas na última vez conseguiu levantar. Dara sentou no chão, abrindo um pequeno espaço entre elas, ainda segurando suas mãos.

— Tente dar um passo — a encorajou, sorrindo para ela e Lara pareceu entender. Dara deu um pequeno suporte, forçando as mãos só um pouquinho, só para que ela não colocasse muito peso sobre as perninhas instáveis. Lara deu um pequeno passo para frente e apertou as mãos da mãe quando bambeou para um dos lados. Arrastou a outra perna até parar na posição da primeira e deu um passo com a mesma perna, parecendo incerta de como fazer aquilo e andando quase de lado.

Dava um passo sempre com a mesma perna e puxava a outra, devagarinho. Deu o último passo e

se jogou no colo da mãe, rindo baixinho e sendo seguida por ela. Dara a pegou nos braços e beijou sua testa, seus olhos, as bochechas coradas devido ao esforço e sorriu para ela, os olhos cheios.

— Você está ficando uma mocinha — murmurou contra sua bochecha, fingiu que ia morder e riu quando Lara se encolheu, sorrindo. — Mamãe está orgulhosa de você.

— Mama — ela repetiu e tentou fazer o mesmo com a sua bochecha, babando no seu rosto. Dara riu e fingiu tentar fugir do seu ataque, o que fez com que ela envolvesse sua cabeça com os braços, tentando mantê-la parada enquanto abria a boca sobre sua pele.

Dara levantou com cuidado, com Lara apertando-se contra seu rosto e caminhou devagar, saindo do quarto e observando o caminho que fazia por uma pequena brecha entre os pequenos bracinhos.

— Vamos tomar café da manhã? — indagou e Lara rapidamente a soltou, acenando freneticamente com a cabeça. Dara sorriu e beijou sua testa, divertindo-se com sua animação. Limpou

o rosto babado com a manga da camisa que vestia e colocou a menina sentadinha no chão.

Anotou mentalmente, enquanto pensava no que que fazer para o café da manhã, que, se fosse possível com a quantia que havia recebido, seria bom comprar uma mesa para a cozinha. Teria que ser uma pequena já que o cômodo era quase mínimo e também porque não possuía tanto dinheiro assim, já que planejava comprar outras coisas, como talvez uma daquelas cadeiras altas de bebês para Lara.

— O que você quer comer hoje? — perguntou para a menina, que brincava distraída com os próprios pés. Lara olhou para cima e abriu um enorme sorriso.

— Oate.

Dara riu.

— Não pode comer chocolate pela manhã, amor. Faz mal — disse.

Lara permaneceu olhando para ela e de repente encolheu os ombros, abaixando levemente a cabeça e piscando os olhinhos. Dara abriu a boca, surpresa. Lara então sorriu levemente, com uma

PERIGOSAS ACHERON

expressão tão angelical, tão fofinha que seria impossível resistir.

— Oate — repetiu e piscou duas vezes seguidas.

— Você está ficando uma mocinha muito esperta — Dara parabenizou e cedeu, buscando no pequeno armário a barra de chocolate. Cortou um pedaço pequenininho, apenas um pedacinho menor que uma moeda e colocou na boca dela. Lara sorriu e bateu palminhas. — E sabe dobrar a sua mãe direitinho.

— Oate — a menina repetiu, rindo contente e Dara a acompanhou. Realmente, muito esperta. E, mesmo ainda tão nova, tinha a mãe na palma da mão.



— Não tenho certeza sobre isso, Murielle — Dara repetiu pela décima vez, mas Murielle não lhe deu ouvidos. — Acho que é um pouco exagerado.

— Não é — Murielle também repetiu pelo
PERIGOSAS ACHERON

que parecia a décima vez. — Você está nervosa, só isso.

Dara tentou se acalmar e respirou fundo. Era verdade, estava mesmo nervosa. E incerta. E temerosa. Nunca havia sido convidada para jantar antes. Ou para qualquer outra coisa do tipo. Convidada para sair por um homem, mais especificamente. Suas mãos estavam trêmulas e suadas e sentia as pernas tremerem levemente.

Olhou para o espelho mais uma vez, tentando encontrar-se no próprio reflexo. Havia pedido ajuda a amiga, porque não sabia nada sobre se produzir e assumia aquilo, e não sabia o que fazer. Não possuía maquiagens, roupas ou sapatos bonitos, nada daquilo e por isso solicitou ajuda e aceitou todas as sugestões que recebeu.

Murielle repetiu durante todo o começo da noite o quanto estava feliz por ela e o quanto estava contente em poder atuar como fada madrinha pela primeira vez na vida. Desde então, Dara deixou-se moldar em suas mãos, já que a amiga possuía conhecimento naquilo e ela não. Após algumas horas, alguns cuidados e vários processos que ela

sequer fazia ideia, Dara estava pronta.

— Tem certeza de que está bom assim? Não seria melhor trocar essa roupa? Ou prender o cabelo? — era o nervosismo falando, ela sabia disso, mas não conseguia se controlar. Estava uma pilha de nervos, ansiosa desde que começaram com aquilo. Respirou fundo duas vezes, percebendo que provavelmente estava sendo ridícula. Fechou os olhos e tentou se acalmar.

— Dara — Murielle segurou e apertou suas mãos, esperando até que ela abrisse os olhos para continuar. — Você está maravilhosa. Não tem nada de exagerado sobre essa roupa, você não está exposta de forma alguma e seu cabelo está perfeito. Você é perfeita — enfatizou, olhando dentro dos seus olhos para que ela entendesse de uma vez. Dara assentiu levemente e Murielle sorriu, satisfeita. — Muito bem. Agora deixe-me avaliar a minha obra de arte.

— Para com isso — vermelha, ela se voltou novamente para o espelho, fugindo do olhar admirado de Murielle para seu corpo.

Respirando fundo mais uma vez e finalmente

sentindo-se acalmar um pouco, Dara avaliou mais uma vez seu reflexo. Parecia ela ali, mas não era. Mas realmente não havia nada de exagerado na sua aparência, como Murielle afirmou.

O vestido que usava era preto, discreto, de um tecido grosso, o que a protegeria um pouco só frio e não possuía nenhum adorno ou enfeite. Era simples, sem decote e ficava um pouco colado ao seu corpo. Havia o comprado naquela tarde, após a consulta de rotina de Lara com o pediatra e as compras, para a casa, a menina e algumas coisas para a decoração do bar.

Não havia pensado em comprar nada para si mesma ou para usar naquela noite, mas aquele vestido chamou sua atenção. Gostou dele por ser discreto e elegante e o comprou principalmente porque temia de alguma forma insultar aquele homem maravilhoso com a sua aparência simples.

O tecido descia macio sobre seu corpo e acabava quase no joelho, levemente mais justo naquela área. Murielle havia afirmado que aquele modelo era maravilhoso, que ficara lindo no seu corpo e que ajudou a definir suas poucas curvas.

Não tinha intenção de chamar atenção demais para o seu corpo, mas precisou admitir gostou do resultado.

— Preciso só... — Murielle murmurou, procurando algo na sua pequena necessaire. — Achei!— exclamou e voltou-se para Dara, balançando um batom na mão. — Preciso só dar um toquezinho de cor no seu rosto.

Dara permaneceu quieta enquanto ela traçava seus lábios. Havia se recusado a usar maquiagem. Não gostava da perspectiva de parecer diferente ou de alguma forma fingir ser algo que não é. Murielle manteve seu rosto ao natural e pediu, na verdade quase implorou para que Dara permitisse que fizesse suas sobrancelhas. Elas eram delineadas por natureza, mas a morena afirmou que um reparo vez ou outra, só um fiozinho retirado aqui ou ali, já faziam muita diferença.

Sinceramente, não viu diferença nenhuma, mas fingiu surpresa com o resultado apenas para deixar a amiga feliz. Murielle terminou o trabalho nos seus lábios e Dara voltou-se para o espelho outra vez. Era apenas um batom rosinha, cor de

boca e um tom que combinava com o corado natural e aparentemente permanente nas suas bochechas.

Jogou o cabelo para trás do ombro, ainda encantada com a maciez dos fios e ensaiou um sorriso. Pareceu falso, forçado e ela tentou de novo. Viu pelo reflexo no espelho a confusão no rosto de Murielle.

— Estou ensaiando como sorrir naturalmente — explicou, repetindo o processo.

— Ah, entendi — Murielle a observou por um tempo e riu baixinho com suas tentativas de sorrisos que resultavam em caretas. — Continue tentando. Está fazendo um ótimo trabalho.

Dara a ignorou e tentou encontrar uma expressão contente, mas sem ser excessiva. Cansou daquilo quando suas bochechas começaram a doer e voltou-se para a amiga. Passou as mãos pelos cabelos, ajeitando os fios que não estavam fora do lugar, repletos de ondas leves e repartido ao meio.

— Você acha... — hesitou e começou de novo depois de um instante. — Acha que ele vai gostar?

PERIGOSAS NACIONAIS

Murielle a avaliou dos pés a cabeça, uma expressão pensativa. Se aproximou dela e tomou suas mãos, apertando-as para transmitir segurança.

— Você está maravilhosa com essa roupa, com esse cabelo, com essa sandália e com essa quase maquiagem. Não tem com o que se preocupar.

— Obrigada — Dara suspirou aliviada, mas Murielle não havia terminado ainda.

— Porém, o que você deveria se preocupar é com você mesma, com o que você acha e não com o que ele vai achar. Você está maravilhosa, sim, mas você sempre foi, mesmo sem todas essas coisas. E se você está confortável assim, se está se sentindo bonita e maravilhosa, é isso que importa, não o que os outros vão pensar. Entende? — Dara assentiu com a cabeça e Murielle sorriu. — Bom. Mas, respondendo a sua pergunta, aquele homem vai comer aos seus pés quando vê-la. Não precisa se preocupar com isso, ele pareceu achá-la linda mesmo com aquelas roupas horrorosas que você usava para trabalhar. Esse vestido vai matá-lo do coração.

PERIGOSAS ACHERON

Dara riu e abraçou Murielle, agradecendo em pensamento por tê-la na sua vida. Por apoiá-la, por sempre ajudá-la, sempre estar ali quando precisava e sempre cuidar da sua filha como se fosse dela.

— Obrigada — sussurrou contra seu pescoço e se afastou, olhando em seus olhos. — Por tudo.

— De nada, mas não chore. Ou vou ter que passar algumas coisas na sua cara e você não quer isso — Murielle também estava emocionada, mas brincou.

Dara também riu.

— Eu realmente não quero isso.

Ao se despedir de Lara, que quase cochilava brincando com seus novos brinquedos no novo tapete fofinho e antialérgico, Dara sorriu ao ouvir o que poderia ser o centésimo pedido do dia por chocolate. Sorriu e negou com a cabeça com nas últimas cem vezes. Lara olhou para além da mãe e novamente adotou a expressão pidona, angelical e irresistível que agora usava com frequência.

Dara riu e olhou para trás para falar com Murielle sobre aquilo, mas pegou a amiga fazendo a mesma expressão que a menina, que claramente

PERIGOSAS ACHERON

havia aprendido e imitava aquilo da mais velha.

— Devia ter desconfiado que havia um dedo seu nisso — repreendeu, após beijar a filha de até logo.

Murielle desfez a expressão pidona e deu de ombros.

— Sou a tia dela, tenho o direito de ensiná-la a como se virar sozinha — rebateu, sem vergonha na cara. — Vá logo para que possamos nos divertir sem você, sua careta.

Pouco tempo depois, no horário marcado, ela descia as escadas devagar tentando não tropeçar nas próprias pernas que pareciam bambas e ignorando o elevador. Estava nervosa e precisava se manter em movimento, não aguentaria ficar presa naquela caixa de metal nem pelos poucos segundos que levaria do seu andar até o térreo.

Apertou a alça fina da bolsa sobre o ombro, um pequeno empréstimo da amiga, onde levava a pequena quantia de dinheiro que havia restado após as compras, o celular de Sean e o seu próprio, para caso Murielle precisasse falar com ela. Usou o tempo que levou para descer as escadas para tentar

ao menos deixar de lado o nervosismo.

Estava maravilhosa, iria sair com um homem pela primeira vez na vida, estava ansiosa para descobrir onde iriam e ainda mais ansiosa para vê-lo novamente. Sean era um homem gentil, paciente e que despertava o melhor nela. Que a deixava consciente de coisas sobre si mesma, sobre seu próprio corpo que não conhecia ainda e ansiava por conhecer.

Não tem motivos para ficar nervosa, repetia para si mesma. Não é nada demais também, já se encontram antes, por várias noites. Só que daquela vez ela não estaria servindo mesas e teria a concentração inteira para ele. E a dele para ela. Não tinha por que ficar nervosa.

Alcançou o térreo, sorriu levemente para o novo porteiro e respirou fundo antes de sair pela portaria. A noite não estava tão fria como imaginou que estaria e apenas as mangas compridas do vestido faziam um bom serviço em protegê-la do frio. O vento soprou uma mecha do cabelo sobre seu rosto e ela a afastou, colocando-a atrás da orelha.

Olhou para frente, novamente apertando a alça fina da bolsa e então prendeu o ar.

Lá estava ele.

Lindo como sempre, mas ainda mais naquela noite. Usava um blazer, uma camisa de tecido grosso e uma jeans. Vestido de preto dos pés a cabeça e vestido para matá-la do coração. Quase casual demais para ser ele, quase outra pessoa longe do padrão de ternos aos quais já estava acostumada, mas ainda era o mesmo ali. Encostado no carro, Sean olhou para ela no momento em que saiu do prédio. Sentiu que era analisada, sentiu os olhos dele descerem por seu corpo, mas foi no seu rosto que o olhar dele se concentrou.

Estava quase nervosa, parada na calçada, entre ele e a portaria e esperou para ver na sua expressão o que ele achou da sua aparência. Quase correu de volta para casa, como uma covarde, mas então Sean sorriu. E suas pernas quase viraram gelatina.

Aquele era um sorriso de um homem satisfeito com o que via, ela reconheceu de algum jeito. Era um sorriso de um homem surpreso e

satisfeito, mas também era um sorriso perigoso, porque de alguma forma a fazia muito consciente do seu corpo. Sentiu o rosto vermelho, sentiu a timidez aflorando, mas não deu as costas para ele como queria fazer um instante atrás.

Pelo contrário, caminhou para ele, passo a passo, devagar e com os olhos colados nos dele. Sorriu, o sorriso sincero e feliz que ela havia tentado ensaiar na frente do espelho antes. Agora ele surgia nos seus lábios de forma instantânea e só para ele.

Sorriu, feliz consigo mesma, confortável no seu próprio corpo e sem mais se perguntar se o que estava fazendo era certo.

E não era. Sair com Sean não era certo porque ele caiu de paraquedas na sua vida, não planejou aquilo. Era errado e era bom, porque o certo seria ela continuar presa ao passado, presa ao padrasto e servindo como o objeto que ele e a vida a moldaram para ser e não ali, livre.

Mas não existe um outro alguém no comando da sua vida agora. Não existem carrascos, as agressões acabaram, o sofrimento se foi, agora é a

PERIGOSAS NACIONAIS

hora da bonança.

E, agora, ela é a regente da própria vida.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

Ele esperou por aquela noite. Ansioso, coisa que quase nunca acontecia. E talvez até um pouco nervoso. Parecia um adolescente enquanto procurava entre as roupas algo que fosse condizente com a noite.

Queria estar bonito para ela. Queria surpreendê-la de alguma forma, agradá-la de toda forma. Cansou daquela besteira pouco tempo depois e vestiu a primeira coisa que encontrou porque não tinha paciência para aquilo. Estava nervoso como um adolescente, é verdade, mas não agiria como um, provando e trocando de roupa dezenas de vezes.

Vestiu o que encontrou pela frente e só. Colocou o relógio, pegou a carteira, o celular, as chaves do carro e passou perfume. Passou as mãos pelo cabelo e estava pronto. E ainda faltava uma hora para o horário que havia marcado de ir buscá-la. Franziu o cenho e saiu do quarto para não ficar ainda mais nervoso.

Ele não é assim. Não fica nervoso com coisas

PERIGOSAS ACHERON

bobas como um encontro ou ansioso. Mas era ela, era Dara e tudo sobre ela o deixa assim, diferente. É estranho se sentir daquela forma, entusiasmado com algo tão recente, com uma menininha tímida e inocente, mas já deveria estar acostumado. Desde que a conheceu que é assim.

Sua vida não gira em torno dela, afinal tem um trabalho e muitas obrigações que exigem sua atenção, mas estaria mentindo se dissesse que não pensa nela enquanto faz boa parte dessas coisas. É o sorriso dela que ele vê diversas vezes por dia enquanto analisa casos. É a voz dela, o timbre baixo, a voz melodiosa e delicada como ela inteira que ele ouve enquanto usa seus anos de experiência e estudos para decretar finais muitas vezes infelizes para aqueles que burlam a lei.

É ela. Ela está ali com ele mesmo ausente e ele vai caindo, dia após dia, semana após semana de uma forma que nunca julgou ser possível. Perguntou-se se possuía o mesmo efeito sobre ela, o mesmo controle sobre seus pensamentos e sorrisos. Esperava que sim.

Saiu de casa e seguiu até o prédio dela, mesmo ainda faltando alguns minutos para o

horário marcado. Não se importava de esperar, contando que em algum momento da noite ela descesse, poderia demorar horas e ele não se importaria. Estacionou o carro no meio-fio e conseguiu ficar ali dentro pelo menos até que a hora marcada chegasse.

Desceu e se encostou no carro, ao lado da porta do passageiro. Olhou em volta apenas uma vez, apenas porque não seria ele se não fizesse aquilo e esperou. Temeu que ela desistisse, temeu que tivesse sido ousado demais, rápido demais, mas precisava arriscar. Não queria pressioná-la, de maneira nenhuma, mas também queria tê-la por perto, conversar com ela, tocá-la, beijá-la, se ela permitir.

Talvez tenha se precipitado, é possível. E se ela decidir de última hora que seria melhor deixar o jantar para outro dia, ele entenderia também.

Parte do porque sempre avança devagar, sutilmente, quase pelas beiradas é porque teme que ela recue. Teme assusta-la, teme que ela que fuja e se esconda. Tem que ser devagar, tem agir sem pressa para que ela saiba que é seguro, para que ela saiba que pode se jogar, ele vai estar ali para

PERIGOSAS NACIONAIS

segurá-la. Para que saiba que ele não vai deixá-la cair.

Ele não tem pressa. Esperou um mês por um beijo e esperaria outros três, sem problemas. Porque sabe que vale a pena. Sabe que ela vale a pena. E que, se é daquilo que ela precisa, de compreensão, de respeito, de cuidado, com ele terá tudo isso. Ele está ali e não vai embora a não ser que ela queira.

Cuida dela porque aquilo é da sua natureza. Até consegue controlar seus impulsos, sabe que seria errado se meter na vida dela sem o seu consentimento, mas, pequenas coisas, coisas insignificantes e que não eram tão invasivas assim, mas que a deixariam mais segura, ele não conseguia resistir. Como aquele prédio, por exemplo. O elevador seria útil para ela e para a bebê e o porteiro estava ali para garantir que tudo estivesse bem.

Eram pequenas coisas que ajudavam a suprir a sua necessidade de cuidar dela, pequenas coisinhas, mas que faziam a diferença. Para ela e para ele também.

Viu um pequeno movimento na janela que

PERIGOSAS ACHERON

devia dar nas escadas e esperou em silêncio. Só de estar ali, só com a expectativa de vê-la outra vez já sentia-se mais calmo. Dara tem esse poder sobre ele, de acalmar seu espírito, deixá-lo tranquilo e de fazê-lo esquecer por um tempo todos os seus problemas.

Esperou pelo tempo que ela levou para sair e esqueceu a preocupação em talvez receber uma negação tardia. Estava tudo bem, a desejaria boa noite e seguiria para casa. Poderia esperar mais um tempo, logo a veria outra vez.

Então ela atravessou as portas e o efeito que a visão dela teve na sua cabeça foi incontável. Dara estava linda, como sempre foi, mas vestida daquela maneira estava ainda mais. Parecia quase como se tivesse se vestido para ele, para testar seu autocontrole.

O vestido era preto, simples, mas que nela se tornava perfeito, como uma peça de grife jamais se tornaria. Linda, ela era. Inteira linda, dos cabelos ondulados aos dedinhos dos pés.

O vento bateu contra seu corpo e uma mecha do seu cabelo voou sobre seu rosto. Ela a afastou do rosto e subiu os olhos, desviando-os finalmente

do chão e olhando diretamente para ele. Desde que ela atravessara as portas Sean enxergava tudo como a cena de um filme, em slow motion e com requinte de detalhes. Viu o reconhecimento nos olhos dela, o cabelo voando ao redor do seu rosto, tão linda, tão perfeita.

Devolveu o olhar dela, mas não resistiu e desceu os olhos para seu corpo. Linda. Daquela maneira e também com o uniforme de trabalho sobre as roupas. Linda de qualquer forma, de qualquer jeito. E não só por fora.

Sorriu para ela, demonstrando com os olhos e com a boca que estava tudo bem. Eu seguro você, os olhos dele diziam. É seguro, estou aqui.

Ela sorriu, tímida e, se possível, ainda mais linda. Avançou para ele, devagar, os olhos nos dele e havia algo naquele olhar que ele não conseguiu decifrar com certeza, mas iria. Parou na sua frente e cruzou os braços na frente do corpo, soltando a alça da bolsa que segurava até ali.

Ela estava nervosa, percebeu. Ele também estava, mas pretendia resolver aquilo no decorrer da noite.

— Tudo bem? — perguntou, apenas para

quebrar o silêncio e antes que fizesse algo impulsivo como beijá-la sem aviso, o que queria desesperadamente fazer.

— Tudo — respondeu baixinho e sorriu levemente, as bochechas corando ao dizer: — Você está lindo.

— Você também — respondeu e pegou uma das mãos dela com gentileza. A pele estava fria e ligeiramente suada. Acariciou seus dedos com os seus. — Mas você sempre está.

Ela corou ainda mais e sorriu, ainda tímida. Apertou a mão dele como agradecimento. O observou mais de perto, ainda sorrindo e focou o olhar no seu rosto. Seu sorriso vacilou e Sean sabia o que ela estava vendo.

— O que aconteceu com o seu rosto? — perguntou preocupada.

— Um pequeno acidente — ele não queria preocupá-la com aquilo, tampouco falar a verdade. Havia um pequeno hematoma no seu queixo, mínimo, apenas uma manchinha escura que restara como lembrança do pequeno "confronto" com Reymond, mas ela ainda assim parecia quase assustada.

— Está doendo? — Dara não vacilou em tocá-lo e ele sorriu um pouquinho, feliz que ela se preocupasse com ele, mesmo que não gostasse de deixá-la preocupada.

— Não — adorava sentir o toque dela na sua pele e, apenas porque não conseguiu resistir, tocou o dela também, acariciando a pele macia sob seus dedos.

— Mas está machucado — ela não parecia acreditar nele, tocando a área machucada no seu queixo com dedos gentis, sem machucar. Ele não se importava se ela fosse brusca, contudo, contando que continuasse com a mão no rosto dele, aproximando-se sem notar, ficando tão perto que ele podia notar todas as nuances daqueles olhos azuis que o encantavam. — Tem certeza de que não está doendo?

— Tenho — e realmente não doía. Aquilo não era nada, o golpe passara de raspão.

Dara franziu o cenho e pareceu não notar quando ele envolveu a outra mão na sua cintura, puxando-a mais para perto, só um pouquinho, só porque queria senti-la contra seu corpo por um tempo enquanto ela se mantinha distraída.

— Mas o que aconteceu? — Sean não resistiu e riu da insistência dela, envolvendo agora as duas mãos na sua cintura. A curva da cintura dela sumia entre suas mãos, delicada como ela inteira é.

Dara é magrinha, pequena se comparada a ele, e também pequena se comparada a qualquer outra pessoa de estatura mediana. Batia na altura do seu peito, mas ele não se importa com aquilo. Ficaria feliz mesmo se tivesse que se inclinar um metro contando que pudesse provar dos lábios dela mais uma vez. Ela olhava para cima, brindando-o com a visão daquele rostinho de menina. Os olhos, passando de preocupados para confusos, desviaram do seu queixo e miraram seus olhos.

— Não é nada de mais, Dara. Está tudo bem — afirmou ainda sorrindo. Ela parecia não acreditar ainda, mais assentiu e sorriu minimamente.

Sean gostava de senti-la assim, tão perto, o corpo dela quase encostando no seu, suas mãos no corpo dela e ela ali, sem medo, sem receio. Queria puxá-la um pouquinho mais, mas resistiu. Já avançou o suficiente, tem que deixar que ela se acostume, tem que deixar que ela decida se quer ou

não, um beijo, um toque a mais, o que for. O corpo é dela e todas as permissões também.

— Tudo bem — ela sorriu um pouquinho mais e tirou a mão do seu rosto. Descansou as duas mãos nos seus bíceps e não pareceu surpresa com sua aproximação. Só ali Sean notou que ela não estava tão distraída assim que não notou quando ele a tocou, ela parecia consciente disso e, o mais surpreendente de tudo, confortável.

Sorriu de volta para ela. Tinha gosto de vitória aquele sorriso dela. Tinha gosto e cheiro de vitória. Dela e apenas dela. Sean não cantava vitória porque ele nunca precisou lutar as mesmas batalhas que ela lutava agora, ele era apenas um observador. Estava ali só para assistir aquilo e que lindo que era.

O olhar dela colado no dele, as mãos nele, as mãos dele nela e os olhos que não se desgrudavam. Ele viu nos olhos dela o que talvez fosse um desejo por mais e não conseguiu resistir.

— Posso beijar você?

Ele sempre perguntaria. E sempre seguiria aos comandos dela. A decisão agora é dela e, se ela disser não, tudo bem também, ele se contenta só

com o jantar. Se ela piscar, se ela tremer apenas um pouquinho, se tentar recuar, ele cede. Porque não quer que ela se sinta pressionada ou que, de alguma maneira, sinta que deve fazer aquilo.

Não quer ser visto como um dever, quer ser visto com desejo, quer sempre que os olhinhos dela brilhem para ele do jeitinho que brilham agora, quer sempre ouvir o suspiro baixinho que ela deixou escapar pelos lábios entreabertos e quer sempre ver o consentimento dela, um gesto mínimo com a cabeça, ansioso e quase tímido.

Avançou devagar, envolvendo o rosto dela com uma mão, um toque gentil para que ela lembre, mesmo de olhos fechados, que é ele que está ali. Que ali é seguro. Que ele não vai machucá-la, que está tudo bem, vai ficar tudo bem. Inclinou-se para ela, devagar, sem encostar em qualquer outra parte do corpo dela que não o rosto e a cintura.

Ela suspirou novamente, a respiração batendo de encontro ao rosto dele e fechou os olhos, a espera. Sean envolveu seu rosto com as mãos e roçou os lábios nos dela levemente, quase uma carícia. Sentiu um outro suspiro contra os lábios e tomou a boca dela como sua.

Daquela vez eles suspiraram juntos. Beijou-a devagar, apreciando cada segundo, envolvendo o rosto dela com uma mão e acariciando os fios macios do seu cabelo com a outra. Aquilo era um beijo, mas também era uma carícia. Calmo, não tão desbravador como queria, mas intenso. Capaz de fazer as suas pernas quase ficarem instáveis e agradecer em pensamento por poder usar o carro às suas costas como apoio.

Sugou os lábios dela com cuidado, sem querer ser ousado demais, mas sem conseguir resistir. Dara apertou as mãos nos seus braços e emitiu um pequeno som contra sua boca. Sean foi além e prendeu seu lábio inferior com os dentes levemente, querendo guardar para si uma lembrança física daquele beijo.

Dara subiu as mãos pelos seus braços, passando pelos ombros com as mãos errantes, incendiando sua pele por onde passava, mesmo por sobre o tecido grosso da camisa e do blazer. Quando o toque dela chegou ao seu pescoço, Sean não conseguiu resistir mais. Intensificou o beijo, tirando dela e daquele momento tudo o que eles permitiam.

Os dedos dela dedilharam a pele do seu pescoço e logo acariciavam seu cabelo. Dara ficou na ponta dos pés, puxando-o para baixo, mais para perto, beijando-o com desejo, da mesma maneira que ele fazia. Encostou o corpo no dele, cobrindo-o inteiro mesmo com a sua pequenez e estremeceu.

Sean não levou nem mesmo um segundo para distinguir o que significava aquela reação e voltou a envolver as mãos na sua cintura. Diminuiu a intensidade do beijo até ele restar em um selinho, um carinho ameno, as respirações ofegantes dos dois se encontrando no pequeno espaço entre seus rostos. Afastou-a um pouquinho do seu corpo, sentindo quando ela soltou seu cabelo e voltou a descansar as mãos em seus braços, soltando a respiração.

Abriu os olhos e esperou até que ela fizesse o mesmo. Ela piscou um pouquinho, uma centelha brilhando nos seus olhos, a certeza do que ele havia pressentido ali exposta. Sean beijou sua face com carinho, seu nariz, bochechas e testa e sentiu quando ela começou a relaxar aos pouquinhos.

Sean a queria, isso não era novidade nenhuma. Demonstrara isso com a sua boca, mas

também com outra parte do seu corpo mais abaixo. Dara havia sentido isso quando colou seu corpo no dele. E estremeceu de temor. Ele notou antes que ela tivesse tempo de se assustar ainda mais, a afastou do seu corpo, mas a manteve nos braços.

Talvez tenha ido longe demais, talvez a tenha beijado por tempo demais, mas fora ela que se aproximara mais. Ele resistiu ao desejo de puxá-la para si, temendo aquilo, temendo que ela o temesse, mas no final das contas ela o fez mesmo assim. O olhar dela estava colado no seu e ele recuaria ainda mais caso visse naqueles olhos azuis que sua proximidade era demais. Mas não era.

Dara estava relaxada outra vez nos seus braços, embora ainda estivesse ofegante. Piscou, tímida e ele sorriu para ela, para acalmá-la. Encostou os lábios nos dela só um pouquinho, porque talvez não voltasse a fazer aquilo novamente ainda naquela noite. Esperou que a respiração dela voltasse ao normal, passou as mãos nos fios macios e claros e os ajeitou novamente sobre os ombros dela.

Deixou que ela voltasse a si e só então se afastou. Olhou para ela mais um pouquinho,

guardando em um canto na mente aquela visão: aquele rosto perfeito e inteiro corado, os olhos brilhando e a boca rosada inchada dos seus beijos. Quase uma miragem, quase o retrato em carne e osso de um anjo.

— Tudo bem? — perguntou baixinho e ela respondeu com uma aceno, ainda tímida. — Pronta para ir?

Esperou que talvez ela negasse, que talvez estivesse arrependida sobre aquela decisão ou talvez temerosa demais, mas Dara assentiu, sorrindo um pouquinho.

— Sim — respondeu quando ele apenas ficou observando-a a espera de uma resposta também verbal.

— Então vamos.

Beijou sua testa, deixou que ela se afastasse um pouquinho mais para que abrisse a porta do carro na qual estivera apoiado e Sean viu apenas de relance o rosto de Murielle colado na janela do que ele supunha ser o quarto de Dara. Reprimiu um sorriso e esperou até que Dara colocasse o cinto antes de fechar a porta.

Deu a volta no carro e acenou para a morena

PERIGOSAS NACIONAIS

na janela enquanto abria a porta. Viu que ela pareceu se sobressaltar e sorriu. Então eles foram observados por todo aquele tempo. Deu de ombros sem se importar, de fato; aquilo sempre acontecia e, de qualquer maneira, um par de olhos a mais naquela noite não faria diferença. Entrou no carro, sorriu para a mulher ao seu lado e seguiu pouco tempo depois para o seu destino naquela noite.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23

Permaneceram em silêncio durante todo o percurso até o restaurante. O silêncio não os oprimia, era agradável e eles estavam confortáveis. Ele mais do que ela, é óbvio. Dara ainda sentia os efeitos do beijo sob sua pele, em todo seu corpo. No sangue que parecia fluir diretamente para suas bochechas, nos lábios que recordavam o quanto os dele eram macios, nos pelos arrepiados dos braços e as mãos que estavam inquietas.

Não estava realmente surpresa com a reação do seu corpo, nem com o que aquele homem aos poucos fazia com a sua cabeça. Meio que já esperava por isso, porque desde que o conheceu que isso acontece. São pequenas coisas, tão bobas, banais, mas que para ela fazem toda a diferença e tornam-se ainda mais significativas quando com ele.

Parou de tentar entender o que sentia quando não conseguiu chegar a lugar nenhum. Não tem

PERIGOSAS ACHERON

experiência em namoro e essas coisas, não tem com o que comparar o que está sentindo e não tem como responder as milhares de perguntas que nunca expressou por medo de parecer idiota.

Sente-se protegida ao lado dele. Sean parece conhecê-la, parece decifra-la, lê-la onde ela não tem certeza de querer ser lida. Sente-se insegura também, algo controverso, mas não em relação a ele, e sim sobre si mesma. Teme fazer algo errado, dizer alguma coisa errada e de alguma coisa fazer com que ele se afaste. Cogitou expor todas suas dúvidas a Murielle, mas era irritantemente tímida para aquilo.

Por isso decidiu-se por descobrir aquilo sozinha. Por experimentar o que quiser experimentar, mergulhar de cabeça tanto quanto possível e esperar para ver o que acontece. Sentir-se segura ao lado dele torna aquilo possível, faz com que esqueça de coisas ruins, faz com que pare de cogitar possíveis situações, possíveis problemas.

Beijá-lo, refletiu enquanto o observava dirigir concentrado, era sempre uma experiência nova. Era algo quase mágico sentir as mãos dele no seu

corpo, suas mãos no corpo dele e seu corpo contra o dele. Mas o beijo nunca era o mesmo, a cada novo carinho ela parecia conhecer uma parte nova dele, uma outra face, um outro encantamento.

Estava fascinada por e, mesmo embora talvez nunca fosse capaz de confiar com certeza que agora está e vai ficar tudo bem, que nunca mais sofrerá na vida, era bom sentir-se assim. Era bom sentir-se mulher, não um brinquedo. Desejada, não usada. Querida, não maltratada. Um ser humano, não um objeto.

O jeito como ele a observa de volta, a maneira como sorri, como fita sua boca como se também desejasse mais, aos poucos talvez deixe de assustá-la um pouco. Ainda não entra na sua cabeça o que um homem carinhoso, gentil, maduro, bonito e maravilhoso como aquele pode querer com uma garota como ela. Porque é isso que ela é: uma garota, pouco mais que uma adolescente.

Sua aparência não a agrada ou desagrada, não consegue encarar seu reflexo e se admirar como mulher. Aquela noite, após todos os cuidados aos quais se submeteu, fora a primeira. Não consegue

PERIGOSAS NACIONAIS

se ver refletida e admirar uma única, por mais insignificante que seja, parte do seu corpo, parte do que é. Tudo o que vê são sombras e memórias. Sombras de um alguém que talvez fosse um dia, há muito tempo perdidas.

E as lembranças, espalhadas por sua pele, por todo seu corpo. Das mais insignificantes, das quase invisíveis a olho nu, até a grande cicatriz na sua perna, resultante da última surra. Há também as feridas da alma, aquelas que nem mesmo ela vê, mas com elas ela aos poucos aprende a lidar. Aprende que ela nunca foi o problema, que não pediu ou mereceu o que recebeu da vida. Os culpados estão por aí, livres e impunes enquanto ela vive a cada amanhecer com se aqueles fossem os primeiros.

Param em um semáforo qualquer e ela vê pelo reflexo na janela que mais uma vez é observada. Não entende o que ele vê, não entende porque sorri, porque parece gostar, porque parece quase admirado, mas gosta. Gosta de pensar que ele gosta do vê, o que é uma besteira, mesmo que ela mesma não se admire da mesma forma.

PERIGOSAS ACHERON

Parte do seu processo de levantar é analisar exaustivamente tudo o que sente. Aos poucos ela se ergue, aos poucos ela se conhece, se descobre e aquele será o próximo passo: ver-se como mulher, enxergar em si mesma a beleza que apenas os outros parecem enxergar.

Ele sorri mais uma vez, notando que é observado clandestinamente e ela sorri de volta, resolvendo que tudo aquilo, os questionamentos, as dúvidas, os possíveis problemas e situações futuras podem ficar para depois. Voltou-se para ele, fitando-o sem reservas daquela vez, ainda sorrindo.

— O que você gostaria de comer hoje? — perguntou Sean, quando aquele jogo de olhares deixou seu rosto provavelmente ainda mais corado.

— Não sei — não havia pensado sobre aquilo, porque conhecia poucos lugares por ali. Pensava que ele já havia escolhido um lugar, provavelmente um que já conhecesse e gostasse e, por conhecer a cidade como ela não, ela havia dito na noite anterior que a escolha ficava nas mãos dele.

— Você gosta de comida japonesa? — ele

perguntou após um instante em que pareceu refletir um pouco.

— Eu nunca comi — confessou e sorriu quando ele se voltou para ela parecendo surpreso. — Sempre tive curiosidade em experimentar.

— Quer fazer isso hoje? Conheço um bom restaurante de comida japonesa por aqui.

— Se estiver tudo bem para você, eu gostaria muito — sorriu verdadeiramente, sentindo-se de repente muito ansiosa para chegarem logo ao restaurante. Sempre tivera muita curiosidade, sempre quisera experimentar, mas não teve condições antes, quando morava na rua, e apenas agora as coisas pareciam melhorar, entretanto nunca se dera ao luxo.

Sean sorriu de volta, os olhos se demorando um pouquinho mais na sua boca.

— Comida japonesa, então — decretou e pouco tempo depois chegaram ao restaurante.

Era um dos muitos estabelecimentos espalhados pela principal veia da cidade, a O'Connell Street. Sean estacionou o carro, desceu, deu a volta e ela esperou em silêncio, sorrindo um

PERIGOSAS ACHERON

pouquinho. Ele abriu a porta para ela pouco depois e estendeu a mão, como sempre fazia.

Ela era muito capaz de abrir a própria porta e descer do carro sozinha, mas ele, embora não verbalmente, sempre insistia. Dara podia ver a satisfação no rosto dele ao fazer aquilo, ao tratá-la daquela maneira e por isso sempre permitia que ele o fizesse. Mal não faria, também. Era uma coisa boa, embora desnecessária, mas que ele fazia questão, então tudo bem.

Retirou o cinto sob a supervisão dos olhos dele, aceitou a mão que lhe era estendida e desceu do carro. Ela sempre prestava atenção naquela parte, porque o carro era um pouco mais alto que o padrão e suas pernas são ridiculamente curtas. Talvez por isso ele fazia aquilo, vai saber. Todavia, era muito legal da parte dele todo esse cuidado.

Ele a conduziu até a entrada, uma mão guiando-a gentilmente. O restaurante por fora parecia simples, uma fachada discreta, em tons escuros. Ela havia dado o seu melhor para estar bonita naquela noite, para estar à altura dele e ficava feliz por estar vestida apropriadamente para

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele lugar em questão.

Após um pequeno hall também em tons escuros, onde o maitre os esperava, eles foram guiados até uma das mesas vazias mais ao fundo do restaurante. Dara olhou em volta, encantada. As paredes eram recobertas por placas de madeira, papel de arroz, cerâmica, leques, velas e quadros de gueixas e dragões. A decoração era complementada por mais alguns elementos da cultura japonesa, como alguns instrumentos utilizados na cozinha dispostos nas paredes em intervalos regulares.

Vários tons de vermelho e branco, assim como todos os outros elementos faziam com que entrassem no clima oriental. Foram guiados até as mesas, após serem informados que o serviço da casa era de rodízio, e Dara se surpreendeu quando notou que as mesas eram baixas e que não haviam cadeiras.

Olhou para os outros clientes e só ali notou que estavam todos sentados no chão, confortavelmente, e alguns até descalços, tão relaxados que mais pareciam estar em casa, não em um restaurante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Irashaimase — disse o rapaz que os guiou até ali. Dara franziu o cenho, confusa com a saudação e ele sorriu, traduzindo em seguida. — Sejam bem-vindos. Sintam-se a vontade.

Ele voltou para o seu posto na entrada e Dara olhou mais uma vez para as pessoas a sua volta. Observou sua mesa, o tapete de aparência macia onde deveria se sentar e deu de ombros, retirando as sandálias. Sentou-se devagar, primeiro ajoelhando e depois sentando sobre as próprias pernas, tendo o cuidado de não deixar nada de fora ao fazer aquilo. Como o vestido era colado e na altura do joelho, não precisava se preocupar tanto, mas checkou tudo mesmo assim.

Sean esperou até que ela estivesse confortável e, ignorando o outro tapetinho disposto do outro lado da mesa, retirou os sapatos e sentou-se ao lado dela. Dara riu quando ele bateu com o joelho na mesa, afastou-se um pouquinho para liberar mais espaço no tapete para ele e agradeceu mentalmente por não haver nada além de um menu e um bonito jarrinho de flores diferentes sobre a mesa no momento.

PERIGOSAS ACHERON

Sean pegou o menu e estendeu para ela enquanto esticava as pernas por baixo da mesinha.

— Você parece confortável — ela comentou sorrindo, pegando o papel-cartão das mãos dele.

— Eu estou — ele respondeu e cruzou os tornozelos.

Dara riu, desejando poder esticar as pernas também, mas desistindo devido ao possível malabarismo que seria preciso para aquilo. Por isso permaneceu sentada sobre as pernas, quase de lado, voltada para ele, mas felizmente também confortável.

— Esse lugar é muito legal — comentou. Tentou repetir mentalmente os nomes dos pratos dispostos no variado menu, sem sucesso. — Não sei o que pedir — confessou.

— Podemos pedir um pouco de tudo, assim você pode experimentar um pouquinho de cada coisa — sugeriu ele e se inclinou para dar uma olhada no menu.

Dara refletiu por um tempo, observando como as luzes difusas do ambiente faziam o cabelo dele brilhar levemente. Voltou a atenção para as

PERIGOSAS ACHERON

palavras estranhas no menu quando ele levantou a cabeça.

— Por mim tudo bem — concordou e observou enquanto uma mulher aparentemente apenas alguns anos mais velha que ela se aproximou de onde estavam. Ela vestia uma estranha roupa de tecido brilhoso semelhante a seda ou cetim com diversas cores e estampas entremeadas.

A mulher trazia nas mãos uma bandeja e Dara focou a atenção em dois pequenos pratinhos de cerâmica. Em cada um deles repousava uma toalhinha branca. Dara observou o vapor que subia do tecido felpudo e olhou para a mulher, curiosa. Ela sorriu ao notar sua confusão e explicou gentilmente que a toalhinha era para a higiene das mãos e que aquilo era um costume japonês.

Outros dois pratos, fundos daquela vez, continham algo semelhante a uma sopa, mas com alguns condimentos estranhos que ela não identificou.

— É uma sopa? — perguntou curiosa.

A mulher sorriu, parecendo estar acostumada

PERIGOSAS ACHERON

com aquela pergunta.

— Pode se chamar assim. Esse prato é chamado de missoshiru, o caldo de missô, tradicional pasta de soja. É enriquecido por cubinhos de tofu e verduras e é ideal para abrir a refeição — esclareceu.

— Mas onde estão as colheres? — Sean, que estivera apenas observando, indagou, procurando com os olhos os talheres que não estavam sobre a mesa.

Dara não havia notado aquilo até ali e voltou-se para a mulher novamente. Ela sorriu mais uma vez e respondeu gentilmente.

— O missoshiru é um prato que deve ser degustado direto do recipiente, sem o uso de talheres — explicou ela. — E não é preciso tomar tudo de uma vez, é muito apreciado passear pelos demais pratos e voltar para ele depois.

Foram deixados a sós após mais algumas explicações sobre o que seria servido. Dara seguiu a sugestão de Sean e, como o serviço aos clientes era a rodízio, ela solicitou timidamente um pouco de cada coisa, explicando que aquela era a sua

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez.

Limpou as mãos com a toalhinha e Sean fez o mesmo, embora de maneira menos paciente que ela. Havia uma pequena fonte no centro do salão e alguns tanques de água com peixes diferentes e coloridos espalhados aqui e ali. Era realmente um ótimo restaurante, tendo em vista a decoração e a atenção dispensada aos clientes. Ela só esperava gostar da comida também.

— Como foi o seu dia? — Sean perguntou, quando abandonou a toalhinha e enxugou as mãos com um guardanapo.

Enquanto ainda persistia com a higiene, não querendo ofender nenhum funcionário com a suposta sujeira nas suas mãos, Dara descreveu como foi o seu dia, como foi a consulta de Lara com Gustavo, o médico pediatra amigo dele, como foi o passeio no shopping, o que comprou, o que gostaria de ter comprado e o que planejava comprar no próximo mês.

Havia conseguido comprar uma pequena mesa de alvenaria barata, mas charmosa para a cozinha. Também comprou a cadeirinha alta que

queria para Lara, o tapete antialérgico, parecido com o que tinham antes, brinquedos de montar e algumas roupinhas também para a menina. Com exceção das compras para a casa, para sua filha e as coisas que precisaria para a decoração do bar, a única coisa que comprara para si mesma fora aquele vestido.

Fora um dia divertido, de conquistas e alegrias. Sua filha estava bem, os remédios estavam fazendo efeito, a asma e a anemia estavam sob controle, em constante e dedicado tratamento. Sua casa aos poucos ganhava um ar alegre, a cada pequena mudança parecia-se mais um lar. O seu cantinho, seu porto seguro, onde aportar e descansar. E agora a sua noite, ali e agora, com aquele homem.

Talvez aquele fosse um dos dias mais felizes da sua vida. E ela vai lembrar daquela noite para sempre, com carinho, gravada na sua mente como todos os momentos felizes agora são.

Vai olhar para trás e sorrir sozinha ao lembrar da maneira como Sean segurou, incerto, os palitinhos. O como confessou quase envergonhado

PERIGOSAS NACIONAIS

que conhecia o restaurante apenas porque seus amigos gostavam de comida japonesa e o arrastavam junto, mas que ele nunca havia tido a coragem de experimentar qualquer outra coisa que não os vinhos.

Vai lembrar daquela noite e vai sorrir sozinha ao lembrar da maneira abobalhada que ela também segurou os hashis, fazendo-os caírem no chão vezes sem conta e o quanto corava sempre que um solícito garçom se aproximava e os trocava, com um sorriso divertido nos lábios.

Vai lembrar do quanto riu e fez caretas quando comeu sushi pela primeira vez, mergulhando tudo no shoyu depois, para tentar tornar o sabor um pouco melhor, sem sucesso. Vai lembrar da pequena coisinha chamada tempura que era, segundo Sean, uma mistura de duas das coisas que ele menos gostava na vida: frutos do mar e vegetais crus.

Vai lembrar da maneira quase desesperada com a qual devoraram os pequenos espetinhos de carne branca e bovina chamados yakitori, o único prato quase normal e não inteiramente cru dentre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os outros.

Vai lembrar da maneira que riram ao confessar que descobriram da pior maneira que odeiam peixe cru, molhos estranhos e a comida japonesa em geral.

Mas vai lembrar daquela noite e recordar, principalmente, de todos os sorrisos, das risadas divertidas, do quanto estremeciam ao recusar mais uma rodada de qualquer coisa que não fosse água, dos toques carinhosos aqui e ali, dos beijos discretos trocados quando ninguém estava vendo, porque ela tinha vergonha de beijá-lo na frente de pessoas desconhecidas, das conversas que tiveram, das pequenas coisas superficiais, porém importantes que descobriram um sobre o outro.

E vai sorrir sempre ao lembrar do quanto descobrira sobre aquele homem em apenas uma noite, do quanto permitiu que ele soubesse de si mesma, dessa nova Dara de sorrisos fáceis e verdadeiros, de tardes alegres e noites de encontros, de beijos e toques desejados. Vai sorrir e desejar muitas noites como aquela ao lado dele e vai sonhar com um possível futuro diferente do qual imaginara

PERIGOSAS ACHERON

para si mesma meses atrás.

Mais tarde naquela noite, ela dormiu com a certeza de que nada nunca mais seria como antes. Seu passado não mais a definia, não era mais uma garotinha indefesa, sobrepujada e abusada, a vítima de um algoz cruel. Agora ela era uma mulher livre que descobria um pouco sobre si mesma todos os dias. E que aprendia, aos poucos, o que possivelmente era aquilo que sentia sempre que olhava ou pensava naquele homem.

Agora é uma mulher livre, não mais objeto, não mais brinquedo, não mais vítima e que vai descobrir a cada dia o quanto é bom sentir-se apaixonada. E o quanto é igualmente maravilhoso ser retribuída em iguais medidas.

CAPÍTULO 24

Dara tentava entender o passo a passo do tutorial de decoração que assistia, mas aquela estava se mostrando uma tarefa difícil. Vez ou outra sua mente viajava pelos acontecimentos dos últimos dias e a voz esganiçada da moça que ensinava como decorar um ambiente de maneira requintada gastando pouco, chique sem ostentar demais, se perdia em meio aos seus pensamentos.

Havia acertado com Hellen que teria dois dias de folga para comprar tudo que fosse precisar para a decoração, enquanto ela cuidaria das pequenas mudanças estruturais que faria no bar, porém um novo cronograma se fizera preciso, devido aos pequenos problemas encontrados na fiação, tubulação e encanamento do lugar.

Hellen não pareceu irritada ou chateada com as novas descobertas — e problemas — encontrados, pelo contrário, parecera bem feliz para Dara quando ligou para informar sobre a mudança de planos.

— Então, pelas minhas contas, e espero que elas estejam certas dessa vez e não apareçam contratempos — disse Hellen, esperançosa — tudo estará pronto até o próximo final de semana.

— Mas isso tudo? — Dara perguntou, confusa. — Pensei que você tinha dito que não era nada demais, que não era nada muito complicado.

— E não é, mas decidi fazer mais algumas mudanças na cozinha, comprei algumas coisas que vão demorar um pouquinho para chegar e algumas outras coisas que não vem ao caso.

— Tipo o que? — Dara estava curiosa. A princípio, as mudanças seriam mínimas; basicamente de decoração e também a contratação de uma nova cozinheira (a antiga fora demitida sem dó nem piedade e com razão).

— Ah, decidi derrubar uma parede de última hora — respondeu Hellen, tranquilamente.

— Uma parede? — Dara exclamou, surpresa, e só ali compreendeu o que a nova proprietária do bar queria dizer com “alguns probleminhas estruturais”

— Bom, talvez duas. Ou mais que duas. Mas

PERIGOSAS ACHERON

não se preocupe, vai dar tempo. E como estão as coisas da decoração?

Ótimas, na verdade. Havia conseguido fazer com suas próprias mãos várias coisinhas como prendedores de guardanapo — Hellen a informou que agora só usariam guardanapo de tecido, não mais de papel, então ela achou aquilo válido —, centros de mesa, arranjos e vazinhos bonitinhos de flores artificiais — que planejava trocar por flores frescas todos os dias com a aprovação de Hellen —, quadros delicados e simplistas, e várias outras coisinhas que foram fáceis de fazer.

A única coisa difícil de fazer, porque talvez ela tenha sido ambiciosa e confiante demais, foram as luminárias. Mas conseguiu, contrariando os resmungo debochados de Murielle. Não sem ajuda é claro, mas a amiga não precisava saber disso.

— Por que você não compra uma nova? — Indagou Sean, curioso, quando ligou para ele e perguntou, quase desesperada, o que era preciso saber sobre elétrica para juntar alguns fios.

— Porque pensei que seria legal e fácil de fazer. Não parecia tão difícil assim no tutorial que

assisti — reclamou um pouquinho, não tanto quanto queria, mas não conseguiu disfarçar a frustração. Queria choramingar também, mas isso ela conseguiu controlar; não queria que ele pensasse ou tivesse mais motivos para acreditar que não passava de uma menininha.

— Bom, já que é difícil, você deveria comprar logo uma nova — ele sugeriu prático.

— É, mas o que eu faço com todas as coisas que comprei? Estão todas novas e não acho que o vendedor vai aceitá-las de volta.

— Tudo bem — ele a acalmou. — Descreva para mim o que você tem aí e o que basicamente você precisaria fazer.

Então ela conseguiu montar a primeira luminária, sob os comandos e sugestões dele e, realmente, era algo fácil de se fazer, como dizia a moça do tutorial, só que apenas com a ajuda dele ela finalmente conseguiu entender tudo. Conseguiu fazer todas as outras, no total inicial de vinte unidades, porque ainda não sabia ao certo quantas seriam necessárias, e tentou desligar a ligação, temendo atrapalhá-lo no seu trabalho, mas Sean riu

e disse que não tinha problema.

— O dia está calmo hoje — ele confessou. — Só preciso estudar alguns casos para as audiências marcadas para os próximos dias, mas gosto de fazer isso em casa.

Não ficou muito surpresa quando descobriu qual a profissão dele. Sean havia dito quando se conheceram que trabalhava no ramo jurídico, mas não que era juiz. Ela meio que já esperava por aquilo para ser sincera, até desconfiava um pouco, só não tinha certeza. Começou a se indagar sobre qual seria a profissão dele quando, após todo o escândalo envolvendo Steve vir à tona em rede nacional, ela viu os amigos dele na televisão.

Brandon Murray foi o promotor de justiça responsável por montar o caso contra Reymond e o outro amigo de Sean, Hian O’Leary, advogado criminalista, dera assistência ao amigo nas investigações. Ela se surpreendeu ao ver fotos dos dois nos jornais, exaltando sua competência e carreira na área criminal, e supôs, não sabe como, que aquilo não era coincidência. E que talvez Sean exercesse um cargo tão importante quanto os dos

amigos e que talvez também tivesse algo a ver com a prisão repentina, embora justa, do seu antigo patrão.

Na primeira noite em que jantaram juntos, Sean também havia contado histórias engraçadas sobre sua infância, sobre sua mãe, que morava no interior da cidade e que era apaixonada por carros antigos, sobre as dificuldades do trabalho e os casos horríveis que via todos os dias, e sobre o relacionamento com os amigos, mas em nenhum momento citou a participação deles naquele caso em específico. Dara também não indagou, não queria estragar o clima do jantar com aquele assunto, e então foi a vez dela de falar um pouco sobre si, mas deixando para trás todos os fatos sobre seu passado. Falou apenas sobre essa nova vida, sobre suas escolhas e planos, apenas coisas boas, alegres.

Foi uma experiência única abrir-se daquela maneira para ele, deixar que ele a conhecesse da mesma forma com que ele se abria para ela. Fora um jantar, uma noite de aproximação e, desde

então, eles estão em permanente contato.

— Como estão as coisas da decoração? — ele perguntou quando ligou na manhã do dia anterior.
— Encontrou todos os tutoriais que queria?

Dara havia ficado, não sem discutir e reclamar muito antes, com o celular dele, que ele havia esquecido no bolso do terno que a emprestou em uma noite. Ela desconfiava, agora que o conhecia mais um pouquinho, que ele não tinha esquecido coisa nenhuma, parecia tudo muito premeditado para ser coincidência.

Ela tentou devolver o celular na noite em que saíram para jantar, o primeiro de muitos outros jantares nos últimos dias, mas Sean rejeitou a oferta quando estavam na portaria do seu prédio, sem pressa para se despedir.

— Fique com ele — ele disse quando ela estendeu o celular.

— O que? — confusa, Dara continuou com a mão estendida para ele.

— Fique com ele — repetiu e explicou — Quero poder me comunicar com você durante o dia.

— Eu já tenho um celular, pode ligar quando quiser. Não quero ficar com o seu.

Sean balançou a cabeça, tentou argumentar gentilmente que o pequeno aparelho que ela tinha era muito antigo, de teclas ainda e que nem sequer tinha conexão com a internet. Ela rebateu que não precisava de um celular melhor porque só precisava de um para se comunicar com Murielle — e agora com ele, admitiu corando —, ainda tinha um emprego e que, se quisesse um aparelho melhor, ela mesma o compraria.

Sean franziu o cenho, colocou as mãos nos bolsos da calça e não fez nem um sequer movimento de pegar o aparelho. A desafiou com o olhar, se recusando a aceitar a devolução e Dara precisou reprimir um sorriso com a teimosia dele. Gostava daquela característica dele porque, descobria agora, podia ser tão teimosa quanto.

Sorriu para Sean, se aproximou um passo até alcançar a boca dele e o beijou, bem de levinho, um toque mínimo, corando muito e só pelo tempo que levou até colocar o celular no bolso do terno dele. Meio que queria uma desculpa para beijá-lo e ter

coragem o suficiente para isso também, então aquela foi uma boa desculpa.

Quando se afastou, corando dos pés a cabeça, viu que Sean não fez sequer um movimento a não ser com a boca. Permanecia parado onde estava, as mãos nos bolsos da calça, parecendo pego de surpresa e deliciado com a ousadia dela. Dara continuou sorrindo mesmo quando ele cobriu a distância entre os dois, tomou-a pela cintura e a beijou forte, e pareceu perder o controle quando ela o beijou com a mesma intensidade.

Quando voltaram a se afastar, poucos minutos ou horas depois, ela não saberia dizer, estava tonta e sentia aquele calor que apenas ele provocava se espalhar por todo seu corpo. Sean a fitou por um tempo, as mãos na cintura dela, puxando-a para si e com olhar colado no dela, prometendo coisas que ela não compreendia, mas que desejava.

Quando ele foi embora, após beijar sua testa e combinarem um novo jantar para o dia seguinte, Dara subiu as escadas flutuando, ignorando mais uma vez o elevador que odiava. Foi apenas quando

Murielle já havia se retirado para sua própria casa, após receber em detalhes todos os acontecimentos da noite, e ela lembrou tardiamente de devolver a bolsa emprestada da amiga, que notou uma coisa que não deveria estar ali.

O celular dele. Que ela colocou no bolso do terno dele, mas que ele deve ter colocado ali um instante depois, usando a mesma distração que ela: um beijo.

Pretendia ligar para ele, para reclamar e argumentar mais uma vez que não precisava daquilo. O celular notificou uma nova mensagem e ela sorriu, observando pela janela o carro dele ainda parado lá embaixo.

“Fique com ele e nem tente me enganar outra vez. Salve esse esse número.”

Sean sorriu quando a identificou na janela e disparou com o carro, por certo temendo que ela descesse e tentasse convencê-lo outra vez.

Dara não se deu por vencida, mas resolveu não insistir por enquanto. E o celular, precisou admitir para si mesma, tem sido de grande ajuda na sua missão de decoradora sem formação.

Entretanto, como ele se recusa a aceitá-lo de volta, assim que descobrir quanto custa aquele aparelho em especial, o que julga ser um bom dinheiro, e conseguir juntar a quantia necessária, ela pretende pagá-lo.

Desconfia sinceramente que ele não vai gostar daquilo e que vai se recusar a receber seu dinheiro, todavia é o certo a se fazer. Não considera certo receber presentes, mesmo que indiretos como aquele, dele sem dar nada em troca. E, além disso, é justo que ele aceite o dinheiro mesmo contrariado, da mesma forma que ela acabou cedendo.

Desde então, conversam todos os dias pelo celular e, à noite, ele a convida para jantar. Ou para um simples passeio pela cidade. E, com isso, eles estão cada vez mais próximos.

É uma experiência única o “estar apaixonada” que sempre viu em filmes. Não há formas de descrever o que sente, não existem formas de descrever o quanto deseja por mais daquilo, por mais dele, por mais noites de encontros e jantares, por mais beijos e abraços,

carinhos recíprocos e sorrisos sinceros.

Só agora descobria que nem tudo estava perdido. Havia julgado ser incapaz de amar daquela forma, como uma mulher ama um homem. Conheceu o amor com sua filha, o mais puro e visceral deles, mas agora descobria outras formas de amor, outras formas de amar e que também é possível ser amada. Do jeitinho que ela é, do jeitinho que quer que seja, com todas as suas vontades respeitadas. Amor livre, do jeitinho que agora sabe que deve ser.

Naquela manhã, acordou como todos os dias, com uma mãozinha curiosa sobre seu rosto e um embrulhinho de fraldas tentando escapar da cama. Lara agora não parava quieta, sempre tentando levantar e andar sozinha, também sempre caindo e também sempre sorrindo a cada queda e a cada levantar.

E aquele era um ensinamento para Dara. Algo que ela aprendia todos os dias com o amor da sua vida, que desenvolvia por si mesma e também com aquele homem.

A vida, ou pelo menos essa nova vida,

poderia ser bem surpreendente quando queria. Cheia de mistérios todos os dias e cheia de surpresas.

Só não imaginava o quanto ela ainda poderia surpreendê-la. E talvez não de uma forma boa como imaginava.

Levantou da cama, com movimentos leves para não assustar Lara, que dava pequenos passinhos em direção à saída do quarto, apoiando as mãozinhas na parede. Calçou as sandálias e antes que sua pequena fugitiva tivesse tempo de reagir, pegou-a nos braços, abraçando-a apertado contra o peito enquanto ela ria.

— Bom dia, amor — beijou o pequeno rostinho, fazendo cócegas na barriguinha fofinha e seguiu até a cozinha. Lara se mostrava a cada dia mais esperta e agora estava na fase de tentar repetir tudo que diziam. Não saía da forma que planejava, mas era fofo de qualquer maneira. — Está com fome?

— Ome — repetiu ela, assentindo alegremente com a cabeça.

Dara sorriu e a colocou sentada na cadeirinha

PERIGOSAS ACHERON

alta e começou a preparar o café da manhã das duas. O médico de Lara havia recomendado sucos e frutas enriquecidos de ferro para seu café da manhã, para ajudar a combater a anemia e era isso que Dara fazia agora.

Buscou em cima do armário o liquidificador e rapidamente preparou um suco de beterraba com mel que, se não era dos melhores ou não tinha uma cor muito agradável, também não era tão ruim. Mas Lara amava e também insistia que a mãe tomasse junto, então após abastecer a mamadeira dela e encher um copo para si mesma, Dara deu um pequeno golinho, para incentivá-la a fazer o mesmo.

Lara levou a mamadeira aos lábios, sempre de olho no que a mãe fazia e Dara reprimiu um sorriso, prendeu a respiração e tomou todo o suco de uma vez. Não era tão ruim como pensara a princípio, tinha um cheiro forte e um gosto não muito agradável, mas Lara nem sequer fazia careta. Muito pelo contrário, parecia muito animada enquanto sugava o bico da mamadeira.

— Frutinhas agora? — perguntou quando a

menina tomou o suco o mais rápido que pôde, como ela havia feito, e sorriu colocando a língua devido ao suco roxo para fora. Dara a imitou e as duas riram.

Era cedo, algo entre cinco horas da manhã ou seis, e o vento frio da manhã adentrava pela pequena janela aberta da cozinha. Lara dorme muito cedo e, como resultado disso, acorda com as galinhas, todos os dias. Dara gostava disso, de acordar cedo, sentia que o dia rendia mais daquela forma.

Enquanto picava as frutas no balcão da pia, após colocar uma mão cheia de cereal no suporte da cadeirinha alta de Lara, para que ela não perdesse o apetite, Dara refletiu sobre os últimos dias. Sobre as últimas noites, mais especificamente.

Sean a havia levado para jantar ou dar um passeio pela cidade basicamente todas as noites após aquela primeira. Ela se divertia muito naqueles encontros e também era uma forma de conhecê-lo e se aproximar um pouco mais dele. Agora ele a beijava sem reservas, sempre pedindo sua permissão antes, mas bem menos calmo a cada

vez.

Dara descobria a cada novo carinho, a cada novo contato com a boca dele que as sensações que se espalhavam pelo seu corpo eram normais e, tendo em vista o que apenas a visão daquele homem fazia com ela, esperadas também. Eram apenas beijos, ou carícias no seu cabelo e cintura, contatos tão simples, mas que faziam sua pele arrepiar da cabeça aos pés.

Queria sentir mais, descobrir outros carinhos e não podia negar o quanto estava ansiosa para encontrá-lo naquele dia. Dessa vez, ele a convidou para um almoço. E Lara iria junto. Apenas Murielle não iria, mas não por falta de convite.

— Tenho cara de quem gosta de segurar vela? — Murielle indagou quando Dara fez o convite a pedido de Sean. — Não quero atrapalhar o casal.

— Você não atrapalharia — garantiu Dara.

Não rebateu daquela vez que não eram um casal. Meio que eram mesmo, mas não haviam definido nada e para ela estava bom assim. Estava ótimo, na verdade. Sem rótulos, sem pressão,

apenas ele e ela. E agora sua filha também, como tem que ser.

Das vezes que saiu com ele, e foram várias, apenas a primeira exigiu de sua parte uma sessão interminável de embelezamento. Descobriu, para o completo horror de Murielle, que não gosta muito disso de perder horas na frente do espelho se arrumando. Toma um banho, lava o cabelo, depila as pernas, seca o cabelo rapidamente, escolhe uma roupa bonitinha, uma sandália e só.

Tem evoluído nos últimos dias no seu processo de ver-se verdadeiramente como mulher, até consegue achar isso ou aquilo bonito e tudo mais, mas descobriu também que não tem paciência para aquilo. Está confortável na própria pele, Sean sempre parece encantado quando a vê, sabe-se lá por quê, e está tudo bem assim.

Naquela manhã, após tomar café da manhã com Lara e fazer todos os seus rituais da manhã — brincar com a menina no tapetinho, ajudá-la a montar as pecinhas de brinquedo, ministrar o remédio contra anemia e o para o controle da asma, tirar uma pequena soneca ainda no tapete e depois

um banho duplo no chuveiro capenga —, ambas estavam bonitinhas e cheirosas apenas a espera.

Aquela manhã prometia ser maravilhosa, ela tinha certeza. As duas pessoas mais importantes da sua vida finalmente iriam se conhecer e ela não podia negar que estava ansiosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

— Você tem certeza de que não quer um vestido emprestado? — perguntou Murielle pela décima quarta vez seguida, recebendo a mesma resposta logo após:

— Não, obrigada — Dara sorriu para a careta da amiga. — Estou bem assim.

E estava mesmo. Confortável naquela roupa, mesmo simples e sem muitos atrativos, assim como em sua própria pele. O jeans era de lavagem clara, gasto com o passar do tempo e se parecia muito com os jeans desgastados que estão na moda, mas que custam quase metade do seu salário. A camiseta era simples, sem decotes ou detalhes e as sapatilhas eram muito confortáveis. Quando se olhou no espelho quando terminou de se vestir, conseguiu gostar do que via e aquilo era uma vitória.

Não precisou se produzir toda daquela vez para sentir-se bonita. Ainda era veementemente contra maquiagem, não gostava muito daquilo, mas

PERIGOSAS ACHERON

aceitou, apenas para que Murielle parasse de implorar, usar um gloss.

— Por que sua filha parece uma pequena princesa da Disney e você não pode fazer o mesmo? — a morena reclamou mais uma vez e fechou ainda mais a cara quando Dara apenas sorriu em resposta.

Lara usava um dos vestidinhos novos que comprou no shopping e parecia mesmo uma pequena princesa. O vestido era vermelho, com detalhes em rosas bordadas na gola, levemente acinturado e parecia valer uma nota, quando na verdade o comprou em uma pequena e simples loja de departamento, logo ao lado da loja de grife que exibia na vitrine o jeans mais caro que já viu na vida.

Havia comprado também alguns enfeites de cabelo, porque não conseguiu resistir, e Lara tinha um pequeno lacinho no topo do cabelo ralinho e loiro. Parecia uma visão de tão linda e Dara não conseguia parar de sorrir para ela.

— Porque ela gosta de se arrumar toda e eu não — enfim respondeu a amiga, apontando para a

menina que, sentadinha do tapete fofinho, brincava com os babados da saia do vestido.

Murielle seguiu seu olhar e desfez a careta ao notar o sorriso satisfeito e traquino dela. Lara havia tentado tirar o lacinho da cabeça apenas uma vez e, depois que foi advertida pela mãe de que não fizesse aquilo, ela não tentou outra vez.

— Tudo bem — Murielle resmungou e Dara sorriu para ela. Sabia que a amiga não estava chateada exatamente pela sua escolha de roupa. Quer dizer, com aquilo também, mas Murielle havia gostado muito da sua noite de fada madrinha e estava ansiosa para repetir o feito.

No horário marcado, após se despedir da amiga, Dara pegou a bolsinha de Lara, que continha tudo que a menina pudesse precisar, além dos seus remédios, e saiu de casa. Mal havia fechado a porta e Lara já apontava para o corredor, na direção onde ficava o elevador, se esticando inteira nos seus braços.

— Nada de escadas hoje? — perguntou sorrindo e a menina negou com a cabeça enfaticamente, fazendo balançar as bochechas

gorduchas e rosadas e o cabelo.

Dara entrou no elevador, com Lara dando pulinhos animados nos seus braços. Quando as portas se fecharam e a caixa de metal começou a se mover, ela arregalou os olhos, olhando para baixo como se aquele deslocamento súbito fosse algo maravilhoso e não estivessem na verdade desafiando a gravidade. Riu junto com ela porque seu riso, junto com os pequenos soluços engraçados que soltava, eram muito contagiantes e daquela forma a pequena viagem até o térreo se tornava ainda menor.

Quando as portas se abriram, Dara saiu rapidamente, suspirando. Não conseguia gostar do elevador, por mais que tentasse e apenas a óbvia alegria de Lara, que sorria de orelha a orelha e ainda deu tchauzinho para seu reflexo no espelho, fazia com que entrar ali fosse minimamente suportável.

— Bom dia — o porteiro as saltou quando chegaram na portaria.

— Bom dia — respondeu Dara, sorrindo simpática. Era um homem de meia idade, moreno,

olhos claros e muito solícito. Ele levantou rapidamente para abrir a porta para elas, sorrindo.

— Tenham um bom dia — desejou ele, sorrindo para Lara que o fitava curiosa. — Olá — acenou para ela.

— Olá — imitou a menina e fez um movimento com a mãozinha, claramente tentando imitar o gesto dele.

O homem sorriu, surpreso e acenou com a cabeça. Dara também acenou com a cabeça em despedida, sorriu quando Lara fez o mesmo, quase tombando o corpinho para a frente com o movimento e saiu para a rua. O céu estava claro e ensolarado, parecia realmente um bom dia para dar um passeio. Parou na portaria apenas por um segundo, para respirar fundo uma última vez e, é óbvio, dar uma boa olhada nele a distância.

Estava nervosa, não podia negar. Não sabia direito por que, se por medo de algo dar errado, ou de Lara chorar como costumava fazer ao interagir pela primeira vez com estranhos, ou de Sean ser daquele tipo de homens que não gostam muito de crianças, ou qualquer outra besteira do tipo. Tentou

se acalmar, refletindo que, se aquele fosse o caso, ele obviamente não teria convidado a menina para um passeio.

Sean as esperava ao lado do carro, recostado na porta do passageiro. Usava jeans como ela e camisa social. Parecia descontraído e muito, muito, mas muito bonito enquanto a olhava dos pés a cabeça. Dara se aproximou sentindo as pernas trêmulas e o rosto corado com aquele olhar.

— Olá — ele cumprimentou, sorrindo de lado.

— Oi — Dara respondeu, sorrindo de volta e se perguntando mentalmente por que sempre pareciam estranhos em um primeiro momento. Abria a boca para dizer o quanto ele estava bonito, mas foi interrompida.

— Oi — disse Lara, chamando a atenção dos dois. Tinha as bochechas rosadas devido sua animação a pouco no elevador e sorria, mostrando os quatro dentinhos.

— Oi — Sean respondeu, sorrindo para ela. Ergueu a mão e tocou o pequeno rostinho com cuidado. Lara, aceitando o carinho, capturou sua

PERIGOSAS ACHERON

mão rapidamente e pareceu encantada com seu relógio, pondo-se imediatamente a tentar tirá-lo.

— Esta é Lara — Dara a apresentou.

Desviou os olhos da filha para ele e observou seu rosto com atenção. Procurou por algum sinal de incômodo, algo que indicasse que ele não estava à vontade, ou talvez descontente, mas não encontrou nada do tipo.

Havia se preocupado que ele talvez estivesse se forçando à situação, incluindo sua filha apenas porque aquilo era o certo a se fazer, o esperado, e não porque queria aquilo. Mas Sean apenas as fitava, mãe e filha, parecendo catalogar as semelhanças entre elas. Lara, após perceber que o relógio não sairia não importa o quanto puxasse, tentou arrancá-lo com a boca.

Dara se sobressaltou, desvencilhando a menina do braço dele antes que ela babasse no seu relógio, envergonhada. Sean apenas riu, claramente achando aquilo engraçado e ela olhou bem para o seu rosto mais uma vez. Ele não estava fingindo, concluiu. O sorriso refletia o brilho nos seus olhos e não havia nada na sua expressão que indicasse o

contrário. Mais que isso, ele parecia quase... encantado.

— Vocês estão muito bonitas — elogiou ele, ainda sorrindo.

— Obrigada. Você também — respondeu, retribuindo o sorriso com timidez.

Sean gentilmente retirou a bolsa do seu ombro e abriu a porta traseira do carro. Depositou-a lá dentro e Dara notou surpresa que havia uma cadeirinha de bebê presa ao banco do carro. Olhou para ele, esperando que dissesse algo, mas Sean mais uma vez olhava para Lara e, parecendo subitamente sem jeito, esticou os braços para ela.

Lara praticamente pulos nos braços dele, forçando Dara a se aproximar com o movimento, surpresa. Sean a pegou com infinita delicadeza, ajeitando com cuidado o vestido sobre as perninhas gordinhas e sorriu mais uma vez para sua filha. A menina retribuiu o sorriso, ela que também parecia quase encantada, e tocou o nariz dele.

Dara os observou de olhos arregalados, surpresa com o quanto os dois pareciam confortáveis com a situação. Lara não costumava

PERIGOSAS ACHERON

ser tão receptiva a estranhos, havia se preocupado com aquilo, mas aparentemente em vão, pois lá estava ela não apenas parecendo confortável nos braços dele, mas também sorrindo de orelha a orelha.

Sean tocou seu pequeno nariz em resposta com carinho, fazendo a menina rir e sorriu para Dara.

— Vamos? — perguntou gentilmente e Dara assentiu bobamente.

Sean colocou Lara com todo cuidado sobre a cadeirinha e a menina não reclamou nem por um segundo, como Dara pensou que faria, já que não estava acostumada com nada daquilo. Observou sobre o ombro dele enquanto ele a prendia com cuidado na cadeirinha. A menina olhava em volta, curiosa, mas não parecia assustada. Sean se ergueu após verificar duas vezes se ela estava realmente segura e se voltou para Dara.

— Quer sentar aqui atrás com ela? — perguntou ele.

Dara olhou de um para o outro, boquiaberta. Lara parecia muito confortável e segura na

PERIGOSAS ACHERON

cadeirinha, balançando os pezinhos animada. Sean seguiu seu olhar e sorriu quando a menina sorriu para ele. Dara fechou a boca, que mantinha aberta sabe-se lá a quanto tempo. Sorriu também, seus últimos temores sobre a interação entre os dois indo embora.

Embora ainda estivesse surpresa, o sentimento que enchia seu peito era reconfortante. Sorriu mais abertamente para ele e negou com a cabeça, respondendo sua pergunta. Lara parecia muito independente e alegre na cadeirinha, não queria atrapalhar sua diversão.

Sean fechou a porta traseira com cuidado para não assustar a menina e abriu a do passageiro para ela. Dara ainda sorria quando, tomada por um impulso, se encaminhou até ele e, na ponta dos pés, beijou seu rosto com carinho.

— Obrigada — murmurou com quando se afastou.

Sean soltou a porta que ainda segurava e envolveu as mãos na sua cintura, puxando-a um pouquinho para si.

— Pelo que? — perguntou ele acariciando

PERIGOSAS ACHERON

suas costas, enquanto ela limpava a pequena mancha que havia deixado na pele dele com o gloss.

— Por ser tão atencioso — ela respondeu, sorrindo. — Por tornar tudo sempre mais fácil.

Sean dedilhou seu cabelo, observando seu rosto com atenção. Inclinou a cabeça e a beijou rapidamente, sem se aprofundar muito. Beijou sua testa depois e murmurou contra sua pele:

— Não tem de que.

Dara riu baixinho, sabendo que essa era a intenção dele: fazê-la rir, deixá-la confortável, saber que estava segura. Ela se afastou, mesmo relutante de romper aquele contato, e entrou no carro. Foi a vez dela de ter o cinto cuidadosamente colocado por ele. Beijou a mão dele como agradecimento depois quando ele acariciou seu rosto e o sorriso parecia colado nos seus lábios.

Sean fechou a porta com cuidado e deu a volta no carro. Dara olhou para trás. Lara estava muito comportada e animada na cadeirinha, balbuciando sozinha e balançando as perninhas.

— Tudo bem? — perguntou baixinho para

PERIGOSAS ACHERON

ela e recebeu um grande sorriso em resposta. Sorriu também e acenou em concordância. — Tudo bem, então.

— O que vocês querem comer? — Sean perguntou após entrar no carro e colocar o próprio cinto.

— Oate — Lara, compreendendo a pergunta, respondeu antes mesmo que Dara sequer tivesse tempo de abrir a boca.

Sean lançou um olhar curioso pelo retrovisor para Lara e depois olhou para Dara que explicou sorrindo:

— Cometi o erro de apresentar Lara para as maravilhas do chocolate há algum tempo. Agora aparentemente ela está viciada.

Sean ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Entendo, mas não acho que chocolate seja um bom pedido para um almoço — disse e olhou para o banco de trás rapidamente. Pensou por um instante, enquanto dirigia devagar. — O que ela geralmente come? — perguntou interessado.

— Basicamente tudo — respondeu Dara. —

Quer dizer, desde os seis meses tenho apresentado alimentos diferentes para ela, aos poucos, para descobrir do que gosta.

Sean acenou com a cabeça e adotou uma expressão pensativa.

— O que você sugere? — perguntou ele e Dara refletiu por um tempo.

— Não sei — admitiu finalmente, a mente em branco. Não costumava sair para comer com Lara e, embora tentasse manter sua alimentação diversificada, ainda se sentia bastante relutante com relação a algumas coisas.

— E o que você quer comer? — ele perguntou novamente, sorrindo de lado.

— Acho melhor você decidir — murmurou, tentando sorrir mesmo com o rosto corado. — Nós comemos qualquer coisa — garantiu.

— Menos comida japonesa — ele brincou, seguindo em direção ao centro, onde normalmente todos os restaurantes e lanchonetes estão reunidos.

Dara riu.

— Bom, Lara eu não sei, mas eu com certeza

prefiro não me arriscar com comida japonesa novamente.

— Nem eu — concordou ele, balançando a cabeça enfaticamente. — Posso decidir o que vamos comer então?

— A decisão é sua — ela respondeu sorrindo.

Sean olhou para ela por um instante, acariciando seu rosto com o olhar. Sorriu também, parecendo incapaz de retribuir seu carinho e pegou a mão dela que repousava sobre o colo enquanto verificava Lara pelo retrovisor. Beijou seus dedos com carinho, os olhos no trânsito, mas atento a ela.

Dara sorriu ainda mais com o gesto, tranquila e sobretudo mais confortável do que julgou ser possível. Observando aquele homem maravilhoso entrelaçar seus dedos com os dele, depositando-os depois sobre sua própria perna e lançando olhares alertas e cuidadosos para a bebê no banco de trás, que balbuciava e brincava sozinha, ela teve esperanças de que cenas como aquela se repetissem com frequência em um futuro próximo.

Nem sequer chegaram ao seu destino e ela já se dava por satisfeita, porque aquele pequeno

PERIGOSAS ACHERON

começo, aquele pequeno progresso já era mais do que tinha imaginado. Poderia encerrar o dia por ali e voltaria para casa feliz, com um sorriso sincero colado no rosto.

É assim que tem que ser daqui para frente, refletiu. É assim que a vida deve ser, feita de momentos felizes, alegrias bobas, de carinhos. É isso que quer para o seu futuro, é com isso que agora sonha, que deseja. Porque, agora que teve um pequeno gostinho do que ainda pode estar por vir, ela quer ainda mais.

Um futuro de liberdade, uma vida sem sofrimentos, apenas alegrias, todas as partes boas que não viveu até que conseguiu fugir. Até que se descobriu mãe, até que descobriu quão maravilhosa e gratificante aquela vida pode ser. E quão libertador um simples sentimento que cresce a cada dia pode ser.

Esse é o seu futuro, ela sabe. Seria algo que se esforçaria para que acontecesse e, mais do que tudo, que a deixava ainda mais segura de que ali era o seu lugar. De que ali, com ele, sua filha a tira colo, ali poderia ser feliz. De que ele estava ali para

PERIGOSAS NACIONAIS

elas e elas também estariam ali para ele. Do jeitinho que agora sonhava.

E do jeito que seria porque o destino, após tantos anos de sofrimento, agora lhe sorri.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

Dara se sentia nas nuvens. A barriga doía, cheia e também de tanto rir. O sorriso no seu rosto parecia colado e ela não era a única.

Sean as havia levado a uma das diversas filias do McDonald's espelhadas pela capital. Dara sequer conseguiu esconder a animação enquanto paravam o carro para fazer o pedido no drive-thru.

— Suponho que minha escolha esteja aprovada — ele comentou, sem disfarçar o sorriso com a animação dela.

— Dessa vez tenho certeza que não vou me arrepender depois — disse ela, esticando a cabeça pela janela do carro para conseguir ler o menu fixo ao lado da grande janela onde uma moça simpática esperava pacientemente para receber os pedidos.

Nunca havia se dado ao luxo de apreciar um lanche como aquele, nem quando ainda estava presa e nem após fugir. Estava elétrica, tão animada quando Lara, rindo sozinha no banco de trás.

— Nem eu — garantiu ele, com certeza lembrando da infeliz experiência que tiveram com a comida japonesa.

— Engraçado. Você não parece alguém que come coisas desse tipo com frequência — ela comentou distraída.

— E não como, mas uma vez ou outra não faz mal.

Lara, ainda na cadeirinha, balbuciava e ria sozinha, chamando a atenção dos dois. Assim que Sean colocou o carro em movimento, quando deixaram a portaria do seu prédio, a menina pareceu entrar em transe. Os olhinhos arregalados estavam fixos na paisagem pela janela. Dara lembrou tardiamente que Lara nunca havia entrado em um carro e não tirou os olhos dela nem por um segundo, gravando na mente todas as suas reações e rindo junto com Sean quando a menina soltava pequenos gritinhos maravilhados.

Sean, tão encantado com a reação da menina quanto Dara, abriu o teto solar do carro e fora muito difícil para Dara depois disso conseguir manter Lara sentada na cadeirinha. Ela dava

pequenos pulinhos, os olhos ainda mais arregalados e as mãozinhas estendidas, como se pudesse capturar entre os dedos o vento que entrava pela abertura do teto.

Eles riam, juntos, sempre que a menina soluçava de tanto rir, e Dara não poderia estar mais feliz. Quando chegaram na primeira parada do dia, levou mais que dez minutos para fazer o próprio pedido, indecisa sobre o que queria experimentar primeiro, os olhos brilhando para todas as opções no menu. Sean esperou paciente pelo tempo que ela levou até se decidir e outros dez minutos para escolher algo que não fosse tão gorduroso para Lara, mas que não a excluísse da nova experiência.

Sean pediu dois sanduíches imensos para si mesmo, três milk-shakes gigantescos, além de batatinhas extras. Dara riu muito quando ele fez o pedido, chocada com a quantidade de comida, mas concluiu que aquilo fazia sentido, considerando o tamanho e porte dele.

— Não é tudo para mim — ele se defendeu enquanto ela ria abertamente. — Você não pediu nada para beber e tenho certeza que Lara vai gostar

do milk-shake.

— Você é muito atencioso — ela elogiou, sem deixar de rir e Sean fez uma careta engraçada.

Dara pensou que comeriam no carro mesmo, mas Sean continuou dirigindo pelo centro da cidade e além dele, até chegarem ao Phoenix Park. Estacionaram o carro e desceram, ela com Lara nos braços e Sean carregando as diversas sacolas com o que agora ela descobria que seria um piquenique.

Phoenix Park é um dos maiores parques da Europa, maior até mesmo que o famoso Central Park, em Nova York. Havia diversas placas por onde passavam, enquanto caminhavam sobre a grama fofinha, e informativos que contavam a história do lugar. O Phoenix Park foi inaugurado no século XVII, mais precisamente no ano de 1662, e possui 700 hectares de extensão. Ou seja, 7 milhões de metros quadrados, Dara concluiu, impressionada.

Ele fica a 3 quilômetros do centro de Dublin e tem entrada gratuita. Isso facilita muito, Dara pensou, porque não seriam capazes de conhecer o parque inteiro em um só dia e desconfiava que nem

mesmo em uma semana seria capaz de percorrer toda a extensão do lugar. Assim, tanto para os turistas quanto para os moradores locais é possível visitar o parque várias vezes sem a preocupação financeira e com certeza ela voltaria ali outro dia com Murielle e Lara.

Dara, mesmo após mais ou menos um ano morando ali, pouco conhecia da cidade. Mesmo no tempo em que morou nas ruas não se permitia vagar muito, permanecendo em um ou dois locais por noite. Agora se descobria encantada e um pouco culpada por não ter buscado lugares como aquele para fazer um passeio com sua filha. Prometeu a si mesma que isso mudaria e, agora que tem condições, pelo menos uma vez por semana ela sairia com sua pequena família – Murielle inclusa.

Dara queria que ela estivesse ali, aproveitando os raros raios de sol e o clima ameno atípico. Haviam várias famílias caminhando por ali, sentados na grama e rindo uns com os outros. Olhou para Lara em seus braços, que olhava em volta, encantada com as árvores e os pássaros que as sobrevoavam. Olhou para Sean ao seu lado, que

parecia procurar um lugar em especial para que pudessem imitar as outras famílias por ali.

— Vamos procurar um lugar especial, na sombra — disse ele, segurando as sacolas em um dos braços, sem parecer fazer esforço e pegando sua mão depois, entrelaçando seus dedos.

Ela pegou-se sorrindo sem motivos, ou melhor, com vários deles. Aquele homem perfeito, tão gentil e atencioso, mais uma vez a surpreendia com seu cuidado e atenção. Ela gostava da liberdade que agora possuíam, das vezes que se conversavam, mesmo sem palavras, das trocas de olhares que ainda faziam seu rosto corar, mas que faziam parte daquele relacionamento.

Não sabia como e nem queria definir ou rotular o que viviam, o que era aquele relacionamento, não estava interessada em rótulos ou quaisquer nomes usados para chamar o que sentia. Queria apenas sentir. Rir com ele e a sua filha e aproveitar o dia.

Franziu o cenho quando um som chegou até onde estavam e olhou ao redor, curiosa. Parecia um animal, mas ela não encontrou nada além de

PERIGOSAS NACIONAIS

cachorros por ali, todos sob vigilância dos seus donos, mas aquele som não parecia vir de um cachorro. Parecia com...

— São cervos — Sean explicou, captando seu olhar curioso. — Tem vários deles por aqui, é uma particularidade do parque.

— Mas eles vivem soltos por aqui?

— Não. Tem um zoológico dentro do parque — esclareceu. — Podemos levar Lara até lá mais tarde.

— Mesmo? — Dara sorriu quando ele assentiu e olhou para Lara. — Vamos ver os animaizinhos!

— Parecem duas criancinhas — Sean riu da animação delas, que pareciam pular no lugar. Quer dizer, Dara dava pulinhos e Lara, nos seus braços, só ia junto, mas ria junto com a mãe.

— Eu me sinto como uma — disse ela e tentou se controlar um pouco. — Esse lugar é muito legal

— Pensei que você fosse gostar — ele escolheu um lugar bem embaixo de uma árvore

PERIGOSAS ACHERON

robusta e parou. Estavam um pouco distantes das outras famílias, que se sentavam sobre os poucos raios de sol, mas ali eles ficariam mais à vontade, na sombra.

Dara sentou primeiro, com Lara no colo e agradeceu em pensamento por não ter seguido os conselhos de Murielle. Se estivesse de vestido, não se sentiria tão confortável e relaxada para sentar na grama, nem poderia também. Graças ao jeans, cruzou as pernas na grama fofinha e colocou Lara sentada sobre elas.

A menina se balançava de um lado para o outro, olhando ao redor, impressionada com tanto verde e o colorido dos pássaros e borboletas.

— Quer sentar na grama também? — perguntou à filha, enquanto Sean sentava na sua frente, deixando um espaço no centro, onde depositou as sacolas que carregava.

Dara tentou colocá-la sentada ao seu lado, mas Lara olhou desconfiada para a grama, fez que não com a cabeça e ergueu as pernas no ar.

Riram com a recusa da menina, que parecia quase com medo da grama fofinha, e Dara tentou

PERIGOSAS ACHERON

novamente. Lara ergueu as perninhas mais uma vez, quase encostando os pés no próprio rosto, e emitiu um gritinho alto de quase pavor.

— Acho que de alguma forma ela está com medo da grama — Sean concluiu o óbvio, sorrindo para a expressão assombrada da menina. A pegou no colo com cuidado e a sentou sobre o joelho. Lara lançou um olhar desconfiado para a grama que os cercava, mas retribuiu o sorriso, embora mantivesse o corpinho tenso, a espera.

Dara buscou dentro da bolsa a manta que sempre deixava ali caso o clima esfriasse demais. Forrou no espaço entre eles e ergueu as sacolas, depositando-as sobre o tecido depois. Sean colocou Lara com cuidado e devagar sobre a manta, esperando para ver se ela reclamaria novamente, mas a menina pareceu relaxar e não reclamou. Por sorte, a manta era grande o bastante para também abrigar os lanches.

Logo começaram a comer e Dara deixou de lado o medo de parecer uma morta de fome ou se preocupar com a sujeira que fazia no próprio rosto. Não havia como comer um lanche daquele tamanho

e cheio de um molho muito gostoso sem fazer uma lambança. Deu pequenos pedacinhos do próprio hambúrguer para Lara, que parecia maravilhada com as batatas fritas e tinha as duas mãozinhas cheias, como se com medo de perder seu grande achado.

— Tal mãe, tal filha — Sean comentou sorrindo enquanto limpava com cuidado as bochechas da menina com um guardanapo e depois fazendo o mesmo com Dara.

— Isso é muito gostoso! — ela exclamou de boca cheia, mordendo outro pedaço do lanche em seguida. Era de fato enorme e não estava nem na metade ainda, enquanto que Sean já estava no segundo.

— É mesmo — ele confirmou, colocando o refratário de isopor com as batatinhas mais perto de Lara. Distribuiu os milk-shakes, que Dara havia esquecido tão focada estava no hambúrguer, e segurou com cuidado o canudo frente a boca de Lara. Esperou pelo tempo que ela levou para analisar desconfiada o grande copo, o canudo e até cheirar tudo, para só depois abrir a boquinha. Ela

sugou um pouquinho só e, após arregalar os olhos, logo se agarrava ao copo com as pequenas mãozinhas como se disso dependesse sua vida. — Acho que ela gostou — sorriu.

Dara sorriu, vendo a alegria da menina que estufava as bochechas na pressa de tomar todo o milk-shake e fez o mesmo. Fechou os olhos e gemeu, sem se conter, quando o gosto do que parecia ser a oitava maravilha do mundo encheu sua boca. Quando abriu os olhos, após tomar quase metade do conteúdo do copo, encontrou os olhos de Sean sobre si e sorriu para ele com toda a felicidade que sentia.

Não podia negar que sua vida havia mudado e para melhor desde que conheceu aquele homem. Ele chegou em uma noite de completo desespero, seu primeiro dia de trabalho, a ajudou sem sequer conhecê-la e desde então ela sorri. Desde então, se por ele ou por querê-lo, ela passou a não maldizer o dia antes mesmo de ele amanhecer.

Tem motivos para sorrir, tem a sua filha, protegida e amada, sempre sob suas vistas, tem uma melhor amiga, o anjo da guarda que a vida lhe

deu, e agora aquele homem maravilhoso ao seu lado, sempre gentil, sempre ali, sempre presente, sempre tirando o melhor de si.

É engraçado estar apaixonada daquele jeito em tão pouco tempo. Não sabe como as coisas funcionam geralmente, não tem nenhuma margem para comparação, mas supõe que aquilo que sente sempre que o vê ou sempre que pensa nele vai muito além do que uma simples paixão.

As vezes parece loucura supor que ele sente o mesmo, supor que é recíproco, mas quando tem o olhar dele sobre si como agora, quando percebe que ele sequer pisca enquanto cataloga todas as nuances do seu rosto, quando sorri sem parecer perceber, fica muito difícil não se deixar levar. Fica muito difícil não sorrir de volta, tão apaixonada quanto, quando tudo sobre ele, todas as faces daquele homem perfeito que ela já conhece e todas as outras que não faz sequer ideia a encantam.

Terminaram de comer e seguiram até o zoológico, ainda envoltos naquela bolha de felicidade que ela esperava que não estourasse nunca. Dara jogou as sacolas na primeira lata de

lixo que encontrou, um pouco distante de onde estavam, e quando voltou Sean havia recolhido Lara, sua bolsa e a manta. Sorriu para ela, lindo com só ele e estendeu a mão.

Tinha gosto de vitória aquela visão. Aquele homem perfeito sorrindo para ela, sua filha nos braços brincando com a gola da sua camisa, a bolsa rosada pendurada no ombro e a mão estendida, chamando-a para perto. Abraçando-a junto ao corpo depois e mantendo-a ali pelo tempo que levou para demonstrar com a boca o que não saiu em palavras.

Dara se agarrou a ele, beijando tanto quanto queria, deixando que ele sentisse todo o amor que nutria e Sean pareceu captar sua mensagem, beijando-a da mesma forma. Só se afastou quando se sentiu satisfeita, ao menos por agora. Colou os olhos nos dele, deixando tudo que sentia transbordar pelo olhar, explícito para ele, basta que captasse a mensagem.

Ele sorriu, beijando-a mais um pouquinho. E depois beijou a bochecha rosada e inteira melecada da sua réplica, que se lambuzava com um pequeno

pedaço de chocolate, que Dara não havia notado até ali, mas que desconfiava da procedência.

Olhou bem para ele, uma pergunta silenciosa nos olhos, mais feliz que em muito tempo. Sean deu de ombros, sorrindo, e entrelaçou seus dedos, beijando as costas da sua mão.

— Não consigo resistir — ele confessou. — Tudo pelas minhas meninas.

É juntos eles caminharam, parque adentro e vida afora, gosto de futuro e satisfação grudados na boca e três sorrisos imensos no que marcava agora aquele pequeno grupo.

E, em breve, uma família.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27

Quando Dara saiu, Murielle resolveu sair também. Não queria sair com o casal e a menina e atrapalhar algo que ainda não começou, ou está prestes a começar. Prefiria não se intrometer no que não lhe diz respeito e por mais que queira a felicidade da amiga e torça para que tudo dê certo, não queria ficar no meio de nada, deixá-los desconfortáveis ou coisa assim.

Por isso quando a amiga saiu, trancou a porta da casa dela, foi até a própria, trocou a roupa de casa por uma melhorzinha e saiu. Dara havia dito que precisava comprar algumas coisas para a dieta de Lara, deixou o dinheiro separado para isso e, para não ficar presa em casa sem ter mais o que fazer, podia muito bem ir no mercado. O marido estava trabalhando, a casa estava arrumada e não tinha nada de interessante passando na TV, como sempre.

O dia estava ensolarado, um caso atípico para a estação. Tirou o casaco enquanto descia as

PERIGOSAS ACHERON

escadas, ela que também já estava acostumada com subir e descer quatro lances de escadas todos os dias e não conseguia se render aos benefícios do elevador. Deu bom dia ao porteiro, apenas porque é educada demais para fingir que ele não está ali. Sujeito meio estranho era aquele, simpático demais, solícito demais e sorridente demais.

— Tenha um bom dia — disse ele, acenando animado.

Com um sorriso amarelo colado no rosto e um murmúrio em forma de agradecimento, saiu para a rua. O mercado ficava a só uma quadra de distância e o clima inspirava uma boa caminhada. Seguiu pelas ruas pouco movimentadas, ignorou três mendigos de caras suspeitas e que deixavam claro que os tais trocados que queriam não eram para comprar comida nenhuma.

Um deles, o menos sujo e de olhos alertas, insistiu em querer segui-la, de olho em um possível pagamento que poderia receber depois por ser tão gentil.

— Meu marido está me esperando na próxima esquina, não precisa — Murielle

respondeu sem diminuir o passo para o sujeito insistente no seu encalço. — A viatura dele está logo ali, mas obrigada de qualquer forma.

Caminhou o resto do caminho sem pressa depois que o sujeito desistiu. Entrou no mercado, pegou uma cestinha e desperdiçou quanto tempo pôde em uma atividade tão banal e enfadonha. Aproveitou para fazer as compras para a própria casa também, mesmo embora tenha feito isso no dia anterior. Mas algumas caixas de cereal e algumas barras de chocolate a mais não fariam mal.

Ignorou o chocolate light pensando em Lara e na careta que ela fizera quando tentaram enganá-la com aquela coisa. Provaram depois e concluíram que ainda bem que compraram apenas uma barra para fazer um teste e não o estoque que pensavam em fazer, ou teriam desperdiçado dinheiro.

Sorriu para a moça do caixa, a cabeça longe pensando no que fazer para mais um almoço sozinha. Brian, seu marido, só estaria em casa para o jantar, então até lá ela restaria sozinha, sem Dara para conversar ou Lara para cuidar. Odiava os dias em que se sentia sozinha como aquele, mas já

deveria estar acostumada, desde que deixou de trabalhar que é assim.

Quase um ano atrás foi pega por um colega de trabalho enquanto realizava clandestinamente um dos ultrassons de Dara. Ele havia sido informado sobre uma movimentação suspeita no posto e fora até lá checar tudo. Não foi por isso que perdeu seu emprego, entretanto. Após explicar toda a situação para ele, deixando de lado o nome de Dara e sua procedência, no final deu tudo certo.

Seu primeiro erro foi falar sobre a menina grávida que morava nas ruas e que conquistara seu coração para o marido.

Seu segundo erro foi pensar que ele entenderia a complexidade de tudo, que entenderia que não poderia deixar aquela menina abandonada à própria sorte e esquecer que ela ainda era praticamente uma criança. E gestando outra. O terceiro erro foi comentar, feliz, sobre o novo arranjo com o colega de trabalho, que passou a ajudá-la com tudo, e aquele foi seu maior erro.

O marido não disse uma palavra, não sorriu, não xingou, e ela pensou que aquela expressão

estranha no rosto dele fosse a mesma que ela via no próprio rosto quando pensava na vida miserável daquela menina. Então, no outro dia chegou no trabalho e descobriu que não possuía mais um emprego.

O chefe, responsável à frente daquele postinho em especial, disse que a sua conduta não condizia com um profissional da área de saúde. E que ela seria perdoada por todos os gastos com equipamentos e medicações nos últimos meses, contando que pedisse as contas e não voltasse mais ali.

Murielle deu as costas ao local onde dedicou sua vida nos últimos anos nem um pouco arrependida. Ficou triste, é claro, passara anos da sua vida ali e fora jogada para fora como se não fosse nada. Não discutiu, entretanto, porque por melhor que tivessem sido suas intenções, ainda assim ela sabia que estava errada, ao menos na visão do seu chefe. Não rebateu, não reclamou, só foi embora e voltou para casa. Mas o que não saía da sua cabeça era o como.

Como ele ficou sabendo? O que a entregou?

Ela sempre fora cuidadosa, sempre deixava tudo do jeitinho que estava antes, não deixava rastros. Vira no pavor estampado na expressão do seu colega e cúmplice que não havia sido ele; ele quase tremia enquanto esperava pelo momento em que seria descoberto também, não faria aquilo quando sabia que ela poderia incriminá-lo na mesma sentença.

Só quando chegou em casa e encontrou o marido sorridente à espera do almoço que começou a suspeitar.

Brian não era um homem ruim, era explosivo na maior parte do tempo, machista como todos os homens da sua família, mas também sabia dosar tudo com pequenos momentos em que demonstrava o quanto a amava e o quanto era feliz ao seu lado. Abriu o coração para ele, contou sobre Dara, as preocupações com sua saúde e da bebê, tudo que fazia por ela e Brian se solidarizou com a história. Mas não adicionou na equação um sujeito qualquer ao redor da sua mulher, sua propriedade, na calada da noite, solícito e gentil.

Não precisou perguntar para ter certeza. Viu nos olhos dele que ele havia contado para o seu

chefe, que não estava arrependido e que faria tudo de novo caso tivesse a chance. Naquele dia, no horário do almoço em que ele sempre aparecia para comer da sua comida, preparada com tanto amor e carinho, eles tiveram uma das maiores brigas em todos os quase dez anos de relacionamento. E a primeira de muitas.

Desde então ela cozinha só para si e almoça sentada de frente para a televisão, contando lamúrias e restando sozinha no pequeno apartamento montado e pensado para dois. Não é tão ruim agora que está acostumada e as horas que ele passa fora de casa são mais preferíveis do que quando enfim volta do trabalho, cansado, irritado e a espera de uma mulher disposta e silenciosa que aqueça sua cama depois.

Mesmo embora os problemas sejam muitos e esteja cansada a muito tempo dessa vida, Murielle pensa não ter do que reclamar. É feliz, mesmo que as vezes não pareça.

Saiu do mercado com os braços cheios de sacolas e fez o caminho de volta para casa devagar, sem pressa de voltar a se fechar no seu mundinho

de esposa submissa mais uma vez.

Pensando em qual desculpa daria ao mendigo insistente quando ele a visse voltar sem a companhia de um marido policial imaginário, Murielle não viu o homem que a seguia de perto, vigiando seus passos muito antes de ela sair de casa e calculando o que executaria a seguir.

Desviando os olhos das costas dela e conferindo rapidamente a ordem que esperava na tela do celular, o sujeito apressou os passos e já esticava as mãos para apanhá-lo. Parou com as mãos no ar, surpreendido quando de repente Murielle trombou com tudo em alguém que chegou do nada ao seu lado, esbarrando com força nas sacolas que carregava e jogando-a no chão com o peso extra.

— Ah! — exclamou, caída no meio das sacolas e esmagando uma das caixas de cereal com o traseiro.

— Ah, meu Deus! Que desastrada que eu sou, me desculpe! — a pessoa que a derrubou, claramente uma mulher, também exclamou e logo pôs-se a ajudá-la com as sacolas, recolhendo as

poucas coisas que se espalharam pelo chão e esticando a mão para ajudá-la a levantar.

Murielle olhou para cima ainda no chão e reconheceu o cabelo longo e vermelho e as sardas que pontilhavam seu rosto. Sorriu em reconhecimento e aceitou a ajuda para levantar.

— Ah, é você — disse, tirando a poeira da rua das roupas e agrupando as sacolas novamente.

— Mil desculpas, eu estava com os olhos no celular e não vi você — lamentou Kyaran pegando as últimas sacolas do chão e passando pelo próprio braço. — Sinto muito mesmo. Espero não ter machucado você.

— Não, está tudo bem. Vai ao mercado?

— Não, estava indo para casa, mas me distrai com o celular e desviei o caminho — explicou enquanto iniciavam o caminho que as levariam até o prédio caindo aos pedaços em que moravam. — Sinto muito mesmo por esbarrar em você. Geralmente não sou tão estabanada.

— Tudo bem, eu também não estava prestando atenção no caminho que fazia — Murielle sorriu e olhou para ela dos pés a cabeça.

— Você é bastante forte para alguém do seu tamanho. Pilates? — arriscou.

Kyaran sorriu como se aquela fosse alguma piada e fez que não com a cabeça. Depois pareceu pensar um pouco e respondeu, ainda sorrindo:

— Pilates não, mas algo do tipo.

— Sei — respondeu Murielle como se fizesse alguma ideia do que ela estava falando.

Ao chegarem na esquina em que estavam os mendigos, passou o braço que estava livre pelo da ruiva e sorriu com entusiasmo enquanto falava alto o bastante para chamar atenção.

— Que bom que você veio almoçar em casa, querida. Eu estava mesmo me sentindo muito sozinha — ainda sorrindo, ignorou o olhar confuso da mulher ao seu lado e sussurrou apenas para que ela ouvisse: — Finja que me ama e que está muito animada para comer da minha comida.

— Ah! — Kyaran exclamou quando Murielle a beliscou no braço e logo assumiu seu papel naquela atuação, mal controlando a vontade de rir. — Ah, é claro, amor. Sabe que por você eu faço tudo. Tudo que você quiser. Tudo, tudo, tudo...

— Certo, não precisava exagerar tanto — reclamou Murielle quando chegaram à portaria, tentando ignorar as risadas da ruiva às suas costas e o olhar confuso do mendigo na esquina. — Obrigada por carregar as compras e também por ter ajudado a despistar aquele mendigo insistente.

— Não por isso — respondeu Kyaran, sorrindo enquanto acenavam para o porteiro e logo subiam as escadas. Perguntou curiosa pouco antes de chegarem no andar em que moravam: — Qual é a do mendigo e por que você fingiu que estamos juntas?

— Ah, ele só é insistente demais e queria ficar me seguindo por aí, na certa esperando a primeira oportunidade de roubar a minha bolsa. Inventei uma história de que meu marido policial me esperava na esquina e só assim ele desistiu — explicou enquanto procurava a chave de casa dentro da bolsa.

— Entendo — Kyaran a entregou as sacolas e sorriu em despedida. — Vejo você por aí então. E mais uma vez me desculpe por jogá-la no chão.

— Não se preocupe, não foi nada. E pode me

derrubar no chão quantas vezes quiser, contando que me ajude com as compras depois — brincou.

Riram e se despediram. Murielle logo se pôs a preparar o almoço, separando as compras de Dara das suas e guardando o resto nos armários já cheios das últimas compras. Pensou no que fazer para o jantar, distraída tentando decidir o que fazer agora para ocupar o tempo até a amiga voltar do passeio. Sentiu-se um pouco deprimida e arrependida por não ter aceito o convite de Sean, mas fora por uma boa causa.

Repetiu para si mesma que estava feliz e aquilo era tudo que podia fazer, enquanto comia a comida que preparou com tanto cuidado para uma só pessoa, assistindo à um programa de auditório qualquer.

Relaxou pelo resto da tarde, tirando poeira dos móveis impecáveis de tão limpos, sem fazer ideia de que era observada de um prédio há alguns metros de distância. A vista do binóculo era desviada de um apartamento para outro em uma vigilância constante, até que focou a atenção em apenas dois: o em que estava aquela morena bonita

PERIGOSAS NACIONAIS

e de expressão triste e o apartamento ao lado, repleto de brinquedos de criança e vazio.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 28

Era muito difícil estar ao lado daquele homem, observando sua beleza, os sorrisos derretidos para sua filha e seus pedidos infinitos por chocolate, o carinho quando negava o que pedia e tentava acalmá-la e distraí-la para que esquecesse o chocolate. Era difícil não desejar mais dias como aquele, ao lado dele, sentindo-se pela primeira vez segura mesmo em meio a tanta gente, e feliz, apenas porque era ele ali.

Após a refeição eles seguiram até a área do parque onde ficava o zoológico e riram juntos da alegria de Lara ao ver os animais.

Haviam diversas espécies que transitavam livremente pelo grande espaço reservado para eles, mas os cervos eram os mais numerosos e mais acessíveis. As pessoas ignoravam os avisos espalhados de que era estritamente proibido alimentar os animais, pela segurança de ambos, mas Dara não se deixou levar e resistiu em burlar as regras, mesmo embora se sentisse tentada ao

PERIGOSAS ACHERON

observar as expressões suplicantes e irresistíveis dos bichos.

Seguiu de mãos dadas com o homem ao seu lado, enquanto Lara, acomodada nos braços dele, esticava o pescocinho para ver os animais, animada.

— Quantos animais vivem aqui? — colocou a mão que estava livre sobre os olhos e tentou enxergar toda a extensão do zoológico e os animais que transitavam por ali.

— São mais de 400 animais, em 28 hectares de área — Sean explicou e sorriu quando ela arregalou os olhos, desviando o olhar para ele. — Esse é um dos zoológicos mais antigos do mundo.

Sean as levou em um tour pelo zoológico, apresentando Lara aos animais e rindo junto com ela quando ela arregalava os olhos e inclinava o corpinho para a frente, tentando chegar mais perto das grades.

Quando Dara começou a ficar cansada, Sean sugeriu que sentassem para descansar um pouco antes de prosseguirem com o passeio. Ela sorriu para ele, agradecendo com o olhar pelo cuidado e

PERIGOSAS ACHERON

logo eles as guiou até um dos únicos banquinhos vazios sob o Wellington Monument, um monumento impressionante com 62 metros de altura e considerado o maior obelisco da Europa.

— Queria ter visitado esse lugar antes — confessou ela enquanto olhava ao redor. Lara fazia o mesmo, impressionada com a vastidão de pessoas que caminhavam por ali. — Quase não conheço a cidade em que moro.

— Posso ser o seu guia turístico — Sean se ofereceu, sorrindo para ela.

— Eu vou precisar de um ou, caso contrário, com certeza me perderia — brincou e riu quando ele concordou.

— Isso é verdade.

Permaneceram sentados por um tempo, olhando em volta, curtindo os fracos, mas significantes raios de sol. O clima estava agradável e parecia renovar suas forças. Logo se puseram a caminhar mais uma vez, descobrindo o lugar e percorrendo, a pedido de Dara, a maior distância que conseguissem. Queria conhecer todo o local naquele dia, o que era praticamente impossível e

sabia disso, mas mesmo assim não desistiu.

Lara dormiu enquanto caminhavam devagar nas proximidades da casa do presidente da Irlanda, que para surpresa de Dara, também ficava localizada dentro do parque. Aquele lugar era mesmo incrível e sem dúvida uma boa escolha para um bom passeio.

— Acho que finalmente as baterias dela acabaram — Sean comentou quando Lara apoiou a cabecinha no seu ombro e relaxou o corpinho, embalada em um sono tranquilo.

— Quer me dar ela? Ela pode babar na sua camisa — Dara já esticava os braços para pegar a menina, mas Sean negou com a cabeça.

— Não tem problema.

— Mas você deve estar cansado de carregá-la por aí.

— Está tudo bem, ela não é muito pesada e não estou cansado — sorriu para ela como se ela estivesse brincando e Dara sorriu de volta, desistindo.

Abriu a bolsa que ele também insistia em

levar, sobre o ombro em que Lara não dormia, e procurou entre as coisas ali uma fralda. Dobrou o tecido duas vezes e ficou na ponta dos pés para colocá-lo com cuidado sobre o rostinho de Lara, protegendo o tecido da camisa dele.

— Pronto. Assim você vai ficar protegido — brincou.

Fechou a bolsa e voltou a se posicionar ao seu lado. Sua mão foi de encontro a dele em um gesto automático e demorou um tempo até perceber o que havia feito. Pareceu natural buscar pelo toque dele. Sentiu o rosto corar e olhou para ele.

Sean parecia concentrado, o olhar focado no grande monumento que se erguia sobre suas cabeças, mas notou que sorria de lado, como se não pudesse se conter. Sentiu o corpo relaxar e sorriu também, apertando sua mão de leve e sorrindo ainda mais quando ele fez o mesmo.

Seu corpo parecia entender aos poucos como se comportar ao lado dele, embora sua mente ainda tivesse dúvidas. Suas mãos o procuravam, sua pele parecia implorar pelo toque dele e sua boca ansiava pela dele. O problema era quando pensava demais,

quando começava a imaginar situações e possíveis problemas, coisas que poderiam dar errado.

Seu corpo o reconhecia, mas sua mente parecia seguir um caminho mais lento. Mente e corpo ainda precisam entrar em sintonia, ambos precisam concordar que é seguro, precisam concordar com o que querem. Dara não tem pressa, Sean também não. Ela vê nos olhos dele quando a observa com atenção que ele entende.

Que de alguma forma, mesmo que nunca tenha dito uma palavra, ele sabe pelo que ela passou, ou ao menos faz ideia. E não insiste, não apressa as coisas, deixa que ela siga o caminho que escolher, o caminho que se sentir confortável e apenas segue junto.

Vai chegar o dia em que vai precisar se abrir para ele. O dia em que ele não vai mais aceitar desculpas, ou ajudá-la a superar suas crises sem fazer perguntas depois. Ela sabe disso, ele sabe disso, todos sabem.

É pedir demais esperar mais um tempo até lá?, ela se pergunta.

Gosta de como as coisas estão. De sair com
PERIGOSAS ACHERON

ele para jantares e passeios, gosta de vê-lo com a sua filha, de observá-lo sorrindo para ela, vendo a menina apenas como a sua imagem refletida, sua cópia mais fiel, sem a mácula de todo o horror de sua história.

Sabe que é justo que ele saiba de tudo antes que decida se envolver mais. Antes que ele se aprofunde ainda mais sob sua pele, antes que fique ainda mais difícil pensar em dizer adeus.

Sabe que não tem a obrigação de se abrir para ele, não deve nada daquilo, não deve compartilhar nada do que viveu com ninguém, mas também sabe que é o certo a se fazer. Porque está apaixonada demais para agir diferente e não quer fazer sofrer alguém que apenas a fez feliz até ali. Ele tem o direito de saber no que está se metendo, saber que ela não é só uma menininha levada que engravidou cedo, fugiu de casa e agora luta para se manter e a filha em uma cidade como aquela.

Sabe também que provavelmente Sean nunca imaginou aquilo, mas gosta de fingir que sim.

Lembra, desde a primeira noite, da forma com a qual ele a olhou quando a tocou. Lembra de

todo o cuidado que ele sempre teve desde então. De não a pressionar, de não a tocar antes da hora, de retroceder quando ela precisava.

Sean sabe a verdade. Não toda ela, mas uma boa parte. Seria preciso ser cego para não notar. Dara tem o conhecimento de que emite sinais demais, que nem sempre conseguiu disfarçar o temor que sentia, o medo que transpirava por sua pele. Por todo o tempo que se conheciam, parou para pensar enquanto observava o obelisco com a cabeça longe, a iniciativa sempre foi sua, mesmo que até ali tenha pensado o contrário.

Na primeira vez em que saíram, na manhã após sua visita involuntária e angustiante ao hospital com Lara, foi a primeira vez em que se sentiu segura e ao mesmo tempo temerosa ao lado de alguém. Entendeu ali que o problema não era ele, mas sim todos os cenários horríveis que sua mente insistia em criar. Sean não avançou mais, embora fosse claro que queria beijá-la, quando notou o medo nos seus olhos. Quase surtou naquele dia, a cabeça dando nós, passado e presente um só.

Só conseguiu voltar ao presente quando

finalmente conseguiu desvincular o toque dele, aquele homem maravilhoso e gentil, dos abusos de outrora. O toque de um outro homem que apenas lhe causou dor, sofrimento, marcas na pele e na alma.

Quando voltou a si, não foi Sean que agiu, ele apenas estava ali. Foi ela que o tocou, que o observou com atenção, todas as nuances daquele rosto que o faziam tão único e lindo. Os olhos, a boca, a barba cheia. Ela emitiu os sinais do que queria, daquela vez sinais que queria que ele visse, e só então ele agiu.

Desde então ela descobre as maravilhas de sentir-se desejada, pela primeira vez na vida. Descobre quão maravilhoso é sentir-se mulher, não objeto. Senti-lo contra seu corpo, seus beijos, seus toques, por mais breves que sejam, ajudam no seu processo de se levantar e ela sabe que não para por aí.

Quer mais. Quer descobrir onde ainda pode chegar. O que mais pode sentir. E quer tudo aquilo com ele. Não por ele ser o único até ali que conseguiu despertar nela outra coisa que não

aversão ou repulsa, mas sim porque acredita que é ele. Tinha que ser com ele e com ninguém mais.

Porque ninguém mais é tão gentil. Ou tão lindo por dentro quando por fora. Ou compreensivo. Ou carinhoso e todas as coisas que tornam aquele homem tão único.

Tinha que ser ele. E ela não tinha como estar mais apaixonada.

Ela sorri sem perceber, os olhos que mapaeavam por todo aquele tempo o rosto dele, sua expressão relaxada, o corpo imenso e poderoso voltado com carinho para o pacotinho minúsculo dormindo sobre seu peito.

Ele devolveu seu olhar quando notou que era observado e Dara nem sequer tentou disfarçar que o que sentia fosse visível. Não adiantaria de nada fingir também, Sean sabia lê-la como ninguém. Ele veria, ela quisesse ou não, tudo o que quisesse saber, tudo o que ela sentisse, apenas ao observar seus olhos. Ele a conhece.

Sorriu após observá-la com atenção e beijou sua mão, bem onde as juntas dos dedos ainda doem, com carinho, os olhos nos dela em uma mensagem

PERIGOSAS NACIONAIS

clara de que é recíproco. Não é preciso palavras para que entendam aquilo. Aquela é a forma deles de se comunicar, desde o primeiro dia. É assim que se entendem, observando expressões, sorrisos e lendo onde ninguém mais lê.

Observando a forma como ele sorri, lindo e inteiro ali, inteiro concentrado nela, Dara tem a certeza que era para ser. A vida finalmente lhe sorri. Tem um amor para toda vida que dorme como um anjinho, uma melhor amiga maluca e dedicada, e aquele homem maravilhoso e lindo ao seu lado.

Sabe que não há vitória sem luta, mas isso não é problema. Vai lutar para ter esse homem ao lado, poder chamá-lo de seu e poder ser dele, em iguais medidas. Vai esquecer que tem um passado doloroso, não deixar que o que aconteceu decida o seu destino e seguir em frente.

Porque agora não está mais sozinha. Agora é ela por eles e eles por ela. E nunca mais a vida decidirá o seu destino outra vez. Agora a decisão é sua, como deveria ter sido antes e como sempre vai ser a partir dali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 29

Com mais uma semana de atraso e várias mudanças, finalmente naquela noite o bar, sob nova direção, seria inaugurado. Ou reinaugurado, o que se encaixa melhor naquela situação.

Dara estava ansiosa. Hellen havia enviado no dia anterior um rapaz para recolher os objetos de decoração que havia feito e outras coisas que comprou prontas. Ela queria ter ido pessoalmente entregar tudo, mas Hellen não deixou, disse que queria fazer uma surpresa para todas as meninas.

— Quero saber o que você achou pessoalmente — disse sua nova chefe quando ligou para avisar que estava enviando alguém para buscar tudo. — Ainda estamos nos últimos preparativos, mas vai ficar tudo pronto a tempo.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda? Eu poderia... — ainda tentou insistir, mas Hellen a interrompeu rindo.

— Sei que está curiosa, Dara, eu também

estou ansiosa para ver a sua reação. Mas nos vemos amanhã, está bem? Você pode chegar mais cedo, se quiser.

E, na noite seguinte, duas horas antes do seu horário habitual de trabalho, ela se dirigiu para o bar. Fingiu tranquilidade enquanto caminhava pelas ruas, tentando pensar em outras coisas para distrair-se, mas não conseguiu. Chegou ao bar poucos minutos depois de sair de casa, suada pela pequena corrida e quase esbaforida.

Haviam alguns poucos carros no estacionamento em frente ao estabelecimento, mas a grande placa em cima da porta comunicava que ainda estavam fechados para funcionamento. A placa não estava ali antes e ela demorou-se um pouco observando o requinte das letras em neon até notar que haviam algumas outras mudanças do lado de fora do local.

Além de uma nova pintura, as janelas, antes sempre encardidas, agora quase brilhavam refletindo a luz do sol poente. Franzindo o cenho, notou que o que tornava as janelas diferentes não era o quanto elas estavam limpas, e sim porque não

PERIGOSAS NACIONAIS

eram as mesmas de antes. Parada sozinha no estacionamento vazio, observou tudo com atenção.

Não eram as mesmas. Aquelas pareciam maiores e mais elegantes, e sujeira nenhuma teria escondido sua beleza. Avançou aos poucos, não resistindo em passar a mão pela nova pintura de um tom de caramelo clarinho, seguindo os “tons pastéis” que as moças dos tutoriais de decoração que assistiu descreviam como requintado e chique sem excessos. Abriu a porta, que também parecia diferente, mas naquele caso em razão apenas de uma limpeza vigorosa, e entrou.

Arregalou os olhos, olhando ao redor, a boca aberta, encantada. Parecia outro bar. Nem de longe diria já ter entrado em algum lugar tão aconchegante e elegante antes. E nem em mil anos poderia acreditar que aquele lugar era o mesmo em que trabalhara nos últimos meses caso não estivesse vendo tudo com os próprios olhos.

As paredes encardidas foram recobertas com algum tipo de revestimento que era ou imitava madeira e foram pintadas de um tom de azul bonito, um meio termo entre o claro e o escuro. As

PERIGOSAS ACHERON

luminárias que fez com tanto esforço pendiam do teto sobre as mesas, organizadas de uma maneira elegante e mal poderia acreditar, vendo tudo ali exposto, os quadros, os vazinhos, as flores pendentes, que havia sido capaz de fazer aquilo tudo com as próprias mãos.

Os sofás que circulavam toda a circunferência do bar eram de um tom bonito de cinza e de um tecido que imitava ou era veludo. Não saberia dizer tudo com exatidão estando ainda parada na porta, paralisada com tamanha beleza. Seus quadros, tão simples, mas feitos com tanto carinho estavam expostos aqui e ali e apenas contribuía para a beleza de tudo. Pareciam quase como se tivessem sido feitos para aquela decoração em especial e não poderia estar mais feliz por ter acertado.

O piso também era novo, assim como as paredes. Intercalando quadrados pretos e brancos, a cerâmica fina contribuía com uma descontração para todo o requinte da decoração em geral. Desviou os olhos para a frente, onde ficava o antigo balcão, ainda distraída pensando em como Hellen

PERIGOSAS NACIONAIS

fora capaz de pensar em tudo aquilo, em todos aqueles detalhes sozinha, e mais uma vez se surpreendeu.

O balcão ainda ficava de frente para a porta de entrada/saída dos clientes, mas aquilo era tudo. Todo o resto estava diferente.

O balcão era uma pedra de mármore enorme e brilhante e percorria toda a circunferência da parede às suas costas. Várias prateleiras de vidro se estendiam do chão ao teto pela parede, repletas de bebidas de rótulos diferentes e que pareciam muito caras. Haviam ali também alguns dos seus quadros, como também alguns suportes para taças e copos, e freezers enormes, logo ao lado das prateleiras.

Dara piscou, perguntando-se mais uma vez como aquilo era possível, correndo os olhos ao redor, para os sofás que formavam quase um só, um ao lado do outro, por todos os cantos do bar, os banquinhos elegantes em frete ao balcão, as mesas avulsas preenchendo todo o espaço, as luminárias, tudo.

Parecia estar sonhando. Aquele lugar não parecia real e nem de longe lembrava o bar de

PERIGOSAS ACHERON

décima categoria que Steve Reymond geria com um orgulho cego. Ali sim, após tantas mudanças, após tanto capricho, após uma boa injeção de requinte e elegância, aquele parecia um bar de respeito ou mais, quase de luxo. Imaginou a clientela de antes, os homens maltrapilhos e os engravatados sem índole frequentando aquele lugar e riu da discrepância da imagem que criava.

— Eu sei — ouviu a voz conhecida e se surpreendeu, procurando pela dona dela por todos os lados. Uma luz acima do bar foi acesa e Dara arregalou os olhos quando notou só ali, após as luzes serem acesas, que havia uma pequena elevação sobre o bar. Hellen estava ali, rindo da sua reação, parecendo encantada e muito orgulhosa. — Imagino que você tenha gostado.

— Mas como... — balbuciou, sem conseguir encontrar as palavras certas para expressar sua surpresa.

O bar agora contava com um segundo andar. Havia notado o teto alto, mais alto até que o antigo, mas não prestou tanta atenção naquilo. Até agora.

Hellen, ainda rindo, caminhou sobre o

segundo andar aberto e com corrimões em madeira de pinheiro, elegantes e lustrosas. Desceu por uma escada lateral, na outra extremidade do bar que Dara não havia visto ainda.

— Seja bem-vinda ao novo O'Reilly's — disse Hellen, sorrindo exuberante quando se aproximou, vestida em um terninho executivo. Abraçou-a com carinho como se fossem velhas conhecidas e Dara retribuiu o cumprimento, ainda anestesiada.

— Hellen, está tudo tão... Tão...

— Eu sei — disse a mais velha, sem tentar esconder o óbvio deleite e a alegria com sua reação abobalhada. — Eu também fiquei surpresa quando terminamos de montar tudo.

— Esse lugar nem de longe se parece com o mesmo de algumas semanas atrás. Você deve estar muito orgulhosa.

— Eu estou. Mas não me elogie ainda, você ainda não viu tudo — disse rindo e a conduziu por todo o bar, mostrando com orgulho tudo em que pensou e, é claro, também as pequenas mudanças estruturais que havia comentado antes.

Dara descobriu só ali que o conceito de “pequeno” para Hellen diferia e muito do seu.

Uma das paredes laterais, a que dava para um beco antes fedido e imundo, onde bêbados se reuniam antes ou depois de entrar no bar e criavam confusões, agora não existia mais. Toda a lateral esquerda do bar agora era inteiramente de vidro e dava vista para um jardim de inverno que exibia vasos enormes de plantas exóticas e que contribuía para a beleza daquele espaço. O pequeno beco havia sido transformado completamente e nem de longe parecia um lugar que antes fora palco para brigas e derramamento de sangue.

— O atendimento ainda funcionará por setores, mas agora os clientes poderão escolher em qual ambiente sentar — explicava Hellen enquanto Dara observava tudo. — As portas de vidro podem ser abertas nas noites mais frescas e isso contribuirá para a ventilação do bar.

Depois, após passar por uma discreta portinhola ao lado do balcão, foi levada até a cozinha e descobriu que as surpresas não acabavam

aí. Dara sempre evitara entrar ali antes, mas lembrava de ter visto na noite em que preparou uma surpresa para Sean que havia uma pequena área de descanso atrás de uma porta, que era usado como dispensa por Steve.

Agora, a parede que antes dividia os dois ambientes fora derrubada, o que aumentou o espaço da cozinha, agora muito necessário levando em conta os diversos e modernos aparelhos por ali. Haviam dois fogões e duas geladeiras industriais enormes, além de vários suportes de utensílios novinhos em folha que pendiam do teto e também presos na parede. Havia um grande e largo balcão que dividia o ambiente ao meio, o que seria de grande ajuda para a nova cozinheira e seus funcionários, explicou Hellen.

O banheiro dos funcionários, que antes era inexistente, agora ficava do outro lado da cozinha, por trás de uma portinha discreta e contava com todo conforto e elegância que o resto do bar. Ele era extenso e possuía quatro cabines individuais. Contava também com um enorme espelho do chão ao teto, pia com cuba de vidro, pequenas poltronas

para descanso, além de armários com cadeado para os funcionários.

— A princípio eu queria apenas um cantinho para descanso, mas um banheiro mais cômodo me pareceu o ideal. Mas esse sofázinho é muito confortável, eu garanto —, disse Hellen começando a ficar nervosa com o silêncio de Dara e interpretando sua reação como algo ruim.

Sentou sobre o sofá, cruzou as pernas e assentiu duas vezes.

— Muito confortável. Muito mesmo, viu? Você pode deitar nele quando precisar de um descanso. Pode até tirar um cochilo. Ele é ótimo. E muito confortável — repetiu e como Dara permaneceu calada, franziu o cenho e perguntou temerosa: — Por que está tão calada? Pensei que você fosse gostar. Do que você não gostou? É a cozinha? Sei que ela ficou um pouco apertada mesmo com o espaço extra, mas a nova cozinheira me garantiu que podia trabalhar sem problemas naquele espaço. Ou você não gostou do banheiro? Bom, notei que não havia um banheiro separado para as funcionárias antes e, como a maioria dos

clientes são homens e vocês todas são mulheres, pensei que seria legal que vocês tivessem o seu próprio banheiro, sem o constrangimento de dividir o mesmo espaço com pessoas desconhecidas. E eu também pensei que...

Dara ergueu as mãos, interrompendo o fluxo de palavras desgovernadas e sorriu, os olhos brilhando de alegria.

— Eu amei — disse com sinceridade e não conseguiu evitar que seus olhos enchessem. — Eu amei tudo. Você foi perfeita. Muito obrigada por pensar no nosso bem-estar.

Hellen soltou um grande suspiro ao mesmo tempo que relaxa os ombros e abriu um grande sorriso.

— Você me assustou, menina — disse ela, levantando do sofá e rindo relaxada. — Mas tudo que eu disse é verdade. E esse sofá é mesmo muito confortável.

— Ele realmente parece mesmo muito confortável — concordou.

— Você pode deitar nele mais tarde, caso se sinta cansada. Pode até cochilar um pouco, eu

PERIGOSAS ACHERON

deixo — riu e a conduziu para fora do banheiro, levando-a além da cozinha para a área central do bar. — Bom, agora falta só você conhecer o nosso novo acréscimo: a área superior. Eu queria montar um palco ali em cima, porém o prazo era muito apertado e não conseguiria organizar tudo a tempo. Mas tenho planos de em breve fazer mais algumas mudanças, como o palco para música ao vivo, talvez karaokê nas sextas-feiras, ou um...

E prosseguiu enumerando todas as milhares de possíveis mudanças e acréscimos que planejava fazer em um futuro não tão distante, enquanto arrastava Dara escada acima, mostrando que a decoração ali em cima era um pouco diferente dos demais ambientes, mas de uma forma que ainda combinasse com tudo.

Como as mesas agora eram em maior número do que antes, Dara logo ficou encarregada de fazer mais luminárias e diversas outras coisinhas de decoração, porque Hellen admitiu ter adorado tudo que fez e confessou que estava animada para descobrir o que mais Dara poderia fazer.

Dara também estava. Ansiosa por descobrir o

PERIGOSAS NACIONAIS

que mais poderia fazer e sem conseguir esconder a alegria que sentia com essa nova vida de surpresas. Ansiava por saber quais mais surpresas a aguardavam e talvez não devesse ansiar demais por aquilo.

Nunca se sabe o que a vida tem lhe reservado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 30

Todas as meninas chegaram pouco depois que Hellen a apresentou todas as mudanças do bar e logo ela recomeçou todo o trajeto, sem se incomodar, orgulhosa e feliz do seu trabalho. E com razão. Dara ainda se surpreendia vez ou outra, passando os olhos pelo lugar, deslumbrada.

Vestiu a nova roupa das garçonetes, daquela vez sem precisar usar as próprias roupas por baixo para esconder sua pele. O novo uniforme consistia em um vestido de alfaiataria azul-bebê justo até a cintura, levemente rodado e que descia até mais da metade das duas pernas, o que no seu caso, por ser baixinha demais, quase até os joelhos. Hellen garantiu que poderia mandar consertá-lo, ajustá-lo para seu corpo, mas Dara negou. Não gostava de exibir tanto da sua pele de qualquer forma e Hellen pareceu entender seu recato.

Seus braços ficariam totalmente de fora naquela roupa, mas não se importou. As marcas estavam ali sobre sua pele e não desapareciam por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais que quisesse. Decidiu que o melhor a se fazer seria se acostumar com elas.

Como não lhe fora exigido que prendesse os cabelos, fez um rápido penteado, prendendo metade do cabelo no centro da cabeça e deixando o resto solto. Gostou do resultado, embora tenha considerado que parecia mais uma menina e menos uma mulher daquela forma, mas não se importou. Não poderia fingir ter mais idade do que possuía, aquilo seria uma idiotice e não conseguiria de qualquer forma por mais que tentasse.

Hellen pareceu apreciar seu visual e conseguiu um laço sabe Deus onde e o prendeu no meio rabo de cavalo que Dara fez, o que contribuiu para acentuar sua juventude, mas de um jeito bom. Passou um batom rosinha, cor de boca que pegou emprestado de Fiona, passou perfume e uma hora antes da inauguração já estava pronta.

Estava ansiosa, não podia negar. Tanto porque naquela noite voltaria a trabalhar, mas também porque veria Sean, após uma semana em que ele passou atolado em trabalho. Estava com saudades.

PERIGOSAS ACHERON

Ele havia se desculpado por não poder vê-la nos últimos dias, disse ter muito trabalho acumulado e também porque estava estudando um caso que vinha roubando o seu sono.

— Eu sinto muito — ele disse quando a ligou no segundo dia em que não conseguiu sair para vê-la. — Mas amanhã...

E todos os dias ele dizia que na manhã ou na noite seguinte conseguiria passar para vê-la ou buscá-la para mais um passeio. Dara sorriu quando ouviu a segunda promessa em dois dias, porque sabia que ele não conseguiria. Fosse qual fosse o caso em que estava trabalhando, parecia ser muito complexo.

- É um caso de nível federal — ele contou quando perguntou o que era, curiosa. — Tráfico de pessoas, crianças inclusas, falsidade ideológica e vários outros crimes, quase todos de nível federal. Preciso analisar tudo com critério e julgar o caso como um todo. Mas amanhã eu...

- Está tudo bem — o tranquilizou, sorrindo porque ele parecia mesmo culpado por não poder
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vê-la. E cansado. Embora sentisse falta de vê-lo todos os dias, ela entendia que não poderia deixar seu trabalho de lado. – Eu entendo. Você tem que se dedicar ao seu trabalho.

- Sinto sua falta – ele confessou, a voz grave e profunda, sincera, atravessando o fone do celular e aterrissando direto no coração de uma Dara que sorria, cada dia mais derretida.

- Eu também – admitiu baixinho, o rosto inteiro corado, mesmo que ele não estivesse ali para ver.

- Passo para ver você na inauguração do bar, sexta-feira. Prometo.

- Mal posso esperar.

- Eu também.

Todos os dias ele ligava, de manhã antes de ir para o trabalho, bem cedo porque sabia que não corria o perigo de acordá-la, já que Lara estava acostumada a acordar quando a noite ainda virava dia, à tarde, antes do almoço e à noite, quando chegava em casa, cansado e disposto a comer qualquer coisa que encontrasse na geladeira e dormir.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela noite ele estaria ali. Para vê-la. Para beijá-la, talvez. E abraçá-la. Estremeceu com a perspectiva e sorriu envergonhada quando encontrou os olhos de Fiona sobre si.

- Você está sorrindo a cada cinco segundos e não para de olhar para a porta – disse ela, alisando os cabelos e dividindo a atenção entre Dara e o pequeno espelho que segurava, conferindo a maquiagem impecável. – Parece que está esperando alguém especial.

- E estou – admitiu sem vergonha, embora sentisse o rosto corar. – Alguém muito especial – acrescentou.

- E parece estar muito apaixonada por esse alguém muito especial – Fiona sorriu esperta.

Dara apenas retribuiu o sorriso, o rosto provavelmente ainda mais vermelho. É verdade, está mesmo apaixonada. Muito. Mas não precisa confirmar aquilo para Fiona, embora seja óbvio. Conferiu mais uma vez a roupa, o cabelo e voltou a fixar a porta automaticamente. Desviou os olhos, envergonhada quando a amiga riu ao seu lado.

- Está tudo bem, boba – confortou ela

PERIGOSAS ACHERON

apertando seu ombro. – É bom se sentir assim. Eu mesma adoro, por isso me apaixono quase uma vez por mês.

- Como isso é possível?

- Ah, essa sou eu. Meu coração é vadio, se apaixona e se desapaixona com rapidez, por isso nunca estou só – explicou Fiona, conferindo mais uma vez o cabelo castanho curto. Fechou o espelhinho e o guardou no bolso frontal do avental também acinturado como o vestido. – É maravilhoso, você deveria experimentar as vezes.

- Não, obrigada. Um já é o bastante para mim – Dara recusou rindo e Fiona começou a bater palmas.

- Eu sabia! Você está mesmo apaixonada! – gargalhou ela triunfante. – Ele é um cara de sorte, seja quem for. Espero que você nos apresente algum dia.

Dara abria a boca para respondê-la, mas foi interrompida quando o sininho acima da porta emitiu o som que denunciava a chegada de alguém. Voltou-se ansiosa para a porta, resistindo ao impulso de passar as mãos pelo cabelo novamente,

e não conseguiu disfarçar a frustração quando viu que não era Sean.

Fiona olhou do recém-chegado, claramente um dos antigos clientes maltrapilhos do bar, e olhou de novo para Dara. Quando viu sua expressão, riu.

- Bom. Não é ele então. Fico feliz – disse e riu uma última vez antes de seguir até o homem de expressão confusa com uma careta. – Boa noite, senhor. Gostaria de uma mesa?

- Esse é o O'Reilly's? – perguntou ele com estranheza, mas em um tom de voz muito alto que fez Fiona dar um passo rápido para trás.

- Sim, senhor – respondeu ela, fingindo um tom solícito e se afastando mais um pouco quando o cheiro do homem pareceu atingi-la em cheio.

Dara, a alguns passos de distância, sentiu o odor característico de bebida barata e notou os olhos extremamente vermelhos do homem. Caleb, o segurança do bar que parecia a frente de todos os outros, também notou o mesmo e se aproximou.

Os seguranças, como o funcionamento do bar ainda não havia começado, estavam dispostos no

PERIGOSAS ACHERON

fundo do bar, conversando baixinho uns com os outros e checando aparelhos de segurança como fones e rádios para comunicação. Quando Caleb se aproximou, andando com segurança no alto dos seus quase dois metros de altura e físico impressionante, o homem pareceu despertar da letargia que parecia tomá-lo e afastou o olhar de Fiona.

- Algum problema, senhor? – perguntou Caleb, o tom de voz forte e grave. Dara viu quando Fiona o observou de alto abaixo, sem tentar ser discreta e começou a se abanar. Engoliu o riso à custo e se aproximou da amiga enquanto o bêbado resmungava que estava ali para beber e que Steve sempre tinha uma mesa reservada para ele.

- Steve Reymond está preso e não é mais o proprietário deste bar – informou Caleb.

- Quero uma mesa mesmo assim – disse o bêbado sem dar importância e dando alguns passos na direção de onde Dara e Fiona estavam olhando para os dois homens com atenção.

Caleb se interpôs no seu caminho com rapidez, antes que o homem se aproximasse demais

PERIGOSAS NACIONAIS

e colocou uma mão no seu ombro, empurrando-o para trás e o conduzindo até a saída.

- Sinto muito, mas não será possível. Preciso que o senhor deixe o estabelecimento – disse ele e pareceu não fazer o mínimo esforço enquanto o homem se debatia e tentava voltar tropeçadamente para dentro do bar.

O homem, insistente devido a bebida ou apenas devido a burrice crônica, afastou-se da mão do segurança e fez que ia embora, resmungando. Esperou até Caleb dar as costas e voltou-se de súbito, com a clara intenção de socar o outro. Caleb, passando as mãos nos cabelos cor de mel, pareceu de alguma forma prever o movimento e apenas se afastou, ainda de costas.

Depois abaixou-se até onde o homem havia caído devido ao desequilíbrio causado pelo álcool e o movimento súbito e sussurrou algo que Dara não foi capaz de ouvir, mas que deve ter sido alguma ameaça muito séria pois o homem levantou-se parecendo recuperar as forças das pernas e rapidamente deixou o estacionamento do bar, quase correndo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tudo certo – disse Caleb quando fechou a porta do bar às suas costas. Sorriu minimamente para elas e fez um pequeno sinal para onde os outros seguranças estavam, alertas e acenando simpáticos do fundo do bar. – Problema resolvido. Estaremos por aqui caso as senhoritas precisem de ajuda.

E se afastou após acenar brevemente levando consigo o olhar apaixonado e um suspiro de Fiona.

- Acho que encontrei a minha paixonite do mês – disse ela ainda suspirando e Dara gargalhou.

- Ah, Fiona, você é uma figura.

O movimento do bar estava melhor do que o esperado, segundo Hellen. Estavam abertos a mais de duas horas e o bar permaneceu lotado por todo esse tempo. Dara descobriu apenas quando as pessoas começaram a chegar que Hellen havia convidado vários dos seus amigos empresários e também havia divulgado a reinauguração em

PERIGOSAS ACHERON

mídias sociais.

O que resultou em uma clientela diferente da que estava habituada, o que foi um alívio para Dara. Os clientes eram todos gentis, homens respeitáveis e haviam também até algumas famílias. Os seguranças não foram tão precisos quanto imaginou que seriam e boa parte deles permaneceu do lado de fora, afastando os mendigos e clientes antigos que insistiam que Steve nunca os negou um copo a mais de bebida ou uma mesa.

Apenas Caleb e outros três permaneceram lá dentro, atentos a tudo que acontecia, embora fosse óbvio que não haveriam confusões naquela noite com clientes bêbados e atrevidos. E talvez aquilo nunca mais acontecesse.

Sean estava atrasado. Dara não estava com o celular, havia esquecido o aparelho dentro do bolso traseiro da calça quando trocou de roupa e não tinha como saber se ele havia ficado preso no trabalho mais uma vez ou se estava cansado demais para vê-la.

Fingiu não se importar, embora ele tenha prometido mais de uma vez que naquela noite

conseguiria estar presente. Focou no seu trabalho e mesmo que vez por outra ainda olhasse para a porta sempre o o sino soava, aos poucos conseguiu se distrair, ainda que a esperança de vê-lo permanecesse ali.

Estava atendendo uma das mesas da nova área onde ficavam as imensas portas que davam para o lindo jardim de inverno. Sorriu com a indecisão de uma menininha de aparentemente uns onze anos que estava com a família e que não conseguia decidir o que pedir.

- Vou trazer um suco para você enquanto não se decide – sorriu para ela quando recebeu um aceno de cabeça entusiasmado e sorrisos agradecidos dos pais. – Morango, pode ser? – a menina voltou a assentir e Dara se afastou, sorrindo.

Imaginou Lara naquela idade e se perguntou mentalmente com quantos anos ela deixaria de lado a obsessão por chocolate. Riu baixinho quando imaginou acertadamente que aquilo provavelmente se estenderia por bons anos a frente. Olhou para a frente, após conferir ao redor que no seu setor não

havia mais pedidos, todos os clientes já haviam sido atendidos e degustavam com prazer dos pratos criativos e saborosos preparados pela nova cozinheira.

Então o sorriso morreu nos seus lábios, porque na entrada do bar, vestindo um dos seus ternos caros, bonito como poucos e sorrindo abertamente estava Sean.

Com Hellen em seus braços, os olhos brilhando de contentamento e o corpo colado no dele.

Parou no meio do caminho, aproveitando-se do fato de que ainda não havia sido notada por eles e observou os dois com atenção. Hellen parecia muito confortável enquanto beijava os dois lados da face de Sean, como se fossem velhos conhecidos e ele sorria como se aquele fosse mesmo o caso.

Parou para refletir brevemente sobre como era estranho que os dois se conhecessem, mas logo ignorou a pergunta que se formava na sua mente quando ela o abraçou mais uma vez, colando seu corpo no dele, sem pudor nenhum. Dara refletiu, mesmo em meio ao sentimento estranho que a

tomava que nunca seria capaz de abraçar alguém, principalmente um homem e talvez nem mesmo aquele com tanto entusiasmo e liberdade algum dia, e com certeza não em público.

Permaneceu parada entre as mesas, as mãos fechadas em punho e tentou entender o que sentia. Sean sorria para Hellen com carinho, embora fosse um sorriso discreto. Afastou-se depois, mas ela permaneceu onde estava e colocou as mãos sobre o seu peito enquanto ria e falava algo que Dara não foi capaz de ouvir devido a distância e também ao estanho zunido que percorria seus ouvidos.

Sentiu o rosto corar de irritação observando a interação dos dois e conseguiu encontrar a palavra que procurava para o que sentia: ciúmes. O mais puro e denso, junto com um sentimento possessivo que nunca sentiu antes.

Conseguiu abrir as mãos com esforço e percorreu o avental distraidamente enquanto pensava.

Sim, era ciúme. Poderia nunca ter sentido aquilo antes, mas agora que o sentia sabia bem o que era. Sean não era seu, repetiu para si mesma.

Eles nem mesmo rotularam o que sentiam, não precisava agir assim. Respirou fundo enquanto Hellen finalmente se afastava e se inclinava para os dois homens parados atrás dele.

Desviou os olhos do homem que não cansava de surpreendê-la com sentimentos estranhos e novos e notou só ali que Sean estava acompanhado dos amigos. Ambos também vestiam ternos de aparência cara e eram altos, fortes e lindos as suas maneiras; um de cabelo até a altura dos ombros e o outro de cabelo e barba ruivas. Os havia visto apenas duas vezes, uma naquele bar, no seu primeiro dia de trabalho, e outra na televisão, no jornal local que fez uma cobertura completa sobre a prisão de Steve. Mas logo voltou a focar sua atenção no único homem que lhe interessava.

E encontrou os olhos escuros e intensos dele sobre si. Sentiu o rosto corar ainda mais, e conseguiu libertar o corpo da breve paralisia que pareceu tomá-la no momento em que o viu. Enquanto caminhava devagar entre as mesas tentou educar sua expressão para que não revelasse nada do que sentia. Não queria falar com ele naquele

momento, embora sentisse sua falta e não o visse há uma semana.

Não gostou do que estava sentindo. Não conseguia se compreender. Embora estivesse apaixonada, e muito, amor não significa possuir alguém. Ou ser possuída. Sean é livre para abraçar e beijar quem quiser, oras. E ela também, lembrou a si mesma, mesmo sabendo de antemão que não seria capaz de suportar o toque de mais ninguém.

Só percebeu que franzira o cenho quando notou que ele a analisava atentamente. Conseguiu colocar um sorriso no rosto e parou a alguns passos de distância, enquanto Hellen finalmente libertava os outros dois homens do seu agarre entusiasmado, da mesma forma que fizera com Sean.

- Oi – disse para ele, ainda sorrindo forçado. Sentiu a face reclamar, esticada de uma forma que sugeria um sorriso muito estranho e que não enganaria ninguém, mas não conseguiu se importar com aquilo no momento.

- Olá – disse ele, ainda analisando seu rosto com atenção.

Hellen se aproximou quando a viu e passou o

PERIGOSAS ACHERON

braço pelo de Sean, sorrindo animada.

- Ah, a minha melhor garota! – exclamou ela, rindo.

Dara tensionou o corpo ao ouvir aquilo outra vez. Steve vivia a elogiando daquela maneira, com um brilho suspeito no olhar e ela nunca gostou daquilo. Veja só no que deu. Agora Hellen também?, se perguntou. Seu antigo patrão parecera um bom sujeito no começo, será que Hellen também se mostraria sem caráter e criminosa como ele?

Percebeu que fitava as mãos da mulher que envolviam o braço dele e conseguiu afastar os olhos à custo, desviando-os até a bandeja que carregava e fingindo um sorriso envaidecido. Olhou brevemente para Sean, que ainda a analisava e desviou os olhos rapidamente.

Queria sair dali e afastar-se daquele grupo até parar para pensar sobre o que sentia e voltar a ser uma garota tranquila. E não uma mulher possessiva e louca que gostaria muito de atirar facas com o olhar naquelas mãozinhas que envolviam o braço do seu homem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Resistiu ao grunhido que ameaçou subir por sua garganta quando voltou a pensar nele daquela maneira possessiva e tentou pensar em uma desculpa qualquer para sair dali.

Precisava de espaço para se entender e não conseguiria fazer aquilo perto dele. E daquela mulher e suas mãos atrevidas.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 31

Abriu a boca para falar qualquer coisa, sem conseguir pensar, com os olhos que pareciam enxergar vermelho e uma súbita angústia fechando sua garganta. Porém Sean a interrompeu, aproximando-se um passo, enfim libertando o braço do toque insistente da sua chefe e com os olhos focados no seu rosto.

— Está tudo bem? — perguntou baixinho no tom carinhoso que costumava usar quando conversavam.

Ele não fazia ideia, pensou. Dara também nunca pensou que pudesse ser tão ciumenta. Nunca tivera nada para chamar de seu, casa, família, amigos, nada, nem mesmo uma vida. Mas Sean não era seu e estava longe de ser ainda, caso isso um dia aconteça. Não entendia aquele sentimento estranho e, embora soubesse nomeá-lo, não gostava nada de senti-lo porque não fazia sentido.

Conseguiu afastar aquilo da sua mente a custo e tentou sorrir para ele novamente, daquela

PERIGOSAS ACHERON

vez um minimamente sincero.

— Tudo bem — garantiu e indicou a mesa às suas costas, onde estava a família que atendera a pouco. — Preciso buscar um pedido.

E já se preparava para se afastar quando Sean tocou sua mão com delicadeza. Dara lançou um olhar preocupado para Hellen e conseguiu relaxar um pouco quando viu que ela conversava com os dois outros homens e nenhum deles prestava atenção nela.

Olhou primeiro para suas mãos unidas e depois subiu o olhar até encontrar os dele. Sean franzia o cenho, parecendo confuso e Dara quase bufou de impaciência.

Era óbvio que sentiria ciúmes daquele homem, ao menos ele já se olhou no espelho? É claro que deve ser assediado por onde anda e que também seria até mesmo ali, às suas vistas. Não tinham um compromisso. Ou ao menos não que tenham nomeado o que sentiam, embora ela tenha plena certeza dos seus sentimentos. E agora ainda mais, com a confirmação do quanto já estava caída por ele.

— O que aconteceu? — ele perguntou, se aproximando mais um passo. Dara tentou lançar um olhar para Hellen sobre os ombros dele, mas Sean barrava sua visão.

— Não foi nada. Só preciso trabalhar — mentiu, e Sean pareceu saber daquilo porque franziu ainda mais o cenho.

Ele abriu a boca para perguntar alguma coisa, os olhos estudando seu rosto, quando a risada de Hellen chegou alta e animada até onde estavam e Dara não conseguiu se impedir de fazer uma careta. Conseguiu educar a expressão com rapidez, mas não rápido o bastante para que ele não notasse, tão concentrado estava no seu rosto.

Sean ergueu a cabeça, o olhar mudando de confuso para surpreso em uma fração de segundo.

Então sorriu e Dara desejou que um buraco se abrisse ao seus pés e a levasse dali.

Afastou-se um passo, pensado em só correr dali, sem inventar qualquer desculpa, mas Sean a puxou de volta pela mão que ainda segurava e se aproximou até tê-la bem perto do seu corpo. Dara precisou erguer a cabeça para fitá-lo e daquela vez

nem tentou disfarçar a careta quando se deparou com seu sorriso.

— Dara — Sean começou, envolvendo seu rosto com a mão livre e ainda sorrindo. — O que você tem?

— Nada — rebateu ela com rapidez, uma mentira clara até para os seus ouvidos.

— Então por que está agindo estranho?

— Por nada — não queria revelar o que sentia, como estava sendo estúpida e idiota, mas era óbvio que ele sabia.

— Você está com ciúmes? — ele perguntou baixinho, o sorriso contente crescendo a medida em que ela negava enfaticamente com a cabeça. — Não minta para mim.

— Não estou — ela garantiu, erguendo o queixo e ignorando o calor que tomava suas bochechas.

Sean sorriu ainda mais, parecendo ter recebido a confirmação que esperava. Se inclinou para ela, as mãos na sua cintura, puxando-a para mais perto de pouquinho em pouquinho. Dara

ergueu as mãos para afastá-lo, mas esqueceu o que faria quando viu a expressão dele e descansou as mãos sobre seu peitoral.

— Nem deveria estar — disse ele baixinho, a um centímetro da sua boca e continuou em um sussurro. — Porque tenho tudo o que quero bem aqui, nos meus braços.

Ela nem teve tempo de deixar seu queixo cair como sabia que faria. Sean riu baixinho quando ela corou ainda mais, se possível, e cobriu o pequeno espaço que os separava, beijando seus lábios.

O beijo deveria ser apenas um toque breve, um carinho ameno, e foi, mas Dara sentiu mais do que isso naquele toque. Sentiu a segurança que ele transmitia, a entrega que era dela e só para ela. Beijou de volta, tímida porque agora finalmente notava o quanto havia sido irracional e também porque estavam se beijando na frente de muitas pessoas. Muitos deles eram desconhecidos, mas mesmo assim.

Queria matar a saudade que sentia com aquele beijo e Sean parecia sentir o mesmo, mas se afastou após selar seus lábios uma última vez.

Quando ele se afastou, um sorriso lindo nos lábios cheios e úmidos dos seus, ela não conseguiu resistir e sorriu de volta com todo alívio que sentia, mesmo que bobo, e também porque ele finalmente estava ali.

— Senti sua falta — ele repetiu o que havia dito alguns dias atrás, pelo celular. Agora ela ouvia pessoalmente e não conseguiu reprimir o sorriso deslumbrado que iluminou seu rosto.

— Eu também — confessou baixinho enquanto ele acariciava uma mecha do seu cabelo, fitando o laço e sorrindo de lado. — Pensei que você não viria.

— Eu não quebro promessas — ele declarou e beijou sua testa ao se afastar. Revirou os olhos ao se explicar, alto o bastante para que o pequeno grupo às suas costas ouvisse: — Me atrasei porque Hian demorou horas para ajeitar o maldito cabelo.

Dara nunca o ouviu xingando antes, mas riu baixinho quando o tal Hian, o que tinha o cabelo comprido, se aproximou, franzindo o cenho.

— Você só tem inveja do meu cabelo. Sempre teve — debochou e balançou os fios, para

PERIGOSAS ACHERON

diversão de Dara. Ele olhou para ela, sorrindo gentil e esticou a mão para cumprimentá-la. — Prazer em revê-la, dessa vez em uma situação diferente. Meu nome é Hian.

— Dara — ela respondeu, apertando sua mão rapidamente e se inclinando um pouco para também apertar a mão do outro homem, que também sorria simpático para ela.

— Nós sabemos — disse o ruivo, rindo. — Sean não fala em outra coisa. Ouvimos tanto falar de você que parece que já nos conhecemos. E, a propósito, meu nome é Brandon.

— É um prazer conhecê-los — disse ela, sorrindo simpática para os dois. Sean se colocou ao seu lado, a mão ainda na sua cintura.

— Eles insistiram em vir quando souberam da inauguração. Não tive como despachá-los e acredite, eu tentei — brincou ele e Dara riu quando os outros dois fingiram estar chocados com aquela declaração.

— Que bom que todos estão presentes. Não imagina a alegria que é tê-los aqui — exclamou Hellen parecendo verdadeiramente contente e nem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco incomodada que uma das suas funcionárias beijasse e continuasse quase abraçada a um homem no meio do serviço.

Talvez tenha imaginado boa parte das coisas que viu, adicionando malícia onde não tinha, pensou. Mas lembrou que não tinha tempo para isso agora.

Estava aliviada, precisava admitir. Gosta do entrosamento que tem com Sean, a forma que se conversam sem precisar de palavras, mas é bom ouvir que é a única na vida dele. Isso ajuda a acalmar o pequeno monstrinho de olhos verdes cuja existência acabou de descobrir.

Lembrando-se do trabalho que ainda tinha por fazer, lançou um olhar para os clientes no seu setor e observou que a família que ainda aguardava pelo seu pedido felizmente não parecia aborrecida. Afastou-se de Sean, a contragosto.

— Gostariam de escolher uma mesa? — perguntou adotando um tom profissional, mesmo embora ainda sentisse o rosto vermelho devido ao beijo e também porque aqueles homens pareciam fitá-la com curiosidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Qual o seu setor? — Sean perguntou antes que algum dos amigos tivesse tempo de abrir a boca.

— Lá — ela apontou timidamente para a área do jardim de inverno, a única área parcialmente aberta do lugar.

Lançando um olhar para onde ela apontava, Sean observou que embora estivesse razoavelmente cheio, ainda possuía algumas mesas vazias ao fundo.

— É onde nós vamos sentar então — declarou, parecendo não se importar com os olhares que recebiam e Dara sorriu mesmo constrangida.

— Pode deixar que eu os acompanho, Dara — declarou Hellen, sorrindo simpática. — Pode atender seus últimos pedidos e depois seguir até a mesa deles, tudo bem?

Dara acenou, aceitando o pedido dela e, após um breve aceno com a cabeça e um sorriso tímido, quase correu até a cozinha, tentando não tropeçar nos próprios pés.

Parou um minuto para respirar fundo e lembrou após alguns segundos qual o sabor do suco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que prometeu para a menininha. Fez o pedido para uma das novas funcionárias da cozinha e esperou perto da porta. Colocou a cabeça rapidamente para fora e primeiro conferiu que a família que aguardava pelo pedido da criança ainda não parecia aborrecida e depois deu uma breve espiada na mesa na qual Sean agora estava sentado.

Era uma mesa para quatro pessoas e ele sentava sozinho em um dos lados. Os dois amigos estavam sentados juntos do outro e Hellen permanecia de pé, conversando animada sobre algo que os dois outros homens pareciam prestar atenção. Sean sorria, a cabeça longe, fitando o tampo da mesa e Dara entendeu que ele ainda pensava sobre a sua reação estúpida. Não conseguia entender porque ele parecia tão satisfeito com aquilo.

Endireitou o corpo, aguardando pacientemente pelo suco e logo Fiona estava ao seu lado, fazendo seu próprio pedido e parando para esperar. Dara olhou para ela de canto de olho, notando que ela quase saltitava no lugar e sorria de orelha a orelha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então ele finalmente chegou — disse animada e riu erguendo as sobrancelhas. — Garota, você não brinca mesmo em serviço!

— Pare com isso — Dara sorriu envergonhada e ignorou os olhares curioso que recebeu das outras pessoas na cozinha.

— Ora, não precisa se envergonhar. O cara é mesmo muito, muito, muito especial — enfatizou. — E um gato, além de que parece gostar muito de você também. Você é muito sortuda.

Dara sorriu em resposta. Talvez fosse mesmo muito sortuda. Ao menos agora.

— Eu sei — disse apenas.

Sorriu quando a amiga rapidamente continuou contando o quanto os homens que acompanhavam o "seu homem" também eram maravilhosos e que, se já não estivesse empenhada em conquistar a sua nova paixãoite do mês, com certeza ela investiria em um deles.

— Ou nos dois, porque, você sabe: sempre cabe mais um — declarou ela balançando os cabelos castanhos curtos e sorrindo com malícia.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus, Fiona! Você é impossível —
Dara riu enquanto recebia o suco que esperava e rapidamente deixou a cozinha antes que a amiga soltasse mais alguma pérola, deixando-a gargalhando as suas costas.

Fez a entrega do pedido, pedindo desculpas pela demora, ao que a família respondeu que não havia problema e que ainda estavam decidindo o que pedir. Seguiu então até a mesa em que Sean estava e Hellen sorriu para ela antes de deixá-los, seguindo até a cozinha com uma pequena prancheta nas mãos.

— O que vocês vão querer? — perguntou quando retribuiu o olhar intenso de Sean, forçando a voz a sair, tímida e corando de vergonha.

— Uma cerveja Guinness, por favor — respondeu Brandon, sorrindo.

— O mesmo para mim — disse o outro e Dara anotou rapidamente no seu pequeno bloquinho. Desviou os olhos para Sean.

— Uísque puro para você? — arriscou.

— Não — ele respondeu, para sua surpresa.
— Uma água com gás e um suco, por favor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza? — perguntou indecisa, mas sem querer ser grossa ao contestar o pedido dele. Só estava surpresa e ele parecia entender, porque sorriu antes de confirmar.

— Tenho.

— Tudo bem então — disse ela, anotando rapidamente o pedido dele também. — Nada para comer por enquanto?

— Ah, é mesmo. Dá última vez em que estivemos aqui, não pedimos nada para comer. Acho que Hellen ficaria chateada se fizéssemos isso com ela — disse Hian e logo começou a avaliar o cardápio disposto sobre a mesa. — Vou querer Bacon and Cabbage, por favor.

— Um Shepherd's Pie para mim, por favor — disse o ruivo olhando para o cardápio por cima do ombro do amigo.

Quando chegou a vez de Sean, ele sorriu para ela e ergueu as sobrancelhas.

— E um Irish para você? — arriscou e sorriu quando ele confirmou com a cabeça. — Anotado. Volto em alguns minutos.

PERIGOSAS ACHERON

Pensou que seria estranho servi-los, mas logo se descobriu ansiando pelos breves momentos em que seguia até a mesa onde estavam. Hian e Brandon eram brincalhões e Dara entendia porque eram os melhores amigos de Sean. Ele parecia outro quando com os amigos, brincava tanto quando eles e também xingava um bocado quando provocado, o que fazia com que ela risse surpresa.

Ao final do expediente, após muitos pratos e bebidas servidas, não se sentia cansada como todas as outras vezes. Parecia renovada, alegre e já sentia falta do trabalho antes mesmo de deixar o lugar. Talvez fosse o ambiente renovado, ou as boas companhias, mas quando Dara encerrou o expediente naquela noite, sorria maravilhada e hesitou apenas por um segundo antes de sair para o estacionamento.

Hian e Brandon haviam deixado o bar horas mais cedo, logo após comerem, mas Sean não. Ele ficou por toda a noite, observando-a de perto, sempre alerta e protetor, embora aquilo não fosse mais preciso. Agora os clientes não ofereciam mais perigo, não eram os sem índole de antes. E também

havam os seguranças espalhados pelo lugar, mas ela admitiu que gostava de ser protegida daquela forma por ele.

Retirou o casaco ainda na porta, refletindo sobre os acontecimentos da noite e ansiosa por outras noites como aquela. Havia se divertido com Fiona e as outras meninas, todas felizes com os novos arranjos e mudanças do bar, também com os amigos de Sean e com o próprio. Ele era sério na maior parte do tempo e, considerando o seu trabalho, precisava ser mesmo. Mas com os amigos e também com ela ele deixava a mostra uma outra face que poucas pessoas pareciam conhecer, até mesmo Hellen.

Não sabia ainda qual era a natureza da relação deles, mas agora se sentia um pouco mais segura, após a breve mas significativa declaração dele. Era angustiante sentir-se ameaçada daquela maneira e espera nunca mais voltar a sentir-se assim.

Saiu para a noite fresca e o viu encostado no seu carro, esperando por ela como sempre. Sorriu quando a viu sair e ela retribuiu, incapaz de não

fazê-lo. Parou a sua frente, sempre indecisa do que fazer em um primeiro momento, mas Sean não parecia ter aquele problema. Puxou-a para si pelas mãos e envolveu os braços na sua cintura.

— Você parece feliz — ele disse após observá-la em silêncio por um tempo.

— Eu estou — confirmou, hesitando apenas por um segundo antes de passar os braços pelo pescoço dele.

Ele a observou por mais um tempo e logo voltou a sorrir. Dara reconheceu aquele sorriso como sendo o mesmo de quando ele finalmente notou que estava morrendo de ciúmes e revirou os olhos.

— Então — começou ele e riu descaradamente quando ela revirou os olhos de novo. — Hellen é uma antiga amiga da família — esclareceu divertido.

— Legal — ela disse apenas, ignorando o rubor que mais uma vez cobria sua face. Parecia incapaz de não corar ao lado dele e ele parecia se divertir muito com aquilo.

— Nós nunca tivemos qualquer
PERIGOSAS ACHERON

envolvimento, a não ser uma amizade de anos — continuou ainda sorrindo.

— Hum.

Ele riu sem reservas daquela vez, mostrando todos os dentes e ela sorriu junto porque era impossível vê-lo sorrir daquela maneira e não fazer o mesmo.

— Está cansada? — perguntou mudando de assunto e Dara agradeceu em pensamento por aquilo.

— Nem um pouco — confessou. — A noite não foi tão movimentada como costumava ser antes, embora os clientes estivessem em maior número. Mas não estou cansada.

— Isso é bom — ele disse, envolvendo uma mecha do seu cabelo nos dedos. — Presumo que você não vai se cansar tanto quanto antes a partir de agora e poderá descansar mais.

Ela acenou com a cabeça, de repente distraída com um pequeno detalhe que notou só agora. Sean não usava gravata. Era a primeira vez que o via de terno sem gravata e se perguntou como não havia notado aquilo antes. Se distraiu enquanto ele

PERIGOSAS ACHERON

comentava sobre as mudanças do bar, a decoração que ela havia ajudado a fazer, as famosas luminárias que ele até havia ajudado a montar, mesmo sem vê-las.

Sean tinha pelos no peito, notou. Não sabia porque, mas aquela visão pareceu encantá-la. A camisa estava aberta no colarinho até dois botões abaixo e ela não conseguia desviar os olhos daqueles pelinhos. Eram escuros como os cabelos dele e não eram muitos. Pareciam ser macios, concluiu e corou mais uma vez quando percebeu que ele estava calado e a observava atentamente.

Ela devolveu seu olhar, sem saber o que fazer. Ele a pegou o olhando. Mas o que isso tinha de mais? Era só um olhar, oras. E ele estava com a camisa aberta, expondo um pedaço mínimo do peito e os tais pelos, o que queria que ela fizesse? Se estava ali, amostra, era para ser visto.

Sean tomou seu rosto nas mãos, acariciando sua pele, enquanto os olhos permaneciam colados nos seus. Dedilhou sua pele ruborizada, seus olhos, sobrancelhas e nariz, e estacionou na sua boca.

Passeou um dedo por ali, entreabindo seus

lábios levemente. Dara parecia hipnotizada pelo seu olhar, observando sua expressão enquanto ele fitava atentamente o caminho que seu dedo fazia. Ela engoliu em seco, sentindo seu corpo despertar aos poucos com aquele olhar e encostou a língua sem querer no seu dedo.

Sean cerrou os olhos, parando o movimento e subindo o olhar até estacionar no seu. Soube que ele iria beijá-la antes mesmo que fizesse qualquer movimento. Por isso quando retirou a mão dos seus lábios, envolveu sua nuca e a tomou com sua boca ela já estava preparada e suspirava em antecipação.

Deixou-se levar por aquele beijo e aquele homem, beijando tanto quanto era beijada, movimentando a língua, imitando os movimentos dele. Sentia o corpo pulsar e a pele arder de desejo. Desejo por mais dele, por mais beijos e abraços e mais toques. Toques em áreas do seu corpo em que nem mesmo ela ousava tocar e mais além.

Colou o corpo no dele após respirar fundo, sorvendo a respiração dele, sabendo o que encontraria, e, pela primeira vez, desejando encontrá-lo ali.

Sean hesitou por um instante, atento à sua reação mesmo enquanto ainda a beijava, mas quando Dara não estremeceu daquela vez e nem tentou se afastar, ele suspirou na sua boca e a apertou contra seu corpo, envolvendo sua cintura com a mão que não estava na sua nuca e transformando o beijo em algo ainda mais profundo.

Deixou-se moldar ao toque dele, pressionando seu corpo contra o dele, forçando uma reação mais intensa em ambos.

Tivera medo de sentir aquilo nele antes, aquela parte do seu corpo que demonstrava com exatidão o quanto a desejava e que há muito tempo ela assossiaava com dor. Mas não daquela vez. Não com ele.

Sean não era em nada, em nada parecido com o homem que marcou sua alma no passado. Ele era gentil e carinhoso, compreensivo e amoroso. Não tinha nada a ver com aquele outro homem, o monstro que ainda a visitava em pesadelos. Aquele homem ali, aquele que suspirava na sua boca e a apertava como se precisasse mais do que tudo tê-la

PERIGOSAS NACIONAIS

em seus braços, aquele ali era verdadeiramente um homem.

Íntegro, não um covarde. Gentil, não um monstro. Carinhoso, não um homem agressivo. Aquele ali, que a beijava a cada vez mais, um beijo que se conectava a outro, um toque que pedia por mais, que implorava permissão, que demonstrava o quanto a queria sem receio, firme contra sua barriga, mas sem ir além, aquele sim era um homem.

O seu homem. Ou o homem que seria seu. Em breve. Muito em breve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 32

Os lábios macios e úmidos desciam por sua pele, deixando um rastro de desejo por onde passavam, incitando seu corpo, fazendo com que se remexesse inquieta na cama tentando alcançá-lo.

Inclinou a cabeça para o lado, os olhos fechados sentindo os lábios que castigavam a pele do seu pescoço com beijos molhados e lambidas. Suspirou baixinho, a boca seca, as palavras que morreram na sua garganta sendo substituídas por suspiros suplicantes. Queria pedir que ele fosse além, mesmo sem entender as reações do próprio corpo, mas ele pareceu entender.

Desceu os lábios pelo seu pescoço, percorrendo a clavícula com a língua, murmurando contra sua pele, o sopro de sua respiração arrepiando seu corpo. Percorreu o decote do seu pijama com os lábios e ela desejou que naquela noite tivesse vestido uma blusa mais decotada. Ou melhor, pensou, a mente enevoada de desejo, deveria não ter vestido nada naquela noite.

Desejou que ele tocasse aquela parte do seu corpo com as mãos, que desse um jeito de livrá-la daquelas roupas idiotas que limitavam o seu prazer. Seus seios doíam, pesados, e os mamilos pareciam inchados, suplicando por um toque, implorando por suas mãos.

Gemeu talvez alto demais quando mais uma vez ele pareceu ler seus pensamentos e envolveu nas mãos aquela parte que clamava por ele, por cima das roupas. Não usava sutiã, por isso conseguiu sentir o toque perito sobre sua pele, mesmo sobre o tecido fino do pijama.

Ele pareceu apreciar o som que saiu por seus lábios e Dara não tentou se segurar mais. Deixou que os suspiros, lamentos e gemidos preenchessem o silêncio do quarto, demonstrado o quanto o queria, o quanto precisava dele, da sua boca e das suas mãos.

O suor brotava na sua pele, tornando-a escorregadia, mas não se importou. Ele moldou seus seios nas mãos, parecendo apreciar sua forma e maciez, procurando seus mamilos sobre o tecido e circulando-os quando os encontrou.

Abriu as pernas, recebendo-o, percorrendo seus cabelos macios com as mãos, puxando-o mais para perto. Ele se acomodou entre suas pernas, seu peso a pressionando contra o colchão macio, a parte do seu corpo que parecia pulsar de encontro a parte mais necessitada do corpo dela.

Queria que ele se estendesse, que demorasse horas tocando seus seios, apertando, fazendo com que eles coubessem exatamente nas suas mãos. Queria mais que tudo, pensou de súbito, que ele os tocassem com a boca. Que circulasse seus mamilos com a língua, que a chupasse, que fizesse dela o que quisesse durante o tempo que desejasse.

A imagem mental daquele homem com a boca e as mãos ali, sentindo o peso dele sobre todo seu corpo, sentindo-o rijo e duro entre suas pernas, foi demais para que suportasse ficar calada por mais tempo.

— Sean — gemeu seu nome com a voz rouca, implorando com aquela única palavra que ele fosse mais além e que a libertasse daquela agonia estranha que crescia no seu baixo ventre.

Escutou ou pensou ter escuto seu gemido

grave em resposta e abriu os olhos quando ele se afastou levemente.

Seus cabelos estavam assanhados, os olhos, febris e cerrados de desejo. Se fitaram no silêncio do quarto, quebrado apenas pelo som da respiração quase ruidosa dela. Implorou com os olhos que ele continuasse, que não parasse nunca, que tirasse sua roupa e a fizesse sua, sem demora.

Sean pareceu entender e um sorriso perverso, malicioso nasceu nos seus lábios. Inclinou o corpo para trás e olhou nos seus olhos.

— Vou fazer o que você quer — disse, a voz ainda mais rouca e profunda.

Percorreu com os dedos novamente o limite do decote do seu pijama, tocando de leve a pele sob o tecido, fazendo com que ela se inclinasse para o seu toque. Segurou com as duas mãos ambos os lados da abertura e sorriu ao declarar:

— Tudo o que você quiser.

E então puxou com força, rasgando o tecido ao meio, fazendo-a arfar surpresa, o corpo esquentando ainda mais com a satisfação que viu nos olhos dele quando olhou para baixo, para seus

PERIGOSAS ACHERON

seios, finalmente livres e reféns dos seus toques.

Sean grunhiu baixinho, os olhos cerrados, mordendo a boca. Tomou seus seios nas mãos, com delicadeza, quase um carinho e Dara gemeu quando o toque pareceu enviar descargas elétricas direto para o seu baixo ventre.

— Lindos, como eu sabia que seriam — ele disse tocando-a devagar, moldando-a nas mãos, roçando os mamilos, fazendo com que ela se remexesse na cama e suspirasse cada vez mais alto.

Ele dedicou quanto tempo quis aos seus seios, fazendo-os sumirem sob suas mãos, apertando de leve e depois com mais força, juntando-os, sem nunca tirar os olhos deles e lambendo a boca, parecendo faminto.

— Por favor — ela implorou, a voz fraca, necessitada. Não sabia o que esse homem estava fazendo com seu corpo, não entendia as coisas que a fazia sentir, mais queria mais. Cristo, como queria mais.

Ele subiu o olhar para o seu e pareceu captar seu pedido. Afastou as mãos e se Inclinou para trás, apenas o bastante para que conseguisse retirar a

PERIGOSAS ACHERON

camisa que vestia.

Deitou sobre seu corpo, pesado e firme, colando seus seios em sua pele quente. Olhou bem nos seus olhos e a beijou, firme, necessitado tanto quando ela estava, gemendo contra sua boca e fazendo-a se arrepiar inteira.

Colou seu corpo ao dele, envolvendo os braços no seu pescoço, puxando-o, precisando tê-lo mais perto. Inclinou o quadril para cima, buscando um contato maior, tentando senti-lo mais, querendo aliviar a crescente tensão que fazia pulsar aquela parte do seu corpo.

Não entendia o que sentia, não sabia dizer em palavras o que queria, mas Sean pareceu entender sua súplica, porque desceu uma das mãos pelo seu corpo, percorrendo seus seios e sua barriga devagar, deixando um rastro de fogo por onde passava, até estacionar no elástico da calça do pijama no seu quadril.

— Tudo que você quiser — ele repetiu em um sussurro rouco na sua boca, voltando a beijá-la ao mesmo tempo em que erguia o tecido do pijama, infiltrando a mão por dentro, a procura da parte do

PERIGOSAS NACIONAIS

seu corpo que parecia clamar por ele.

Dara abriu os olhos no escuro, arfando e suada. Seu corpo inteiro parecia ferver, transpirando sob os lençóis, ardendo por dentro. Respirou fundo uma e outra vez, o olhar percorrendo o quarto no escuro, tentando entender o que estava acontecendo.

Afastou os lençóis do corpo suado, incomodada e com calor. Passou as mãos no rosto, afastando os cabelos que se grudavam na testa. E respirou fundo mais uma vez quando entendeu que tudo não passou de um sonho.

Estranhou não sentir Lara sobre o peito e só então lembrou que Murielle havia pedido, na verdade quase implorado, para que a menina dormisse com ela naquela noite. Sabia que a amiga se sentia sozinha com o marido que agora raras vezes chegava cedo em casa do seu trabalho muito importante de contador de uma empresa qualquer, então permitiu.

Tão cansada estava naquela noite que antes que sentisse falta de dormir agarradinha no seu embrulhinho como todas as noites, dormiu.

PERIGOSAS ACHERON

E agora acordava suada, com a garganta seca e o corpo inteiro trêmulo. Sentou na cama, esfregando as mãos no rosto, tentando afastar o sonho da cabeça, sem sucesso.

Mesmo que conseguisse, seu corpo estava ligado demais, quente demais, necessitado demais para que voltasse a dormir. Levantou da cama quando constatou aquilo e seguiu até a cozinha em busca de um copo de água, pensando que aquilo talvez ajudasse a acalmar seus nervos.

Abriu a geladeira no escuro, a mente longe repassando tudo que apenas imaginou e se perguntando como apenas um sonho poderia deixá-la daquela maneira. Bebeu a água com sefreguidão, fechando os olhos e lutando para fazer seu corpo voltar ao normal.

Se aquele homem conseguia deixá-la daquele jeito, com o corpo suado e trêmulo de desejo, a boca seca, os seios pesados e doloridos, um incômodo estranho no baixo ventre e as pernas fracas, em sonho, o que ele seria capaz de fazer consigo se estivesse ali?

Largou o copo na pia com as mãos trêmulas e

seguiu devagar até o banheiro. O copo de água serviu para molhar sua garganta seca, mas nada fez para o resto do seu corpo.

Retirou as roupas com pressa, andando no escuro porque não precisava das luzes acesas para se situar no pequeno apartamento. Ajustou a temperatura da água e entrou de cabeça sobre o jato frio, quase congelante. Sentiu o corpo reagir no mesmo instante e pulou apenas um pouquinho, até se acostumar com a água fria.

Bom, pensou, quando conseguiu acalmar seu corpo de todas aquelas reações que não entendia. Mas não havia nada que pudesse fazer para afastar as imagens na sua cabeça.

O que aquele homem estava fazendo com ela?, se perguntou. Nunca antes havia sentido aquelas coisas e não sabia o que fazer, nem por onde começar a se analisar para talvez entender toda aquela miríade de sentimentos.

Ele nem sequer estava ali, se queixou. Fora tudo um sonho. Os toques que queimavam sua pele, os lábios úmidos pelo seu corpo, a boca sobre a sua, seu corpo pressionado contra o dela, a mão que

descia...

Abriu os olhos que não notou que havia fechado e sentiu o corpo aos poucos começar a esquentar outra vez. Desligou o chuveiro após terminar o banho, se enrolou na toalha e seguiu para o quarto. Fitou os lençóis embolados da cama, o sonho ainda mais vivido na sua mente e suspirou.

Não entendeu porque começou a sentir todas aquelas coisas quando justamente estava sozinha. Sean nem sequer estava ali com ela, não que planejasse fazer alguma das coisas que vivenciou no sonho. Ou talvez fizesse todas elas e muito mais.

Grunhiu baixinho e se jogou na cama após vestir um novo pijama. O outro estava molhado de suor e era o mesmo que vestia no sonho. Se quisesse voltar a dormir em algum momento naquela noite, precisava se afastar de tudo que pudesse lembrá-la dele.

Revirou na cama por minutos que pareceram horas e horas que pareceram dias, o corpo que relaxava e voltava a vibrar em silêncio quando o sonho voltava cada vez mais vivido na sua mente, em flashes frequentes e repetições em slow motion.

Primeiro, fascinada porque aquela fora a primeira vez que se sentiu daquela maneira, Dara refletiu sobre o que sentia. O corpo ligado, a boca seca outra vez e a calcinha molhada. Aquilo era desejo, então?

Conhecia o desejo. Sentia uma parcela a mais todas as noites, sempre que era beijada como se fosse a única mulher no mundo por aquele homem e quando sentia o quanto ele se entregava, colando-se ao seu corpo. Todos os dias, desde a primeira vez que se permitiu senti-lo, noites atrás, ela parecia cada vez mais confiante, mais segura.

Sentia o corpo reagir ao toque dele, algumas partes que imploravam por mais e, vez por outra, também sentia a calcinha molhada. Não quis conversar com ninguém sobre todas as novidades que descobria aos poucos, um passinho ou noite por vez, porque se envergonhou em um primeiro momento das suas reações.

Entendeu sozinha que aquilo era normal. Ele a desejava, demonstrava isso com seus beijos, e ela não era diferente. Mas nunca fora assim, pensou. Nunca sentiu o corpo ferver daquela maneira, o

corpo pulsar, um incômodo crescente no baixo ventre e a área entre suas pernas necessitada.

E tudo não passara de um sonho. E se fosse real, se perguntou. E se ele estivesse ali? Como seria? Reagiria da mesma maneira como no sonho? Como se sentiria? Seria bom? Se sentiria insegura ou incomodada ou, pior, aquilo a lembraria do passado?

Afastou a última hipótese da mente, certa de que aquilo jamais aconteceria. Não com ele. Não com Sean. Ele nunca foi além, mesmo que a cada beijo e a cada toque ela se perca um pouco mais. É ele que retrocede, que diminui a intensidade do beijo, que se afasta e a acalma até que possa voltar a pensar novamente.

Talvez seja aquilo, pensou. Sempre quando o sente contra seu corpo, agora ainda mais relaxada e sem temer sentir tudo o que causa no corpo dele, deseja ir mais além. Talvez um toque mais ousado, talvez se ele a tocar com mais ousadia, se a beijar com força, com ainda mais desejo...

Mas Sean não é assim. Ao menos, pensou, não com ela. Ele precisa da sua confirmação,

PERIGOSAS NACIONAIS

espera pelo seu aval e, às vezes, mesmo quando o tem, só segue em frente se julgar que ela está preparada. Não antes. Sem pressa. Tudo no momento certo.

Decidiu, afastando os lençóis mais uma vez e virando para o outro lado da cama, que não vai deixá-lo se afastar outra vez. Decidiu que, se seu corpo chama por ele, clama por atenção e sua mente daquela vez, finalmente, parece em concordância, ela vai deixar claro o que quer.

Não vai deixar que ele se afaste uma outra vez. Vai seguir até onde conseguir, até onde seu desejo implorar e seu corpo permitir.

E ele não vai retroceder outra vez.

Conseguiu dormir tempo depois com a ideia fixa de como fazer aquilo na cabeça e um sorriso, o primeiro até então, convicto e malicioso nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Continua...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

LIVRO 2 – EM BREVE!

A história de Dara e Sean a princípio seria uma só, mas não imaginei a complexidade e profundidade que este livro tomaria, lá atrás, quando o planejei. Achei válido separá-lo em partes, porque além do extenso número de capítulos e páginas, entramos, finalmente, em uma fase ainda mais intensa e complexa do relacionamento do casal.

Decidi dividir o livro em dois também para distanciar a Dara que vocês conheceram até aqui, todos os seus medos e dores, da Dara que se descobre mulher, não apenas vítima, e que se supera e se prova a cada dia merecedora, forte, persistente.

Uma sobrevivente, porém, também dona do seu corpo, de si, dos seus desejos e sonhos, dona e proprietária da sua própria vida.

Também iremos descobrir um pouco mais
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre Sean, seus amigos, seu trabalho e todo o mistério que ainda o cerca. Novos personagens vão surgindo com o tempo e alguém do passado de Dara retornará para sua vida.

Ficou curiosa, mana? Então fica de olho que a segunda parte vem em breve, cheia de surpresinhas, muito amor, muito hot, muito tiro, porrada, bomba, elevador em queda livre, Sean putinho protegendo o que é seu, uma Lara muito fofinha fazendo muita arte e derretendo corações, uma Murielle acordando pra vida, muitos seguranças gostosos, muito suspense e muito mais!

Obrigada pela trajetória até aqui e até breve!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

NOTA FINAL

Mulheres sofrem dia e noite diversas agressões e por apenas uma razão: ser mulher.

O tão famoso “sexo frágil”.

Apanham para “aprender a se comportar”, apanham porque o homem, desde que o mundo é mundo é visto como o ser superior, o provedor, O ser humano, o primeiro de sua espécie, enquanto a mulher, criada apenas para servir de companhia para um ser solitário, uma ínfima costela descartada, é vista como exatamente isso: algo descartável. Algo inferior, um meio para um fim, digna apenas de um momento ou dois para a reprodução da espécie.

Homens machucam, estupram e matam mulheres a cada minuto do dia. Apenas porque podem. Apenas porque a justiça ainda é falha quando o assunto em pauta é a proteção de mulheres.

Dara sofreu o que milhares de mulheres

sofrem todos os dias. Mas também lutou para ser livre, perseverou, encontrou o amor como mãe e também como mulher porque esse é o meu desejo para todas que já estiveram ou estarão na sua posição, muito embora infelizmente, essa não seja a realidade em muitos dos casos. Você que terminou a leitura desse livro e se identificou com algo, que já sofreu algo parecido ou pior, saiba que aqui você sempre encontrará uma amiga. E não esqueça, jamais, que por mais desesperadora ou horrível que seja a sua situação, você não está sozinha. Você nunca estará sozinha.

Seja forte, persevere, tenha fé em si mesma e lute. Você não é e nunca será vítima de ninguém.

Você, mulher abusada ou não, é uma sobrevivente apenas por ter nascido mulher. Todas somos e, nesse mundo machista e hipócrita no qual vivemos, sempre seremos.

Mas juntas nós podemos mais. Juntas nós somos mais. Juntas somos fortes.

Sexo frágil o cacete, mulheres são a primeira maravilha do mundo!

Somos sobreviventes, eu e você. E juntas nós

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podemos o que quisermos!

PERIGOSAS ACHERON

REDES SOCIAIS DA AUTORA:

WATTPAD: <https://my.w.tt/ZOXral3XbY>

FACEBOOK:

[https://m.facebook.com/autora.p.martins.1?
ref=bookmarks](https://m.facebook.com/autora.p.martins.1?ref=bookmarks)

PÁGINA NO FACEBOOK:

[https://m.facebook.com/autoralamartine/?
ref=bookmarks](https://m.facebook.com/autoralamartine/?ref=bookmarks)

INSTAGRAM:

[https://www.instagram.com/lamartineautora/?
hl=pt-br](https://www.instagram.com/lamartineautora/?hl=pt-br)

TWITTER:

<https://mobile.twitter.com/autoralamartine>

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON